



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO**

Júlio César Maia

ANTONIO GRAMSCI E A EDUCAÇÃO DE TRABALHADORES

1ª Edição

Goiânia, GO
IF Goiano
2026



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBI) – Instituto Federal Goiano

M217

Antonio Gramsci e a educação de trabalhadores/ Júlio César Maia.
– 1. ed. Goiânia, GO: IF Goiano, 2026.
220 p., il.: color.

ISBN (e-book): 978-65-87469-95-9
1. Educação. 2. Educação de trabalhadores. 3. Trabalho e educação.
4. Educação de jovens e adultos. 5. Antonio Gramsci. I. Maia, Júlio
César. II. Instituto Federal Goiano. III. Título.

CDU: 316.343

Elias de Pádua Monteiro
Reitor do IF Goiano

Alan Carlos da Costa
Pró-reitor de Pesquisa,
Pós-Graduação e Inovação

Iraci Balbina Gonçalves Silva
Assessora Especial do Núcleo
Estruturante da Política de Inovação
(NEPI)

Conselho Editorial
Portaria nº 1595/REI/IF Goiano,
de 03 de abril de 2025

Alan Carlos da Costa
Ana Paula Oliveira Sousa
Daiane de Oliveira Silva
Daniela Costa Custodio
Fátima Suely Ribeiro Cunha
Flávia Gouveia de Oliveira
Flávia Oliveira Abrão Pessoa
Ítalo José Bastos Guimarães
Iraci Balbina Gonçalves Silva
Jacson Zuchi
Júlio César Ferreira
Kássia Cristina Rabelo
Laise do Nascimento Cabral
Lara Bueno Coelho
Leonardo Carlos de Andrade
Lídia Maria dos Santos Morais
Lorena de Almeida Cavalcante
Brandão Nunes
Maria Luiza Batista Bretas
Marco Antônio Pereira da Silva
Marcos Fernandes Sobrinho
Matias Noll
Natany Ferreira Silva
Ondina Maria da Silva Macedo
Priscilla Rayanne e Silva
Rhanya Rafaella Rodrigues
Romário Victor Pacheco Antero

Roseli Gonçalves da Rocha
Sarah Suzane Amâncio Bertolli
Thelma Maria de Moura Bergamo
Thiago Fernandes Qualhado
Uiara Vaz Jordão
Venâncio Goncalves
Wagner Abadio Freitas
Woska Pires da Costa

Expediente técnico

Equipe do Núcleo da Editora
IF Goiano

Sarah Suzane Bertolli
Coordenadora Editorial

Daiane de Oliveira Silva
Assessora Técnica

Ana Paula Oliveira Sousa
Assessora Editorial

Revisão textual

Aline Moreira da Fonseca Nascimento
Bruno Frederico Müller
Rodrigo César Dias

Kamily Victória
(Contacta Comunicação)

Projeto gráfico proposto para a capa
Gabriel Garcia Borges Cardoso

Projeto gráfico e diagramação
Carlos Nascimento
(Contacta Comunicação)

Bibliotecária responsável
Daiane de Oliveira Silva

Prefácio

Vivemos tempos sombrios, não apenas no Brasil, mas também em várias nações que a historiografia ocidental classifica como berços do capitalismo. Esse contexto revela um retrocesso significativo na cultura política, na qual a modernidade, alicerçada no capitalismo, se encontra dividida entre o avanço de modelos de Estados baseados na democracia, cidadania e direitos coletivos, e na ascensão de Estados autoritários, que se caracterizam por uma visão retrógrada e por práticas políticas fundamentadas no ódio e na violência contra os subalternizados. Nesse cenário, os princípios da extrema direita ganham força, enquanto os valores democráticos recuam, ameaçando até mesmo a continuidade da democracia.

Antonio Gramsci (1891-1937), mesmo antes de sua prisão, buscava estabelecer um diálogo direto com os trabalhadores, com o objetivo de problematizar a realidade junto a esses sujeitos e construir uma nova cultura política e práticas sociais voltadas para a criação de uma sociedade socialista, que rompesse com o caráter opressivo e desigual do capitalismo. A renovação moral, para ele, era condição essencial para o desenvolvimento intelectual de cada indivíduo no processo de aprendizagem, estando profundamente vinculada ao projeto político. Esse é o legado central de Gramsci, que via o socialismo não apenas como um fim, mas como um meio para estruturar um ambiente de formação coletiva, ampliar a liberdade e estabelecer uma sociedade baseada na socialização dos meios de produção.

Desde o início do regime fascista, Gramsci analisou esse fenômeno como um movimento de massa complexo, destacando suas raízes na profunda crise social e econômica que assolava a Itália, bem como na aliança estratégica entre a burguesia agrária e industrial. Ele argumentava que o fascismo não se sustentava apenas por meio da violência, mas também pela construção de uma hegemonia. Essa hegemonia era consolidada por meio de

mecanismos como a propaganda massiva, a criação de organizações de massa e o controle rigoroso da cultura e da educação, que visavam moldar a consciência popular e garantir a dominação ideológica do regime. A superação do fascismo, portanto, exigiria a construção de uma nova hegemonia, capaz de desafiar a visão de mundo fascista e construir/difundir valores socialistas. Essa tarefa caberia aos intelectuais orgânicos, ligados à classe trabalhadora, que, por meio de sua produção intelectual e de sua atuação política, contribuiriam na formação de uma nova consciência de classe e fortaleceriam a luta contra o regime.

Embora a história não se repita de forma cíclica, as reflexões de Gramsci, tanto antes como depois de sua prisão, oferecem uma chave interpretativa essencial para compreendermos o momento atual e para agirmos diante de uma realidade que ameaça os direitos. Seu pensamento nos proporciona uma leitura crítica do presente, orientando-nos na construção de uma nova hegemonia. A luta de Gramsci pela construção de uma nova sociedade e contra o fascismo oferece lições valiosas para o Brasil do tempo presente, pois sua prática educativa estabeleceu uma conexão direta com a classe trabalhadora italiana, não apenas teórica, mas também na ação, constituindo-se como práxis. Em suas colunas nos jornais, antes de ser preso pelo regime fascista de Mussolini, Gramsci contribuiu para a formação da classe operária. Contudo, para ele, isso não era suficiente. Ele se posicionava diretamente no chão de fábrica, dialogando com a classe subalternizada, aprendendo e ensinando em um processo contínuo de troca formativa. Após sua prisão, por meio de suas cartas e cadernos de anotações, o intelectual italiano nos deixou um valioso instrumento para análise da realidade em sua totalidade.

E é nessa perspectiva que a obra de Júlio César Maia, “Antonio Gramsci e a educação de trabalhadores”, nos convida a refletir. O autor nos guia por uma jornada enriquecedora pelo pensamento de Gramsci, evidenciando como a educação dos subalternizados se configura como um instrumento essencial para a transformação

da realidade. Em sua análise, a filologia e a tradutibilidade não são apenas metodologias de interpretação de textos, mas também instrumentos para a formação de uma concepção de mundo junto aos trabalhadores.

A obra se apresenta como uma explicitação de uma perspectiva metodológica que não se limita à compreensão dos textos de Gramsci, mas também propõe um modo de os intelectuais abordarem temas e realidades, tornando-os acessíveis e compreensíveis para o povo. Esse processo visa aproximar as massas, em seu sentido positivo, da interpretação crítica da realidade. Ao refletirmos sobre isso, percebemos a necessidade de revisarmos nossas práticas educativas nos partidos políticos e movimentos sociais no Brasil contemporâneo.

Além disso, a obra proporciona uma análise clara de como os intelectuais podem articular sua prática teórica com as necessidades do povo e da revolução socialista, compreendendo as condições históricas e sociais de cada época. A filologia e a tradutibilidade, nesse contexto, corrigiriam equívocos frequentemente cometidos por intelectuais que tentam forçar uma aproximação entre conceitos e realidades populares, sem compreender as reais necessidades e as correlações de forças presentes.

A leitura da obra de Júlio César nos provoca a refletir sobre a relação atual entre intelectuais orgânicos (professores, movimentos sociais, partidos políticos, sindicatos etc.) com o povo. Ele nos evidencia que a prática educativa e política de Gramsci revela a importância de se colocar ao lado do povo (operários e camponeses), para compreender e agir sobre as realidades que ele vivencia. Mesmo quando as condições históricas objetivas para a luta pela igualdade se tornam mais difíceis, Júlio César demonstra que Gramsci opta por se aproximar da realidade do proletariado/camponês, buscando entender, ao lado deles, as condições que enfrentam. Nos aponta então, o desafio de uma reaproximação consistente e dialética com o povo, fundamentada na filosofia da práxis.

Júlio César nos oferece caminhos significativos para a compreensão de Gramsci como um intelectual cuja principal preocupação era a realidade, tanto em sua concretude quanto em sua subjetividade. Esclarece que, para Gramsci, a análise da realidade, em suas particularidades e totalidade, representa o grande desafio teórico na promoção da formação da classe operária e nos processos de transformação social. A abordagem de Júlio César sublinha a importância de contextualizar a educação dos trabalhadores dentro das condições históricas e sociais específicas, reconhecendo os desafios e a variabilidade das práticas sociais. De forma clara, ela reflete a perspectiva gramsciana contra o fatalismo e o determinismo, seja burguês, socialista ou comunista.

Esta obra posiciona-se ao lado dos grandes intérpretes de Gramsci no Brasil, sendo genuinamente autoral.

Aldimar Jacinto Duarte.

Abadia de Goiás, fevereiro de 2025.

Apresentação

Ao leitor que inicia o contato com esta obra gostaria de apresentar seu autor e como a sua jornada como pesquisador o leva a um aprofundamento inédito das contribuições de Antonio Gramsci, para pensar a educação de trabalhadores. É preciso dizer, primeiramente, que este não era o seu tema inicial de pesquisa no doutorado e que não foi como sua orientadora que eu o conheci no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Júlio César se matriculou na disciplina que ministrou no PPGE: “Ler Gramsci para pensar a política e a educação”, durante o período em que cursava o mestrado em educação, no PPGE da UFG - Regional Jataí. Formado em Educação Física em 2018, não parou seus estudos desde então, tendo concluído especialização, mestrado e doutorado até 2024. Acompanhou esse processo formativo sua participação em grupos de estudos e atuação como professor, o que contribuiu de forma inconteste para o seu amadurecimento enquanto pesquisador.

Sua participação na disciplina e no grupo de estudo, onde nos dedicamos a ler os Cadernos do Cárcere, foi se destacando na medida em que buscava aprofundar as questões conjunturais e teóricas que são fundamentais para a compreensão da obra e do pensamento de Gramsci. Na realidade, pode-se perceber na trajetória de estudos de Júlio César uma certa fidelidade às indicações metodológicas de pesquisa do autor que ele vai assumir como a referência na sua tese e que se expressa nas páginas deste livro.

Gramsci, em uma de suas várias notas de estudos de cunho metodológico, assim aponta no Caderno n. 16,

§ (2). *Questões de método*. Se se quer estudar o nascimento de uma concepção do mundo que nunca foi sistematicamente exposta por seu fundador (e cuja coerência essencial deve ser buscada não em cada escrito particular ou em uma série de escritos, mas sim no completo desenvolvimento do variado trabalho intelectual em que os elementos

da concepção estão implícitos), é preciso realizar preliminarmente um trabalho filológico minucioso e conduzido com o máximo escrúpulo de exatidão, de honestidade científica, de lealdade intelectual, de ausência de qualquer preconceito e apriorismo ou tomada de partido. Antes de mais nada, é necessário reconstruir o processo de desenvolvimento intelectual de determinado pensador, a fim de identificar os elementos que se tornaram estáveis e “permanentes”, isto é, que foram assumidos como pensamento próprio, diferente e superior ao “material” estudado anteriormente e que havia servido de estímulo; somente esses elementos são momentos essenciais do processo de desenvolvimento (Gramsci, 2024, p. 1949)¹.

Buscando ser fiel à orientação de Gramsci, o exercício que percebemos no trabalho intelectual de Júlio César é de perseguir com “instrumentos” filológicos e de tradutibilidade a compreensão da vida e obra deste autor, que não tendo publicado nenhum livro em vida, inspira até hoje centenas e milhares de escritores, que utilizam suas categorias de análise para pensar os temas mais diversos da política, da filosofia, da história, da educação e outros correlatos. Apenas um exemplo de fidelidade à indicação metodológica gramsciana, pode ser observado a partir do momento em que Júlio César passa a compreender que é necessário ler este autor na sua língua materna, ou melhor dizendo, na língua oficial de seu país, dedicando-se então a aprender italiano.

Os desafios dessa jornada de aproximação entre Júlio César e o pensamento de Gramsci, ainda não explicam totalmente porque um projeto inicial de doutorado, voltado a pensar as disputas presentes no debate curricular da formação de profissionais de Educação Física, se transforma num estudo teórico, com desdobramentos pedagógicos e políticos, sobre educação de trabalhadores. Talvez, parte dessa responsabilidade seja minha, porque ao perceber sua dedicação nos estudos e sua determinação em contribuir com a rede de pesquisadores gramscianos, inclusive se filiando à IGS-Brasil², percebi que havia nessa iniciativa uma possibilidade de renovação

¹ GRAMSCI, A. Cadernos do cárcere. Traduzido por IGS-Brasil. Rio de Janeiro: IGS-Brasil, 2024. 2454 p.

² *International Gramsci Society - Seção Brasil (IGS-Brasil)*, é uma associação científica dedicada ao aprofundamento e disseminação do pensamento de Gramsci, contribuindo ainda para fortalecer os contatos com uma rede de outros pesquisadores gramscianos, na Europa e América Latina e Caribe.

inclusive das perspectivas de leitura do próprio Gramsci, como eu mesma vinha fazendo até então.

Foi nesse contexto, que no final de 2021, convidei Júlio César para pensar comigo um projeto que submeteríamos a um edital de fomento, com a finalidade de aprofundar nossos estudos gramscianos. O projeto denominado “Contribuições de Gramsci para pensar a educação de pessoas trabalhadoras - desafios filológicos e de tradução”, foi aprovado pelo edital do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) nº 26/2021 e contemplado com bolsa de pós-doutorado e bolsa de doutorado sanduíche. Executado entre os anos de 2022 a 2024, o projeto teve por objetivo geral: aprofundar as contribuições teóricas e metodológicas de Gramsci, para pensar a realidade que envolve o direito à educação de todos e todas, em especial de pessoas trabalhadoras, e a superação de sua condição de subalternidade³.

As atividades previstas neste projeto contaram com a dedicação fundamental de Júlio César na leitura e tradução de textos gramscianos, publicados em diferentes periódicos de esquerda na Itália, no período de 1915 a 1926. Esse trabalho foi ainda mais intenso quando, no ano de 2023, realizando meu estágio pós-doutoral da Itália, com pesquisa na Sardenha e depois em Roma, pude reunir um conjunto significativo de novas fontes, que foram compartilhadas com Júlio César via *drive*, ou enviadas por intermédio de familiares e amigos que estiveram entre os meses de abril e setembro na Itália. Só não foi ainda mais intenso porque Júlio César não pôde usufruir da bolsa sanduíche que estava prevista para ele no projeto aprovado pelo CNPq. Como todo filho da classe trabalhadora que, ao agarrar todas as oportunidades que encontra ou “batalha por elas” na vida, Júlio César no meio do seu doutorado, passou num concurso público e ainda estava em estágio probatório, por isso não pôde deixar o Brasil no ano de 2023, quando o aguardávamos na Itália.

³ Trata-se de projeto executado no âmbito do convênio de internacionalização do PPGE da UFG com a *Università degli Studi di Cagliari*, na Sardenha.

Apesar de não poder usufruir dessa importante oportunidade de intercâmbio internacional, o que os leitores poderão ver, ao longo deste livro, é o quanto Júlio César se apropriou e buscou contribuir com aprendizagens que resultaram de seus estudos e pesquisas individuais, bem como com as trocas que fizemos ao longo dos meses que exigiram a reestruturação do objeto da pesquisa, o exame de qualificação e a defesa em junho de 2024. Portanto, esse livro é uma demonstração de parte do resultado do processo formativo no qual estive e ainda está Júlio César, quando de fato opta por “[...] realizar preliminarmente um trabalho filológico minucioso e conduzido com o máximo escrúpulo de exatidão, de honestidade científica, de lealdade intelectual, de ausência de qualquer preconceito e apriorismo ou tomada de partido”, como indica Gramsci (2024, p. 1949)⁴ em seus estudos no cárcere fascista.

Não poderia deixar de mencionar ainda, nesta apresentação, que ao longo deste período de estudos com os referenciais gramscianos, especialmente a partir de 2019, Júlio César teve a determinação de submeter a avaliação e crítica muitos dos seus escritos. Os leitores poderão acessar vários de seus artigos que se encontram em domínio público, atestando sua capacidade de apresentar o potencial do pensamento filosófico e político de Gramsci, em diálogo com seus escritos carcerários e pré-carcerários. Além de artigos, Júlio César contribuiu com capítulos de livros, ligados a disciplina e ao grupo de estudos já mencionados; bem como publicou comigo um livro, em 2024, intitulado “Antonio Gramsci: escritos sobre escola e educação de trabalhadores (1916-1922)”⁵, onde apresentamos escritos jornalísticos inéditos de Gramsci, do período de 1916 a 1922. Fica o convite para você leitor que, a partir desta obra, queira saber um pouco mais da jornada pelos ensinamentos gramscianos, que entre em contato com Júlio César, por *e-mail*, porque certamente estará interessado em compartilhar todas essas produções.

⁴ GRAMSCI, A. Cadernos do cárcere. Traduzido por IGS-Brasil. Rio de Janeiro: IGS-Brasil, 2024. 2454 p.

⁵ MACHADO, M. M.; MAIA, J. C. A. Antonio Gramsci: escritos sobre escola e educação de trabalhadores (1916-1922). Marília: Lutas Anticapital, 2024. 216 p.

Desejo a você uma excelente leitura e agradeço a Júlio César, mais uma vez, pela oportunidade da parceria, nessa jornada em busca do conhecimento, que nos ajuda a enfrentar as amarras da subalternidade na busca por uma formação integral humana, como principal sentido da educação.

Maria Margarida Machado.

Goiânia, fevereiro de 2025.

Sumário

Introdução: “Pontos preliminares de referência” _____ 16

**Capítulo 1 - Questões de método:
tradutibilidade e filologia em Gramsci** _____ 24

Pressupostos biográficos: uma história marcada
por pessoas, lugares e contextos _____ 25

Tradutibilidade e filologia para Gramsci _____ 38

Tradutibilidade e filologia para pensar a
educação de trabalhadores em Gramsci _____ 54

Sínteses _____ 76

**Capítulo 2 - Da alternativa possível à alternativa revelada:
a educação de trabalhadores na afirmação
de um projeto revolucionário** _____ 79

1914 a novembro de 1917: universidade, círculos
de trabalhadores e redação em *Il Grido* e *Avanti!* turinense _____ 82

Idealismo croceano e o antiprovincianismo _____ 83

Método “maiêutico” e o antideterminismo _____ 89

Círculos de trabalhadores e o antienciclopedismo _____ 95

**Círculo de artistas, movimento
feminista e o antifatalismo** _____ 99

**Monopólio clérigo-estatal
da educação e o antifilisteísmo** _____ 103

Dezembro de 1917 a fevereiro de 1919:
revolução, associações de cultura e redação
em *Il Grido* e *Avanti!* turinense _____ 107

Associação de cultura e o antiespontaneísmo _____ 108

Avanti! turinense e o antinacionalismo _____ 113

Il Grido e o antivanguardismo _____ 115

Clube de Vida Moral e o antiverbalismo _____ 118

Experiência russa e o antimecanicismo _____ 122

**Intelectual orgânico das classes
trabalhadoras e o antidespotismo** _____ 127

Sínteses _____ 133

Capítulo 3 - Da alternativa revelada à alternativa possível: a educação de trabalhadores na afirmação de um projeto de resistência	138
Abril de 1919 a dezembro de 1920: biênio vermelho, comissões e conselhos de fábrica e redação no semanário <i>L'Ordine</i>	143
Comissões e conselhos de fábrica e o antipropagandismo	144
Movimento sindical e o antirreformismo	154
Escola de Cultura e Propaganda Socialista do semanário <i>L'Ordine</i> e o antiapriorismo	158
Ditadura do proletariado e o antipersonalismo	162
Comunismo e o anti-imobilismo	166
1921 a novembro de 1926: fascismo, institutos de cultura proletária e redação em <i>L'Ordine</i> diário e quinzenal	172
Educação dos jovens trabalhadores e o anti-imediatismo	172
Proletkult turinense, controle operário e antiabstracionismo	178
Frente única, Moscou e o antiburocratismo	185
Governo operário-camponês, Escola do Partido por correspondência e antifascismo	190
Sínteses	201
Considerações finais	204
Referências	210
Sobre o autor	219

Introdução: **“Pontos preliminares de referência”⁶**

Introduzir uma obra que se preocupa, essencialmente, com a imbricada relação entre teoria e prática, entre a interpretação do mundo e a viabilidade da manifestação material dessa interpretação, com o papel da expressividade real de uma determinada concepção de mundo, é uma tarefa desafiadora. Soma-se a esse desafio o fato de o objeto investigado se relacionar às subjetividades, às experiências e às expressões historicamente negligenciadas dos grupos sociais subalternos, em grande maioria oprimidos.

O trabalhador, sujeito que detém forças produtivas importantes à manutenção das relações de produção, a despeito de não as dominar, é tornado submisso, marginal e desinteressado. Esquecido, esse sujeito tem a sua imagem, os seus gostos, os seus prazeres, os seus direitos e a sua liberdade negligenciados. Essas características somente se tornam interessantes em momentos em que suas forças produtivas encontram limites existenciais, em instantes de autofalência psicofísica.

Resgatar a relevância depositada sobre essas características desse sujeito, secundarizado pela exploração do que tem se tornado a sua única potência, a força produtiva, também faz parte do esforço da presente obra. Presume-se que o resgate dessa relevância é peça fundamental de um quebra-cabeça que se propõe a, investigando a realidade, aproximar-se ao máximo da totalidade.

A relevância contida nas características desse sujeito, em sua realidade como trabalhador, representa o seu critério de interpretação do mundo, a sua forma de conceder sentido àquilo que o identifica. É desse critério, portanto, que as reflexões aqui propostas buscam identificar os dilemas históricos enfrentados por

⁶ Esse subtítulo é apresentado entre aspas por ser apropriado da primeira parte do Caderno do Cárcere 11, em seu parágrafo 12, e outras cinco notas constitutivas desse mesmo caderno (Gramsci, 1975, p. 1375-1395). Todas as citações diretas dos cadernos do cárcere, contidas nesta obra, são retiradas de versões italianas, contando, portanto, com traduções de autoria própria.

esse sujeito que, consecutivas vezes, teve e tem negados os seus interesses, reprimidos os seus direitos e, minimamente, questionada a sua própria humanidade.

Antonio Gramsci⁷ se deparou, ao considerar a particularidade de suas produções e intervenções junto aos grupos de trabalhadores, com a dificuldade mencionada: a identidade desse sujeito trabalhador informa o seu critério de interpretação do mundo. Sua incessante defesa da relevância do trabalhador se misturava com o seu próprio reconhecimento como trabalhador. Fazendo jus à sua concepção de tradutibilidade, buscava traduzir a perspectiva histórica da compreensão do real e a visão de mundo do trabalhador à realidade que o circunscrevia.

O determinismo, por detrás das concepções burguesas do real, que aproveitavam das classes trabalhadoras somente as suas forças produtivas, muitas vezes tomou forma de ferramenta de cerceamento da sincronia entre a filosofia e os interesses dessas classes. A validade da crítica ao determinismo burguês, evidenciada nos escritos e nas muitas intervenções de Gramsci para as classes trabalhadoras, representa a interpretação da realidade por parte destas, a leitura e a construção da história, orientadas ao imperativo do registro de fatos ocultos e/ou esquecidos. Não carecem de sentido as suas reflexões exatamente pela conexão estabelecida entre os seus interesses e os daqueles em que se reconhecia, os grupos de trabalhadores.

Na contramão do esquecimento da relevância desses grupos, de sua subsunção aos interesses sociais dominantes, Gramsci aludia à afirmação de sua expressividade cultural, da sua capacidade de organização da cultura e de sua representação política e popular. O esforço pretense nesta obra busca, em consonância com a interpretação de mundo de Gramsci, refletir sobre a realidade das classes trabalhadoras, em especial sobre o que deriva da interpretação gramsciana para o estudo do tema da educação dessas classes.

⁷ Doravante, Gramsci. Todos os antropônimos que aparecem na presente obra seguem o exemplo esclarecido nesta nota, isto é, completos na primeira aparição e apenas sobrenomes a partir da segunda.

Esta obra lança mão do estudo da tradutibilidade das ideias de Gramsci, articuladas ao ponto de vista e à defesa dos interesses das classes trabalhadoras, que revelam uma perspectiva para a educação dessas classes, uma via de interpretação do real, a partir das experiências educativas movidas por ele e companheiros de partido, aos grupos de trabalhadores italianos, nos anos que antecederam o seu aprisionamento carcerário. Neste sentido, o que aqui se denomina tradutibilidade, conceito ampliado no Capítulo 1, é o que Gramsci definirá em seus estudos não apenas como a possibilidade teórica de traduzir, mas a atividade prática dessa tradução, a indissociabilidade entre língua e cultura.

A manifestação dessas ideias, que se ancora teórico-metodologicamente em registros proferidos por Gramsci, que carregam as reivindicações dos grupos sociais historicamente desfavorecidos, é alvo do estudo filológico aqui pretense. Filologia, um dos conceitos-chave desta obra, é compreendida por Gramsci, de acordo com um dos intérpretes do seu pensamento, enquanto

“[...] instrumento indispensável para defender a objetividade da reconstrução do passado e, em particular, do pensamento de um autor; [...] deve ser acompanhada por uma série de cuidados técnicos que contribuem para o uso de um método que permita (ou pelo menos tente) deixar dizer aos textos exclusivamente o que eles dizem” (De Luttiis, 2017, p. 576).

As experiências de Gramsci com a educação de trabalhadores traduzem uma leitura da realidade, uma filosofia ou concepção de mundo em que se expressa a defesa de um projeto de sociabilidade que se abstém de relações injustas e desiguais. Estudar Gramsci presume, nesse sentido, compreender como um legado, embora imensurável, pode e deve ser interpretado de forma rigorosa, de modo a garantir indicações para a atual problematização de conflitos que afligem a sociedade, dentre os quais os justapostos ao tema da educação de trabalhadores.

Em síntese, o objetivo geral desta obra é aprofundar as contribuições teórico-metodológicas de Gramsci, a partir de critérios de tradutibilidade e filologia, para a reflexão da educação de trabalhadores. A exposição, que se encontra nos capítulos da obra, visa apresentar esse aprofundamento, iniciado no Capítulo 1, com a explicitação teórico-metodológica do percurso investigativo, seguido pelos Capítulos 2 e 3, que analisam produções e práticas de Gramsci no contexto pré-carcerário. Tal aprofundamento elucida o que na obra se reafirma nas considerações finais, um legado da vida e obra de Gramsci para pensar a educação das classes trabalhadoras em seu tempo e nos dias atuais.

Esta obra pode ser anunciada a esse movimento de interpretação e uso de uma determinada concepção de mundo. Não por acaso, elementos biográficos do teórico e intelectual, entendido, ao lado do tema da educação de trabalhadores, como objeto de estudo desta obra, preenchem as linhas introdutórias do Capítulo 1. A biografia de Gramsci revela como a forma de lidar com os dilemas de sua vida, quando se deparava com as contradições e injustiças cultivadas pelo projeto burguês de sociabilidade e movidas contra as classes trabalhadoras, é representativa da articulação estabelecida entre tradutibilidade e filologia. Foi interpretando o real sob as lentes de muitos intelectuais de seu tempo que Gramsci não somente encontrou respostas para os tantos problemas derivados dessas contradições e injustiças, mas também a eles propôs soluções práticas.

Os esforços são explicitados nos títulos e conteúdos dos capítulos, tópicos e subtópicos. No primeiro deles, intitulado “Questões de método”, em referência ao mesmo título assumido por uma nota constitutiva do Caderno do Cárcere (CC) 16, buscase, por meio dos temas educação e educação de trabalhadores para Gramsci, apreender o sentido dos conceitos de tradutibilidade e filologia, aqui entendidos não só como meio de chegada aos capítulos seguintes, mas antes como uma forma encontrada por Gramsci de interpretação e uso de uma concepção de mundo para a compreensão da realidade e ação sobre ela.

Portanto, o aprofundamento sobre tradutibilidade e filologia, exposto no primeiro capítulo, situa, em sequência às reflexões biográficas, a experiência de Gramsci ao lidar com esse mesmo problema, qual seja: o da interpretação de concepções de mundo associada à ação sobre as contradições de um tempo histórico. Nesse capítulo, uma análise bibliográfica dos temas educação e educação de trabalhadores, a partir de obras subsidiadas pela concepção de mundo de Gramsci, é também anunciada. Tal análise encontra respaldo nos próprios conceitos de tradutibilidade e filologia analisados. É com base nesses conceitos que todo o desenvolvimento da pesquisa bibliográfica e documental, observada nos Capítulos 2 e 3 da obra, pode ser visualizado.

Nos capítulos, portanto, encontram-se respectivamente elementos de método e metodologia e estudos de tradutibilidade e filologia. Representam uma tentativa de trazer à tona, da particularidade do tema da educação de trabalhadores, um modo de interpretar e usar, de refletir e agir, respectivamente, sobre o real. Os textos e as práticas educativas de Gramsci presentes nos Capítulos 2 e 3 circunscrevem dois períodos: no Capítulo 2, retomam-se escritos e práticas entre os anos de 1914 e início de 1919. Especificamente entre 1915 e novembro de 1917, um primeiro conjunto de escritos, que abarca a inauguração de Gramsci na redação da imprensa operária e sua participação como conferencista em círculos de trabalhadores, é apreendido. É também analisado neste capítulo o período entre dezembro de 1917 a fevereiro de 1919, marcado pelas primeiras intervenções políticas do comitê do Partido Socialista Italiano (PSI) e pelo despertar de interesses de Gramsci pela formação intelectual dos trabalhadores em organismos culturais inspirados nas experiências soviéticas, que culminam com a associação de cultura socialista e o Clube de Vida Moral.

No Capítulo 3, as reflexões partem da atuação e dos artigos de *L'Ordine Nuovo* (*L'Ordine*), até os últimos escritos antes da prisão de Gramsci, em novembro de 1926. Entre abril de 1919 a dezembro de 1920, a atuação e escritos de Gramsci estão articulados ao movimento

dos conselhos de fábrica, ao surgimento de *L'Ordine* e de sua Escola de Cultura e Propaganda Socialista e à tentativa de contenção dos atritos entre frações internas do PSI a partir da retomada do valor da formação intelectual dos trabalhadores. Já entre o início de 1921 e novembro de 1926, caracterizado pelo dispêndio de forças no entorno dessa mesma retomada de valor, mediante ameaça fascista e contraofensiva burguesa, destacam-se atividades como o Instituto de Cultura Proletária e a Escola do Partido por correspondência.

Interpretando a produção como uma forma de intervir sobre as contradições do tempo presente, o esforço pretendido por esta obra é auxiliar, com base na concepção de mundo de Gramsci, a compreender como esta se articula ao tema da educação de trabalhadores, em crítica ao constante ataque movido à especificidade dessa categoria de educação expresso nas muitas contradições dela derivadas.

Importante esclarecer, desde já, que os escritos jornalísticos selecionados e o tema da educação de trabalhadores restringem-se ao período investigado. As referências de pesquisa utilizadas são obras de origem italiana, portuguesa e brasileira, que se ocuparam da compilação dos escritos jornalísticos de Gramsci. Todas as referências de pesquisa em língua italiana contém traduções novas, realizadas pela presente obra, tornando desnecessária a repetição de sua sinalização. Também estudos biográficos, cartas e depoimentos de sujeitos que protagonizaram alguma experiência desse período, ou tiveram contato com Gramsci, fundamentaram esta obra (Quercioli, 1977; Fiori, 1979; Maestri; Candreva, 2001; Rapone, 2014; Fresu, 2020; D'Orsi, 2022).

Da contribuição de diferentes autores e intérpretes estudiosos do seu pensamento, destacamos as reflexões acerca da característica filológica do diacronismo, explorada no capítulo metodológico, que se orienta ao cuidado do tempo histórico da escrita, bem como das investidas de sincronismo, característica específica da tradutibilidade. O sincronismo pode ser observado no exercício

comparativo, próprio das sínteses contidas nos dois últimos capítulos, dos períodos investigativos da produção jornalística de Gramsci.

Sumarizando a proposta investigativa da obra, constituída de três capítulos articulados pelo aprofundamento do tema da educação de trabalhadores nos escritos jornalísticos de Gramsci, com amparo teórico-metodológico dos conceitos de tradutibilidade e filologia, expressam-se os seguintes objetivos: ao Capítulo 1, “Questões de método”, cabe identificar as contribuições teórico-metodológicas contidas nos conceitos de tradutibilidade e filologia para o estudo da educação de trabalhadores nos escritos jornalísticos de Gramsci e; aos Capítulos 2 e 3, “Da alternativa possível à alternativa revelada” e “Da alternativa revelada à alternativa possível”, cabe, conjuntamente, investigar a concepção de educação de trabalhadores nos escritos jornalísticos desse teórico.

Vale ainda considerar que a qualidade da representação iconográfica dos jornais operários italianos consultados em que Gramsci atuou tornou possível a seleção de imagens para ilustrar a obra. Essas, em forma de charges, ilustram a abertura dos tópicos que compõem os Capítulos 2 e 3, em alusão aos temas evidenciados nos escritos jornalísticos presentes em cada um deles.

O desafio posto a esta obra foi o de estudar o tema da educação de trabalhadores no legado de Gramsci, especificamente nos anos que antecederam o cárcere, a partir do pressuposto desse acompanhamento, isto é, a interpretação do pensamento de Gramsci, no tempo histórico de sua escrita jornalística, sem perder de vista os fatores que influenciaram o seu desenvolvimento, ao lado da identificação de elementos importantes para o tema da educação de trabalhadores.

Tal desafio lança, às considerações finais, a defesa da justaposição entre tradutibilidade e filologia, especificamente de suas características sincronismo e diacronismo, para estudo e afirmação da concepção de mundo de Gramsci, especialmente naquilo que representa a sua noção de educação de trabalhadores.

Tal justaposição, baseada no cuidado filológico para a interpretação da concepção de mundo e na capacidade de aproximar essa concepção do real, acompanhado de suas múltiplas determinações, é o que permite manter vivo, ainda hoje, o legado desse teórico.

O movimento expresso no estudo e afirmação, ou uso e interpretação, da concepção de mundo de Gramsci para a educação de trabalhadores ao longo dos anos que antecederam a sua reclusão carcerária é um movimento que considera a sua realidade influenciada por múltiplas determinações, exclusivas daquele tempo histórico. A esse movimento, as considerações finais ratificam a previsibilidade do estudo, ou uso, de sua concepção de mundo, ao lado do crivo filológico interpretativo, enquanto ferramenta importante para o estudo da educação de trabalhadores noutras realidades e tempos históricos.

Capítulo 1

Questões de método: tradutibilidade e filologia em Gramsci

Questões de método: tradutibilidade e filologia em Gramsci

Este capítulo objetiva compreender os conceitos de tradutibilidade e filologia para Gramsci, bem como para alguns dos seus intérpretes, estudiosos dos temas educação e educação de trabalhadores. Para tanto, o capítulo, após investida biográfica que resgata o legado de Gramsci, apresenta os conceitos de tradutibilidade e filologia. Trata-se de apreender o modo como a tradutibilidade do seu pensamento tem ocorrido, bem como têm sido acompanhados, em menor ou maior proporção, a depender do rigor analítico de seus muitos intérpretes, os avanços filológicos de sua obra.

O estudo busca avançar sobre como o tema da educação de trabalhadores pode ser aprofundado, sob os respaldos metodológicos de tradutibilidade e de filologia, a rigor do cuidado com a relação de duas de suas características, o diacronismo e o sincronismo, especificamente no conjunto dos escritos jornalísticos de Gramsci.

1.1 Pressupostos biográficos: uma história marcada por pessoas, lugares e contextos

Gramsci, nascido em 22 de janeiro de 1891 na comuna italiana de Ales, localizada na província de Oristano, na ilha da Sardenha, carrega ainda hoje um legado imensurável. O adjetivo se justifica não somente pela incompletude de sua produção intelectual dos anos do cárcere, que consolida uma infinidade de interpretações e usos do seu pensamento (Buttigieg, 2019), mas também devido ao preço que o tempo histórico lhe concedeu (Vacca, 2019). Falecido aos 46 anos, em 27 de abril de 1937, na capital italiana, Gramsci viveu o tempo da reconversão da hegemonia dos grupos sociais dominantes, o que, na

Itália, pode ser interpretado pela queda de um regime democrático e o consequente avanço de um regime ditatorial e ultranacionalista.

O tempo histórico em questão o condicionou a adotar estratégias para tornar pública a sua concepção de mundo, que, embora inconstante, devido à diversidade de suas afinidades teóricas (Rapone, 2014; Losurdo, 2020; Fresu, 2020), jamais deixou de se opor ao avanço da hegemonia burguesa. Considerar a repressão e o estreitamento da difusão intelectual de Gramsci, detido pelo fascismo aos 35 anos, em 8 de novembro de 1926, e integralmente liberto aos 46, não por coincidência no ano e no mês de seu falecimento, significa também fomentar o sentido imensurável do seu legado.

Quando detido, em violação do direito de imunidade parlamentar que possuía, Gramsci ocupava as posições de secretário-geral do Partido Comunista da Itália (PCd'I)⁸ e membro da delegação italiana da Terceira Internacional Comunista (IC)⁹. Tais posições são ilustrativas do papel de militante e dirigente político por ele exercido antes da reclusão carcerária, o que evidencia a importância de suas ações em periódicos e revistas da imprensa operária, em informes e reuniões partidárias em prol da mobilização das classes trabalhadoras e em organismos de difusão da cultura em busca da educação de trabalhadores (Coutinho, 2019).

Em posições de distinção e complementaridade ao dinamismo que acompanha Gramsci nos anos antes do cárcere, em que podem ser apreendidos traços que dificultam a própria mensuração do seu legado, deve ser situada a sua reflexão desenvolvida durante os anos de confinamento (Baldacci, 2017). Tal dificuldade enfrentada por ele

⁸ Nascido da cisão entre as frações internas do PSI, por ocasião do Congresso de Livorno, ou XVII Congresso do PSI, ocorrido entre os dias 15 e 21 de janeiro de 1921, o PCd'I tem sua denominação alterada em 1943, após dissolução da Terceira IC. A nova denominação, Partido Comunista Italiano (PCI), representa um estágio em que esse partido não mais se depara, essencialmente, com os objetivos determinados em sua constituição, de inspiração leninista, a destituição do Estado burguês e abolição do sistema capitalista pela ditadura do proletariado e consequente implementação de um projeto de sociabilidade respaldado na coletivização dos meios de produção (Magri, 2014). Esta obra, com base nessa interpretação, utiliza-se de ambas as denominações, PCd'I e PCI.

⁹ A crítica aos elementos reformistas da Segunda Internacional, que coincide com a criação da Terceira IC em Petrogrado (atual São Petersburgo, antiga capital da Rússia), em março de 1919, influi sobre o próprio dilema enfrentado por Gramsci em vida. Nascido e crescido numa região italiana isolada, e observando a dificuldade e o interesse pela reclusão do conhecimento aos habitantes dessa região, por parte dos grupos sociais dominantes, nutre progressivamente a sua concepção de mundo de elementos antideterministas.

guarda relação com a própria guinada das forças proletárias italianas, em função do coroamento do fascismo. Entretanto, se no plano da mobilização partidária, jornalística e cultural, o cárcere o limitava, no plano da reflexão e sistematização intelectual, especificamente acerca das condições de causa da baixa de forças das classes trabalhadoras, respaldava-o.

O caráter imensurável do legado de Gramsci carrega, minimamente, uma dupla dimensão. Por um lado, a permanência da apuração científica sobre os seus escritos jornalísticos, em função da garantia de autoria, suscita a impossibilidade do alcance da totalidade de sua produção (La Porta, 2021). Por outro, o caráter inconcluso de suas notas carcerárias, somado à polêmica do destino de sua coleção de cadernos após a morte¹⁰, dificulta também a demarcação efetiva de um legado. Tal caráter tem tornado laborioso o trabalho da apreensão exata do ritmo do pensamento de Gramsci nos anos de confinamento, levando estudiosos, há mais de três décadas, a concluir que a completude do pensamento gramsciano não pode ser alcançada, mas somente aproximada (Gerratana, 1975c; Francioni, 1984; Frosini, 2003a).

O minucioso trabalho de aproximação da totalidade da obra de Gramsci, apesar de não validar a dimensão do seu legado, constata a sua grandeza e complexidade. Desde a infância, deparando-se com a condição basilar do projeto burguês de sociabilidade, qual seja, a contradição entre relações de produção e forças produtivas (Marx, 2008a, 2013), sua personalidade tomava forma. A expressão dessa contradição à realidade e personalidade de Gramsci pode ser observada, acima de tudo, nas condutas de exploração e expropriação das regiões sul e insular da Itália (ou *mezzogiorno*),

¹⁰ Tal polêmica se relaciona às possíveis censuras pelas quais a produção carcerária de Gramsci pode ter passado desde o esforço inicial, movido por Tatiana Schucht (Tania) e Piero Sraffa, cunhada e amigo de Gramsci, no que tange respectivamente ao recolhimento e depósito dos cadernos da clínica frequentada por Gramsci quando da sua morte para a embaixada soviética na Itália, em 6 de julho de 1937 (Gramsci, 1986), até a data da primeira publicação de um fragmento dessa produção, por iniciativa de Felice Platone e Palmiro Togliatti, apresentados posteriormente, em 1948 (Gerratana, 1975b; Daniele, 2005; Coutinho, 2019).

movidas pelo processo de industrialização dos grupos sociais dominantes da região setentrional desse país (Fiori, 1979; Fresu, 2020; D’Orsi, 2022).

Tal condição situava Gramsci, ainda criança, numa Sardenha plena de crises, sobretudo de ordens econômica e sanitária. Não por acaso, ele se dedica, em diversos e distintos momentos da vida, ao estudo da questão meridional, que por vez tangenciaria, como deixa evidente em carta do dia 19 de março de 1927 endereçada à cunhada Tania¹¹, os mais diversos temas dedicados nos cadernos do cárcere (Gramsci, 2005a).

Portanto, desde os primeiros anos da escola primária, entre os 6 e 7 anos, Gramsci se deparou com uma série de fatos, sobretudo concebidos pelas dificuldades financeiras de sua família, que permaneceriam vivos em sua personalidade e influenciariam a sua concepção de mundo ainda nos anos de confinamento no cárcere. Exemplifica esses fatos o esforço empregado pela família, reiteradas vezes, à contenção de seus problemas de saúde; o afastamento do emprego e prisão do pai, cuja omissão do fato lhe causou grande aborrecimento; a necessidade, ainda aos 12 anos, de trabalhar para auxiliar nas economias da família e; a dificuldade para finalizar os graus de instrução ginásial e colegial em, respectivamente, Santu Lussurgiu e Cagliari, comunas distantes de Ghilarza, onde moravam os seus familiares (Fiori, 1979; Fresu, 2020; D’Orsi, 2022).

As condições difíceis não o impediram, todavia, de procurar e encontrar meios para externalizar suas angústias. As muitas cartas remetidas aos pais, durante os anos de ginásio e liceu, por exemplo, retratam o empenho assumido por ele com os estudos, a despeito da limitada condição de saúde, enquanto via de ultrapassagem dos

¹¹ Nascida em Samara, na Rússia, no ano de 1887, e falecida em Frunze (atual Biшкеk), capital da até então República Socialista Soviética Quirguiz (atual Quirguistão), no ano de 1943, Tania, além de ter sido professora e tradutora, é também conhecida pelo papel desempenhado na vida e na obra de Gramsci. Com relação ao papel desempenhado na vida desse teórico, cabe fazer menção ao período carcerário, em que Tania não somente o estimulou à escrita dos cadernos, como também mediou o seu contato com a família e com o partido. Com relação ao papel desempenhado sobre a sua obra, Tania é recordada pelo cuidado da retirada e transferência dos cadernos do cárcere para a família Schucht e para o Arquivo Central da Terceira IC em Moscou (Tatiana, [20--?]).

costumes, do ritmo e das “preocupações mesquinhas” próprias da vida dos vilarejos sardos (Gramsci, 2005a, p. 343; Bidussa *et al.*, 2009a).

O envolvimento com o movimento socialista de Cagliari, bem como a atuação com os grupos juvenis para a discussão dos problemas econômicos e sociais sardos, que o levaria a amadurecer um certo orgulho regionalista e a buscar uma resposta sardista para a resolução da questão meridional (Fiori, 1979; Coutinho, 2019; Fresu, 2020), também demarca os seus primeiros impulsos de denúncia à ordem burguesa.

Nessa específica passagem de Gramsci pela capital sarda, pode ainda ser apanhado o nascimento do seu interesse pela escrita enquanto significativa, e talvez mais potente, forma de expressão de sua concepção de mundo. É nesse período que, por forte influência do ritmo acadêmico do liceu, Gramsci compõe textos capazes de já explicitar a sua personalidade militante, em combate às contradições e desigualdades que o indignava e afligiam (Guida; Rigui, 2019)¹².

O incentivo de Raffa Garzia¹³, seu professor de italiano durante o segundo trimestre do liceu, merece ser destacado. De sua afetividade cultivada pela pessoa de Gramsci, aluno cujas composições textuais eram lidas em sala de aula, buscou fazê-lo tomar gosto pela leitura, emprestando volumes e trocando correspondências (La Porta, 2021). Ademais, Garzia é quem confiou a Gramsci a responsabilidade da correspondência, na comuna de Aidomaggiore, do periódico *L'Unione*, por ele dirigido. É nesse veículo que Gramsci inicia a sua ocupação jornalística, encaminhado no dia 26 de julho de 1910 uma correspondência contendo a matéria “*A proposito d’una rivoluzione*” (“A propósito de uma revolução”), acompanhada da assinatura “Gi” (Gramsci, 2019, p. 3-4; Guida; Rigui, 2019).

¹² Cf. “Apêndice. Composições do liceu” com quatro textos redigidos por Gramsci durante os anos do curso colegial em Cagliari (Guida; Rigui, 2019, p. 811-826).

¹³ Nascido em Cagliari no ano de 1877, Raffaele Garzia foi escritor e crítico literário, comissário de exames, professor de italiano no Liceo Classico Dettòri e, como diretor do *L'Unione Sarda (L'Unione)*, protagonista da vida cultural de Cagliari (Manias, 2009).

Em Turim, capital piemontesa, persiste o dilema da dificuldade da manutenção das condições básicas de subsistência, ao lado da incessante atividade de denúncia das contradições que assolavam as classes trabalhadoras italianas. O contato com a universidade, com novos e mais complexos veículos de comunicação e organismos político-partidários, entretanto, possibilitou a Gramsci não só ampliar a mobilização e veiculação publicitária de suas ideias, mas também protagonizar e se reconhecer na linha de frente da luta que travava, até então limitada às angústias e denúncias impressas em textos jornalísticos (Fiori, 1979; Rapone, 2014).

A forte aproximação com o marxismo, especialmente em virtude da propulsão revolucionária soviética nos últimos anos da década de 1910, mas também pela mediação do vínculo partidário fortalecido em 1915, quando do início de seu cargo de redator da seção turinense do *Avanti!*, órgão central de comunicação do PSI, tornava-o cético à fórmula sardista da resolução das contradições recaídas sobre a Itália (Fiori, 1979; Maestri; Candrea, 2001; Rapone, 2014; Fresu, 2020, 2021).

O início da atividade jornalística de Gramsci em Turim, todavia, não deve ser diretamente associado ao seu envolvimento com o órgão central da imprensa socialista, mas à redação do periódico estudantil *Corriere Universitario (Corriere)* no ano de 1913 e do semanário socialista *Il Grido del Popolo (Il Grido)* a partir de outubro de 1914 (Martinelli, 1973; Guida; Rigui, 2019), que somente em 1918 passaria a compor a seção turinense do *Avanti!* (Coutinho, 2004a; Mussi; Bianchi, 2019). Tampouco essa atividade jornalística deve ser desassociada do papel assumido por Gramsci na condução de importantes frentes de combate às opressões movidas pela burguesia contra as classes trabalhadoras¹⁴.

¹⁴ Vale considerar, para evidenciar o papel de mobilização social da imprensa operária italiana, que, em 1911, o analfabetismo abrangia neste país 37,6% da população acima dos 6 anos, bem como que, em oito regiões, dentre as quais Calábria, Sardenha e Sicília, tal percentual abrangia metade dessa população (Rapone; Righi; Garzarelli, 2015b). Em 1917, o índice se reduz a um terço da população acima de 9 anos (Coutinho, 2004b). A atividade jornalística, considera Gramsci, favorecia a alfabetização das classes trabalhadoras, o que a justifica como importante lugar de prática para a atuação na educação dessas classes (Gramsci, 2004a).

Uma delas, e talvez a de maior representatividade para a formulação das análises de conjuntura dos anos do cárcere, acerca do fracasso da organização do proletariado italiano, devido à prevalente ambiguidade de posições políticas, e do conseqüente avanço do fascismo, foi o empenho no movimento de ocupação das fábricas e estabelecimento de comissões e conselhos de trabalhadores durante os anos de 1919 e 1920 (Rapone, 2014; Fresu, 2021).

Outra experiência, cujo destaque não pode ser negligenciado, diz respeito ao empenho assumido por Gramsci no entorno da organização, em distintos momentos, de uma associação proletária de cultura. Tal empenho, ainda que alimentado pelos interesses conjunturais fixados após o ano de 1917, assumia sempre, como propósito último, a educação das classes trabalhadoras.

Exemplos dessas experiências formativas, em que o alinhamento à educação das classes trabalhadoras pode ser observado, são: o Clube de Vida Moral, a Escola de Cultura e Propaganda Socialista, o Círculo Socialista Sardo, o Grupo de Educação Comunista e a Escola do Partido por correspondência (Urbani, 1974b; Fiori, 1979; Maestri; Candreva, 2001; Mayo, 2004).

O avanço sinuoso das frentes de combate à hegemonia burguesa, movidas pelas diferentes e, muitas vezes, dissidentes frações constituintes dos organismos partidários do proletariado, acabou cedendo espaço ao fortalecimento do fascismo, especialmente ao ignorar a adesão das classes médias, núcleo forte desse movimento, aos interesses dos grandes proprietários fundiários e industrialistas (Maestri; Candreva, 2001).

Tomando novamente a mobilização publicitária como principal veículo de conscientização dos trabalhadores italianos, em virtude do perigo acometido aos representantes e líderes das diversas frações do PSI e PCd'I em tempos de recrudescimento nacionalista, Gramsci decidiu não abrir mão da luta contra o processo de reconversão hegemônica da burguesia.

Foi nesse instante, em que a desavença político-partidária incidia sobre as realidades italiana e soviética, que Gramsci se encaminhou a Moscou, na condição de representante do PCd'I, junto ao comitê executivo da IC, deparou-se com notícias sobre a prisão de vários companheiros italianos por parte do regime fascista e resgatou, com especial vigor, reflexões sobre a particularidade da questão meridional. O problema que o acompanhava desde a infância o servia agora como elemento da autocrítica ao movimento revolucionário italiano. Em suas reflexões sobre a conjuntura da Itália daquele ínterim, tendeu a considerar o fascismo como uma reação armada nascida da aliança que se estabelecia entre a burguesia nortista e as classes médias rurais meridionais (Fiori, 1979; Fresu, 2020; D'Orsi, 2022).

Entretanto, a questão meridional também lhe serviu como germe para o engajamento de uma nova frente de luta. Nesse instante, pareceu ficar claro a Gramsci, que já compreendia o problema meridional como derivação imediata do problema nacional italiano (Fiori, 1979), como a chave para a destituição da hegemonia burguesa deveria se articular à capacidade de alcançar a aderência de todo componente singular das classes trabalhadoras.

Gramsci apostou numa nova ofensiva, a reforma intelectual do *mezzogiorno*, depois de analisar a engenhosidade do contra-ataque burguês sobre o levante operário, que incluiu o aproveitamento da baixa de guarda por parte de dissidências internas do PSI e PCd'I e o estabelecimento de uma aliança com o intelectual da pequena e média burguesia rural capaz de persuadir o campesinato aos interesses dos grandes proprietários de terra, bem como depois de conflitar com Amadeo Bordiga¹⁵, membro da direção do PCd'I, acerca da via de enfrentamento à tempestade reacionária do fascismo (Gramsci, 2004b).

¹⁵ Nascido em Nápoles no ano de 1889, Amadeo Bordiga, além de engenheiro, foi um importante personagem da história das perspectivas do movimento socialista e comunista italiano (Bidusa *et al.*, 2009b).

Essa nova interpretação da questão meridional justaposta ao problema nacional italiano, provinda de uma cuidadosa análise do processo de cooptação do consenso do campesinato, por parte de um grupo de intelectuais coniventes aos interesses de uma burguesia nortista, levou Gramsci, pouco antes de ser condenado à prisão, a realinhar estratégias de combate às históricas opressões por ele vistas e vividas desde a mais tenra idade (Fiori, 1979; Fresu, 2020; D'Orsi, 2022).

A produção jornalística de Gramsci dos anos que antecederam o cárcere não pode ser posta de lado, especialmente ao se considerar a ilegalidade partidária e a censura que acometeu os veículos de comunicação do proletariado durante o fascismo. Se, por um lado, ponderava sobre a dificuldade de conduzir um trabalho de agitação das classes trabalhadoras nos moldes das ocupações das fábricas de Turim, por outro, nunca cogitou abandonar ou recuar com o trabalho propagandístico.

Do periódico estudantil turinense *Corriere* ao ano de 1926, a contribuição de sua redação à imprensa operária tem destaque em periódicos como *Il Grido*, jornal da seção turinense do PSI; *Avanti!* (seção turinense), órgão central do PSI; *La Città Futura*, publicação da Federação Juvenil Socialista do Piemonte; *L'Ordine*, resenha semanal da cultura socialista, após dezembro de 1920 diário comunista, logo em seguida órgão do PCd'I e, após 1924, revista teórica quinzenal; *L'Unità*, diário dos operários e dos camponeses e, após 1924, órgão oficial do PCd'I; *Voce della Gioventù (Voce)*, jornal da Federação Juvenil Comunista; e *Lo Stato Operaio*, publicação semanal do PCd'I (Gerratana, 1975a, 1975c; Coutinho, 2004a, 2019; Rapone; Righi; Garzarelli, 2015 a; Guida; Righi, 2019).

O curso assumido pela sua publicação jornalística durante a segunda parte da terceira década do século XX acompanhou todos os dilemas enfrentados nesses anos. São constitutivos dessa publicação, dentre muitos outros, temas como a posição da Itália na guerra, o significado da revolução soviética, as dissidências teórico-políticas

das frações partidárias italianas, o movimento das comissões e conselhos de fábrica, a incidência e fixação do nacionalismo, o papel das associações secretas e da igreja na reconversão hegemônica da burguesia, a história da Itália e da burguesia italiana e a formação de quadros intelectuais para a recondução do processo revolucionário (Gramsci, 1976, 1977a, 1977b, 1978, 1980, 1982, 1984, 1987, 2004a, 2004b, 2015, 2019, 2020a, 2020b, 2021, 2022a, 2023).

O coroamento do fascismo, a partir da marcha sobre Roma, e a ascensão de Benito Mussolini¹⁶ ao cargo de primeiro-ministro, no fim de outubro de 1922, incidiram sobre os temas da publicação jornalística de Gramsci e boa parte de seus companheiros. Entre os últimos temas pensados e publicizados por Gramsci em seu incessante trabalho jornalístico e político que antecedeu os anos do cárcere, estão a crise italiana justaposta à crise do Partido Bolchevique, a aposta do regime fascista enquanto efêmera tempestade reacionária, cuja intensa posição de resistência capacitaria um novo levante revolucionário por parte do proletariado, o papel da aliança partidária socialista e comunista na formação de novos quadros intelectuais, especialmente meridionais, comprometidos com o avanço do proletariado setentrional na luta contra a hegemonia burguesa e com a formação de uma unidade que passasse a incluir os interesses dos camponeses sulistas (Fiori, 1979; Fresu, 2020; D’Orsi, 2022).

Quando, em 1926, empenhado no realinhamento da luta das classes trabalhadoras italianas, participou de reuniões clandestinas, buscando dar notoriedade à adesão dos camponeses, deparou-se com a cassação de mandatos dos deputados de oposição ao fascismo. Antes de ter sido preso e recolhido ao cárcere de Regina Coeli, no mês de novembro desse ano, Gramsci participou do III Congresso Nacional do PCd’I, no qual a adesão das Teses de Lion por parte dos representantes do partido lhe concedeu condições favoráveis para a

¹⁶ Benito Mussolini, nascido em Predappio no ano de 1883, foi um político italiano que, após ter se tornado um dos líderes nacionais do socialismo italiano, bem como sido expulso do PSI em função do pronunciamento em favor da intervenção italiana na guerra, liderou o Partido Nacional Fascista entre os anos de 1921 e 1943. Foi preso e executado em 1945 (Bidusa *et al.*, 2009b).

implementação de um novo plano de ação, e da Conferência Agrária do Partido, na comuna de Bari, apresentando e aprovando as *Tesi sul Lavoro Contadino* (Teses sobre o Trabalho Camponês) (Gerratana, 1975a; Coutinho, 2004a, 2019). Esses acontecimentos, somados à linha de redação adotada pelo diário *L'Unità*, reforçam como as reflexões sobre o reposicionamento organizativo do proletariado passou a fazer, cada vez mais, parte de suas reflexões.

O burocratismo adotado pelo Partido Bolchevique também incidiu, nesse mesmo ano, como preocupação recorrente em suas reflexões. Exemplo disso é a carta do dia 14 de outubro, remetida por ele em nome do Birô Político do PCI, com destino ao Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) (Liguori, 2001). Em tal carta, denunciando dissidências que colocavam em risco a função dirigente alcançada pelo partido soviético, Gramsci parecia recordar a fórmula do recrudescimento nacionalista movida sobre o contexto italiano (Gramsci, 2004b).

A perda do papel dirigente do partido soviético e de todo o avanço por ele alcançado, a partir do esforço associado à figura de Lenin¹⁷, no que diz respeito à organização das classes trabalhadoras, aproximava-se ao desfecho do PSI e PCd'I após seguidos episódios de desentendimento entre as suas frações. Essa preocupação é atestada por sua intenção em participar, entre os dias 1º e 3 de novembro de 1926, de outra reunião clandestina, no Comitê Central do PCd'I em Val Pocevera, nos arredores de Gênova, para tratar da situação política soviética e expor ao representante do Secretariado Latino da Terceira IC¹⁸, Jules Humbert-Droz¹⁹, sua posição (Coutinho, 2004a, 2019; Del Roio, 2022).

¹⁷ Nascido em Simbirsk (atual Ulianovsk) e falecido em Gorki (atual Nijni Novgorod), respectivamente em 1870 e 1924, Lenin, pseudônimo de Vladimir Ilitch Ulianov, foi um revolucionário comunista que serviu como chefe de governo da Rússia Soviética entre os anos de 1917 e 1924 e da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas entre 1922 e o ano de sua morte (Bidusa *et al.*, 2009b).

¹⁸ Ao longo desta obra, são feitas menções à Segunda Internacional e Terceira IC. A título de informação, cabe situar algumas de suas principais diferenças que influenciaram, significativamente, o pensamento de Gramsci. Enquanto a Segunda Internacional buscava, especialmente, reformar internamente o projeto burguês de sociabilidade, rivalizando contra a negligência e de direitos trabalhistas das classes trabalhadoras, a Terceira intencionava a revolução proletária e institucionalização de um novo projeto de sociabilidade (Internazionale, [20--?]).

¹⁹ Nascido e falecido na comuna suíça La Chaux-de-Fonds, Jules Humbert-Droz foi um teólogo, pastor protestante e, posteriormente, expoente da esquerda do Partido Socialista Suíço e fundador do Partido Comunista Suíço (Bidusa *et al.*, 2009b).

Sua impossibilidade de chegar a Val Pocevera, em função do golpe fascista em curso, mobilizado por atentados manobrados contra Mussolini e conseguinte determinação da lei de segurança nacional, coincidiria com a improcedência de sua locomoção estratégica para a Suíça, conforme planos do PCd'I para a manutenção de sua segurança (Del Roio, 2022).

Detido na noite do dia 8 de novembro de 1926, após ordem emanada durante a tarde que dispunha sobre a moção de perseguições aos deputados comunistas, que se encontravam em Roma, Gramsci passaria a dispor somente de reflexões particulares para o desenvolvimento e a denúncia dos problemas que enfrentava nos últimos dias de liberdade vigiada. Problemas que, verdadeiramente, relacionam-se com o dilema enfrentado durante todos os anos que precederam o cárcere, qual seja: a mobilização e organização das classes trabalhadoras em oposição à reafirmação da hegemonia dos grupos sociais dominantes (Fiori, 1979; Fresu, 2020; D'Orsi, 2022). O isolamento do cárcere foi, numa escala de exasperação das condições objetivas para a viabilização de seu espírito de cisão, somente mais um obstáculo por ele esbarrado.

Do período carcerário vale situar algumas passagens em que Gramsci deixa claros os seus interesses investigativos, como os “planos preestabelecidos” (Gramsci, 2005a, p. 128), anunciados em carta remetida à cunhada no dia 19 de março de 1927, a introdução do CC 1, sob o título “Notas e apontamentos” (Gramsci, 2017, p. 3), e o “plano cultural e intelectual” (Gramsci, 2005a, p. 328-329), exposto em nova carta à cunhada, do dia 25 de março de 1929.

Essas passagens situam a forma de estratégia metodológica de escrita em que o mapeamento e o desenvolvimento de suas reflexões se formavam, e têm se tornado alvo importante da literatura debruçada ao estudo de sua obra (Bianchi, 2018, 2019; Buttigieg, 2019). Teóricos motivados pelas ideias de Gianni Francioni a partir de meados da década de 1980, por ocasião do *Convegno Gramsciano di Firenze*, debruçando-se sobre a importância de uma apreensão sistemática

e coerente de critérios de datação dos escritos de Gramsci, podem ser interpretados como claro exemplo do uso e cuidado remetido aos seus planos investigativos (Cospito, 2016, 2019).

Essa iniciativa de zelar pela fidedignidade do momento da escrita, partindo de pistas e indicações que fornecem precisão à datação de cada nota, utilizando para isso os diferentes planos de Gramsci, caracteriza um avanço filológico dos estudos gramscianos (Francioni, 1984), que já tinham encontrado um primeiro impulso na década anterior, quando do restauro filológico dos cadernos, operado por Valentino Gerratana²⁰ e equipe entre os anos de 1966 e 1975 (Gerratana, 1975c).

À medida que os impulsos filológicos se complexificam, o dilema do uso das reflexões de Gramsci para pensar problemas hodiernos também é posto em causa. Reside nisso o anúncio de uma grande problemática inserida no campo dos estudos gramscianos, associada à relação de complementaridade entre o aprimoramento dos estudos filológicos de sua obra e o seu uso para pensar questões da atual realidade (Baldacci, 2017; Bianchi, 2019). À repercussão filológica, portanto, tem sido acrescido o tema da tradutibilidade, que carrega justamente o ímpeto do uso da reflexão dos cadernos sobre a realidade de diversas expressões culturais.

O próprio Gramsci jogou luz, reiteradas vezes, a estes dois temas, tradutibilidade e filologia, que podem ser compreendidos seguindo a ordem de correlação contida no anúncio de seus temas e o cerne de sua reflexão, a partir do problema da constituição e coroamento de uma nova concepção de mundo aliada aos interesses dos grupos subalternos.

É seguro identificar, na influência dos anos universitários em Turim, do seu contato com reflexões nos campos da linguística e filosofia, o lócus da apropriação do sentido desses conceitos

²⁰ Valentino Gerratana, nascido na comuna siciliana de Scicli no ano de 1919 e falecido na capital italiana em 2000, foi um filósofo e militante político italiano, que, desde a queda do fascismo, atuou na redação de vários periódicos, auxiliou na reconstrução do PCI e contribuiu ao estudo da história do marxismo (Gerratana, [20--?]).

(Rapone, 2014). O exercício constante de expressar, na afirmação de um novo projeto de sociabilidade, a vontade coletiva das classes trabalhadoras, refletida, pensada e acordada por diferentes estratégias em distintos lugares, ao longo do período que antecede os anos de seu confinamento, traduz o modo como ambos os conceitos são observados em sua experiência de vida. Pode-se dizer que o uso das interpretações universitárias sobre os conceitos de tradutibilidade e filologia amparou o esforço de tradutibilidade movido por Gramsci (Baldacci, 2017).

O direcionamento dos estudos acerca da obra de Gramsci tem se deparado com o exercício constante da reflexão sobre esses dois conceitos por ele próprio desenvolvidos. Alguns usos de sua obra que, supervalorizando um desses temas em relação ao outro, ora descredibilizar o teor político contido nas notas carcerárias, ora o supõem interpretações arbitrárias, apesar de contrariarem a relação de complementaridade anunciada por Gramsci entre ambos os conceitos, somam-se ao conjunto dos estudos de sua obra (Buttigieg, 2019).

A dificuldade ou intencionalidade supostas à desassociação entre tradutibilidade e filologia na obra de Gramsci anuncia o problema encontrado, e por vezes combatido, pelos estudiosos do seu pensamento, ao buscarem refletir sobre o seu legado. Sobre tais questões se dedicam os próximos tópicos do presente capítulo, que não somente demarca, com base nessas categorias, o percurso metodológico desta obra, mas exalta a relação indissociável, não somente alertada por Gramsci, mas pelos intelectuais estudiosos do seu pensamento, existente entre tradutibilidade e filologia.

1.2 Tradutibilidade e filologia para Gramsci

Antes de compreender, como sugere o título deste tópico, os conceitos de tradutibilidade e filologia para Gramsci, do ponto de vista de suas reflexões contidas em escritos dos diversos veículos de imprensa dos quais se aproximou, cabe esclarecer como ambos

são recursos utilizados no campo dos estudos da linguagem, por vezes em interconexão com a filosofia, para a compreensão da necessidade enfrentada pela humanidade ao longo da história de se comunicar e relacionar com outras culturas e línguas, desenvolvendo, destarte, diversas teorias e práticas de tradução (Santoli *et al.*, 1932; Traducibilità, [20--?]).

Como um estudioso da linguística, que reiteradas vezes polemizou com os gramáticos de seu tempo, Gramsci certamente compreendeu muitas dessas teorias e práticas de tradução, designativas dos conceitos em análise. Também atribuiu, todavia, um sentido axiológico ao ímpeto da comunicação e da relação cultural e linguística própria desses conceitos. Ímpeto, por sua vez, repercutido em todas as formas encontradas por ele de expressão de sua concepção de mundo. O sentido axiológico, nascido das contradições movidas contra as classes trabalhadoras, com as quais se deparou desde a infância, encontrava-se no combate às desigualdades e injustiças sociais.

O cuidado assumido de tornar evidente a explicitação desses conceitos, para Gramsci, com base nalguns parágrafos de seus cadernos, parte do argumento, introdutório, de que tradutibilidade e filologia são conceitos ligados à capacidade de traduzir textos, com precisão e fidelidade, entre línguas distintas (Santoli *et al.*, 1932; Traducibilità, [20--?]). Conceitos que, a propósito de uma definição imparcial, ocupam espaço nos debates filosóficos e linguísticos e, portanto, não se isentam de concepções de mundo ou filosofias derivadas desses debates.

Somente com base nesse argumento é que se pode afirmar a tese de que ambos os conceitos, ao presente estudo referencial teórico-metodológico para análise dos escritos jornalísticos de Gramsci, podem ser apanhados nas próprias reflexões desenvolvidas por esse teórico. Gramsci depositou sobre ambos uma forma sua de interpretar, respaldada na sua concepção de mundo.

Imprimiu à tradutibilidade a via de confluência entre linguagens próprias de experiências nacionais diversas. Por detrás dessa ideia, persiste o cerne de suas reflexões, que, diante dos anos de reclusão carcerária, orientava-se à análise de conjuntura da experiência revolucionária italiana, especialmente de suas fragilidades e incapacidade condutiva dos interesses de diferentes grupos constitutivos das classes trabalhadoras desse país, bem como do enrijecimento do Partido Bolchevique, que, afastando-se gradualmente da máxima da organicidade entre dirigentes e dirigidos, zelada pela antiga fração leninista, e adotando uma orientação política vanguardista, colocava em risco o futuro do movimento comunista internacional (Liguori, 2017).

Tradutibilidade carrega o verdadeiro interesse de Gramsci pela condução de uma nova concepção de mundo, organicamente articulada aos interesses dos grupos sociais subalternos. É baseado na im procedência de experiências históricas diversas, que buscaram afirmar novas filosofias, que ele chega à conclusão de que a tradutibilidade coroa o processo de consolidação de uma “sociedade regulada” (Lacorte, 2017, p. 75), em alusão ao socialismo, para transpor a censura carcerária.

Esse conceito carrega, para Gramsci, a constituição de uma nova consciência coletiva, e não somente a constatação imediata e individualizada de uma concepção de mundo inovadora. Portanto, joga luz sobre as próprias notas carcerárias a respeito do processo de tradução, que, para ele, também deve escapar ao limite da reprodução mecânica das línguas e acompanhar o movimento orgânico da conscientização coletiva por uma nova realidade (Lacorte, 2017). Tradução, para Gramsci, representa o modo como o sentido de filologia, adiante apresentado, é concebido no processo de interpretação e introdução de elementos culturais numa determinada linguagem.

Traduzir, ao lado da “tradutibilidade orgânica e profunda” apanhada do tópico “Tradutibilidade das linguagens científicas

e filosóficas” do CC 11 (Gramsci, 1975, p. 1468-1473), requer a introdução, numa língua, de diversos elementos constitutivos de uma experiência cultural, capacitados a auxiliar na compreensão e constituição de uma nova concepção de mundo, bem como na afirmação de normas de conduta expressivas dessa nova concepção. É passo fundamental para que possa ser alcançada a tradutibilidade, isto é, a confluência de linguagens diversas, que significa a própria demarcação de sincronia entre diversas experiências nacionais.

Para Gramsci, o processo de tradução deve se orientar à viabilidade da tomada de consciência de uma concepção de mundo, bem como da importância da coletivização dessa consciência. Traduzir, nesse sentido, significa difundir ideias, como também conscientizar sobre a relevância dessa difusão (Baratta, 2004; Boothman, 2017b).

Cabe relacionar a esse processo o imperativo com que já se deparava Gramsci desde antes dos anos de confinamento, sobre a necessidade da formação de um novo quadro intelectual para a difusão de uma concepção de mundo conivente aos interesses do proletariado. Enquanto a tradução e, em maior escala, a filologia coincidem com a interpretação de uma experiência cultural diversa, colaborando para o acato a uma determinada filosofia, a tradutibilidade presume a correspondência e o uso dessa experiência cultural sobre outra realidade.

Para a tradutibilidade, nesse sentido, é imprescindível a edificação de uma nova filosofia, como também um processo de conscientização coletiva sobre esta, o que tem a ver com a tradução de experiências culturais, com a tomada de consciência e com a interpretação de uma concepção de mundo, com o sentido também depositado por Gramsci ao conceito de filologia.

Da correspondência existente entre tradutibilidade e filologia, é possível compreender como a obra de Gramsci influencia determinadas expressões culturais. A tarefa a cumprir trata da tradutibilidade de sua obra, ou ainda do uso das reflexões assumidas

por Gramsci a respeito desse termo, para pensar a própria influência do seu legado sobre os problemas que afligem a sociedade. A tradutibilidade corresponde ao uso das reflexões de Gramsci para o enfrentamento de problemas sociais de diversas ordens.

Por óbvio, serve a esse propósito a tradução dos cadernos, das cartas e dos escritos jornalísticos às diferentes línguas, e sobre tal papel é guardada a função crucial da divulgação e conscientização coletiva acerca de sua concepção de mundo. Tal tradução, coincidente com o sentido “vivente” atribuído também por Gramsci ao conceito de filologia (Gramsci, 1975, p. 1430)²¹, viabiliza a busca da tradutibilidade, da manifestação prática da equivalência de expressões culturais distintas, do salto sobre o campo interpretativo de sua obra, bem como da concepção de mundo a ela alinhada e do alcance de seu correspondente prático-político (De Lutiis, 2017).

Se a tradutibilidade se aproxima da noção de uso, é possível correlacionar a filologia, de crucial importância para o alinhamento coletivo de uma filosofia, à noção de interpretação. Interpretação e uso, ao carregarem respectivamente os sentidos teórico e prático-político de uma concepção de mundo, são pressupostos que orientam o estudo do legado de Gramsci e também distinguem o compasso de sua produção intelectual (Baratta, 2004; Boothman, 2017a, 2017b; Baldacci, 2017).

Aos critérios interpretativos, o campo da filologia tem se dedicado e avançado à medida que se complexificam os estudos da obra de Gramsci (Liguori, 2022a). Nem todos os estudiosos, no entanto, têm dado atenção à tradutibilidade, o que faz parecer que o processo de tradução tem, contrariando a própria reflexão de Gramsci desse conceito, desassociado-se da tradutibilidade (Baldacci, 2017).

²¹ “Filologia vivente” é um termo apanhado de Gramsci, conforme indicação da referência. Doravante, para a facilitação da leitura, dispensa-se a utilização de aspas e citação para o referido termo.

O estudo de elementos que amparam a conscientização coletiva por uma filosofia não tem avançado no sentido de sua condução prática em diversas e novas expressões culturais. Significa que o tema do uso do legado de Gramsci em nossos dias, para a compreensão de problemas sociais representativos de experiências culturais diversas, não deve ser secundarizado, por mais que dependa diretamente do acesso, interpretação e conscientização coletiva, todos elementos de tradução ou filologia.

O problema do uso parece encontrar, entre alguns estudiosos do seu pensamento, o receio da desqualificação filológica. Na busca da relação entre o legado de Gramsci e experiências culturais diversas, a influência de preocupações distintas daquelas por ele vividas, em seu tempo histórico, ganha notoriedade. O valor contido nessa influência pode colocar em risco o rigor filológico cultivado pelo processo de tradução, entendido como acesso, interpretação e coletivização de sua obra. Por outro lado, caso o receio à associação de seu legado às diversas experiências culturais assuma posição extrema, toma forma o processo de esterilização de seu pensamento em detrimento da supervalorização da filologia (Baldacci, 2017).

Cabe complementar a essa ideia de interpretação associada ao uso que os conceitos de tradutibilidade e filologia, para Gramsci, encontram-se articulados às necessidades objetivas e sociais dos grupos subalternos (Baratta, 2004; Baldacci, 2017). Assim, a interpretação de uma obra, representativa do processo de tradução de seus conceitos, e seu uso, associado ao processo de tradutibilidade desses conceitos por uma dada expressão cultural, só têm validade se forem historicamente justificados, o que, para Gramsci, significa se justificar do ponto de vista coletivo. Toda interpretação é todo uso de uma obra, em Gramsci, só podem ser considerados válidos se estiverem alinhados à intencionalidade coletiva. É somente do ponto de vista coletivo que expressões culturais distintas podem coincidir.

O limite da hermenêutica²² para o uso, sobre o qual avança Gramsci, é o de reconhecer esse conceito em cada interpretação de uma determinada obra. A validade da interpretação e do uso passa a confrontar tal limite somente quando associada à noção gramsciana de tradução, representativa do conceito de filologia, e tradutibilidade, diretamente articulada à noção de coletividade (Baldacci, 2017).

É por isso que o sentido dos conceitos de tradutibilidade e filologia em Gramsci contrasta com o dilema enfrentado pelos intelectuais estudiosos de seu pensamento. Se persistem dúvidas sobre como interpretar e utilizar os seus ensinamentos, as respostas são encontradas recorrendo-se à noção de filologia, da tradução capaz de tornar permissível o contato, a reflexão e a conscientização coletiva, bem como de tradutibilidade, da representação da concepção de mundo impressa nessa obra sobre uma nova expressão cultural.

A tradutibilidade da obra de Gramsci, aproximada do uso de seus ensinamentos para lidar com problemas contemporâneos, requer a compreensão do sentido por ele depositado sobre tal conceito. Com relação às suas indicações do tema, vale destacar como intitula o quinto tópico, “Tradutibilidade das linguagens científicas e filosóficas”, já mencionado enquanto constitutivo da segunda parte do CC 11 (Gramsci, 1975, p. 1468-1473).

É com base nas ideias contidas nos quatro parágrafos deste tópico que estudiosos têm buscado interpretar esse conceito (Frosini, 2003b, 2019; Baratta; 2004; Cospito, 2017). Gramsci parte do problema, anunciado por Lenin durante o III Congresso da Terceira IC,

²² Entende-se por limite da hermenêutica a incapacidade de associar ao uso de uma dada obra ou concepção de mundo uma justificativa histórica, isto é, de conceber validade às interpretações dessa obra ou concepção de mundo alinhadas aos interesses daqueles que se dedicam ao seu estudo e investigação, em especial aos grupos que representam a importância de processos de transformação, e não de conservação, das relações de produção. Se, do ponto de vista hermenêutico, o uso da obra se limita à possibilidade por ela sugerida, portanto, um uso restrito, e não à criatividade interpretativa daquele que a procura estudar e sobre ela refletir, pode-se dizer que o seu limite é se abster do conceito de tradutibilidade tal como formulado por Gramsci. A reflexão sugerida é a de que Gramsci, concedendo à tradutibilidade um valor histórico, associado à manifestação das expressões culturais dos grupos subalternos, cerceia a manifestação de interpretações que beneficiam a perpetuação das relações hegemônicas, instituídas pelos grupos sociais dominantes, de produção, portanto, avança sobre o uso do ponto de vista hermenêutico, que sequer viabiliza o valor da interpretação para a constituição do sentido do uso de uma obra ou concepção de mundo (Baldacci, 2017).

em 1921, da questão organizativa dos partidos comunistas europeus. Para Lenin, a resolução dessa questão tomava forma excessivamente russa e incompatível com as demais expressões culturais europeias: “Em 1921, tratando de problemas de organização, Lenin escreveu ou disse (mais ou menos) o seguinte: não soubemos ‘traduzir’ nas línguas europeias a nossa língua” (Gramsci, 1975, p. 1468).

Desse problema, assinalado no primeiro parágrafo, Gramsci desenvolve uma linha de raciocínio que se amplia da justaposição, no segundo, do conceito de tradutibilidade e da filosofia da práxis até a crítica, no último, do estudo filológico e idealista de Benedetto Croce²³ sobre esse termo, que, na iminência de resgatar os diversos momentos em que a filosofia alemã e a política francesa são equiparadas, deixa escapar o caráter essencial da tradutibilidade, a sua validade prática (Gramsci, 1975).

Da concepção de tradutibilidade avistada em Croce, ao analisar uma passagem da “Sagrada Família” na qual se afirma que a linguagem política francesa corresponde e pode ser traduzida na linguagem da filosofia clássica alemã, Gramsci se posiciona pela validade prática:

[...] [A] ressalva de Croce é compreensível, não obstante imprópria e incongruente, já que suas citações [...] mostram que não se trata da comparação particular entre Kant e Robespierre, mas de algo mais extenso e compreensivo, do movimento político francês em seu conjunto e da reforma filosófica alemã em seu conjunto. Que Croce seja favorável às “tranquilas teorias” e não às “realidades efetivas”, que uma reforma “em ideia” e não em ato lhe pareça a fundamental, é algo compreensível (Gramsci, 1975, p. 1473).

São essas impressões que permitem a Gramsci compreender como a tradutibilidade coroa uma determinada concepção de mundo, na medida em que trata de identificar diversas expressões culturais, conformadas com linguagens particulares. São também elas que lhe

²³ Benedetto Croce, nascido no ano de 1866 na comuna de Pescasseroli, na província de Áquila, e morto em 1952 em Nápoles, foi um filósofo, historiador e político italiano que escreveu sobre diversos assuntos, incluindo filosofia, história, historiografia e estética (Bidussa *et al.*, 2009b).

permite compreender como, no curso da recondução hegemônica da burguesia, tem papel importante o revisionismo estimulado pelas filosofias especulativas acerca da impropriedade da validade prática da tradutibilidade, uma vez que, para o idealismo dessas filosofias, importa a reforma das ideias e não a representatividade prático-política dos atos (Marx; Engels, 2011).

Destituindo de valor a representação prática da tradutibilidade, do uso de uma determinada concepção de mundo em expressões culturais diversas, as teorias filosóficas especulativas edificam uma representatividade prática própria, nas mais diversas experiências culturais europeias, sobre as quais Gramsci concentra parte dos seus estudos. Sua crítica ao especulativismo filosófico, especialmente observada nas notas constitutivas do CC 10, fundamenta a defesa da justaposição entre filosofia da práxis e tradutibilidade, em oposição à percepção idealista desse conceito.

Conceber tradutibilidade como uma característica importante da filosofia da práxis, na iminência de enfrentar as contradições oriundas do período vivido por Gramsci, aproxima-se do dilema, assumido pelos intelectuais estudiosos do seu legado na atualidade, de conceber tradutibilidade como uma característica importante de sua obra. Ao conceito de tradutibilidade, Gramsci inclui toda via de inserção, no campo da cultura, dos interesses de determinados grupos sociais, representativos de uma orientação filosófica ou concepção de mundo.

Sobre tal conceito, o prestígio movido pelas reformas educacionais pode ser identificado, bem como o papel da Igreja, das associações secretas e do jornalismo. Também pode ser relacionada ao conceito de tradutibilidade a atitude dos Moderados, de conscientização das camadas intelectuais representativas dos grupos subalternos no contexto do *Risorgimento*, que potencializaria o sentimento nacionalista italiano e influenciaria, anos mais tarde, a partir do fascismo, uma forma de resposta à crise de hegemonia, sentida pela burguesia, ao lado da racionalização da composição demográfica norte-americana.

Essas duas respostas encontradas pela burguesia para a contenção da economia programática soviética e reconversão de um processo hegemônico coroadado durante a era das revoluções (Hobsbawm, 1977) sinalizam o modo como os grupos dominantes conseguiram imprimir, sobre as mais diversas experiências nacionais, a sua própria concepção de mundo. A tradutibilidade, nos termos de Gramsci, segue o imperativo da afirmação de processos hegemônicos.

Nos Estados Unidos da América, como ele observa em 1934, nos muitos parágrafos do CC 22, a assimilação natural de uma demografia produtivamente funcional, que confrontava o parasitismo das camadas plutocráticas europeias, sintetiza o consentimento coletivo e uso dos interesses dominantes. Por outro lado, o processo de tradutibilidade da hegemonia burguesa, na Itália, e também noutros países com formação tardia de seu Estado nacional, apontava para uma segunda via de alcance das inúmeras expressões culturais constitutivas do consciente coletivo, o recrudescimento de toda corrente de ideias que se opunham ao nacionalismo.

Não é possível olhar somente para os parágrafos do quinto tópico da segunda parte do CC 11, em que Gramsci se dedica à tradutibilidade, para apanhar o sentido verdadeiro desse conceito. É percorrendo os parágrafos dos diversos cadernos de sua produção carcerária, alinhando-os sempre ao propósito central de sua investigação científica, que tal sentido pode ser percebido. A correlação dos temas estudados por Gramsci, nos distintos cadernos, é um princípio de tradutibilidade do seu legado (Baratta, 2004). Tal correlação representa uma característica sua, o sincronismo, de singular importância aos estudiosos que, valendo-se da concepção de mundo de Gramsci, investigam o real.

Na mesma intensidade com que a tradutibilidade se relaciona ao uso de uma determinada concepção de mundo sobre distintas expressões culturais, pode ser identificado o esforço de Gramsci em

apreender, de muitos temas, expressões culturais próprias da filosofia burguesa, com isso exercitando o sincronismo, e, em contrapartida, alcançar meios de conduzir um processo de consolidação hegemônica das classes trabalhadoras (Baldacci, 2017).

Tradutibilidade, como uso de uma filosofia, pode ser avistada no esforço de Gramsci em tentar desvelar os processos de consolidação e reconversão da hegemonia burguesa, bem como na tarefa de aproximar o esforço por ele despendido aos problemas e às contradições sociais de realidades diversas, em distintos tempos históricos (Boothman, 2017a, 2017b).

Tal como esse teórico se esforçava para correlacionar as formas como expressões culturais distintas se ajustavam à concepção de mundo burguesa, estudiosos contemporâneos de seu pensamento têm buscado compreender como o seu legado viabiliza o estudo da atualização dessas expressões culturais. Não se trata somente da tradutibilidade da filosofia burguesa, alvo de Gramsci, e tampouco dessa filosofia nos dias atuais, mas também da tradutibilidade do legado gramsciano como alcance da tradutibilidade da filosofia burguesa.

É da busca pelo uso de seu legado sobre a realidade hodierna que a tradutibilidade por ele estudada pode ser também lançada sobre a atualidade. Deve-se compreender que o uso de seu legado, isto é, a tradutibilidade da obra de Gramsci, pressupõe um salto sobre a compreensão de tradutibilidade por ele descrita em específicas notas do CC 11, uma vez que esse conceito está direta ou indiretamente inserido nos temas dos diversos parágrafos dos cadernos do cárcere.

O princípio da correlação dos distintos temas por ele investigados nos cadernos, escritos jornalísticos e/ou cartas, é fundamental para que a tradutibilidade de seu legado e, por consequência, a expressão da tradutibilidade por ele investigada, seja alcançada. A isso se deve o conceito de sincronismo, tão polemizado no entorno dos debates sobre a tradutibilidade do legado de Gramsci (Baldacci, 2017).

Alguns prezam a demarcação de uma categoria principal no entorno da obra, como a ideia de hegemonia, para o estudo da correlação entre essa e os variados temas dedicados por Gramsci nos cadernos. Outros simplesmente negligenciam tal demarcação, prezando o estabelecimento de uma espécie de núcleo de conceitos orientado à combinação dos diversos temas, independente de juízos de valores (Baldacci, 2017).

Para ambas as orientações, toda e qualquer descrição isolada de um conceito gramsciano é fadada ao fracasso (Baratta, 2004). Esse critério de tradutibilidade se ampara na perspectiva relacional para o estudo dos conceitos, isto é, numa abordagem que preza a existência de vínculos entre os diversos temas estudados por um teórico. Na contramão da perspectiva atomista, que se orienta pelo padrão analítico para o estudo de conceitos e procura investigá-los individualmente, o estudo relacional preza a correlação entre todos eles (Baldacci, 2017).

Ainda que, entre os estudiosos da obra de Gramsci associados à análise relacional dos conceitos, haja consenso acerca da inviabilidade de uma perspectiva analítica ligada ao estudo isolado dos conceitos, os que enxergam a possibilidade do estabelecimento de juízos de valor a esses parecem mais sensatos do que os negligentes à possibilidade de haver, em Gramsci, alguma disposição valorativa mais acentuada em certos conceitos.

É também possível pensar no estabelecimento de juízos de valor aos conceitos, por parte dos que se posicionam em favor da análise relacional, ao lado da adoção de uma certa medida do padrão analítico. Parece ideal a posição estabelecida entre os dois extremos, entre a tendência analítica negligente a toda expressão relacional e a abordagem relacional que, ao ignorar a existência de valores assumidos por Gramsci aos conceitos estudados, recusa qualquer rigor investigativo de viés analítico (Baratta, 2004).

Assumir posição intermediária significa situar, ao lado do princípio da correspondência entre os conceitos, o valor remetido ao estudo do desenvolvimento desses no entorno da obra de Gramsci. Noutras palavras, presume, ao lado da tradutibilidade do legado gramsciano, identificar os avanços dos estudos filológicos (Baldacci, 2017; Bianchi, 2019).

Ao lado da correspondência prático-política da concepção de mundo de Gramsci sobre as diversas experiências culturais, que coincide com a percepção do sentido concebido por esse teórico ao conceito de tradutibilidade, defende-se a socialização, ou tradução, dessa mesma concepção a cada sujeito. Ao lado do sincronismo, concebe-se a essencialidade de uma característica filológica de fundamental importância, o diacronismo, para que a representação prático-política contida na correspondência entre conceitos não se confunda com determinismos de diversas ordens. Essa defesa é o que caracteriza a interpretação, de forma essencial, de sua concepção de mundo, conforme rigorosidade filológica.

É por isso que, para Gramsci, e ao buscar estudar sua obra, não é possível conceber o sentido da tradutibilidade negligenciando o valor acumulado pelos estudos filológicos no entorno do seu legado. Tal valor carrega a marca do conceito de tradução, assumida pelo próprio teórico como característica essencial à manifestação prático-política de uma concepção de mundo sobre expressões culturais diversificadas.

O valor da filologia, portanto, está relacionado à possibilidade de tornar acessível uma determinada filosofia ou concepção de mundo. Tal acessibilidade não deve estar desassociada do imperativo da tradutibilidade, da importância de conferir caráter real a tal filosofia. Essa relação entre filologia e tradutibilidade, tradução e manifestação prático-política de uma filosofia, diacronismo e sincronismo, carrega a própria relação dialética estabelecida entre teoria e prática, entre a orientação teórica do reconhecimento de uma concepção de mundo

e a orientação prática do estabelecimento de uma norma de conduta sobre tal concepção, papel concebido ao novo intelectual, objeto nevrálgico dos estudos de Gramsci, na condição de especialista e político.

A filologia, completo exercício de tradução e interpretação entre linguagens ou expressões culturais, que possibilita a cada sujeito o contato com o acervo de conhecimentos produzidos pela humanidade ao longo de sua existência, notado como patrimônio histórico do gênero humano, do ponto de vista da ótica gramsciana, é prerrogativa ao agir sobre a realidade. Não por acaso, Gramsci, assumindo a filologia como área de especialização, durante sua passagem pela Universidade de Turim, dela extraiu valor importantíssimo.

A criteriosidade com a impossibilidade, nítida em seus textos do cárcere, de acessar os títulos originais, a partir de comentários como os observados na “Advertência” que introduz o CC 11 (Gramsci, 1975, p. 1365), é exemplo claro de como o cuidado com a interpretação, bem como da exposição de seus próprios critérios interpretativos, teve grande valia em seus estudos.

Gramsci associou ao valor filológico da interpretação e tradução, fora ou dentro do cárcere, a finalidade prática do conceito de tradutibilidade, mobilizando como, do ponto de vista do proletariado, sua interpretação e tradução do real disporem de valor prático (Boothman, 2017a, 2017b). Exercitou-as mesmo no cárcere, tomando o cuidado com um leitor que, dadas as condições da reclusão fascista a que fora submetido, sequer poderia imaginar alcançar, algum dia, o sentido da relação entre teoria e prática, entre a interpretação filosófica e a transformação do real.

Portanto, o cuidado filológico de Gramsci parecia apostar numa possível finalidade aos seus escritos carcerários (Baratta, 2004; Lacorte, 2017), ao remeter para como uma nova concepção de mundo poderia ser gestada, em orientação contrária à hegemonia burguesa, do ponto de vista de sucessivas investidas históricas para a

compreensão do tempo presente, de aperfeiçoamentos e introduções de categorias analíticas diversas e de diálogos, respostas e críticas ao pensamento de muitos pensadores e correntes filosóficas.

Significa dizer que a própria filologia exercitada por Gramsci no cárcere se associa à noção de tradutibilidade também por ele explorada (Gramsci, 1975). Certamente, o uso de seu legado, em sucessivos momentos desde o percurso inicial do processo de organização e editoração de seus escritos, atesta essa imprescindível relação entre tradutibilidade e filologia própria dos escritos carcerários (Frosini, 2003b, 2019; Cospito, 2017; Liguori, 2022a, 2022b).

Não somente nesses escritos, entretanto, observam-se cuidadosas aproximações entre tradutibilidade e filologia (Coutinho, 2004a, 2019; Baldacci, 2017). Essa relação pode ser observada também naqueles de juventude, atribuídos aos muitos veículos de imprensa operária com os quais Gramsci esteve envolvido (Rapone, 2014). É seguro dizer, inclusive, que os textos de juventude, ou jornalísticos, expressam com maior exatidão o valor dessa relação, haja vista o grau de imediaticidade e emergência neles contido, que os difere da escrita isolada, reflexiva e tanto mais prolongada dos textos carcerários.

Os escritos jornalísticos não deixam de carregar, por esse motivo, o próprio intuito de Gramsci de traduzir uma concepção de mundo para os que nele acreditavam, bem como simpatizavam com os veículos de imprensa em que ele atuava. Esse anseio é representativo do caráter educativo de seus textos, do intuito da tradução e interpretação de linguagens políticas e econômicas, bem como de expressões culturais, por exemplo, de outras realidades nacionais aos grupos sociais subalternos italianos. Não somente representa o caráter educativo, mas também o incentivo à mobilização, especialmente política, desses grupos sociais.

Portanto, são escritos que representam uma reforma intelectual, a partir do processo de aproximação aos mais diversos conhecimentos de uma concepção de mundo, bem como moral, com base na sensibilização do uso desses conhecimentos em benefício de uma própria experiência cultural. Vê-se, outra vez, explícito o sentido da filologia e da tradutibilidade, respectivamente no intuito de interpretação e tradução de uma filosofia e do intuito prático-político desta em benefício de um determinado grupo social.

Seus intérpretes, por vezes também dedicados ao diálogo de suas ideias com os mais diversos objetos e fenômenos da realidade, vêm compreendendo, não mais induzidos pelo extremo prático-político ou pelo extremo interpretativo, o uso dessa relação a partir da combinação de duas características, respectivamente relacionadas à tradutibilidade e filologia, o sincronismo e o diacronismo. No duplo esforço assumido por Gramsci quando da elaboração de sua concepção de mundo para a leitura da realidade em que se encontrava, está contida a expressividade de ambas as características, sincronismo e diacronismo. Estudadas adiante, no uso e interpretação de estudiosos do pensamento de Gramsci para pensar a educação e, especialmente, a educação de trabalhadores, essas características podem, antes, ser associadas ao próprio esforço de Gramsci na conciliação de uma forma de interpretar, com base em investidas históricas, o *modus operandi* do projeto burguês de sociabilidade, e identificar neste uma inserção sobre diversas expressões culturais.

Identificar a engenharia assumida pela burguesia para a garantia de uma reconversão hegemônica, compreendendo uma dupla investida sobre interpretação e uso de sua concepção de mundo, é parte do que motivou Gramsci a elaborar, do ponto de vista de uma concepção de mundo em benefício das classes trabalhadoras, uma hegemonia própria, também cuidando do uso e interpretação. Noutras palavras, em seu cuidado para com a difusão da hegemonia dos grupos sociais subalternos, estão impressos elementos de

tradutibilidade e filologia, da absorção, pela realidade italiana, de experiências revolucionárias estrangeiras, mas também do cuidado a ser tomado nesse processo.

Observa-se, em Gramsci, o cuidado das características sincronismo e diacronismo para a leitura e prática do processo revolucionário italiano. Tal leitura e prática da realidade, enquanto pressupostos metodológicos, são também apropriadas pelos intérpretes de sua obra. No compasso dos estudos que, particularmente, defendem a importância da combinação de ambas as características, a presente obra usa e interpreta a concepção de mundo de Gramsci para pensar o conceito de educação de trabalhadores nos escritos jornalísticos.

1.3 Tradutibilidade e filologia para pensar a educação de trabalhadores em Gramsci

O tema da educação em Gramsci segue o curso do aprofundamento filológico e de tradutibilidade movido pelos intelectuais estudiosos de seu pensamento. O curso filológico do tema em questão, na obra de Gramsci, tem encontrado respaldo no avanço dos estudos interpretativos do legado desse teórico, alcançando, nos dias atuais, importantes avanços (Baldacci, 2017). A tradutibilidade, por sua vez, acha-se diretamente articulada aos muitos usos desse legado para pensar sobre a condução dos sistemas educacionais, no âmbito da implementação de políticas, da delimitação de concepções e condução de ações práticas, em diversas realidades nacionais.

Para o estudo da educação e da educação de trabalhadores em Gramsci, optou-se pela revisão das sínteses de alguns de seus intérpretes. Nas décadas de 1960 e 1970, que carregam o impulso da virada filológica dos estudos de seu legado, são observadas algumas obras de compilação de textos de Gramsci, ou ainda combinadas,

envolvendo tanto elementos autorais quanto textos de Gramsci que procuraram analisar o tema da educação e que, em certa medida, não haviam ainda explorado o trabalho de filologia conduzido pela edição Gerratana. Apesar de essa edição ter sido finalizada em 1975, teve prévias de suas reflexões apresentadas em congressos e conferências desde o ano de 1966 (Gerratana, 1975c; Cospito, 2016; Coutinho, 2019).

São desse período, por exemplo, os importantes trabalhos de Giovanni Urbani, Mario Alighiero Manacorda e Angelo Broccoli, respectivamente publicados em 1967, 1972 e 1972 (Gramsci, 1974, 2020a; Broccoli, 1977). Assumindo formato semelhante, de compilação de textos carcerários e não carcerários de Gramsci, acrescida de pequenas reflexões autorais suscitadas pela definição de categorias do pensamento desse teórico, esses trabalhos possuem, enquanto referência comum, a produção temática editada por Felice Platone²⁴ e Palmiro Togliatti²⁵ entre os anos de 1947 e 1971, em que se produziram, respectivamente, o primeiro volume das *Lettere dal carcere (Lettere)* e o último volume dos *Scritti* que compuseram as *Opere di Antonio Gramsci (Opere)*, identificadas como a primeira iniciativa de publicação dos textos de Gramsci (Coutinho, 2004a; Henriques, 2005).

As obras carregam, do ponto de vista diacrônico, um limite. Há uma alusão de Manacorda, no prefácio original, a esse respeito: “Inevitavelmente, a escolha sistemática [dos textos] perde em grande parte (apesar de certos agrupamentos cronológicos dentro de capítulos individuais) o sentido da formação do pensamento pedagógico gramsciano” (Manacorda, 2020b, p. 14)²⁶. E disso resulta, em grande medida, um trabalho predominantemente temático,

²⁴ Felice Platone, nascido na comuna piemontesa Azzano d’Asti, em 1889, e falecido em Roma, no ano de 1955, foi um jornalista italiano que compartilhou, com Gramsci, espaços políticos e, em especial, de produção jornalística. Ao lado de Togliatti, é reconhecido, especialmente, pelo trabalho de editoração da primeira edição, temática, dos cadernos do cárcere de Gramsci (Bidussa; Giasi; Righi, 2011).

²⁵ Palmiro Togliatti, nascido e falecido, nos anos de 1893 e 1964 respectivamente, em Gênova, capital da Ligúria, e Yalta, na União Soviética, foi um importante intelectual italiano que ocupou espaços jornalísticos e políticos, muitas vezes ao lado de Gramsci, compartilhando algumas de suas ideias, durante considerável parte de sua vida (Bidussa; Giasi; Righi, 2011).

derivado das *Opere*, que buscaram sistematizar e agrupar em temas grande parte da produção gramsciana, com exceção das *Lettere*. Os temas podem ser contemplados nos próprios sumários das respectivas obras de Urbani, Manacorda e Broccoli.

Em Urbani, por exemplo, encontramos a questão da educação discernida nos temas “Hegemonia e pedagogia”, “Individualidade e personalidade”, “Industrialismo e formação humana”, “A questão dos jovens”, “A função dos intelectuais”, “Organização da escola e da cultura”, “Ciência e ensino da ciência” e “Experiência didática” (Urbani, 1974a, p. 5-11).

Manacorda, por vez alegando se diferenciar de Urbani na medida em que aproxima o tema da educação em Gramsci à tradição marxista, utiliza-se dos temas “Pedagogia e política”, “A estrutura educacional”, “O princípio educativo”, “Industrialismo e formação do homem” e “O ‘novo’ intelectualismo” para a elaboração de sua obra (Manacorda, 2020a, p. 5-7).

Broccoli, não muito distante de ambos, especificamente de Manacorda pela tentativa de associar Gramsci às ideias de Marx, parte dos temas “A origem do conceito de hegemonia e a educação do proletariado”, “A comunicação social como hegemonia”, “A educação como hegemonia” e “A história como consciência e como criação” (Broccoli, 1977, p. 317-319).

A opção pela escolha de temáticas, entretanto, não é indicativa de um trabalho unicamente sincrônico, tal como por vezes aparenta ser também aquele desenvolvido pela editora Einaudi, nas pessoas de Platone e Togliatti, com os *Quaderni del carcere (Quaderni)* e *Scritti* das *Opere*. As condições objetivas sobre as quais se dedicaram Urbani, Manacorda e Broccoli nas três obras mencionadas podem até ser indicativas disso, mas, à medida que o curso dos estudos filológicos avança, também os temas relacionados à educação em Gramsci passam a ser aprimorados.

²⁶ Todas as traduções, provindas de citações diretas de obras de língua estrangeira, são de autoria própria.

Desse esforço vale demarcar, por exemplo, uma segunda obra de Manacorda, originalmente publicada em 1970, que, de forma contrária àquela anteriormente apresentada (e estranhamente divulgada dois anos depois desta), tanto busca tematizar a obra de Gramsci no que diz respeito ao objeto educação quanto utiliza critérios filológicos que lhe possibilita, corrigindo a lacuna exposta no prefácio supracitado, apanhar o sentido da formação do pensamento deste teórico, ou seja, cuidar de questões diacrônicas para que o sincronismo não corra o risco de carecer de sentido (Manacorda, 1990).

Num período histórico em que o aprimoramento dos estudos filológicos se encontrava em curso, haja vista a não publicação, sequer, da edição Gerratana, Manacorda deixa evidente, em nota introdutória de sua obra, o desafio por ele assumido de “[...] colher passo a passo o pensamento de Gramsci em sua formação inicial e em sua definição sucessiva [...]” (Manacorda, 1990, p. 12). Assegura ao leitor que esse novo olhar para o legado de Gramsci, em busca de pistas para a demarcação de temas que pudessem expressar o sentido da educação, só foi possível a partir do constante diálogo com Gerratana e da adoção de suas orientações filológicas, como datações, abreviações, numerações, nomenclaturas e tipologias dos parágrafos e dos cadernos.

Manacorda deixa claro ainda como o sentido da pesquisa cronológica soava como alternativa inteligente, em virtude de as condições dos estudos sobre a obra de Gramsci, especialmente dedicados aos cadernos, encontrarem até então influência das pressões políticas sofridas pelos intelectuais que se ocuparam da tematização e organização da primeira edição dos escritos de Gramsci (Manacorda, 1990).

A obra em questão tem fundamental importância para os estudos do tema da educação em Gramsci, sobretudo porque, diferentemente das duas mencionadas anteriormente, o cuidado com o curso do desenvolvimento do pensamento de Gramsci é

visivelmente respeitado. Manacorda mostra como o trato filológico permitiria aos estudiosos do pensamento de Gramsci lançarem mão de uma autocrítica sobre o uso de categorias e temas refletidos por esse autor como fórmula pronta e acabada para responder aos problemas e contradições do tempo presente (Manacorda, 1990).

Com a questão da educação, a seu ver, ocorria o mesmo. A filologia muito corrigiria aproximações forçadas entre os escritos dedicados à organização da cultura, da formação dos intelectuais e da escola, por exemplo, e o tempo presente (Manacorda, 1990). Partindo para esse caminho, de acertar as contas com o curso do desenvolvimento do pensamento de Gramsci e, especificamente, dos elementos desse pensamento que permitem refletir sobre o tema da educação, Manacorda parece não se ater, verdadeiramente, à tradutibilidade, apesar de não deixar de utilizar uma característica importante para ela, o sincronismo, na medida em que genuinamente relaciona a progressão e o aparecimento de novos embates e novas reflexões no pensamento de Gramsci que o perseguem nos diversos momentos demarcados pela obra.

Parece carregar tanta simpatia pelo aprimoramento da obra de Gramsci marcada pela virada filológica que, como boa parte dos estudiosos do pensamento gramsciano no tempo histórico da década de 1970, não se atenta ao uso do legado gramsciano, e particularmente das sínteses suscitadas pelo grandioso trabalho de filologia observado em sua obra, para refletir sobre a educação de seu tempo (Buttigieg, 2019).

Essa reflexão permite supor que, apesar de cronologicamente discriminar os muitos temas que constituem as três partes de seu livro, respectivamente dedicadas aos escritos, às cartas e aos cadernos, apontando inclinações de Gramsci para a particularidade de determinados debates e, conseqüentemente, estabelecendo sincronias entre cada uma dessas partes, Manacorda deixa a desejar no uso do pensamento de Gramsci para pensar a realidade sobre a qual escreve.

Quando o exercício filológico não contempla a tradutibilidade, corre-se o risco de uma percepção de história desassociada da vontade dos sujeitos, da interpretação de uma concepção de mundo ausente de um correspondente prático-político. Corre-se o risco de tornar fórmula ou receita uma filosofia que existiu e, na falta da relação com o tempo presente, carece de sentido. De tal modo, Manacorda parece não ter apanhado o valor da filosofia da práxis para Gramsci, que recorre à articulação entre história e política justamente para não se esquivar dos devaneios mecanicistas atribuídos ao materialismo histórico-dialético por muitos intelectuais de seu tempo.

Baldacci apreende como o trabalho despendido por Manacorda se objetiva “[...] a valorizar os componentes ‘materialistas’ do pensamento do estudioso da Sardenha em uma perspectiva anti-idealista, [e] corre o risco de resvalar para o economicismo [...] [e] a negligenciar a filosofia da práxis” (Baldacci, 2017, p. 155). É desse ponto de vista que, na mesma intensidade em que os estudos sobre o legado de Gramsci começaram a se preocupar com os limites do extremo filológico, podem ser observadas novas investigações dedicadas aos temas da educação e educação de trabalhadores no entorno desse legado. Surgem novas investigações que associam o valor da interpretação da obra de Gramsci ao ímpeto do uso de suas contribuições para pensar os problemas e as contradições da realidade.

O avanço filológico da obra de Manacorda, sem dúvida, contribuiu para que novos estudos, dedicados ao pensamento educacional em Gramsci, viessem à tona. É curioso, entretanto, como somente muito após a década de 1970, quando a produção orientada ao estudo do tema da educação em Gramsci parece ganhar notabilidade, surgem novos estudos. A recuperação da atenção desse tema, somente na segunda década do novo século, está diretamente associada à dificuldade, especialmente nos campos dos estudos educacionais e pedagógicos, da utilização de uma

referência injustamente censurada pelo curso da política nacional e mundial durante, especialmente, as duas últimas décadas do século XX (Baldacci, 2017).

Os mais novos estudos, de formatos e propósitos variados, por vezes se valem do interesse filológico das obras precedentes e precursoras sobre o tema da educação em Gramsci. No entanto, como fica claro em pistas assumidas no curso das apresentações, introduções ou mesmo em capítulos dedicados, os seus autores ou organizadores assumem a tarefa comum de levantar questões da realidade contemporânea sobre as quais o trabalho filológico da obra de Gramsci, expresso ora nas compilações e seleções de novos e antigos textos, ora nas reflexões autorais desses intelectuais, pode influenciar.

Vale referenciar três recentes estudos, com propósitos e formatos diferentes, mas objetos semelhantes, para a ilustração desse movimento de articulação entre tradutibilidade e filologia. Por ordem cronológica, o trabalho de Massimo Baldacci, “Para além da subalternidade: práxis e educação em Gramsci”, publicado em 2017, o de Giuseppe Benedetti e Donatella Coccoli, “Gramsci para a escola: conhecer é viver”, em 2018, e o de Sergio Tramma, “Educar no mundo grande e terrível: escritos pedagógicos”, em 2022 (Baldacci, 2017; Benedetti; Coccoli, 2018; Tramma, 2022)²⁷.

O primeiro entre os estudos mencionados, de Baldacci, carrega o maior apreço pela questão da tradutibilidade:

[...] este volume tem um duplo objetivo. Por um lado, pretende avançar sobre uma nova leitura pedagógica do pensamento de Gramsci, partindo do pressuposto de que nele o problema pedagógico deve ser pensado em sua complexidade. [...] Por outro lado, não pretendemos nos limitar a um intento interpretativo, mas queremos também nos questionar sobre a problemática da utilização pedagógica do pensamento deste autor face aos nossos problemas socioeducativos atuais. De fato, limitar-se a ver Gramsci como um “clássico”, como um

²⁷ A tradução dos títulos de obras de língua estrangeira segue a mesma orientação das citações.

objeto cultural a ser confinado aos estudos exegéticos, significaria perder seu autêntico potencial prático e pedagógico. A questão não é apenas o que ele realmente disse, mas o que ele ainda pode nos dizer (Baldacci, 2017, p. 8).

Os objetivos enunciados, atrelados à investida de uma leitura complexa do pensamento de Gramsci e, especificamente, do que o autor cunha como problema pedagógico dos escritos de Gramsci, mencionam diretamente uma característica dos estudos que prezam a tradutibilidade, o sincronismo. Quando Baldacci pensa em avançar sobre a nova leitura pedagógica do pensamento de Gramsci, remete-se aos três principais difusores dessa leitura, Urbani, Manacorda e Broccoli, que, em comum, carregam a característica do sincronismo.

Ademais, cabe reconhecer como nos três principais difusores, a despeito do sincronismo, não se pode falar em tradutibilidade no sentido gramsciano, dadas as condições a que o legado de Gramsci fora submetido aos interesses político-partidários durante o primeiro processo editorial de sua obra. Existe, como visto, em cada um desses trabalhos, um apreço pela alocação temática, especificamente de temas que remetem à educação.

Tal apreço é significativo do ponto de vista sincrônico, mas carece de uma rigorosidade filológica, imprescindível para que o sentido de tradutibilidade, nos parâmetros do que pensa Gramsci, possa ser alcançado. A adesão desse rigor filológico, sem perder de vista a importância da tematização e, junto dela, da característica da sincronia, é o que significa o avanço, para Baldacci, da leitura pedagógica do pensamento de Gramsci.

A superação do intento interpretativo, observada na segunda sentença do excerto, expressa como o avanço da leitura pedagógica em Gramsci não pode deixar de exigir um acréscimo às investidas progressas (Baldacci, 2017). Fica claro como, para ele, essas investidas parecem ter pouco se questionado a respeito do uso do pensamento gramsciano para pensar a educação na contemporaneidade.

Na contramão das investidas progressas, Baldacci reclama por cuidados, do ponto de vista metodológico, que nos remetem à

associação da tradutibilidade à filologia, do uso à interpretação de uma concepção de mundo, do diacronismo enquanto característica orientada ao estudo da concepção à tradutibilidade, enquanto característica orientada ao fim prático-político dessa concepção.

A transposição de um desenvolvimento teórico para um contexto histórico diferente daquele em que nasceu impõe [...] uma série de cuidados metodológicos, no sentido de definir cuidadosamente os limites e as formas de tal utilização, que serão conduzidas durante o tratamento. Em qualquer caso, os nossos dois objetivos convergem na intenção geral de definir alguns problemas pedagógicos centrais da nossa época (Baldacci, 2017, p. 8).

Orientado pela ideia de que Gramsci, ao fazer uma leitura minuciosa da concepção de mundo dos grupos dominantes com base na interpretação de muitos de seus intelectuais expoentes, dedicou-se ao processo de organização das classes trabalhadoras italianas, especialmente a partir da luta e reivindicação de seus direitos, é que Baldacci busca encarar o sentido da interpretação de sua obra, especialmente no que tange ao tema da educação no entorno desta.

Não significa afirmar, nem a Gramsci ou alguns de seus intérpretes, como é o caso de Baldacci, que o exercício da tradutibilidade se faz refém do tempo histórico presente. Tal exercício, em verdade, presume o uso de interpretações modernas para a análise de um fenômeno, independente do seu tempo histórico. Eis o valor do sincronismo, da capacidade de conseguir articular diferentes conceitos atributivos de sentido a uma concepção de mundo determinada, uma vez atualizadas as formas de interpretação ou cuidados metodológicos, como observa Baldacci.

O mesmo horizonte interpretativo, diretamente relacionado com o tema da atualidade do pensamento de Gramsci, pode ser observado nas obras de Benedetti e Coccoli e Tramma. O prefácio da primeira delas, escrito por Marco Revelli, não deixa de registrar o valor de tradutibilidade a ele remetido. Remete à percepção do ponto crucial da elaboração de Gramsci para pensar o tema da educação como um dos grandes méritos de Benedetti e Coccoli, isto é, identificando como os autores localizam, a partir de Gramsci,

o tema da natureza humana ao lado do conceito de cultura e disso reivindicam o sentido da educação como processo de formação da natureza humana que perpassa pensamento e ação, autoconsciência e atividade:

Essas pouquíssimas alusões bastariam para compreender o altíssimo potencial antagonico - e, portanto, criativo - desse pensamento em relação à visão de mundo vigente, achatada num banal atomismo social (que vê os homens como seres competitivos e puntiformes, cada qual desprovido de histórias e relacionamentos, alheios e estranhos uns aos outros, conectados apenas pelo débil vínculo do mercado). E no que diz respeito à concepção dominante de cultura (aliás, agora apenas de patrimônio cultural) como um recurso mercantil que pode ser trocado numa lógica de vantagens competitivas [...] (Revelli, 2018, p. X).

É notável como o ponto forte do trabalho de Benedetti e Coccoli traz à tona elementos de tradutibilidade. Um claro exemplo disso é o cuidado da relação estabelecida entre a reflexão sobre a natureza humana e o conceito de cultura apreendida da concepção de mundo de Gramsci e a viabilidade do seu uso para confrontar e, nas palavras do prefácio, tornar-se potencial antagonico à concepção de mundo vigente.

Ainda que os autores não tomem o intuito da tradutibilidade, é possível notar o seu aparecimento nas diversas sínteses, baseadas em um trabalho filológico de fôlego, do pensamento de Gramsci a respeito do tema educacional. A natureza humana associada ao atomismo social, como também a concepção de cultura à mercadoria, são justificativas, para os autores, à tradutibilidade do pensamento educacional de Gramsci. Tais justificativas podem ser apreendidas de excertos como o seguinte:

[...] hoje, mais do que nunca, o ponto de vista de Gramsci é original e estimulante. Contra a confusão, a extemporaneidade e a indefinição das últimas propostas para a escola, [...] descobrir Gramsci significa encontrar um pensamento não cindido entre teoria e prática, poderosamente coerente e marcado por um profundo interesse pelo ser humano. Recuperar e devolver ao leitor as ideias de Gramsci sobre o conhecimento que é vida, sobre a história dos seres humanos que é

sempre progresso, sobre o saber que nunca é fácil, significa se opor à resignação e à ideia da impossibilidade de uma mudança (Benedetti; Coccoli, 2018, p. XVI).

Interessante como a articulação entre teoria e prática, entre o reconhecimento da concepção de mundo de Gramsci e a resignação à ideia de impossibilidade de mudança, representa a própria relação estabelecida e estudada por Gramsci entre filologia e tradutibilidade.

Enquanto Baldacci dedica um capítulo, intitulado “Repensar Gramsci, usar Gramsci” (Baldacci, 2017, p. 155), Benedetti e Coccoli dedicam toda a sua obra (Benedetti; Coccoli, 2018). Não significa dizer, entretanto, que, diferentemente das obras que se dedicaram ao estudo do tema da educação durante os anos que precederam a virada filológica, o sincronismo se desassocie do rigor filológico expresso, por exemplo, na particularidade cronológica da constituição desses capítulos, respaldada no atual estágio de avanço dos estudos interpretativos da obra gramsciana.

O que se observa é um adensamento do sincronismo, característica da tradutibilidade, consubstanciado pela herança do rigor filológico expressa nos mais recentes estudos sobre a obra de Gramsci e, por conseguinte, daqueles dedicados ao tema da educação. Para apreender esse adensamento, vale situar, com maior cuidado, a diferença existente entre ambas as obras apresentadas.

No caso de Baldacci, cujo sincronismo se restringe a um único capítulo, os temas investigados, “A filosofia da práxis”, “A educação como articulação da práxis”, “A dialética da educação”, “O Caderno 12: as notas sobre a escola e o princípio educativo” e “Os dois lados da pedagogia de Gramsci” (Baldacci, 2017, p. 156-235), correspondem às reflexões sobre educação, especificamente durante a produção carcerária de Gramsci, expostas do ponto de vista do cuidado filológico enunciado nas demais partes da obra.

O diferencial da obra quanto ao sincronismo, em relação àquela de Benedetti e Coccoli, está, inicialmente, na sólida justificativa de uma metodologia de estudo da obra de Gramsci, certamente correspondente aos traços investigativos adotados por esse mesmo

teórico, antes e durante o cárcere. Também esse diferencial em relação à segunda obra pode ser identificado no recorte, adotado pelo autor, do capítulo específico dedicado aos temas.

A opção pelo estudo do tema educação nos cadernos pode, à primeira vista, soar como fator limitador do sentido sincrônico representativo da tradutibilidade, no entanto, a sensatez da escolha resguarda Baldacci de incorrer no risco de um sincronismo desordenado. Sincronismo tal, semelhante àquele das primeiras obras sobre o pensamento educacional nos anos que precederam a virada filológica, que, como justifica um dos autores, não conseguiu acompanhar o desenvolvimento do pensamento de Gramsci.

Benedetti e Coccoli, a partir de outro caminho, utilizam-se de toda a obra para tratar da educação em Gramsci. Dentre os temas desenvolvidos, em que elementos de sincronismo podem ser observados, estão “O que é o ser humano”, “Conhecer é viver”, “Sentir, compreender, saber”, “Falar, escrever, criar”, “Comunicar, formar e informar”, “A escola”, “A escola desinteressada”, “A escola de Gramsci”, “Escola livre, pública e laica”, “Um anti-Gramsci na escola” e “A resistência de Gramsci” (Benedetti; Coccoli, 2018, p. VI-VIII).

Benedetti e Coccoli esclarecem, no texto introdutório da obra, o sentido da tradutibilidade exposto nos diversos temas elaborados, após evidenciarem que, durante um longo tempo, os estudos sobre a obra de Gramsci estiveram acorrentados à funcionalidade e à consecução de um objetivo estratégico:

Nos seus escritos [de Gramsci] encontramos um pensamento sólido, orgânico e coerente. Diante do imenso material, antes de mais nada, preocupamo-nos em respeitar o sentido de suas reflexões e deixamos que Gramsci falasse. Procurávamos pôr em prática um conceito-chave, a tradutibilidade das linguagens, e citávamos alguns dos seus textos, fazendo uso das suas palavras, sempre atuais e cheias de significado (Benedetti; Coccoli, 2018, p. XIV).

Curiosa a contraposição criada pelos autores entre uma interpretação com vistas à consecução de um objetivo estratégico e outra preocupada com a fidedignidade das reflexões sugeridas pelo autor da obra. Tal contraposição reafirma o limite da tradutibilidade das primeiras tentativas de interpretação da obra gramsciana, bem como o movimento de distanciamento a uma interpretação induzida adotado pelos mais recentes estudos dessa obra, inclusive os dedicados ao campo da educação.

A tradutibilidade, verificada na necessidade encontrada pelos autores de refletir sobre a atualidade de textos e conceitos de Gramsci, só pode advir do cuidado com a interpretação de seus escritos, do rigor filológico, também enunciado na introdução do livro:

Entrando nos detalhes do livro, o método adotado para essa redescoberta de Gramsci é assumido pelo próprio autor dos Cadernos, a “filologia vivente”, que aqui consiste na tradução, para os dias de hoje, de uma teoria elaborada há um século, bem como numa interação entre texto e intérpretes baseada no respeito aos escritos de Gramsci. Daí decorre tanto a referência sistemática aos textos gramscianos (ou a citação literal), quanto a retomada da mesma ideia a partir de diferentes pontos de vista em várias partes do livro. Relemos Gramsci segundo categorias contemporâneas, inerentes ao seu próprio pensamento (Benedetti; Coccoli, 2018, p. XV-XIV).

Somente o respeito aos escritos de Gramsci, associados à ideia de tradução e filologia vivente, viabiliza um sincronismo prudente, entendido pela citação como a retomada de uma mesma ideia em muitos momentos da obra, identificados pelos diversos agrupamentos de temas pensados pelos autores.

Em síntese, tradutibilidade, tanto do ponto de vista de Baldacci quanto de Benedetti e Coccoli, não parte do uso da concepção de mundo de Gramsci para pensar exclusivamente a atualidade, mas de uma visão atualizada do fenômeno educativo para a interpretação da concepção de mundo de Gramsci. Desse segundo movimento, pode emergir uma interação entre o modo como a atualidade incide sobre a visão de mundo de Gramsci e o seu contrário, como a visão incide sobre a atualidade.

Isso só é possível, no entanto, quando ferramentas metodológicas, como sincronia e diacronia, fazem-se presentes no duplo intuito de interpretação e uso de uma obra. Obviamente, a atualização e discriminação, cada vez mais minuciosas, de ferramentas metodológicas, fazem-se presentes. A presente obra aponta para uma atualização, do ponto de vista metodológico, das proposições apresentadas ao longo deste capítulo, como as de Baldacci, Benedetti e Coccoli e, adiante, de Tramma.

A obra organizada por Tramma, em formato de antologia, apesar de se distinguir de ambas as anteriores, também se preocupa com a questão da tradutibilidade (Gramsci, 2022b). Sua semelhança com a obra de Benedetti e Coccoli está no recorte, que, diferentemente de Baldacci, ocupa-se da retomada de textos de diferentes tipos de fontes e tempos de escrita para o exercício do sincronismo.

Tramma, com vistas ao exercício sincrônico que indicia a tradutibilidade de sua obra, trata dos temas “O começo”, “Estar (conscientemente) no mundo”, “Tempos modernos”, “O velho e o novo”, “O ambiente educativo”, “Sobre conhecer”, “Educar”, “A educação formal: escola”, “Nós e os outros”, “Intelectuais”, “Natureza - cultura” e “Ciência” (Tramma, 2022, p. 5-8). A obra é caracterizada pela compilação de textos jornalísticos e carcerários de Gramsci, agrupados em cada um desses temas. O ordenamento cronológico, importante herança filológica, é respeitado:

Antonio Gramsci, a mais de 130 anos do seu nascimento e a mais de 80 da sua morte, é/pode ainda ter uma presença significativa no atual panorama e debate político, cultural e pedagógico? A pergunta é retórica: pode-se afirmar, sem medo de contradições, que entre os protagonistas individuais e coletivos das primeiras décadas do século XX, Gramsci é um daqueles cujo legado ainda hoje constitui um patrimônio que estimula reflexões e fornece ferramentas refinadas para melhor compreender os tempos em que viveu, mas também para revelar muitas das dinâmicas, mais ou menos tortuosas ou lineares, dos tempos atuais (Tramma, 2022, p. 9).

Vale demarcar como a pergunta apresentada pelo autor nem sempre teve um sentido retórico. Sua constituição caminha

na mesma direção em que, da virada filológica, os estudos sobre a obra de Gramsci retomaram a importância da tradutibilidade. Não há, à primeira vista, no âmbito do sincronismo, percebido como característica da tradutibilidade, grande distinção entre, por exemplo, o primeiro trabalho de Manacorda ou o de Urbani e aquele recentemente organizado por Tramma (Gramsci, 1974, 2020a, 2022). Todos eles trabalharam com a seleção e o agrupamento de temas que podem suscitar, aos que buscam interpretar a obra de Gramsci, importantes sínteses. O que diferencia, essencialmente, a obra de Tramma das outras duas que lhe antecedem e possuem formato de antologia temática é a herança filológica, que influi diretamente sobre a seleção e o agrupamento temático (Gramsci, 1974, 2020a, 2022).

Tramma apresenta assim a ideia de antologia temática:

Então, qual o sentido de uma nova antologia dos seus escritos [de Gramsci], em particular daqueles cujo objetivo direto, ou indireto, é o ato de educar, quando outras antologias já foram publicadas no passado, algumas das quais consideradas verdadeiros marcos? Qualquer antologia pressupõe uma escolha dentro da produção de um ou mais autores, e tal escolha é significativamente afetada pelas motivações, intenções e visão de mundo do organizador, bem como pelas características dos destinatários para os quais foram concebidas [...]. E esta escolha também é influenciada pelo tempo histórico em que as antologias são elaboradas [...], neste sentido os tempos atuais, comparados com aqueles em que as antologias anteriores foram publicadas, apresentam mudanças econômicas, sociais, culturais, políticas e educativas radicalmente diversas. Tudo isso [...] envolve colocar na obra de Gramsci algumas questões, diferentes daquelas colocadas em anos anteriores, a fim de obter novos estímulos para melhor ler o tempo, neste caso, em que se insere esta antologia (Tramma, 2022, p. 10).

O sincronismo, claramente observado na obra de Tramma, é aliado ao diacronismo. Para além de a diferenciar das antologias que a antecederam, possibilita compreender como fenômenos da atualidade podem carecer de novos estímulos se defasadas as investidas interpretativas de concepções de mundo.

A mesma comparação pode ser feita entre os trabalhos de cunho autoral oriundos dos diferentes momentos constitutivos da história dos estudos da obra de Gramsci. A investigação de Broccoli, comparada àquelas desenvolvidas por Baldacci e Benedetti e Coccoli, apontam para a mesma direção, qual seja, ao acúmulo de reflexões, também tematizado, sobre a educação em Gramsci.

Broccoli tinha à disposição, todavia, textos esparsos, desprovidos de qualquer rigorosidade filológica, oriundos das edições temáticas da editora Einaudi, ainda em meados do século passado. Esse fato acarreta um risco aos intérpretes da obra de Gramsci que buscam, em suas sínteses, a elaboração de novas: o de não conseguir acompanhar a evolução do pensamento desse teórico, especialmente no que diz respeito a sua produção carcerária (Broccoli, 1977; Baldacci, 2017; Benedetti; Coccoli, 2018).

O mesmo acontece com os estudos que se dedicam ao tema da educação. Enquanto as obras de Urbani e Broccoli, e a segunda de Manacorda, orientam-se ao viés da tradutibilidade interessada, a primeira obra de Manacorda se prende ao viés unicamente filológico. As produções mais recentes, associadas ao curso do século XXI, herdaram não somente a percepção da importância da filologia para o estudo da obra de Gramsci, mas também o debate acerca dos problemas encontrados no movimento de sobreposição da interpretação ao uso dessa obra, da esterilização política que tem a ver com o abandono da tradutibilidade.

Logo, acompanham também o enaltecimento da retomada do lugar do uso do legado de Gramsci, ligada ao trabalho desempenhado por grande parte dos intelectuais comprometidos com a edificação dos institutos e dos organismos que seguem, ainda hoje, o objetivo da preservação, da pesquisa e da atualização do pensamento desse teórico. As obras de Baldacci, Benedetto e Coccoli e Tramma se relacionam com esse novo espaço aberto pelos estudos que buscam prestar contas do abandono da tradutibilidade durante a virada filológica.

Seguindo o fluxo dessas obras, que buscam atualizar o pensamento de Gramsci à luz do rigor filológico, tem se colocado também o estudo de Peter Mayo a respeito da educação de trabalhadores. Em obra intitulada “Gramsci, Freire e a educação de adultos: possibilidades para uma ação transformadora”, esse teórico buscou trabalhar com a previsibilidade da sincronia entre as ideias de Gramsci e de Paulo Freire²⁸.

Apesar desse objetivo central, o trabalho de Mayo se compromete, preliminarmente, em compreender a influência do pensamento de cada um desses intelectuais, de forma isolada, para pensar a educação de trabalhadores em nossos dias. Em capítulo específico dedicado ao pensamento de Gramsci, observam-se verdadeiros exercícios de tradutibilidade e filologia.

A tese defendida é a de que a concepção de mundo de Gramsci, gestada a partir de sua interpretação do processo histórico somada à reivindicação e conquista de direitos por parte das classes subalternas, joga luz sobre a “teoria da educação radical de adultos” (Mayo, 2004, p. 37)²⁹, especificamente sobre os três aspectos do processo pedagógico que a constituem, a saber: as “relações sociais, os lugares de prática e o conteúdo”³⁰.

Nos quatro temas dedicados à apresentação de experiências de Gramsci que favorecem reflexões acerca do tema em questão, “Guerra de posição”, “A democracia industrial e o novo Estado”, “Intelectuais” e “A classe operária industrial e os camponeses” (Mayo, 2004, p. 40-45), apesar de fazer referências aos diferentes tipos de textos de Gramsci, escritos em distintos momentos de sua vida e produção, Mayo cuida da justificativa de suas escolhas e da

²⁸ Nascido em Recife e falecido em São Paulo, respectivamente nos anos 1921 e 1997, Paulo Freire foi um educador e filósofo brasileiro, influente pelo método de alfabetização de adultos, por ele elaborado na intenção de não somente ensinar a leitura e escrita aos trabalhadores, mas também a conscientização de sua realidade social, bem como sua função política no entorno da transformação e da superação das relações de opressão movidas contra eles pelos grupos sociais dominantes (Beisiegel, 2010).

²⁹ “Teoria da educação radical de adultos” é uma concepção apanhada de Mayo, conforme indicação da referência. Doravante, para a facilitação da leitura, dispensa-se a utilização de aspas e citação para a referida concepção.

³⁰ “Relações sociais, lugares de prática e conteúdo” são termos apanhados de Mayo, conforme indicação da referência. Também aqui passa a ser dispensada nova utilização de aspas e citação para os referidos termos.

previsibilidade do entrecruzamento de conceitos e categorias da obra gramsciana.

É da apresentação prévia de experiências e conceitos de Gramsci que Mayo direciona o texto do capítulo para reflexões hodiernas, buscando compreender como a educação de trabalhadores pode ser vislumbrada do ponto de vista das relações sociais, dos lugares de prática e do conteúdo, identificadores da teoria da educação radical de adultos.

Antonio Gramsci via na educação e na formação cultural de adultos a chave para a criação da ação contra-hegemônica. Ele considerava essenciais esses processos para que os grupos sociais subordinados se engajassem com sucesso na “guerra de posição” necessária para desafiar o Estado burguês e transformá-lo em um Estado que representasse interesses mais amplos. É por essa razão que considero o seu trabalho da maior relevância para o desenvolvimento de uma teoria da educação radical de adultos. O desafio é, a partir dos *insights* de Gramsci, desenvolver uma estratégia de educação de adultos que contribuirá para transformar a sociedade em uma outra que represente os interesses de todos aqueles grupos de pessoas que, sob as atuais circunstâncias, ocupam uma posição subordinada na estrutura de poder (Mayo, 2004, p. 53).

Vale considerar, no entanto, que a obra de Mayo, que mais se aproxima da presente ao se dedicar ao estudo do tema educação de trabalhadores, apesar de deixar claros elementos para a compreensão da especificidade do tempo histórico da escrita, limita-se por não tomar um cuidado filológico de grande envergadura quando, muitas vezes, não cuida do uso de uma categoria de análise desenvolvida nos cadernos carcerários por Gramsci, como “guerra de posição” ou “bloco histórico” (Mayo, 2004, p. 110), em diálogo aberto com alguma passagem da redação da imprensa operária por Gramsci escrita ainda nos anos de juventude.

Para o estudo da obra de Gramsci, não há problema, certamente, no uso da característica do sincronismo, forte atributo dos estudos que se dedicam à tradutibilidade. O que não se deve, todavia, é esquecer de justificar tal característica à luz dos cuidados da filologia, por vezes também reclamados por Gramsci. Certamente, esse cuidado não teve grande espaço na obra de Mayo em função do seu objetivo maior, articulado à aproximação dos pensamentos de Gramsci e Freire.

Com base nos anseios de Mayo especificamente orientados à obra de Gramsci, vale expor o propósito investigativo da presente obra. Colocando-se à frente do mesmo desafio, ao pensar articulações entre a filosofia de Gramsci e o tema da educação de trabalhadores, e assumindo como referência os recentes estudos que têm buscado superar a expressividade do viés unicamente filológico para o estudo da obra desse teórico, o propósito em questão também busca contribuir para o desenvolvimento de uma concepção de educação de trabalhadores condizente com um projeto de sociabilidade cuja representação do direito de cada sujeito independe da posição social ocupada pelo seu grupo social na estrutura de poder.

A atualidade do pensamento de Gramsci para a educação de trabalhadores se apresenta nos dias de hoje subsidiando elementos de tradutibilidade ao seu legado, exatamente porque, na altura do século XXI, ainda não se encontram ultrapassadas as contradições manifestas pela relação capital-trabalho de seu tempo, representativas do esforço medido pela burguesia para a contenção do processo de crise de hegemonia que caracteriza a transição entre os séculos XIX e XX.

Pelo contrário, tais contradições assumem constantemente novos formatos a fim de manter os interesses dos grupos sociais dominantes, representativos daqueles que detêm os meios de produção, acima dos interesses dos grupos sociais subalternos, associados aos que, a duros custos, detêm ainda qualquer resquício de força de trabalho (Marx, 2008b).

O ataque à educação de trabalhadores toma forma de estratégia de atualização das relações de contradição entre ambos os grupos, na medida em que interessa aos detentores dos meios de produção o não compartilhamento do conhecimento, também meio de produção, aos que consigo guardam, impedidos de refletir, as angústias de uma liberdade negada, contida pela desigualdade de acesso ao saber e ao usufruto de seus próprios direitos, aos que sequer se deparam com o dilema da diferença entre o promulgado e o real, entre a teoria e a prática, entre a interpretação e a condução de ações sobre a realidade.

Gramsci logo percebeu, no curso de sua formação, o dilema apresentado. Percebeu porque, diferentemente dos que o sentem, não teve negada a sua liberdade, a despeito de todas as dificuldades, especialmente financeiras, encontradas pela família para a manutenção de condições mínimas aos seus estudos (Fiori, 1979; Rapone, 2014). A partir da interpretação do real, conseguiu estimular respostas às dúvidas por muito abandonadas ao inconsciente coletivo de famílias e grupos de trabalhadores das províncias italianas, em especial de sua terra natal.

Não demorou para que Gramsci também começasse a se sensibilizar quanto ao dilema apresentado, a tomar partido sobre a negação dos direitos às classes trabalhadoras, em especial do direito de conhecer. É importante sempre destacar, para Gramsci, o valor do conhecimento enquanto prerrogativa para a articulação e manifestação de ações, porque dessa forma é que pode ser entendida a sua própria trajetória familiar, acadêmica, jornalística, política e intelectual. O direito de conhecer o estimulou em todos esses âmbitos, incitando-o, da própria dialética existente entre teoria e prática representativa de sua história de vida, a buscar estratégias para o seu exercício, especialmente em benefício daqueles marcados pela liberdade negada.

É nesse sentido que o tema da educação de trabalhadores pode ser investigado no entorno de seu legado. O cuidado com o estímulo ao exercício do conhecimento, guiado não somente pelas referências que influenciaram o seu pensamento, mas também pela sua trajetória, pode ser percebido em muitas ações relacionadas aos diferentes âmbitos representativos de sua vida.

O período pré-carcerário, em que Gramsci esteve envolvido com sua formação acadêmica, jornalística e política, carrega o impulso maior dessas manifestações. Com isso, não há negligência sobre, especialmente, a formação intelectual, e mesmo política e acadêmica, vivenciada por Gramsci nos anos do cárcere com as experiências da escola para presos políticos organizada em Ústica, no fim de 1926, das discussões coletivas na prisão, durante o mês de junho de 1928 em Regina Coeli aguardando definição do local de reclusão, e também das conversas políticas do ciclo orgânico de discussões iniciadas em Turim com os colegas de reclusão entre novembro e dezembro de 1930, retomadas ocasionalmente até 1932 (Urbani, 1974b).

Para evitar, sobretudo, correr o risco de um sincronismo extremado, a presente obra presume tratar-se de um bom ponto de partida, para os estudos que se dedicam ao tema da educação de trabalhadores na obra de Gramsci, o cuidado especial com a particularidade do recorte histórico. E por isso se justifica a escolha dos escritos jornalísticos, ao lado de cartas e reflexões, contidas em obras biográficas e depoimentos de personagens que conviveram com Gramsci, também relativas a esse momento histórico.

É possível destacar que há sim uma forte experiência, relacionada ao campo jornalístico, com a formação de trabalhadores, especialmente entre os anos de 1916 e 1917, manifesta pela vontade de exercitar, nos leitores de suas crônicas, publicadas na seção turinense do *Avanti!*, o contato com a teoria para o trato de temas do dia a dia (Fiori, 1979).

Reduzir o esforço de Gramsci em prol da educação de trabalhadores à função jornalística por ele ocupada nos veículos de imprensa operária é o mesmo que negligenciar as reflexões que antecederam o exercício jornalístico, que já continham elementos de denúncia às injustiças sociais por ele presenciadas. Reflexões que certamente inspiraram sua participação nas conferências culturais dos círculos de trabalhadores em Turim no ano de 1916, outra experiência acadêmica e política não necessariamente relacionada ao jornalismo.

Algumas experiências, apesar de não terem sido exitosas, merecem ser destacadas pela fundamentalidade política, intelectual e acadêmica de Gramsci. Exemplo é a criação de uma associação de cultura socialista e do Clube de Vida Moral, após pressão do levante revolucionário bolchevique de 1917 aos partidos socialistas europeus, da Escola de Propaganda Socialista por *L'Ordine* em 1919, do Instituto de Cultura Proletária em 1921, do curso por correspondência para organizadores e divulgadores dos partidos, promovido quinzenalmente por *L'Ordine* em 1924, e da Escola do Partido por correspondência em 1925 (Urbani, 1974b; Fiori, 1979; Mayo, 2004; Rapone, 2014; Benedetti; Coccoli, 2018).

É possível, com isso, afirmar que todas essas experiências estiveram diretamente relacionadas à atividade jornalística de Gramsci, uma vez que o relato de todas elas chega aos trabalhos editoriais do presente século por meio do registro, em diferentes periódicos e revistas em que escrevia, dos acontecimentos cotidianos. Registro que também cumpria o papel de mobilizar, de construir um núcleo de interessados em participar dos organismos de incentivo à cultura e fazer repercutir, com base no compartilhamento de experiências exitosas ou fracassadas, o trabalho político, intelectual e acadêmico desses mesmos organismos. O jornalismo, para Gramsci, é carregado também de trabalho político, intelectual e acadêmico, portanto, toda a sua produção, desde *Il Grido e Avanti!* em 1914 até *L'Ordine* em 1924, sempre esteve articulada aos objetivos por ele impostos a cada uma dessas frentes.

Todas as suas experiências, algumas mais exitosas que outras, cumprem o papel de mostrar como Gramsci se preocupava com a educação de trabalhadores. Apostava na educação como um processo de tomada crítica da consciência pelos grupos sociais subalternos, por meio do qual poderiam ser ultrapassados os valores prefixados que tanto os oprimiam, impossibilitando-os de reivindicar os seus direitos e interesses.

Viveu esse processo e encarou o dilema de também tornar possível que todos reconhecessem o valor do conhecimento, que ele aprendeu desde muito cedo, bem como a força embutida na apropriação e confiscação desses valores por parte daqueles que ambicionam posições subordinantes na estrutura de poder. Deparou-se com muitos desses sujeitos e, por isso, combateu duramente as posições deterministas, mecanicistas, reformistas e fatalistas provindas de seus discursos. A denúncia de Gramsci contra esse tipo de discurso sempre remeteu à afirmação de valores humanos contra a doutrinação intelectual, à defesa da ação contra a passividade, do historicismo contra o naturalismo e assim por diante (Mayo, 2004; Rapone, 2014).

1.4 Sínteses

O movimento traçado pelo capítulo é iniciado por uma investida biográfica e finalizado pela apresentação sobre como, do ponto de vista da tradutibilidade e da filologia como amparo metodológico, e não obstante suas características de sincronismo e diacronismo, estudiosos do pensamento de Gramsci têm investigado os temas educação e educação de trabalhadores.

A biografia, orientada aos anos de juventude de Gramsci, carrega a importância de apresentar as determinações de um tempo histórico, bem como a interpretação daquele que escreve. Toda interpretação para a elaboração e exposição de um texto, independentemente de seu formato, tem um fim, uma utilidade prático-política. A capacidade de aproximar as ideias, ou a concepção

de mundo, de um texto à realidade daquele que o aprecia é critério de tradutibilidade, enquanto as ferramentas e os cuidados utilizados nesse processo são critérios de filologia.

A interpretação de quem escreve sobre a vida e as ideias de Gramsci, por detrás da investida biográfica, ampara-se na noção de superação. Superação de uma série de imposições e determinismos destinados, pelo modo de organização da vida e gerenciamento das forças produtivas, próprios da racionalidade burguesa, às classes trabalhadoras. Gramsci se viu refém, reiteradas vezes, dessa racionalidade, todavia contestou a sua finalidade, a partir do zelo interpretativo de suas mais particulares e minuciosas nuances, características e ferramentas.

Com isso, todavia, não deixou de se amparar em imposições e determinismos, mas se absteve daqueles próprios do projeto burguês de sociabilidade, pautado na desigualdade estrutural resultante da expropriação da força de trabalho de muitos em benefício de poucos. Em seu lugar, tornou-se refém de novas imposições e determinismos, associados a uma nova forma de racionalização na produção dos meios e organização da vida.

Tal modo de interpretar a vida e a concepção de mundo de Gramsci, expresso na biografia que inaugura o Capítulo 1 desta obra, guarda relação com os tópicos e subtópicos dos próximos dois capítulos, quando, para a análise do tema da educação de trabalhadores nos escritos jornalísticos, encaminha a apresentação de algumas experiências formativas protagonizadas por Gramsci, sempre ao lado de uma adjetivação antagônica à racionalidade burguesa.

Por ora, vale compreender que a biografia também carrega a importância de apresentar como Gramsci, no modo de se posicionar contrário a essa racionalidade, associa interpretação e uso para a conformação de uma alternativa. É dessa associação entre interpretação e uso, também aproximada de teoria e prática, que os temas tradutibilidade e filologia podem ser investigados e tomados como amparo teórico-metodológico para novas investigações.

O subsídio possibilitado pela biografia, que introduz ao leitor o modo como Gramsci, também estudioso de temas relacionados aos campos da linguística e da filosofia, inicia a sua carreira política, é o ponto de partida assumido pela obra para o estudo dos temas tradutibilidade e filologia e, conseqüentemente, para a sua investigação no entorno do legado gramsciano, para o estudo de temas específicos.

A ideia defendida, no fim deste tópico, que ampara a introdução do próximo, é a de que a justaposição entre tradutibilidade e filologia e, especificamente, suas características de sincronismo e diacronismo tornam-se amparo teórico-metodológico aos estudos que buscam interpretar e, ao mesmo tempo, afirmar concepções de mundo.

O último tópico possibilita identificar algumas lacunas, do ponto de vista do sincronismo, que apontam para a inexistência de qualquer interpretação da concepção de mundo de Gramsci associada ao tema da educação de trabalhadores nos escritos jornalísticos.

De igual forma, evidencia como o cuidado com a característica do diacronismo, a partir do avanço filológico dos estudos gramscianos, somente na última década tem alcançado um lugar ao lado da característica do sincronismo. Dentre os estudos apreciados no movimento de revisão bibliográfica que caracteriza este tópico, alguns se justificam do ponto de vista da tradutibilidade extremada, outros do excesso filológico, e os mais recentes, da tentativa de combinação da tradutibilidade à filologia.

O campo da combinação entre tradutibilidade e filologia enquanto ferramenta metodológica é atual, como os estudos relacionados aos temas educação e educação de trabalhadores transparecem. Por assim ser, a forma de estabelecer coerência entre interpretação e uso da concepção de mundo de Gramsci, para pensar fenômenos e objetos diversos, encontra-se em fase inicial de desenvolvimento, tão logo sujeita a limites.

Capítulo 2

**Da alternativa possível
à alternativa revelada:
a educação de trabalhadores
na afirmação de um projeto
revolucionário**

Da alternativa possível à alternativa revelada: a educação de trabalhadores na afirmação de um projeto revolucionário

Este capítulo tem o objetivo de compreender, do ponto de vista da tradutibilidade e da filologia, o tema da educação de trabalhadores nos escritos jornalísticos de Gramsci localizados entre 1914 e fevereiro de 1919. Divide-se para tanto em dois tópicos, que acompanham diacronicamente o desenvolvimento desse tema ao longo dos primeiros anos de escrita jornalística que anteciparam a sua prisão. O sincronismo, segura ferramenta de tradutibilidade, não é perdido de vista, mas incentivado a partir do estabelecimento de conexões entre ambos os períodos investigados, bem como da utilização de fontes externas, como estudos biográficos e depoimentos de personagens que conviveram com Gramsci.

O esforço, no entorno da tradutibilidade e filologia do pensamento de Gramsci, da justa medida entre sincronismo e diacronismo, ao longo desses dois primeiros instantes que caracterizam a sua produção jornalística, pode ser observado nas suas iniciativas de educação de trabalhadores. O capítulo objetiva, dentro dessa investida, ponderar sobre o deslocamento de suas ideias no curso histórico da realidade nacional italiana.

Dispostos no Quadro 1, abaixo, estão os escritos jornalísticos selecionados para a apresentação desse movimento, entre a alternativa possível e a alternativa revelada, viabilizado pelas experiências de Gramsci com a educação de trabalhadores.

Quadro 1 - Escritos jornalísticos, de 1914 a fevereiro de 1919, selecionados para estudo de tradutibilidade e filologia do pensamento de Gramsci sobre educação de trabalhadores

TÍTULO³¹	LOCAL DE PUBLICAÇÃO³²	REFERÊNCIA DE PESQUISA
A luz que se apagou.	<i>Il Grido</i> , 20 nov. 1915.	Gramsci (2022a).
Os jornais e os operários.	<i>Avanti!</i> turinense, 22 dez. 1916.	Gramsci (1976).
Homens ou máquinas.	<i>Avanti!</i> turinense, 24 dez. 1916.	Gramsci (2021).
A Universidade Popular.	<i>Avanti!</i> turinense, 29 dez. 1916.	Gramsci (2022a).
Sobre a exposição ao círculo de artistas.	<i>Avanti!</i> turinense, 4 jan. 1917.	Gramsci (1980).
Pela liberdade da escola e pela liberdade de ser burro.	<i>Avanti!</i> turinense, 13 abr. 1917.	Gramsci (1982).
O privilégio da ignorância.	<i>Avanti!</i> turinense, 13 out. 1917.	Gramsci (2004a).
Para uma associação de cultura.	<i>Avanti!</i> turinense, 18 dez. 1917.	Gramsci (1976).
Presidente do “soviet” dos estudantes.	<i>Avanti!</i> turinense, 29 dez. 1917.	Gramsci (1982).
A família.	<i>Il Grido</i> , 9 fev. 1918.	Gramsci (2004a).
A cultura no movimento socialista.	<i>Il Grido</i> , 1 jun. 1918.	Gramsci (1984).
Para conhecer a Revolução Russa.	<i>Il Grido</i> , 22 jun. 1918.	Gramsci (2004a).
Utopia.	<i>Avanti!</i> turinense, 25 jul. 1918.	Gramsci (2004a).
O Estado contra a cultura.	<i>Il Grido</i> , 14 ago. 1918.	Gramsci (1984).
A escola livre.	<i>Il Grido</i> , 15 ago. 1918.	Gramsci (1984).
Primeiro livros.	<i>Il Grido</i> , 31 ago. 1918.	Gramsci (2021).

Fonte: Elaboração do autor, jun. 2023.

³¹ Optou-se, para os escritos jornalísticos, pela manutenção ou pela tradução dos títulos em idioma português. A manutenção sugere a utilização das traduções realizadas pelas referências de pesquisa em língua portuguesa. A tradução, por vez, foi realizada a partir das referências de pesquisa em língua italiana.

³² Optou-se pela abreviação dos nomes dos jornais e revistas mencionados nesta obra.

1914 a novembro de 1917: universidade, círculos de trabalhadores e redação em *Il Grido* e *Avanti!* turinense

Figura 1 - Charge de *L'Ordine* de 31 de março de 1922, com o título “Alimentem seus jornais”, em diálogo com as classes trabalhadoras pela manutenção de seus veículos de comunicação de comunicação



Fonte: Acervo da pesquisa, jun. 2023.

Este tópico tem por objetivo apresentar a concepção de mundo de Gramsci, a partir do tema da educação de trabalhadores, no período redacional dos escritos jornalísticos caracterizados pelos anos universitários, pelos círculos de trabalhadores e pelo início da redação em *Il Grido* e *Avanti!* turinense.

2.1 Idealismo croceano e o antiprovincianismo

O primeiro contato de Gramsci com o trabalho redacional da imprensa operária turinense é marcado por um instante de clara influência, ao seu pensamento, de correntes teóricas e filosóficas avessas ao marxismo popularizado naquela época (Fiori, 1979; Mayo, 2004; Rapone, 2014). A vocação para a linguística, especificamente em glotologia, e para história italiana, despertada nos difíceis anos universitários desde sua chegada à capital piemontesa, suscitava-lhe a importância do estabelecimento de nexos entre a língua, a sociedade e a cultura, bem como orientava a sua concepção de mundo a um sentido historicista contrário a toda forma de naturalismo, mecanicismo ou fatalismo reformista.

Gramsci rejeitava as visões a respeito de mudança social provindas da Segunda Internacional, em boa parte remetidas ao determinismo economicista e ao evolucionismo, que davam margem para os sindicalistas operários e socialistas italianos assumirem posições reformistas em suas reivindicações aos direitos dessas classes, na contramão de um processo revolucionário que favorecesse o protagonismo das classes subalternas (Mayo, 2004; Rapone, 2014; Losurdo, 2020).

A negligência ao protagonismo político das classes subalternas, que guarda relação direta com a importância atribuída por Gramsci à questão da linguagem e da cultura, indicia como a sua preocupação com a tomada de consciência crítica se intensificaria por parte de cada sujeito. Em seus primeiros anos como redator na imprensa operária, e também nesse lugar de prática como educador de trabalhadores, a atração de Gramsci pelo trabalho intelectual de Croce demonstra a sua opção pela afirmação de valores humanos diante do sentido de passividade transmitido pelo pragmatismo neopositivista e adotado pelas teorias mecanicistas e deterministas da Segunda Internacional (Mayo, 2004; Losurdo, 2020).

A leitura da realidade a partir da ótica do idealismo croceano, associada ao sentimento de rebelião contra o provincianismo, possibilitou-lhe não se iludir com o marxismo encontrado na Itália a seu tempo. Sua filiação ao PSI, em 1913, carrega esse sentimento de rebelião e, se leva consigo os ensinamentos de Croce, é justamente por não encontrar nas discussões do partido respostas para contrapor, na política nacional do socialismo, ao apoio seletivo às diferentes regiões nacionais (Rapone, 2014).

Nos primeiros exercícios redatoriais de *Il Grido* e do *Avanti!* turinense, é possível identificar com clareza a sua opção pelo protagonismo. Angustiava-o o modo como a educação formal, bem como a arte e a literatura, ignorava a subjetividade e, com isso, subsidiava a política da passividade. Suas críticas às peças teatrais invadidas pela razão formal e ausência da criatividade, sobre as quais começava a opinar em seção particular dedicada à cultura, são exemplos do trabalho de educação por ele exercido desde os fins de 1915.

Do texto publicado em 20 de novembro de 1915 em *Il Grido*, intitulado “A luz que se apagou”³³ e assinado por Alfa Gamma (conhecido pseudônimo de Gramsci), é possível apanhar traços das denúncias feitas por Gramsci ao determinismo e ao enclausuramento da subjetividade reproduzidos pelas escolas e instituições formais de cultura.

O texto, em formato de homenagem póstuma ao crítico literário Renato Serra³⁴, falecido em julho do mesmo ano, permite compreender como o pensamento de Gramsci admitia uma concepção de educação que priorizava o valor das experiências culturais e o caminho percorrido pelo aprendiz ao lado do mestre para o alcance de uma consciência crítica (Gramsci, 2022a). Inicia-se com a seguinte anedota:

³³ Assinado por Alfa Gamma e originalmente publicado em *Il Grido*, número 591, em 20 de novembro de 1915 (Gramsci, 2022a, p. 207-211).

³⁴ Nascido na comuna de Cesena, região da Emilia-Romanha, e morto na comuna de Podorga (atual Gorizia), região de Friul-Venezia Júlia, em 1915, Renato Serra foi um ilustre professor e crítico literário italiano (Guida; Rigui, 2019).

Recordo um pobre rapaz que não pôde frequentar os cultos bancos das escolas de sua cidade por ser doente e se preparou sozinho para o exame, ai de mim que modesto, de liberação de uma obrigação moral. Mas quando, insignificante, se apresentou ao mestre, ao representante da ciência oficial, para lhe perguntar o pedido sublinhado, para impressionar, na mais bela caligrafia; aquele, olhando através de seus óculos científicos, perguntou carrancudo: “Sim, está bem, mas acredita que seja assim fácil o exame? Conheces, por exemplo, os 84 artigos da Constituição?” E o pobre rapaz, esmagado por aquela pergunta, se pôs a tremer, chorando desconsoladamente voltou para a casa e naquele momento não quis fazer o exame (Gramsci, 2022a, p. 207).

Dessa anedota Gramsci traça, com o leitor de *Il Grido*, uma reflexão sobre o sentido de ser mestre, professor ou ainda guia intelectual daqueles que precisam ser iniciados nos estudos. Utiliza-se da figura de Serra, como também de Francesco De Sanctis³⁵, crítico literário, intelectual e escritor napolitano pelo qual tinha nesse instante grande estima, para se contrapor ao sentido doutrinário, comum à escolarização formal italiana do período da escrita, do processo educativo (Gramsci, 2022a).

Para Gramsci, “O intelecto havia matado o sentimento, a reflexão cuidadosa tinha estrangulado o ímpeto da fé” (Gramsci, 2022a, p. 208), o que impossibilitava até ao menos incoerente sentimento ou fé ser educado e tornado intelecto ou reflexão cuidadosa. O exercício assumido pela suposição de Gramsci a respeito da possível atitude tomada por Serra ou De Sanctis, considerados mestres no sentido grego (mistagogos)³⁶, em lugar daquela do mestre da anedota, indica a sua própria conduta nos diferentes lugares de prática em que se envolveu com a educação de trabalhadores.

³⁵ Francesco De Sanctis, nascido em Morra Irpina (atual Morra De Sanctis) em 1817 e morto em Nápoles em 1883, foi crítico literário, intelectual, escritor, historiador, filósofo e político italiano (De Sântis, [20--?]).

³⁶ O termo mistagogo se refere ao sacerdote que, nos ritos religiosos da Grécia antiga, oferecia instrução preliminar aos iniciados (Mistagogo, [20--?]). Tal figura, em “A luz que se apagou” (Gramsci, 2022a, 207-211), é tomada por Gramsci como adjetivo a Serra e De Sanctis. Para Gramsci, o mistagogo, de modo semelhante àquele assumido por ambos os apresentados, ensina como nada vale a razão objetiva perante a subjetividade, o aprendizado baseado no sentimento e na fé. Nos próximos subtópicos que compõem este primeiro tópico do capítulo, o termo segue sendo utilizado, em vista da forte aproximação de Gramsci, no período específico por ela demarcado, com correntes filosóficas neoidealistas do pensamento italiano.

Para ele, De Sanctis, parecendo escrever de si,

[...] não pergunta[ria] a um que tem a boa vontade se conhece os 84 artigos da constituição, ao contrário, se vê uma face mirrada, se vê um humilde voltar atrás quase espantado de tanto ousar o aproxima, diria que quase o toma pelo braço [...], o guia e lhe diz: “Veja, aquilo que acreditavas difícil não o é ou não vale a pena ser lido; salte estes obstáculos, deixe que outros maxilares se façam sangrar as gengivas a roer esses cardos” (Gramsci, 2022a, p. 208).

“Tomar pelo braço o de boa vontade que à primeira vista se espanta com o conhecimento” (Gramsci, 2022a, p. 208). Não há melhor descrição ao sentido atribuído por Gramsci ao ato de educar. O que possibilita tornar claro o conhecimento aos que não o detêm é esse sentido, aproximado aos mestres mistagogos, e não aos mestres turinenses alvos da crítica de Gramsci, corrompidos pelo intelecto e pela reflexão cuidadosa, cegos à possibilidade de ensinar aos que se guiam pelo sentimento ou pela fé (Gramsci, 2022a).

Utilizando algumas metáforas de Gramsci, é nesse sentido que as construções vazias dos literatos se tornam límpidas; a poesia, uma nova luz; a palavra, no lugar de elemento gramatical cheio de regras e esquemas, um som, uma nota ou um período musical (Gramsci, 2022a). É nesse sentido que o protagonismo do aprendiz, na condição de sujeito disposto a aprender, toma forma e estimula a sua faculdade criativa.

Gramsci está apontando ao valor do senso comum, mencionando como as experiências, portanto, também a história, a língua e a cultura, são elementos considerados no processo educativo. São essas experiências que fornecem ao conhecimento novas, vigorosas e criativas formas. Ao serem consideradas, o indivíduo deixa de se guiar de forma apriorística e passa a estabelecer um vínculo com o conhecimento.

Ao possibilitar o contato do sujeito que aprende com o conhecimento, escreve Gramsci, o mestre mistagogo deve prever o fortalecimento desse vínculo a partir da transição entre o sentimento e o intelecto, sem dissipar do intelecto, no entanto, o valor do

sentimento, que carrega a experiência do sujeito que aprende e tem fundamental importância para que o conhecimento assuma novas formas criativas (Gramsci, 2022a).

Sobre a importância de o mestre mistagogo olhar para as experiências dos sujeitos que buscam aprender, Gramsci sugere ao leitor de *Il Grido*, na contramão da passividade do pragmatismo neopositivista, uma forma de alcançar a conscientização crítica, um modo de formar o intelectualismo dos grupos subalternos, que privilegia a força de vontade e a disciplina do sujeito que aprende. Entendia que o trabalho educativo deveria ser exercido em muitas frentes, e nesse fazia-se mister o cuidado com a comunicação para o alcance das diferentes experiências dos sujeitos aprendentes.

Buscava convencer grupos subalternos distantes por não os compreender diferentes, mas separados por concepções de mundo distintas. Sabia que a educação tinha forças para aproximar o ideal desses grupos, mesmo com cultura, linguagem e experiências distintas, e por isso apostava na comunicação a partir dos diferentes lugares de prática. Battista Santhià³⁷, reconhecido pela participação ativa no movimento partidário turinense, à época filiado ao partido socialista e entusiasta do trabalho de Gramsci, recorda:

Um dia fui ao jornal e o encontrei conversando com três ou quatro “pacifistas” [...]. Parei e ouvindo a discussão deles entendi que eram católicos. Quando fui mais tarde na casa de Gramsci o cumprimentei brincando fazendo o sinal da cruz e ele reagiu nervoso. Então me explicou, e queria que eu entendesse: “Eles são contra a guerra. Mas quantos como eles você encontra na fábrica e na sua vizinhança? Se quisermos fortalecer o movimento antiguerra, temos que nos relacionar com todos, e não apenas com os socialistas registrados ou com os membros de nossos círculos!”. Em suma, ele me deu uma palestra sobre a necessidade de não azedarmos as relações entre nós e os trabalhadores católicos.

³⁷ Battista Santhià nasceu em Santhià, província de Vercelli, no ano de 1898. Não foram encontradas informações sobre o seu local de falecimento, ocorrido em 1988. Serviu nas fileiras do PSI e se juntou ao grupo de *L'Ordine* e depois ao PCd'I desde a sua fundação, em 1921 (Quercioli, 1977).

Ele sabia de minhas origens de Vercelli e tentou me fazer refletir sobre minhas experiências diretas: “Quando há uma greve dos arrozeiros devem participar, e entre eles estão os que vão à igreja e os que não vão. O que você tem feito ao seu país para combater os fura-greves do campo?” (Quercioli, 1977, p. 100-101).

O relato demonstra como, para Gramsci, mesmo o espaço de um diálogo de rua se tornava lugar de prática para a educação de trabalhadores, distantes ou não de sua concepção de mundo. O modo como Gramsci problematiza o ocorrido, partindo das experiências do amigo e aprendiz (Quercioli, 1977), é o meio viabilizado pelo mestre mistagogo, expresso em “A luz que se apagou”, para o alcance da consciência crítica do sujeito que procura aprender.

Contrastando esse modo determinista de encarar a realidade e sua precária influência sobre a luta das classes trabalhadoras, Gramsci advertiu:

Recordamos os ensinamentos de Leonardo aos seus discípulos: “que observassem também as manchas e os mofos dos muros porque neles poderia haver combinações de cores e de luz mais perfeitas do que aquelas que o próprio homem pode criar” e nos parece dizer coisas que antes não ouvíamos. Cessa a nossa adoração pelas obras engenhosas, arquitetonicamente complexas, e cuidamos mais às ligações sonoras que existem entre palavra e palavra, entre período e período. A exclamação de um carroceiro reveste-se então, para nós, de tanta poesia quanto um verso de Dante. Não caímos no exagero ridículo de afirmar que o carroceiro é tão poeta quanto Dante, mas estamos contentes em sentir em nós a possibilidade de ouvir a beleza onde quer que ela esteja e sentir-nos liberados das proibições e preconceitos escolásticos que nos faziam medir a poesia a metro cúbico e a quilogramas de papel impresso (Gramsci, 2022a, p. 210).

Interessante observar como Gramsci se resguarda do teor assumido pela sua crítica da razão formal, na sequência de uma primeira afirmação que extrema o sentido antideterminista da compreensão do real, associado à valoração das “manchas e mofos, das coisas que antes não ouvíamos ou ainda das ligações sonoras entre palavra e palavra” contra a desvalorização das “obras engenhosas” (Gramsci, 2022a, p. 210).

Parece claro a ele a importância da “poesia de Dante”, todavia, e este é o ensinamento máximo contido na reflexão do excerto e também do texto, mais importante que essa poesia são as entrelinhas por ela possibilitadas, aquilo não observado à primeira vista, capaz de influenciar o senso poético daqueles revestidos de “proibições e preconceitos” (Gramsci, 2022a, p. 210).

2.2 Método “maiêutico” e o antideterminismo

Vários eram os lugares de prática, para a educação de trabalhadores, ocupados por Gramsci entre os fins de 1915 a janeiro de 1917. O trabalho na redação da seção turinense do *Avanti!*, entre eles, possuía valor especial. Havia uma peculiaridade, na escrita de Gramsci, que saltava aos olhos dos leitores. Tal peculiaridade pode ser compreendida como uma didática própria, uma capacidade de, por meio do exercício da escrita, saber conversar e levar o conhecimento ao trabalhador.

Pode ainda tal peculiaridade ser compreendida a partir da liberdade conquistada numa leitura que acolhe e educa, que chega à razão partindo da experiência, do sentimento e da fé dos sujeitos que, ao se informarem, reconhecem-se na informação. Gramsci não media esforços para levar aos trabalhadores o valor histórico e social da apropriação do conhecimento. Buscava fazê-los entender como o valor do conhecimento se relacionava a suas expressões culturais, experiências e necessidades, tornando-se arma da crítica por uma sociedade menos desigual.

Antes de informações, seus escritos eram fontes de conhecimento e, para além da comunicação, tinham o propósito educativo. A escrita de um mestre, em sentido mistagogo, reconhece nos sujeitos aprendentes o meio e a finalidade do conhecimento e, por isso, ensina com propósito, e não de forma arbitrária, e em relação orgânica com o seu leitor (Gramsci, 2022a). O seguinte

excerto, retirado de estudo biográfico, é representativo desse tipo peculiar de escrita assumido por Gramsci na redação da seção *Sotto la Mole* e do *Avanti!* turinense a partir de 1916:

Com Gramsci, a crônica logo subiu o tom; eram trechos satíricos, pequenas joias que faziam do jovem escritor sardo um *pamphlétaire* exemplar, único em um país onde o *pamphlet* era um gênero desconhecido. E além disso, era evidente em todos os escritos de Gramsci, de breves ensaios teóricos às crônicas teatrais, um estilo novo, a passagem da ênfase discursiva [...] ao gosto pela razão; a língua velada, às vezes de pureza clássica, tão distante daquela em mangas de camisa dos “velhos”; a coerência, o fio que unia todos os escritos, para os quais temas aparentemente distantes eram na realidade ocasiões sucessivas para o desenvolvimento de um discurso nunca interrompido, e a originalidade e o concreto das propostas políticas, iluminadas sempre pela convicção de que a teoria não traduzível em fatos é abstração inútil e as ações não sustentadas pela teoria são impulsos infrutíferos. Transparecia claramente em Gramsci desde então a tendência a um método, que depois será chamado de “maieútico”, “socrático”, de educação das massas, e não de simples excitação com discursos de tribunos (Fiori, 1979, p. 128-129, grifos do autor).

Logo, notou o valor do jornalismo, não somente na informação ou veiculação propagandística, mas na educação das classes trabalhadoras. Essa percepção fica evidente em texto de denúncia às assinaturas dos jornais burgueses, publicado na seção turinense do *Avanti!* do dia 22 de dezembro de 1916 e intitulado “Os jornais e os operários”³⁸. Nele, apesar do teor de súplica que carrega um texto político, Gramsci expressou e, ao mesmo tempo, sustentou em teoria as ações reivindicadas, ao propor ao leitor uma reflexão sobre “[...] a importância e a gravidade [...] [do] ato aparentemente tão inocente que consiste em escolher o jornal que se pretende assinar [...]” (Gramsci, 1976, p. 95).

³⁸ Não assinado e originalmente publicado no *Avanti!* turinense em 22 de dezembro de 1916 (Gramsci, 1976, p. 95-97).

O tom “maiêutico”³⁹ dos seus textos (Fiori, 1979, p. 129) se encontrava na ultrapassagem do limite do discurso e no alcance de uma reflexão que fizesse o discurso ser compreendido e incorporado pelo sujeito que com ele se depara. A diferença está no intuito, discursar ou tornar compreensível e vívido o discurso àquele que o procura. Nesse texto, Gramsci não estava preocupado somente em denunciar a imprensa burguesa, ou ainda conduzir os assinantes do *Avanti!* ao boicote a esses veículos, mas refletir sobre o sentido dessa imprensa e o porquê de ela receber a assinatura de tantos trabalhadores (Gramsci, 1976).

Há educação nessa forma de comunicação, em tradução aos aspectos da teoria da educação radical de adultos. Pode-se dizer que há conteúdo nesse lugar de prática, o que faz do trabalho de Gramsci na imprensa operária um exemplo de intervenção pedagógica sobre as classes subalternas de trabalhadores, ao lado das muitas intervenções, remetidas ao ano de 1916, nos círculos de trabalhadores turinenses. O diálogo estabelecido com os leitores do *Avanti!* turinense em “Os jornais e os operários”, bem como em “Homens ou máquinas”⁴⁰, publicado há dois dias do primeiro, é educativo.

O método maiêutico de sua didática, alusivo de sua predisposição ao exercício da tradutibilidade, é observado no diálogo que estabelece com o leitor quando o introduz ao texto. Isso fica evidente no primeiro deles, que adquire, ao mesmo tempo, um formato de relato de processo educativo e um formato propriamente educativo, quando, na sequência da afirmação, Gramsci questiona e responde a partir da introdução do ponto de vista do trabalhador, leitor e sujeito aprendente:

Centenas de milhares de operários contribuem regularmente todos os dias com o seu dinheiro para o jornal burguês, aumentando a sua potência. Por quê? Se perguntarem ao primeiro operário que

³⁹ “Maiêutico” é um adjetivo, para a didática de Gramsci, apanhado de Fiori, conforme indicação da referência. Doravante, para a facilitação da leitura, dispensa-se a utilização de aspas e citação para o referido adjetivo.

⁴⁰ Não assinado e originalmente publicado no *Avanti!* turinense, número 351, em 24 de dezembro de 1916 (Gramsci, 2021, p. 53-57).

encontrem no elétrico ou na rua, com a folha burguesa desdobrada à sua frente, ouvirão esta resposta: “Porque tenho necessidade de saber o que há de novo.” E não lhe passa sequer pela cabeça que as notícias e os ingredientes com os quais são cozinhadas podem ser expostos com uma arte que dirija o seu pensamento e influa no seu espírito em determinado sentido. E, no entanto, ele sabe que tal jornal é conservador, que outro é interesseiro, que o terceiro, o quarto e o quinto estão ligados a grupos políticos que têm interesses diametralmente opostos aos seus. Todos os dias, pois, sucede a este mesmo operário a possibilidade de poder constatar pessoalmente que os jornais burgueses apresentam os fatos, mesmo os mais simples, de modo a favorecer a classe burguesa e a política burguesa com prejuízo da política e da classe operária [...]. (Gramsci, 1976, p. 96).

Tal a forma encontrada por Gramsci para chamar atenção, daquele que o lê, da arte que influi sobre o pensamento do trabalhador e lhe guia o espírito, da força de convencimento e persuasão existente nos jornais burgueses, do influente papel da imprensa no determinismo e na fixação dos interesses dos grupos sociais dominantes (Gramsci, 1976). Não recorre à denúncia explícita, que poderia afastar ou causar estranhamento ao leitor, preferindo introduzi-lo no texto enquanto personagem e reproduzir uma possível resposta sua para o problema apresentado.

Gramsci induz, como um mestre mistagogo, a chegada do conhecimento a partir da experiência do seu leitor, representada pela necessidade de o trabalhador se manter antenado às novidades pelos veículos propagandísticos da burguesia. Somente com base nessa experiência é que acrescenta uma dose de conhecimento, relacionada ao caráter ideológico assumido por esses veículos para a conservação dos valores sociais dos grupos dominantes. A luta contra a absolutização desses valores é o que guia, em certa medida, grande parte dos seus textos. Nessa luta escapa, especialmente em “Homens ou máquinas”, ao determinismo impregnado na cultura ocidental europeia e, especificamente, na Itália do seu tempo, ao problematizar o conceito de formação humana do ponto de vista histórico.

O texto, em formato semelhante ao anterior, não somente problematiza a desigualdade apresentada na concepção dualista de escola italiana, mas constrói alternativas partindo do campo das experiências do leitor intérprete (Gramsci, 2021). Outra vez demarca a posição do personagem, o proletário, para conscientizar o leitor de que o valor histórico da formação humana tem importância e merece ser estudado, debatido e investigado com maior cautela, e não somente fixado e conduzido pelo alto, a cargo de autoridades competentes:

Um proletário, ainda que seja inteligente, ainda que tenha todas as condições necessárias para tornar-se um homem de cultura, é obrigado a desperdiçar suas qualidades em outra atividade ou tornar-se um obstinado, um autodidata, ou seja, com as devidas exceções, um meio homem, um homem que não pode dar tudo o que poderia dar caso tivesse se completado e fortalecido na disciplina da escola (Gramsci, 2021, p. 54).

A denúncia que carrega esse texto é significativa para a percepção de que Gramsci compreendia substantivo para a educação de trabalhadores. Apesar da predominância na problematização da escolarização formal, da educação dos filhos das classes trabalhadoras, o texto é escrito às classes trabalhadoras e a elas direciona a maior das reflexões, a saber: o projeto da escola dualista italiana se conforma ao projeto de sociabilidade em voga, em que as classes trabalhadoras, desmobilizadas de qualquer atividade intelectual, deixam-se guiar por razões absolutas, que tomam forma suprema e incondicional, cerceadoras do conhecimento (Gramsci, 2021).

É reveladora a informação contida no texto, mas somente pela condução que parte da experiência, da aproximação com o leitor, e chega à instrução, ao autorreconhecimento do intérprete no que lê, a partir da atribuição de um significado imediato à informação apresentada e do estímulo à ação.

O estímulo à ação está concentrado na defesa do valor humanístico da formação dos trabalhadores. Esse estímulo sempre orientou o trabalho jornalístico e educativo de Gramsci. Utilizando-se de mesmo recurso textual para a construção do diálogo com o leitor personagem, no terceiro e último argumento de “Homens ou máquinas”, para a defesa da tese da necessidade de aprofundamento do debate sobre os programas para o ensino profissional, Gramsci reivindica o valor humanístico à formação dos trabalhadores.

O proletariado precisa de uma escola desinteressada. Uma escola na qual seja dada ao infante a possibilidade de formar-se, tornar-se homem, adquirir aqueles critérios gerais que servem para o desenvolvimento do caráter. Em suma, uma escola humanista, tal como entendiam os antigos e, mais recentemente, os homens do Renascimento. Uma escola que não hipoteque o futuro da criança e não constrinja sua vontade, sua inteligência, sua consciência em formação a mover-se por trilhos como estação prefixada. Uma escola de liberdade e livre iniciativa, não uma escola de escravidão e mecanicidade (Gramsci, 2021, p. 56).

A despeito de não haver menção clara à possibilidade da educação do trabalhador em fase adulta, em função de o objetivo ser a escolarização das crianças e dos jovens italianos, é possível justapor cada reivindicação apresentada no texto por Gramsci à educação de trabalhadores. A máxima “O proletariado precisa de uma escola desinteressada” subsidia essa justaposição (Gramsci, 2021, p. 56). A escola do proletariado, que já teve o seu futuro hipotecado, sua vontade constringida e sua inteligência e consciência postas em trilhos como estação prefixada, é também a escola da liberdade e da livre iniciativa.

O caráter educativo desse e de outros textos, como o analisado na sequência, publicado em 29 de dezembro de 1916 e intitulado “A Universidade Popular”⁴¹, e também das atividades educativas de que Gramsci participou durante os anos de 1916 e 1917, permite essa leitura.

⁴¹ Não assinado e originalmente publicado no *Avanti!* turinense, número 355, em 29 de dezembro de 1916 (Gramsci, 2022a, p. 228-232).

2.3 Círculos de trabalhadores e o antienciclopedismo

Observa-se, dos estudos biográficos e das coleções de depoimentos de seus contemporâneos (Quercioli, 1977; Fiori, 1979; Fresu, 2020; D’Orsi, 2022), como o empenho de Gramsci na educação de trabalhadores assumiu distintos lugares de prática. É possível visualizar os elementos, até então pontuados de sua atividade jornalística, em sua prática pedagógica nos círculos de trabalhadores turinenses. Tais aproximações reafirmam como o estímulo de sua redação na imprensa operária, vide *Il Grido* e *Avanti!* de Turim, era a organização da cultura dos grupos de trabalhadores e, a partir dela, a delimitação dos rumos de um novo projeto de sociabilidade, respaldado na coletivização dos meios de produção.

A chegada a esse projeto de sociabilidade pressupunha a conscientização dos trabalhadores a partir de várias frentes, e Gramsci tinha ciência de que o meio para tal partiria das experiências destes, de uma comunicação peculiar que envolvesse elementos de interesse imediatos e alcançasse planos complexos e de maior exigência analítica. “Uma página de história, um livro recém-publicado, uma peça teatral, tudo lhe fornecia elementos para difundir ideias novas” (Fiori, 1979, p. 131).

Induzido por esse movimento é que, nos anos de 1916 e 1917, proferiu aos círculos de trabalhadores em bairros periféricos de Turim, como *Borgo San Paolo* e *Barriera di Milano*. “A 25 de agosto de 1916, proferiu [...] sobre *Au dessus de la Mêlée*, a obra de Romain Rolland⁴² que acabara de ser publicada em italiano; e outras a 16 e 17 de outubro sobre Revolução Francesa em *Barriera de Milão* e de *Borgo San Paolo*” (Fiori, 1979, p. 131).

Andrea Viglongo⁴³, colaborador dos muitos jornais operários e das muitas iniciativas de incentivo à cultura encabeçadas por Gramsci, recorda:

⁴² Romain Rolland, nascido e morto na França, nas comunas de Clamecy e Vézelay, respectivamente em 1866 e 1944, foi um professor universitário, autor de vários ensaios sobre temas musicais, teatrais e biografias, e colaborador em inúmeros jornais e revistas (Guida; Rigui, 2019).

⁴³ Nascido em Turim em 1900 e falecido, sem informações a respeito do local, em 1986, Andrea Viglongo foi um importante militante, ao lado dos companheiros socialistas e comunistas de Gramsci em Turim, durante os anos que antecederam a sua prisão (Quercioli, 1977).

[...] ainda existem algumas folhas em que estão transcritas as lições transmitidas por Gramsci nos círculos locais por onde passou, como por exemplo na seção socialista da Barriera de Milão. Gramsci deu a aula e depois, como ponto de partida para uma melhor preparação, pediu a cada um dos jovens presentes que fizesse um resumo. – De fato, o resumo é um teste importante, sobretudo se feito com o acréscimo de impressões e raciocínios pessoais. – Na reunião seguinte, Gramsci recolhia os papéis e os corrigia. [...].

Nas intenções de Gramsci, todos esses clubes de vida moral teriam permitido um amplo e frutífero intercâmbio de noções culturais e políticas (Quercioli, 1977, p. 124-125).

Para tratar dos círculos dos trabalhadores de Turim, Viglongo substantiva o nome que Gramsci, em dezembro de 1917, daria ao clube de cultura do *Avanti!* turinense, Clube de Vida Moral. Os círculos frequentados por Gramsci carregavam o propósito da constituição de uma nova moral, representativa dos seus interesses e das suas necessidades, por meio do incentivo à cultura das classes trabalhadoras, consideradas as suas subjetividades, do acesso ao conhecimento e da formação humana (Quercioli, 1977).

Talvez por isso, o nome Clube de Vida Moral seja comum a todos eles, uma vez que, por meio do valor atribuído à vida de cada um de seus membros e do intercâmbio político e cultural dela manifesto, emergiria uma conduta moral. A solicitação de resumos aos jovens trabalhadores participantes do clube da *Barriera di Milano* e, em especial, o cuidado de Gramsci em recolher e analisar todas as impressões neles apresentadas mostram o quanto o valor da vida, as impressões subjetivas e as referências culturais de cada um dos seus alunos faziam-se importantes (Quercioli, 1977).

Num dos últimos escritos de 1916, “A Universidade Popular”, Gramsci dá sentido a todos esses argumentos de defesa das subjetividades e das experiências como via de acesso ao

conhecimento sistematizado e de uma conduta moral, ao criticar a forma como o Programa de Universidade Popular de Turim⁴⁴ encaminhava as suas atividades (Gramsci, 2022a).

As chamadas Universidades Populares de Turim planejavam as suas atividades na contramão de toda a sua atuação perante a educação de trabalhadores, em jus não somente ao princípio do lugar de prática suposto à teoria da educação radical de adultos, mas também às relações sociais e ao conteúdo.

O texto é significativo do ponto de vista do método, estipulado por Gramsci, para a educação das classes trabalhadoras. Não é a partir do espírito de beneficência, próprio das universidades públicas regulares, que deve se dar a condução de qualquer escola ou clube de incentivo à cultura para trabalhadores. Não é seguindo o modelo das instituições de cultura existentes, ou negligenciando o fato de os sujeitos que buscam frequentar as Universidades Populares desconhecerem um trabalho de educação formal precedente, diz Gramsci, que deve ser pensada e conduzida a educação de trabalhadores (Gramsci, 2022a).

Inspirado em suas experiências, especialmente naquelas na imprensa operária, é que busca traduzir o propósito e a importância do aprendizado ao leitor do *Avanti!* turinense, também com intencionalidade educativa. Utilizando-se da experiência universitária para dialogar com o seu leitor, Gramsci mostra que reside no ato de aprender o disciplinamento do espírito de pesquisa, o controle dos métodos e de uma impulsividade amadora. Esse disciplinamento e controle ocorrem, explica Gramsci, a partir de um longo e difícil caminho que envolve tentativas, erros e acertos. O enciclopedismo das Universidades Populares, explica aos leitores, exime-as da responsabilidade de desenvolver essa disciplina e controle nos sujeitos que a frequentam (Gramsci, 2022a).

⁴⁴ As Universidades Populares de Turim, criadas nos anos de transição dos séculos XIX e XX, foram instituições que visaram a educação das classes trabalhadoras, via de regra, impossibilitadas de acessar a educação formal. A despeito de reconhecer o papel da educação popular no acesso à cultura das classes trabalhadoras, Gramsci não enxergava nessas instituições a capacidade de desafiar, efetivamente, a hegemonia das classes dominantes, uma via de possibilitar, aos trabalhadores, a consciência política necessária para a denúncia das contradições sociais e reivindicação dos seus direitos (Gramsci, 2022a).

A crítica às Universidades Populares se fixa ao dilema, vivido por Gramsci, da contraposição ao determinismo científico e ao apriorismo neopositivista que influíam diretamente no modo de organização social e na condução de políticas em seu tempo. Claro estava, para ele, como os grupos sociais dominantes se utilizavam dessas instituições de cultura, e particularmente de mecanismos educativos inférteis às classes trabalhadoras, para a manutenção dos seus interesses.

As Universidades Populares não se preocupavam, diferente dos círculos e veículos de imprensa operária de que Gramsci participava, com a elevação moral e intelectual dos sujeitos trabalhadores que as frequentavam. Não se preocupavam com o valor da experiência, do estímulo à comunicação ou da criação de um intercâmbio cultural e científico entre os aprendentes, para a chegada ao conhecimento. Nada do que Gramsci praticava podia ser observado nessas instituições, o que o fez orientar seus leitores à seguinte denúncia, direcionada aos dirigentes dessas instituições:

Não entendem que a Universidade Popular [...] se reduz a um ensinamento teológico, a uma renovação da escola jesuítica, na qual o conhecimento vem apresentado como algo de definitivo, de apoditicamente indiscutível. [...] Já estamos persuadidos de que uma verdade é fecunda somente quando se fez um esforço para conquistá-la. Que a verdade não existe em si e por si, mas foi uma conquista do espírito, que se deve reproduzir em cada indivíduo singular, aquele estado de ansiedade que atravessou o estudioso antes de alcançá-la. Portanto, os professores que são mestres dão uma grande importância, no processo educativo, à história de sua matéria (Gramsci, 2022a, p. 229-230).

A figura do mestre, ainda associada à figura do mistagogo, contradiz as Universidades Populares. Nele está contida a necessidade de provocar e induzir o sujeito que aprende ao conhecimento, de o induzir a se reconhecer no processo. O ensino, de tal modo desenvolvido pelo mestre, torna-se ato de libertação, porque permite ao sujeito que aprende atribuir sentido ao deslocamento entre estágios inicial e final do processo de aprendizado.

Nas Universidades Populares criticadas por Gramsci, o conhecimento se encontrava distante do sujeito aprendente, possuía existência própria e a ele recusava qualquer possibilidade de vínculo ou reconhecimento (Gramsci, 2022a). Na medida em que acabava por atribuir pouco ou nenhum valor ao conhecimento, o sujeito deixava de se reconhecer no processo educativo e afastava de si qualquer manifestação de liberdade.

2.4 Círculo de artistas, movimento feminista e o antifatalismo

A compreensão da educação como manifestação da liberdade, influente ao trabalho de Gramsci de instrução das classes trabalhadoras, caminha ao lado de seus escritos e de suas práticas no ano de 1917. Num dos primeiros textos desse ano, publicado no dia 4 de janeiro e intitulado “Sobre a exposição ao círculo de artistas”⁴⁵, essa compreensão aparece como elemento da crítica às artes plásticas de seu tempo, manifestas em números de uma exposição instalada naquele início de ano em Turim e orientadas a padrões estéticos formais.

Para compreender o fenômeno artístico, Gramsci aproxima, nesse escrito, as noções de vocabulário e linguagem respectivamente ao processo educativo e à manifestação da liberdade. Distingue ambas, inicialmente, a partir da seguinte metáfora croceana: “O vocabulário é um museu de cadáveres embalsamados, a linguagem é a intuição vital que dá a esses cadáveres nova forma, nova vida ao criar novas relações, novos períodos em que palavras isoladas recuperam seu próprio e atual significado” (Gramsci, 1980, p. 683).

Ao mestre, continua Gramsci, cabe ensinar o vocabulário de modo a possibilitar ao aluno (no texto “discípulo”) constituir a sua linguagem particular. Tal constituição toma o sentido da liberdade,

⁴⁵ Não assinado e originalmente publicado no *Avanti!* turinense, número 4, em 4 de janeiro de 1917 (Gramsci, 1980, p. 683-686).

do reconhecimento de si no processo de instrução, aprendizado do vocabulário e, no produto, consolidação da linguagem artística. Do mesmo modo como recrimina a tendência enciclopedista das Universidades Populares, também o faz com a exposição ao círculo de artistas, confrontando sua tendência expressiva ao vocabulário:

O caráter desses exercícios [da exposição ao círculo de artistas], necessariamente genéricos, tal como genérico é o vocabulário, consiste na imitação. [...] A natureza é repetida, ou o que se entende por natureza. [...] O conteúdo se apodera da forma. A ação supera a cor, o gesto exterior supera a plástica, o relevo. O estado mental genérico domina a individualidade. São sorrisos, tardes, tristezas, tempestades, céus, minuciosamente estudados, nos quais procuramos condensar o que se pode ver nos vários sorrisos, nas várias tardes, nas várias tristezas etc. Há frequentemente um vago sentimentalismo que permaneceria como é mesmo se a pintura fosse fotografada ou reproduzida em tricomia num cartão postal ilustrado. E a maior ou menor habilidade é mostrada no maior ou menor uso dos tons que devem contribuir para o efeito final.

[...] Possuir todo o vocabulário certamente não significa ser um escritor completo. Saber encontrar todas as nuances de uma tonalidade de colocação complexa certamente não significa ser um pintor completo (Gramsci, 1980, p. 684-685).

A crítica à exposição permite compreender como, para Gramsci, o artista plástico rico em vocabulário é o mesmo sujeito que, no curso do processo educativo, disciplina-se para o alcance do conhecimento, mas não é provocado pelo mestre a se reconhecer no processo e no produto alcançado (Gramsci, 1980). As Universidades Populares buscavam educar os trabalhadores turinenses nesse sentido genérico de educação, baseado na imitação e reprodução. Era contra esse sentido, bem como a toda forma determinista de avaliar e intervir sobre o real, que Gramsci se posicionava.

Sua intervenção para o movimento feminista no *Borgo Campidoglio* em maio de 1917, relatada em investigações biográficas e testemunhos de contemporâneos, carrega elementos de sua prática

pedagógica. Para essa atividade, valendo-se do drama “*Casa di Bimbola*” (“Uma Casa de Bonecas”)⁴⁶, apresentado no mês anterior ao público turinense, Gramsci problematizou a nada simpática repercussão do público local à atitude da protagonista Nora Hemar de abandonar o marido e filhos, após ser enganada, para buscar a si e se afirmar moral e intelectualmente (Fiori, 1979).

A peça, próxima das experiências das mulheres trabalhadoras de Turim, assim como muitos outros exemplos cotidianos, era ponto de partida de Gramsci para a condução de um processo educativo centrado na busca do valor do conhecimento pelo sujeito que aprende. Da atitude de Nora Hemar,

Gramsci entreviu a revolta do macho latino contra um costume certamente mais avançado, “através do qual a mulher e o homem não são mais apenas músculos, nervos e epiderme, mas essencialmente espírito; onde a família não é mais apenas uma instituição econômica, mas especialmente um mundo moral, que se completa pela íntima fusão de duas almas que encontram uma na outra aquilo que falta a cada uma individualmente; onde a mulher não é somente a fêmea que nutre os recém-nascidos e sente por eles um amor feito de espasmos da carne de sobressaltos de sangue, mas é também uma criatura humana por si, que tem consciência de si, que tem necessidades interiores, que tem uma personalidade humana toda sua...” (Fiori, 1979, p. 131).

O “costume mais avançado” (Fiori, 1979, p. 131), exemplificado na afirmação da personalidade da mulher contra as conservadoras e preconceituosas formas de situar a sua personalidade na história, era parte da angústia de Gramsci a qualquer forma determinista de julgar e agir sobre o real. Preocupava-se em possibilitar aos sujeitos compreenderem a razão de sua existência, a possibilidade e a importância de sua intervenção e o usufruto de seus direitos.

Isso tudo desafiando o conformismo burguês, que invadia mesmo as instituições de organização das classes trabalhadoras, coibindo, por exemplo, a viabilidade de sua educação. Quando

⁴⁶ Do original “*Et Dukkehjem*”. Trata-se de uma peça teatral, escrita pelo dramaturgo norueguês Henrik Ibsen (1828-1906) em 1879, com grande repercussão nos teatros dos países europeus no fim do século XIX e início do XX, especialmente pela problematização do tema da exclusão da mulher na sociedade burguesa (Fiori, 1979).

reclama, com constância, a liberdade da escola e da instrução, está tratando desse desafio, da possibilidade de tornar lugar-comum o despertar, a cada sujeito, da consciência de sua condição histórica e, por conseguinte, da reivindicação dos meios para a sua afirmação.

Consciência e reivindicação compreendem dois importantes elementos do trato com o conhecimento observados na prática pedagógica de Gramsci, em diferentes lugares de prática. Se, do exemplo tomado no excerto anterior, a tomada de consciência pode ser observada no modo como Gramsci introduziu uma reflexão sobre a personalidade da mulher, partindo das experiências das trabalhadoras, dos elementos cotidianos, a reivindicação pode ser apanhada do depoimento de Rita Montagnana⁴⁷, filiada ao PSI e posteriormente ao PCd'I, a respeito das conclusões do encontro no *Borgo Campidoglio*:

Gramsci tirou então de sua análise a conclusão de que era necessário criar organizações feministas independentes nas quais as mulheres trabalhadoras, superando sua timidez, se acostumassem a falar nas reuniões, se interessassem por questões sociais e políticas, desenvolvessem sua iniciativa e aprendessem a liderar.

Organizando de maneira adequada todo o trabalho, as dificuldades em obter permissão dos pais para frequentar nossos clubes, sair à noite e, para as mães, tornar-se social e politicamente ativas sem descuidar demais da casa e das crianças. Era preciso trabalhar, construir a partir do que havia, com material humano existente, tendo em conta as situações concretas. Eis a linha que Gramsci indicou ao movimento de mulheres desde 1917 (Quericioli, 1977, p. 79).

O conhecimento sobre a personalidade da mulher, para as trabalhadoras turinenses, encontrava sentido nos problemas e nas contradições por elas enfrentados na realidade. Esse é o estímulo libertador, atributivo de uma linguagem original contrária ao simples vocabulário do mecanicismo enciclopédico dos organismos burgueses de incentivo à cultura, sobre o qual fala Gramsci.

⁴⁷ Rita Montagnana, nascida e falecida, respectivamente em Turim e Roma, nos anos 1895 e 1979, é memorada pelo importante papel militante, no PSI e PCd'I, durante as primeiras décadas do século XX (Quericioli, 1977).

Esse é o estímulo que precisava ser conduzido pelo mestre, enquanto mistagogo, na educação das classes trabalhadoras. Um estímulo que se ligasse ao reconhecimento, e não ao estranhamento, do processo e do produto do trabalho intelectual, que associasse esse trabalho à defesa dos interesses dessas classes e à constituição de uma sociedade ausente de contradições, injustiças e desigualdades.

2.5 Monopólio clérigo-estatal da educação e o antifilisteísmo

Não por acaso, Gramsci passa a chamar atenção, em escritos de 1917, ao conceito de liberdade. Um exemplo é o texto intitulado “Pela liberdade da escola e pela liberdade de ser burro”⁴⁸, publicado no *Avanti!* turinense em 13 de abril daquele ano. Analisando como os méritos da guerra substituíam os méritos do estudo, como o advento da guerra possibilitava a intromissão de alguns setores no campo da educação, denuncia o conceito de liberdade atribuído à campanha “liberdade da escola” do movimento clerical (Gramsci, 1982, p. 121).

Tal denúncia induz ao entendimento de que o sentido da educação era exclusivamente atribuído aos interesses clérigo-estatais, e não aos das classes trabalhadoras. Se, do ponto de vista da prática pedagógica de Gramsci até o momento observada na imprensa e nos círculos de trabalhadores, liberdade está associada à possibilidade de cada sujeito se afirmar intelectual e moralmente, para os interesses dos grupos sociais dominantes significa tão somente “liberdade de ser burro”⁴⁹ (Gramsci, 1982, p. 123).

Outra vez buscando exercitar, em seu leitor, a interpretação do real a partir de problemáticas cotidianas, e desse exercício introduzir o conhecimento do conceito de liberdade associado ao direito à educação das classes trabalhadoras, Gramsci demonstra como a guerra interferiu no pacto existente entre a Igreja e o Estado

⁴⁸ Não assinado e originalmente publicado no *Avanti!* turinense, número 102, em 13 de abril de 1917 (Gramsci, 1982, p. 121-124).

⁴⁹ “Liberdade de ser burro” é uma expressão apanhada de Gramsci, conforme indicação da referência. Doravante, para a facilitação da leitura, dispensa-se a utilização de aspas e citação para a referida expressão.

sobre a educação italiana (Gramsci, 1982). O Estado confiava à Igreja a livre expressão de suas escolas, a garantia aos estudantes que a frequentavam da aprovação nos exames universitários e dos títulos acadêmicos.

Ainda que possuísse o monopólio da mercadoria educação, alerta Gramsci, a Igreja se via em situação de risco, por depender diretamente do Estado para a garantia de um segundo monopólio, o da mercadoria título acadêmico. Qualquer controle estatal sobre a atribuição desses títulos que impedisse a Igreja de levar os estudantes das escolas clericais às universidades de modo facilitado causaria um desequilíbrio ao que nomeavam direito à liberdade da escola.

Gramsci reclama, e convoca os trabalhadores a também reclamar pelos seus filhos, o controle efetivo sobre a atribuição dos títulos acadêmicos. Indaga sobre os critérios, estipulados pelo conchavo entre Estado e Igreja, para ignorarem o jovem que estuda, sacrifica-se a todo trabalho necessário para acessar o ensino superior, e, em seu lugar, acolherem outro que não estuda e, por conseguir se deslocar para realizar o exame numa província com examinadores corrompidos, é admitido como apto para adquirir um título acadêmico (Gramsci, 1982).

Que liberdade da escola é essa que despreza o gosto pelo conhecimento daquele cujas condições para a conquista de um título são inviáveis, e preza o desgosto pelo conhecimento daqueles com condições favoráveis? Exatamente por isso Gramsci associa a ideia de liberdade de ser burro ao conceito de liberdade da escola sugerido pela Igreja, no momento em que o Estado ameaça controlar a emissão de títulos acadêmicos.

Os interesses da escola conseguirão emergir no pântano do marasmo político? [...] A comunidade tem interesse em escolas que sirvam para formar homens capazes, verdadeiramente preparados para realizar uma tarefa útil para todos, e não em ser distribuidora de títulos a preço de banana. [...] É preciso que a comunidade, que espreme o

sangue das veias para pagar uma burocracia pletórica e preguiçosa, mantenha todas as possibilidades de controle sobre a atribuição dos títulos acadêmicos, generosamente concedidos aos inaptos, servindo somente para aumentar o estado de mal-estar na vida pública, para criar estratos burocráticos pleonásticos que vivem parasitariamente da produtividade dos trabalhadores (Gramsci, 1982, p. 123-124).

A liberdade da escola como filisteísmo burguês é expressão da liberdade de ser burro, ou, como prefere chamar Gramsci, em escrito que recebe este título, “O privilégio da ignorância”⁵⁰. Nas linhas que introduzem a reflexão do texto, afirma que “A ignorância é um privilégio da burguesia, assim como o são o doce ócio e a preguiça mental” (Gramsci, 2004a, p. 116). Dessa ideia, e da necessidade de combater a supremacia dos grupos sociais dominantes, respaldada na demarcação de respostas deterministas para os problemas sociais apresentados em realidade, Gramsci apostava no movimento de educação dos trabalhadores.

O ócio, a preguiça e a liberdade de ser burro, ou tornar-se um intelectual adquirindo títulos acadêmicos e servindo à burocracia do Estado a partir da ocupação de cargos públicos, só eram possíveis à burguesia numa configuração social em que os trabalhadores tivessem negado o direito ao conhecimento. Não ao conhecimento desprovido de sentido, mas ao conhecimento libertador, associado à consciência e à reivindicação.

Para Gramsci, bastava a burguesia formar um pequeno grupo de intelectuais para que se mantivesse a fórmula do privilégio da ignorância às custas da exploração do trabalho (Gramsci, 2004a). Ao refletir com os leitores, lança mão do chamado conclusivo:

Os burgueses podem até ser ignorantes. Mas não os proletários. Os proletários têm o dever de não ser ignorantes. A civilização socialista, sem privilégios de casta e de categoria, exige - para realizar-se plenamente - que todos os cidadãos saibam controlar o que seus mandatários decidem e fazem em cada caso concreto. [...].

⁵⁰ Não assinado e originalmente publicado em *Il Grido*, número 690, em 13 de outubro de 1917 (Gramsci, 2004a, p. 116-117).

Para que haja garantia de liberdade para que a escolha recaia sobre os melhores e não necessariamente sobre os mesmos, deve haver um modo de escolher para os cargos públicos dentre o maior número possível de indivíduos. É preciso que ninguém seja absolutamente indispensável. O problema da educação dos proletários é um problema de liberdade. Os próprios proletários devem resolvê-lo. Os burgueses que pensem em seus problemas, se é que querem pensar (Gramsci, 2004a, p. 117).

As armas da educação como manifestação da liberdade ganhavam força, naquele ano, porque as iniciativas de incentivo à cultura movidas pelos soviéticos, em atitude revolucionária, aos poucos ecoavam sobre a Itália. Contra o privilégio da ignorância burguesa, apostavam os soviéticos, deveria se posicionar o dever da consciência proletária. Somente educando às classes trabalhadoras era possível pensar na destituição do lugar privilegiado por poucos em detrimento da exploração do trabalho e sujeição à miséria de muitos.

Um novo período ao conjunto dos escritos e práticas de Gramsci para a educação das classes trabalhadoras pode ser demarcado a partir do momento em que, assumindo a secretaria da Comissão Executiva Provisória do PSI, depara-se com a importância de fixar as ações educativas dos muitos lugares de práticas em um novo organismo, de convocar os seus leitores e participantes dos círculos por onde passou a ocupar e operar em novo espaço de instrução.

**Dezembro de 1917 a fevereiro de 1919:
revolução, associações de cultura e redação
em *Il Grido* e *Avanti!* turinense**

Figura 2 - Charge de *L'Ordine* de 11 de setembro de 1922, com o título “Trabalhadores, somente lutando conseguirão a vitória”, destacando o papel das diversas organizações proletárias na condução do processo revolucionário



Fonte: Acervo da pesquisa, jun. 2023.

Este tópico tem por objetivo apresentar a concepção de mundo de Gramsci, a partir do tema da educação de trabalhadores, em período redacional específico dos escritos jornalísticos caracterizados pela influência da Revolução Russa, pelas associações de cultura e pela redação em *Il Grido* e *Avanti!* turinense, após dezembro de 1917.

2.6 Associação de cultura e o antiespontaneísmo

Novembro de 1917 foi um mês decisivo para as iniciativas tomadas por Gramsci nos nove próximos anos em que se encontraria em liberdade. Pouco antes, em setembro, foi eleito secretário da Comissão Executiva Provisória da seção turinense do PSI e assumiu a direção de *Il Grido*, ao qual dedicou, até outubro de 1918, grande parte do seu tempo (Coutinho, 2004a, 2019; Rapone, 2014). É a partir de novembro de 1917, no entanto, que o cargo político adquirido dois meses antes influenciaria na sua atividade jornalística e educativa.

Il Grido e o *Avanti!* turinense (Mussi; Bianchi, 2020), que incorporou o primeiro a partir de outubro de 1918, tornam-se palco das reflexões de Gramsci nos anos de 1917 e 1918 e foram marcados pela busca de interlocuções entre a previsibilidade das ações do PSI e o processo revolucionário russo. Os soviéticos ofereceram a Gramsci um novo estímulo, pois a representatividade do curso revolucionário de suas ações o auxiliou na busca por estratégias para a solução de muitas angústias, surgidas nos tempos de juventude universitária (Rapone, 2014).

A Revolução Russa permite a Gramsci compreender que a sua interpretação do real, ligada ao cuidado das características subjetivas, culturais e particulares dos sujeitos, para a condução de qualquer processo educativo, tinha correspondência. Ela o fez concluir que a chegada a um projeto de sociabilidade em que os direitos e os interesses dos grupos subalternos são levados em conta necessita de um trabalho educativo que envolva a subjetividade, a cultura e a particularidade desses, e não a reprodução de fórmulas mecânicas que os subjuguem e os tratem como massa manobrável. A Revolução Russa, confrontando o embrutecimento da interpretação das teses marxianas pelos intelectuais deterministas, reforça muito do que Gramsci acreditava e imprimia em suas práticas de instrução e incentivo à cultura das classes trabalhadoras.

Inspirado nos russos, Gramsci pretendia consolidar as bases de um processo revolucionário italiano. Para isso, entendia que o

caminho não era o da reprodução das fórmulas bolcheviques, mas o da integração entre a experiência internacional e os elementos da originalidade nacional italiana (Fiori, 1979). Parecia fazer sentido a forma como outrora buscou encarar o problema sardo, abandonando a rebelião contra o provincianismo e adotando medidas de apoio às diferentes regiões nacionais da Itália (Rapone, 2014).

Se era a influência croceana que o mantinha em posição de alerta ao modo como o socialismo italiano buscava resolver o problema sardo, no processo revolucionário Gramsci encontrou nova resposta, associada à ideia de que as expressões nacionais ou regionais devem ser consideradas na condução de levantes das classes trabalhadoras contra os grupos sociais dominantes.

O esforço de Gramsci pela investigação das condições históricas em que se formou a sociedade italiana, e da viabilidade do desenvolvimento nessa sociedade de processos revolucionários que contemplassem as subjetividades, as expressões culturais e as particularidades das classes trabalhadoras italianas, é nítido nos escritos localizados a partir dos fins de 1917 (Fiori, 1979). Também as experiências educativas articulam-se a esse esforço, cabendo destaque à associação proletária de cultura e o Clube de Vida Moral.

O incentivo à cultura proletária, observado em ambas as experiências, correspondia ao trabalho educativo com as classes trabalhadoras. Esse trabalho, para Gramsci, sem perder o vínculo com o cotidiano e as experiências dos sujeitos aprendentes, carrega a delimitação das condições objetivas de um processo revolucionário. A atividade jornalística e as experiências de inventivo à cultura das classes trabalhadoras, lugares de prática já ocupados por Gramsci, ganhavam novos estímulos ao passo que o cenário de uma sociedade menos desigual e contraditória, fruto da incitação intelectual e moral e de uma educação libertadora, também era estimulado.

Gramsci objetivava alinhar o trabalho educativo já iniciado em anos anteriores ao sentido da organização política. Assumindo integralmente a redação de *Il Grido*, utiliza-o para expor ideias que,

com o oposicionismo entre frações do PSI iniciado pela posição da Itália na guerra e intensificado por movimentos insurrecionais em Turim, poderiam sofrer alguma censura no *Avanti!* turinense (Rapone, 2014).

Sua leitura da realidade italiana, pautada na importância da educação das classes trabalhadoras, apesar de subsidiada pelas iniciativas revolucionárias russas, não tinha grande aceitação num contexto em que a delimitação das ações das lutas das classes trabalhadoras italianas era condicionada aos organismos sindicais, contra os quais também polemizou.

Apesar da não aceitação de suas ideias por muitas frações envolvidas no debate socialista italiano, Gramsci tinha consciência de que elas se aproximavam do movimento revolucionário russo. Mesmo antes da repercussão da revolução soviética, era consciente da importância do trabalho intelectual na condução da reivindicação dos interesses e dos direitos das classes trabalhadoras. O êxito do trabalho educativo na Rússia revolucionária o convencia ainda mais de tal importância, que passava a representar o passo inicial da condução de levantes operários contra a supremacia dos grupos sociais dominantes.

Em “Para uma associação de cultura”⁸¹, é possível observar traços da necessidade de Gramsci em encontrar experiências nacionais correspondentes ao intuito da educação das classes trabalhadoras. Isso indicia uma tentativa de registrar, nas ações políticas movidas pelo PSI, a questão da instrução proletária. Tentativa que ganharia força tão logo Gramsci se deparasse com as experiências educacionais da Rússia revolucionária.

Em Inglaterra e Alemanha existiam e existem potentes organizações de cultura proletária e socialista. Em Inglaterra é especialmente conhecida a Sociedade dos Fabianos que aderiu à Internacional. Tem como função a discussão profunda dos problemas econômicos

⁸¹ Não assinado e originalmente publicado no *Avanti!* turinense, número 350, em 18 de dezembro de 1917 (Gramsci, 1976, p. 175-179).

e morais que a vida impõe ou imporá à atenção do proletariado, e conseguiu pôr ao serviço deste trabalho de civilização e de libertação dos espíritos uma grande parte do mundo intelectual e universitário inglês (Gramsci, 1976, p. 178-179).

O intuito do texto é apresentar, a partir de uma carta que resgata a proposta da instituição de uma associação de cultura em Turim, a importância da formação intelectual dos trabalhadores. Utilizando-se do diálogo com o leitor, outra vez com base na personificação deste a partir do substantivo “proletariado” (Gramsci, 1976, p. 179), constrói seu argumento. É possível observar a ênfase dada por Gramsci à atividade política do PSI, que aproxima as suas convicções sobre educação, reivindicação e liberdade, por exemplo, aos anseios partidários.

Com as rupturas internas, e a prevalência de publicações em *Il Grido* torna isso evidente, minimizaria a tentativa de aproximação de suas ideias às convicções do partido. O momento de “Para uma associação de cultura” caracteriza um primeiro esforço, no centro dos debates sobre organização político-partidária suscitados pelos movimentos internacionais refletidos nas insurreições nacionais, de materialização de uma organização de cultura proletária.

Gramsci orienta o seu leitor do *Avanti!* turinense, identificado como socialista, sobre a importância da instrução. Deixa claro como a atividade educativa pode clarear as tomadas de decisões do partido, evitar desavenças entre as suas frações e superar traços de espontaneísmo e imediatismo em suas deliberações. O trabalho com a instrução auxiliaria na criação de convicções comuns entre os partidários e lhes proporia rápido reconhecimento nas decisões políticas do partido.

O significado da reforma moral, como prerrogativa do exercício intelectual em cada sujeito aprendente, orienta-se ao propósito partidário. Essa é a grande inovação do pensamento de Gramsci a partir desse momento. Dando evidências de como a falta da instrução

dos trabalhadores poderia influir negativamente nas decisões do PSI, Gramsci está também retomando o velho dilema sobre como o conhecimento possibilita, ao sujeito que aprende, o avanço sobre uma concepção de mundo esvaziada de consciência e transbordada de determinações absolutas. Encontra, na possibilidade de o partido dar forma a um projeto de sociabilidade que faça jus aos direitos e interesses dos trabalhadores, um meio de explorar a defesa da instrução a cada sujeito.

Da mesma forma como a educação pode ser interpretada como manifestação da liberdade, que auxilia o sujeito a se indagar sobre injustiças e desigualdades e reivindicar o seu oposto, também o é para o sujeito que, na defesa de um projeto revolucionário, abstém-se da tomada de posição em benefício de uma superioridade sobre as decisões coletivas.

Tal superioridade, aproximada da posição de algumas frações socialistas contra as quais Gramsci polemiza, iguala-se ao determinismo burguês que impede o sujeito de se reconhecer no ato de interpretar o real.

Uma das mais graves lacunas da nossa atividade é esta: nós esperamos a atualidade para discutir problemas e para fixar as diretivas da nossa ação. Obrigados pela urgência, damos aos problemas soluções apressadas, no sentido em que nem todos os que participam no movimento se apoderaram dos termos exatos das questões e, portanto, se seguem a diretiva fixada, fazem-no por espírito de disciplina e pela confiança que depositam nos dirigentes, e não por íntima convicção, por uma racional espontaneidade. Assim acontece que, em cada hora histórica importante, se verificam as debandadas, os abrandamentos, as rixas internas, as questões pessoais. [...].

Não existe uma convicção firme difundida. Não existe aquela preparação de longa data que provoca a rapidez de deliberação em qualquer momento, que determina os acordos imediatos, acordos efetivos, profundos, que reforçam a ação (Gramsci, 1976, p. 177).

A “íntima convicção, espontaneidade racional ou preparação de longa data” caracteriza o alcance do estágio de liberdade associado ao ato educativo (Gramsci, 1976, p. 177). Se educar exige também a formação de uma conduta moral, em prol dos interesses

das classes trabalhadoras, é indispensável que, no seio do partido, mediador desses interesses, cultivem-se experiências educativas. Concebida como “[...] novo órgão do movimento operário, [...] [a associação de cultura] deveria ser a instância na qual se debateriam e aprofundariam tempestivamente, sem a preocupação da urgência política, questões de interesse geral para as lutas do proletariado [...]” (Rapone, 2014, p. 93).

A proposta de Gramsci, apesar de não ser bem-vista pelo movimento socialista italiano, representa o valor da educação das classes trabalhadoras, por ele encontrado em tempos de fortalecimento do partido para a organização de um processo revolucionário. Esse valor permaneceu e Gramsci se esforçou para continuar a tarefa educativa iniciada na imprensa e círculos operários de incentivo à cultura.

Ocupa-se de *Il Grido* para polemizar questões que poderiam sofrer censura em veículos partidários oficiais, e do *Avanti!* turinense para as crônicas e assuntos do dia a dia. Combatia excessivamente o antissocialismo, por entender que o movimento socialista representava, naquele momento, o meio para o alcance da condição de liberdade às classes trabalhadoras.

2.7 *Avanti!* turinense e o antinacionalismo

As polêmicas de *Il Grido* o auxiliavam na condução de um trabalho educativo acerca da perspectiva de enxergar o movimento socialista, que certamente confrontava os pontos de vista de algumas frações partidárias, e as denúncias e críticas do *Avanti!* turinense o ajudavam no trabalho educativo da problematização de temas gerais, como é o caso da repercussão do sentimento nacionalista, especialmente na formação da juventude, à qual dedica uma série de textos.

“O presidente do ‘soviet’ dos estudantes”⁵² é um exemplo de texto impresso no *Avanti!* turinense, em 29 de dezembro de 1917, para a denúncia do fenômeno nacionalista italiano, extremado nos anos seguintes. Nele, adensando a crítica ao professor turinense de escola média Arnaldo Monti⁵³, que também presidia o *Fascio studentesco per la guerra e per l’idea nazionale* (Grupo estudantil pela guerra e pela ideia nacional), Gramsci busca levar aos leitores conhecimentos sobre filologia, gramática e escolarização formal italiana (Gramsci, 1982).

Preocupava Gramsci a orientação tomada pela instrução nacional, que, além de não contribuir para a educação das classes trabalhadoras, passava a propagar, a partir de valores nacionalistas, a cultura do ódio e da violência contra as diferenças, imprimindo na formação dos jovens a defesa dos interesses dos grupos sociais dominantes.

Após convidar o leitor a conhecer a ignorância de Monti nos temas filologia e gramática, acusa-o de irresponsável por querer constituir uma organização estudantil pela defesa do nacionalismo italiano, envolvendo pautas como participação da Itália na guerra, repulsa aos alemães e aos russos e aversão pelos veículos de imprensa e de organização da cultura e da política operária, mesmo consciente do prejuízo disso às classes trabalhadoras.

Monti não passa de um vulgar enchedor de cérebros. Desprovido de todo preparo para fazer o pouco de bem que sua pesquisa poderia render. Se os estudantes italianos tivessem apenas sua contribuição e seus pares, seria realmente desesperador para nosso país e para a humanidade italiana: a escravidão aos alemães e à ciência alemã seria inevitável porque entre os que trabalham e os que tagarelam o triunfo só pode ser dos primeiros. Mas não é uma situação real, e Monti não passa de um naufrágio que veio à tona nestes momentos de convulsão e confusão, quando os jovens que estudam e trabalham estão longe, e permanecem pequenos organizadores de *soviets* entre os estudantes do colegial (Gramsci, 1982, p. 526, grifo do autor).

⁵² Não assinado e originalmente publicado no *Avanti!* turinense, número 360, em 29 de dezembro de 1917 (Gramsci, 1982, p. 524-526).

⁵³ Arnaldo Monti, cujas informações a respeito do nascimento e da morte são desconhecidas, foi um professor do Ginásio Cesare Balbo alvo da crítica antinacionalista de Gramsci, percebida nos anos em que conciliava a produção jornalística entre *Avanti!* turinense e *Il Grido* (Guida; Rigui, 2019).

“O presidente do ‘soviet’ dos estudantes” permite clarear a dificuldade, enfrentada por Gramsci, de combater o absolutismo determinista das políticas para a instrução escolar italiana. Esse “momento de convulsão e confusão” é caracterizado (Gramsci, 1982, p. 526), todavia, pelas dificuldades no combate ao absolutismo determinista também no interior daquele que, segundo ele, seria o veículo de propagação da defesa e dos interesses dos grupos subalternos, o PSI. Essa segunda dificuldade, potencializadora da primeira, era combatida em *Il Grido*, onde o trabalho redacional de Gramsci, na condição de editor do jornal, não era cerceado.

Em *Il Grido* aparece, com maior ênfase, o tema do socialismo. Nele, abstém-se do conflito direto com problemas locais, com uma interlocução aberta às muitas frações das classes trabalhadoras italianas, como é possível observar no *Avanti!* turinense, e se concentra no tema da transmissão aos socialistas de sua concepção de mundo para o processo revolucionário.

Não bastava educar classes trabalhadoras e lhes possibilitar alcançar uma condição de liberdade a partir do reconhecimento no processo e no produto educativo. Era preciso estruturar um trabalho de organização coletiva a fim de refletir sobre como poderia ser afirmado um projeto de sociabilidade em que a luta pela educação dos trabalhadores inexistisse, uma forma de vida liberta da necessidade de ter que pensar alternativas, para que os trabalhadores pudessem alcançar o seu lugar e, tão somente, de tal possibilidade, reclamarem seus direitos e suas necessidades. É sobre esse projeto, essa forma de vida, que grande parte das linhas de *Il Grido* são preenchidas no decorrer de 1918.

2.8 *Il Grido* e o antivanguardismo

Podem ser observados traços da educação socialista de *Il Grido*, complementar à atividade de educação geral das classes trabalhadoras proposta pelo *Avanti!* turinense, em escrito intitulado

“A família”⁵⁴, de 9 de fevereiro de 1918. O texto busca expor, aos socialistas, uma concepção de família distinta daquela próxima da visão determinista burguesa. Não só, no entanto, convida os socialistas a refletir sobre esse conceito, mas também sobre o tema da educação das classes trabalhadoras (Gramsci, 2004a). O convite ao tema da educação como obrigação e responsabilidade da família, no horizonte de uma forma de vida fundamentada na coletivização dos meios de produção, polemiza com algumas frações existentes no movimento socialista italiano da época.

A partir do entendimento de que o conceito de família do projeto burguês de sociabilidade se reduz ao núcleo natural (genitores e prole) e adere ao propósito da garantia dos meios de subsistência da prole com base na propriedade privada, Gramsci evidencia a dispensa da obrigação e da responsabilidade da família com a educação, nos moldes deterministas desse projeto de sociabilidade.

Dessa tese, colocando-se ao lado do leitor e sujeito aprendente, passa a reclamar, pelo contrário, uma concepção de família provida de função moral. Com isso, leva o leitor a compreender que a demarcação de uma forma de vida em que esse propósito é alcançado necessita de um trabalho, em ofensiva ao projeto burguês, de reforma moral e intelectual dos trabalhadores e dos socialistas.

[...] nós, socialistas, não queremos que seja assim: queremos que todos os filhos sejam tutelados em seu desenvolvimento fisiológico e moral, que todos os filhos sejam iguais diante dos perigos e dos riscos do ambiente natural. Queremos que todos disponham, de igual modo, dos meios necessários para educar a própria inteligência, para dar a toda a coletividade os maiores frutos possíveis do saber, da pesquisa científica, da fantasia que cria a beleza na poesia, na escultura, em todas as artes. Portanto, somente a abolição da propriedade privada e sua conversão em propriedade coletiva poderão fazer com que a família seja aquilo que deve ser: um organismo de vida moral. Em regime coletivista, a segurança e a liberdade serão um benefício desfrutado indistintamente por todos: os meios necessários para a proteção da prole serão assegurados a todos. Os pais não mais viverão

⁵⁴ Assinado por A. G. e originalmente publicado em *Il Grido* em 9 de fevereiro de 1918 (Gramsci, 2004a, p. 141-144).

na angústia de buscar o pão para seus filhos, mas poderão assim exercer serenamente sua tarefa moral de educadores, de transmissões da chama da civilização de uma geração a outra, do passado ao futuro (Gramsci, 2004a, p. 143).

Há muito a ser extraído do excerto. Primeiro, a forma como Gramsci se refere ao leitor e aprendiz, utilizando pronomes e conjugações em pessoa verbal que o inclui, como “nós, socialistas”, “não queremos” e “queremos” (Gramsci, 2004a, p. 143), sugere forte ligação entre o seu propósito e o daqueles com quem dialoga. O diálogo é possibilitado aqui, outra vez, mediante a personificação de seu intérprete.

O personagem “nós, socialistas” do texto instiga o intérprete a se questionar sobre as afirmações dele próprio (Gramsci, 2004a, p. 143), uma vez que incluído por Gramsci na defesa de um projeto de sociedade, de família e de educação baseado na propriedade coletiva dos meios.

A construção dessa nova forma de vida, e nisso se esforça *Il Grido* em 1918, longe de se prestar a qualquer tipo de determinismo ou razão absoluta, parte de um cuidadoso trabalho de organização política, que prevê o fortalecimento moral e intelectual de cada sujeito. Significa dizer que o apreço de Gramsci pelo que motivou a Revolução Russa às muitas experiências nacionais, dentre as quais a italiana, não pode ser entendido como romantização socialista.

Pelo contrário, Gramsci entende a minúcia do trabalho de organização política encarado por aquele país, que envolveu a educação das classes trabalhadoras para a superação das precárias condições de vida possibilitadas pelo absolutismo czarista, e busca construir, mediante as condições objetivas italianas, uma oportunidade revolucionária.

Para isso, Gramsci tinha a convicção, percebida mesmo antes de poder estabelecer qualquer relação entre ambas as experiências nacionais, da importância do trabalho educativo. Antes de reclamar, noutro possível destaque do excerto, por um modo de vida em que

“[...] todos disponham, de igual modo, dos meios necessários para educar a própria inteligência [...]” (Gramsci, 2004a, p. 143), Gramsci já reclamava a educação da própria inteligência a cada sujeito.

O trabalho em *Il Grido* exprime, portanto, a condução de uma forma política, respaldada no socialismo, de várias antigas reivindicações, formadas do dilema enfrentado desde a vida na Sardenha. “A família” é significativo por fazer notar como o uso da imprensa enquanto lugar de prática, por Gramsci, aproxima-se da sua tentativa de fortalecer os quadros políticos do PSI, ainda que o veículo oficial do partido fosse o *Avanti!*

Em *Il Grido*, Gramsci expõe o que não tinha abertura, mediante o crivo da censura partidária, no *Avanti!* turinense e, por isso, pistas à instrução socialista eram pauta aparente tanto mais naquele do que neste jornal, que, por sua vez, reportava-se ao mais amplo modo de Gramsci de defender a educação de trabalhadores, e não exprime, com clareza, elementos de organização política e de instrução coletiva na perspectiva dos propósitos socialistas. Esse propósito aberto de educação, deslocado diretamente dos interesses socialistas, pode ser percebido na experiência, movida pelo *Avanti!* turinense, do Clube de Vida Moral.

2.9 Clube de Vida Moral e o antiverbalismo

O Clube de Vida Moral foi fundado em dezembro de 1917, como relatam Carlo Boccardo⁵⁵ e o já mencionado Viglongo, e teve suas atividades encerradas aproximadamente cem dias após a fundação. Objetivava refletir sobre o modo como as classes trabalhadoras italianas adotavam comportamentos que, na maior parte das vezes, desfavoreciam a própria afirmação de seus interesses e direitos (Quercioli, 1977).

⁵⁵ Carlo Boccardo nasceu em Turim em 1900. Informações sobre a sua data e local de falecimento não foram encontradas. É recordado pelo significativo papel, ao lado de Gramsci e demais companheiros, nos veículos de imprensa e organismos de organização da cultura operária, sobretudo nos anos que antecederam o fascismo (Quercioli, 1977).

Tratava-se de um organismo de vida moral, orientado aos jovens trabalhadores, gestado para suprir a impossibilidade, no contexto da sociedade burguesa, de designar essa função às instituições comuns. Além de Gramsci, somente o frequentaram três jovens, dentro os quais os dois mencionados e Attilio Carena⁵⁶. Boccardo, tratando da prevalência da interpretação da realidade sobre os temas de organização da política socialista, relata:

Não se pode dizer que [o Clube] exerceu uma atividade, mas foi um compromisso; em primeiro lugar, para refletir contra o descuido, contra a superficialidade que sempre estiveram presentes em nosso país em muitas atitudes e em muitas atividades e que de forma alguma estiveram ausentes mesmo na organização do Partido Socialista Italiano [...].

Com isso não quero dizer que o Partido Socialista foi irresponsável, mas certamente revelou sua tolice e sua incrível superficialidade com a própria adoção de fórmulas como “aderir”, “nem aderir, nem sabotar” e outras semelhantes próprias daqueles anos (Quercioli, 1977, p. 39).

A experiência do Clube de Vida Moral fornece pistas para a compreensão do modo como Gramsci lidou com a educação das classes trabalhadoras. Pistas já observadas nos círculos e jornais durante os anos de 1916 e 1917, acrescidas do horizonte revolucionário do último desses anos. A Revolução Russa o havia despertado ao socialismo enquanto estímulo para continuar reivindicando o direito e os interesses dos grupos sociais subalternos.

Era necessário, ao tempo da crítica à configuração determinista de algumas frações socialistas, continuar o trabalho educativo. Esse trabalho ganhou espaço no Clube de Vida Moral, onde temas éticos, sociais e políticos eram debatidos, conforme conduzidas as atividades de ensino, pesquisa, exposição e debates entre os seus membros, e guiados por uma obra, opúsculo, capítulo, comentário, texto jornalístico ou manifesto.

⁵⁶ Não foram encontradas informações biográficas sobre Attilio Carena. É sabido, no entanto, que ele fez parte, ao lado de Boccardo e Viglono, do Clube de Vida Moral de 1917 (Quercioli, 1977).

Em carta de março de 1918, endereçada a Giuseppe Lombardo Radice⁵⁷, pedagogo e filósofo italiano reconhecido, também por Gramsci, pela vasta contribuição à educação da juventude italiana, são apresentados os objetivos e o método assumido pelo Clube de Vida Moral nas suas atividades. Nela, Gramsci deixou claro não crer, para o específico momento de organização política que vive o socialismo da Itália, e particularmente de Turim, ser suficiente “[...] a pregação verbal dos princípios e das máximas morais que deverão necessariamente se instaurar com o advento da civilização socialista” (Gramsci, 2004a, p. 145).

Para Gramsci, era importante articular à pregação, aproximada ao trabalho desenvolvido em *Il Grido*, um trabalho educativo mais amplo, que permitisse aos sujeitos exercitarem o (e se reconhecerem no) ato de estudar, investigar e chegar ao conhecimento. Um processo que se pretende libertador, ao passo que se distingue do mecanicismo enciclopédico e possibilita ao indivíduo estabelecer sentido direto entre a sua realidade e o conhecimento adquirido.

Gramsci acreditava que um trabalho ampliado de reflexão, “desinteressado”, livre de qualquer pretensão imediata, deveria antecipar a “pregação verbal” do socialismo, ordem do dia de muitas frações do PSI à época (Gramsci, 2004a, p. 145-146). A organização política carecia de uma organização própria da conduta moral da sociedade italiana. Mesmo o tom de “pregação verbal” assumido por Gramsci em *Il Grido*, como em “A família” (Gramsci, 2004a, p. 146), não se afastava do trabalho educativo, ainda que orientado aos trabalhadores socialistas.

A organização política para a chegada de um modo de vida baseado na propriedade coletiva dos meios deveria ser antecipada pela reforma moral e intelectual de cada sujeito envolvido, direta ou indiretamente, com ela. O Clube de Vida Moral orientava-se a esse trabalho de reforma, condizente com o já praticado nos círculos e

⁵⁷ Giuseppe Lombardo Radice, nascido em Catania no ano de 1879 e morto em Cortina d'Ampezzo em 1938, é reconhecido pelo vasto trabalho desempenhado em prol da educação italiana no início do século XX (Lombardo-Radice, [20-?]).

primeiros escritos jornalísticos, especialmente sobre crônicas, teatros e política do dia a dia:

Surgiu assim, há pouco tempo, um *Clube de vida moral*. Com ele, propomo-nos habituar os jovens que aderem ao movimento político e econômico socialista à discussão desinteressada dos problemas éticos e sociais. Queremos fazer com que se habituem à pesquisa, à leitura feita com disciplina e método, à exposição simples e serena de suas convicções. Os trabalhos ocorrem do seguinte modo: eu, que tive de aceitar a tarefa de *excubitor*, na condição de fundador da associação, atribuo a um jovem um *dever*, como o de expor o opúsculo de sua autoria [de Radice] sobre educação [...]. O jovem lê, faz um esquema, e depois, numa sessão coletiva, expõe aos presentes os resultados de suas pesquisas e de suas reflexões. Um dos presentes, caso se tenha preparado, ou eu mesmo, apresentamos objeções, sugerimos soluções diversas, ampliamos a abrangência de um conceito ou de um raciocínio. Abre-se assim uma discussão, que buscamos não encerrar até que *todos* os presentes tenham sido postos em condições de compreender e de assimilar os resultados do trabalho em comum. [...] Queremos que cada um tenha a coragem e a energia moral suficientes para *confessar-se* publicamente, aceitando que os amigos o aconselhem e o controlem: queremos criar a confiança recíproca, uma comunhão intelectual e moral de todos (Gramsci, 2004a, p. 146).

Traços da prática pedagógica de Gramsci, já apresentados anteriormente, tomam lugar na condução das atividades do Clube de Vida Moral. Todos eles, herdados dos seus muitos enfrentamentos de vida, transpareciam os seus sentidos no contexto de apresentação do horizonte revolucionário aos segmentos socialistas influenciados pelo bolchevismo russo do ano anterior.

O caso do professor Monti, em “O presidente do ‘soviet’ dos estudantes”, não era isolado. A resposta de Radice a Gramsci, insignificante do ponto de vista do que se pretendia o Clube de Vida Moral, indica como o nacionalismo encontrava fôlego entre os intelectuais italianos do período: “Meu lugar é aqui, pela Itália, ou seja, pela humanidade que não quer servir à Alemanha. Má-fé dos socialistas [...] ou cega abstração, é certo que colaboraram [...] com os alemães! Agora não é hora para academias pedagógicas, mas de ação pela pátria [...]” (Radice, 2009, p. 179).

Esse tipo de posição causava preocupação a Gramsci, especialmente porque defendia uma concepção de formação humana que fizesse *jus* aos interesses das classes trabalhadoras. Gramsci acreditava que a formação de uma consciência crítica e de uma conduta moral poderia criar obstáculos às posições determinista e nacionalista italianas, e de outras delas derivadas, impedindo-as de se fazerem lugar-comum para as classes trabalhadoras.

Viglongo, apresentando elementos da personalidade de Gramsci que motivaram experiências como o Clube de Vida Moral, em que jovens trabalhadores se deparavam com essa concepção de formação, incentivados a reivindicar e agir sobre a realidade e suas contradições, afirma:

Ele [Gramsci] se importava muito com os jovens. Se não pudesse fazer outra coisa, teria se dedicado ao ensino em escolas ou mesmo a aulas particulares. No movimento operário, entretanto, ele teve a oportunidade de o fazer em um nível infinitamente mais importante. Acima de tudo, ele foi capaz de deixar pegadas que permanecerão. Não escondeu, porém, que sua preocupação no movimento operário era educar os jovens, muitos jovens (Quericioli, 1977, p. 123).

É possível identificar no relato como, na contramão do incentivo ao conflito bélico feito por muitos intelectuais italianos influentes ao seu tempo para cooptar a juventude, a mobilização das classes trabalhadoras, a partir de organismos culturais como o Clube de Vida Moral, deveria ser priorizada. Tal necessidade se potencializaria conforme notícias a respeito da experiência russa eram veiculadas na imprensa operária italiana.

2.10 Experiência russa e o antimecanicismo

O incentivo à cultura ganhava centralidade, na contramão do pessimismo partidário e das críticas e ameaças nacionalistas às suas publicações no *Avanti!* turinense e em *Il Grido*. Gramsci se preocupava com a educação das classes trabalhadoras, e em especial da juventude, como uma importante frente para a chegada do socialismo. Ocupava-se de educar, a partir de diferentes lugares de prática, a todos.

Tinha consciência de que a sua concepção de mundo alcançava os mais diversos estratos de trabalhadores. Confiava na formação “desinteressada”⁵⁸ (Gramsci, 2004a, p. 146), viabilizada por organismos de vida moral, enquanto prerrogativa da organização dos quadros políticos do PSI, e a ela engajava trabalhadores com disposição para maiores enfrentamentos, relacionados à constituição das sólidas bases de um modo de vida fundamentado na coletivização dos meios.

Essa confiança ficava, no decorrer de 1918, cada vez mais expressiva em seus textos. Dois deles são “A cultura no movimento socialista”⁵⁹ e “Para conhecer a Revolução Russa”⁶⁰, publicados em *Il Grido* respectivamente em 1º e em 22 de junho daquele ano, nos quais é possível observar como Gramsci se respaldava nas experiências revolucionárias russas, especificamente em seu cuidado com o incentivo à cultura proletária, para pensar a organização política socialista italiana.

Do primeiro cabe destacar como Gramsci retoma um artigo de Anatoli Lunatcharski⁶¹, comissário do povo para a educação pública soviética, e também algumas proposições apresentadas no *Avanti!* turinense em “Para uma associação de cultura” no fim do ano anterior, para mostrar coincidências entre as iniciativas de organização política russas e italianas, em especial sobre como a condução de propostas educacionais, entendidas na Rússia como forma de superar as dissidências partidárias, deveriam ser implementadas na Itália com o mesmo propósito.

Complementa-o o outro texto, especificamente em seção dedicada à educação política na Rússia, dando informações sobre

⁵⁸ O adjetivo “desinteressado”, para tratar do conceito de formação, instrução ou educação, é apanhado de Gramsci, conforme indicação da referência. Doravante, para a facilitação da leitura, dispensa-se a utilização de aspas e citação para o referido adjetivo.

⁵⁹ Não assinado e originalmente publicado em *Il Grido*, número 723, em 1º de junho de 1918 (Gramsci, 1984, p. 77).

⁶⁰ Não assinado e originalmente publicado em *Il Grido* em 22 de junho de 1918 (Gramsci, 2004a, p. 182-192).

⁶¹ Anatoli Lunatcharski, nascido em Poltava, província ucraniana, no ano de 1875, e morto em Menton, na França, no ano de 1933, foi um escritor e político russo influente no movimento socialista revolucionário, ao lado do PCUS, especialmente memorado pelo papel desempenhado na Comissão do Povo de Educação (Lunačarskij, [20--?]).

a maneira como a consciência crítica e a reivindicação proletária naquele país, peça-chave à condução do processo revolucionário, aproximava-se do intuito de Gramsci para a educação de trabalhadores.

É interessante notar como Gramsci, a partir de ambos os escritos, publicados em *Il Grido*, jornal dedicado às suas impressões a respeito do processo de organização política socialista na Itália, finalmente encontrava aproximações entre o incentivo à cultura, a que há muito ele dava importância, e o processo revolucionário russo. Quando percebe como tal incentivo poderia fortalecer os quadros do PSI, depara-se com uma percepção semelhante, atribuída às palavras de Lunatcharski, no contexto revolucionário soviético do Partido Comunista da União Soviética (PCUS):

Alguns leitores talvez se lembrem da discussão que ocorreu nas crônicas turinenses do “Avanti!” em dezembro de 1917 e janeiro de 1918, sobre o estabelecimento de uma associação de cultura proletária, e se recordarão ainda de como a redação do “Avanti!” de Turim colocou o problema nos mesmos termos de Lunaciarschi. Esta coincidência de pensamento e proposta prática depende indubitavelmente e essencialmente da grande semelhança que existe entre as condições intelectuais e morais dos dois proletariados, o russo e o italiano. O artigo do camarada russo, o primeiro-ministro socialista da educação pública na primeira república socialista, adquire para nós tanto valor educacional quanto informacional. O problema para o qual ele sugere uma solução é agora mais urgente e crucial para a Itália do que para a Rússia, e convidamos os leitores do “Grido” a refletir sobre ele e decidir pela defesa da melhor solução em prática (Gramsci, 1984, p. 77).

Convidando o leitor de *Il Grido* a realizar a leitura do artigo de Lunatcharski, interpretar a sua concepção de educação e a traduzir para a realidade italiana, suscitando um modo de apresentação, debate e escolha coletiva por uma solução prática, Gramsci está sendo coerente com o método de educação já observado noutros lugares de prática. O trabalho informacional associado ao educacional, atribuído ao texto de Lunatcharski, define também o sentido da produção jornalística de Gramsci.

Informar o leitor dos acontecimentos, mas, acima de tudo, fazê-lo refletir sobre a realidade, na condição de sujeito que aprende, e tomar posição para uma solução prática de possíveis problemas e contradições, tão logo se reconheça no elemento cotidiano informado e no conhecimento adquirido, são objetivos dessa produção.

A fim de acrescentar à busca por uma solução prática ao problema da organização dos quadros políticos do PSI e, conseqüentemente, ao trabalho de educação suscitado por *Il Grido*, a seção sobre educação política russa contida em “Para conhecer a Revolução Russa” carrega importantes elementos, próximos da concepção de mundo de Gramsci e, particularmente, de seu entendimento sobre a educação de trabalhadores.

O cuidado dos organismos proletários de cultura com o fortalecimento de uma consciência crítica e uma conduta moral correspondentes aos interesses dos trabalhadores, a promoção de debates, a participação coletiva e, por meio dela, o reconhecimento de cada sujeito nas decisões daquela sociedade são elementos expostos no texto. Muitas semelhanças podem ser apresentadas entre eles e o modo como Gramsci buscava, mesmo antes de se deparar com o levante revolucionário russo, combater as injustiças e desigualdades sociais que assolavam as classes trabalhadoras italianas (Gramsci, 2004a).

Uma delas pode ser percebida na menção à “consciência da própria força” do proletariado (Gramsci, 2004a, p. 188). “O proletariado é maioria da população; e, quando vence, está seguro de sua força futura e não se excede. Quem se excede é a minoria que deve sua vitória apenas às puras forças mecânicas e, por isso, não tem nenhuma segurança do futuro [...]” (Gramsci, 2004a, p. 188).

O que Gramsci concebe como “consciência da própria força” tem relação com o autorreconhecimento (Gramsci, 2004a, p. 188) do sujeito que aprende nos meios e na finalidade do processo educativo.

A segurança contida nessa consciência da força é o que garante um estímulo para ações práticas não induzido por formas mecânicas, deterministas e fatalistas, mas por formas estudadas, controladas e providas de uma organização, debate e decisão coletiva.

As aproximações entre as orientações russas para o processo de educação do proletariado e o que Gramsci entende como educação de trabalhadores ficam ainda mais evidentes neste excerto:

A cultura dos bolcheviques tem sua base na filosofia historicista: eles concebem a ação política, a história, como desenvolvimento, não como arbítrio contratualista; concebem-na como processo infinito de aperfeiçoamento, não como mito definitivo e cristalizado numa fórmula superficial. E essa sua cultura, essa orientação mental presente nos artigos que publicam em seus jornais, divulgados em centenas de milhares de exemplares entre os proletários que as assimilam, elevam sua cultura e os fazem cada vez mais capazes de controlar a ação dos órgãos executivos, de serem os iniciadores de atividades políticas e econômicas. Na Rússia, tende assim a se realizar o governo com o consenso dos governados, com a efetiva autodecisão dos governados, já que os cidadãos não estão ligados aos poderes por laços de sujeição, mas se torna real uma coparticipação dos governados nos poderes. Os poderes efetuam uma imensa obra educativa, trabalham para que os cidadãos sejam cultos, empenham-se na realização daquela república de sábios e de pessoas corresponsáveis que é o objetivo necessário da revolução socialista [...] (Gramsci, 2004a, p. 190).

Vê-se Gramsci falando da própria concepção de educação, cultivada desde os primeiros escritos, quando defendia a elevação crítica ou a linguagem particular de cada sujeito por meio do aperfeiçoamento metódico e da dedicação investigativa na busca pelo conhecimento, por meio das experiências revolucionárias soviéticas.

A “república de sábios e corresponsáveis” (Gramsci, 2004a, p. 190), que não se sujeita ao governante, mas, do contrário, assume responsabilidades sobre as decisões políticas, já podia ser articulada ao propósito, ainda restrito, de seus escritos de 1916 do *Avanti!* turinense, da não sujeição ao conhecimento reproduzido, sem qualquer finalidade para a criação da personalidade do sujeito

aprendente, da não sujeição à verborragia enciclopédica dos mestres das Universidades Populares, da convicção do mestre em possibilitar, a partir das experiências, problemas e contradições cotidianas, o envolvimento do aprendente no processo e no produto do conhecimento, isto é, na forma de interpretar o conhecimento e na finalidade prática a ele atribuída.

2.11 Intelectual orgânico das classes trabalhadoras e o antidespotismo

O mesmo movimento visto em *Il Grido* a partir de “Para conhecer a Revolução Russa”, enquanto exercício de educação socialista, pode ser verificado no *Avanti!* turinense do dia 25 de julho de 1918, em texto intitulado “Utopia”⁶², como exercício de educação mais amplo.

Se no primeiro veículo jornalístico Gramsci refletiu com a fração socialista das classes trabalhadoras, já aproximada do processo revolucionário russo e confrontada pela tarefa da organização política do socialismo italiano, e para isso cuidou da apresentação de elementos da prática política soviética que ensinassem aos intérpretes leitores, sujeitos aprendentes, a improbabilidade de uma via determinista para a condução dessa tarefa, no *Avanti!* turinense partiu do mesmo objeto, elementos da prática política russa, para dialogar com frações mais amplas das classes trabalhadoras, não aproximadas ao processo revolucionário e, muitas vezes, enganadas pela distorção histórica dos veículos da imprensa burguesa.

Utopia era o adjetivo utilizado pela imprensa das classes dominantes para tratar do processo revolucionário soviético. É desse adjetivo, tomado como assunto do dia a dia das classes trabalhadoras italianas, que Gramsci orienta o valor educativo do texto assim intitulado. O objetivo era possibilitar ao leitor refletir sobre a importância do confronto, com base no esforço intelectual, ao conformismo burguês (Gramsci, 2004a).

⁶² Assinado por A. G. e originalmente publicado no *Avanti!* turinense em 25 de julho de 1918 (Gramsci, 2004a, p. 200-209).

Pode-se dizer que Gramsci expunha o valor de sua prática educativa, tendo em vista o próprio conhecimento buscado e apreendido pelo intérprete de sua concepção de mundo, sintetizada em textos jornalísticos, na representação desse confronto. Mas Gramsci avança, valendo-se de exemplos dos eventos russos para criticar o sentido utópico depositado pelos oportunistas da imprensa burguesa. Apresenta a Revolução Russa como exemplo de invalidação da tese da definição mecânica da ação política pela estrutura econômica.

“Os eventos não dependem do arbítrio de um indivíduo ou mesmo de um grupo, ainda que numeroso: dependem das vontades de muitos, vontades que se manifestam na realização ou não de certos atos e nas atitudes espirituais correspondentes” (Gramsci, 2004a, p. 202). Com isso, Gramsci levava ao leitor do *Avanti!* turinense o conhecimento de que a atividade econômica, representada na adaptação e mecanização das atitudes dos sujeitos à conservação de suas respectivas integridades fisiológicas (a mesma crítica exposta em “A família”, em fevereiro, em *Il Grido*), só define a ação política na circunstância de debilidade das classes trabalhadoras tomarem consciência e reivindicarem sua liberdade.

Gramsci, defendendo que “[...] a psicologia pode mudar, que a debilidade pode se tornar força”, assegura como a atividade econômica pode ser representada por uma finalidade mais ampla (Gramsci, 2004a, p. 202), não reservada à integridade fisiológica, mas à integridade moral e intelectual, e, a partir disso, influenciar ações políticas fundamentadas na propriedade coletiva dos meios. É esse o espelho da sociedade russa que, em atividade educativa, apresenta ao leitor do *Avanti!* turinense.

Também esse é o espelho por ele sugerido à Itália. O espelho de uma sociedade livre do conformismo burguês, uma sociedade em que cada sujeito, a partir do exercício investigativo representativo da chegada ao conhecimento, liberta-se de qualquer fatalismo histórico associado às classes trabalhadoras.

Gramsci criticava, em *Il Grido*, como alguns dirigentes socialistas encontravam na fórmula determinista uma resposta para o estabelecimento do regime socialista. Explorava ao máximo os detalhes das informações obtidas da Rússia para contrapor qualquer tipo de verticalidade no processo de constituição e consolidação desse regime. Estava claro que, para ele, a forma de vencer o fatalismo, o determinismo e o reformismo da sociedade burguesa, que invadiam também os quadros do PSI, era a instrução das classes trabalhadoras. Esse argumento toma forma de artigo, do dia 31 de agosto de 1918, intitulado “Primeiro livres”⁶³ e publicado em *Il Grido*.

Cabe compreender, como premissa do debate suscitado por esse artigo, dois rápidos exemplos de comunicação direta, vide *Avanti!* turinense, com as classes trabalhadoras italianas. Esses exemplos auxiliam na própria compreensão do argumento contra o qual Gramsci se posiciona em “Primeiro livres”. São os exemplos expostos em, respectivamente, “O Estado contra a cultura”⁶⁴ e “A escola livre”⁶⁵, entre 14 e 15 de agosto de 1918.

Em ambos os textos, Gramsci reforça, a partir de distintos, porém complementares, objetos de denúncia, a forma como as classes trabalhadoras italianas se encontravam imersas em uma configuração social que as tolhia do gozo de direitos e da defesa de interesses. Era preciso, a partir desse veículo, em que conversava com as frações mais amplas dessas classes, informar sobre política local e temas cotidianos que favoreciam essa configuração.

Para isso, Gramsci problematiza, em “O Estado contra a cultura”, a criação do imposto sobre o livro como medida do Estado para a arrecadação fiscal e, conseqüentemente, o golpe à cultura e a fórmula encontrada, pelas classes trabalhadoras italianas a partir da vontade coletiva e da não adaptação mecânica, para ajustarem os preços de publicação e venda de livros.

⁶³ Não assinado e originalmente publicado em *Il Grido*, número 736, em 31 de agosto de 1918 (Gramsci, 2021, p. 67-69).

⁶⁴ Não assinado e originalmente publicado no *Avanti!* turinense, número 224, em 14 de agosto de 1918 (Gramsci, 1984, p. 249-251).

⁶⁵ Não assinado e originalmente publicado no *Avanti!* turinense, número 225, em 15 de agosto de 1918 (Gramsci, 1984, p. 252-254).

Critica também, em “A escola livre”, o problema do monopólio da instrução italiana por parte do Estado, as recentes críticas movidas pela Igreja na iminência de ter que garantir privilégios ameaçados e o favorecimento desse monopólio à ocupação da burocracia estatal por frações restritas da burguesia, deixando de lado qualquer mínimo interesse pela educação das classes trabalhadoras.

O Estado imediatamente se declarou contra a cultura, contra o mercado de livros baratos, contra a possibilidade de os pobres montarem uma pequena biblioteca familiar.

[...].

O problema, que se agrava a cada dia, é insolúvel, a não ser que o Estado renuncie ao monopólio da escola ou o reduza a proporções mínimas, [...] e pense, finalmente, naquela reforma da burocracia que todos pedem [...] (Gramsci, 1984, p. 250-253).

O exercício contido em denúncias como as dos excertos de ambos os textos, “O Estado contra a cultura” e “A escola livre”, caracterizam o modo como Gramsci, instruindo e reclamando uma posição, apresenta às classes trabalhadoras italianas a necessidade de fuga ao conformismo burguês. São instruções abertas que conduzem o processo de elevação moral e intelectual dessas classes, que contribuem ao nascimento e ao direcionamento de vontades coletivas, respaldadas na garantia de direitos e na expressão dos interesses subalternos, às atividades econômicas e, conseqüentemente, às ações políticas de uma sociedade.

É com base nesse trabalho educativo que Gramsci anuncia em *Il Grido*, aos pares socialistas, o sentido da revolução proletária. É com base nele que escreve um dos últimos artigos desse jornal, “Primeiro livres”, opondo-se radicalmente às indicações de Alfonso Leonetti⁶⁶, membro do PSI e contribuinte à atividade redacional de jornais operários italianos, sobre o processo revolucionário.

⁶⁶ Nascido em Andria, 1895, e morto em Roma, 1985, Alfonso Leonetti foi redator e político influente nos movimentos socialista e comunista italianos da primeira metade do século XX (Bidussa; Giasi; Righi, 2011).

Leonetti renunciava à organização política, nos termos de Gramsci aproximada do incentivo à cultura socialista, por desacreditar na educação das classes trabalhadoras ao lado dos limites estabelecidos pela sociedade burguesa. Defendia a necessidade de o PSI concentrar forças na ação revolucionária imediata e deixar para se preocupar com o tema da instrução quando da conquista do poder por parte do proletariado (Gramsci, 2021).

Pelo contrário, Gramsci acreditava na organização política do partido, ao lado de um trabalho de conscientização amplo das classes trabalhadoras, como a única forma de alcançar a conquista desse poder. Carecia de sentido, a ele, qualquer iniciativa imediatista que buscasse passar, à frente do consciente coletivo das classes trabalhadoras, ações estabelecidas por uma minoria. Esse tipo de iniciativa reduzia-se ao mesmo problema do fatalismo, que tanto impedia a ascensão da consciência crítica e da reivindicação do sujeito, a previsibilidade de sua liberdade.

Gramsci defendia a organização política, ao lado do trabalho de educação moral e intelectual das classes trabalhadoras, como meio pelo qual seria criada uma vontade coletiva contrária a todo fatalismo impeditivo de sua liberdade, pelo qual as atividades econômicas e ações políticas deixariam de se condicionar aos interesses dos grupos sociais dominantes, o único meio capaz de justificar o modo de vida baseado na propriedade coletiva. E a coerência dessa justificava estava na preocupação de transformar a necessidade das classes trabalhadoras em volição, sua carência em consciência crítica, seu instinto em vontade.

A educação, a cultura e a organização difusa do saber e da experiência são a independência das massas em face dos intelectuais. A fase mais inteligente da luta contra o despotismo dos intelectuais de carreira e das competências por direito divino é constituída pela obra para intensificar a cultura, para aprofundar a consciência. E essa obra não pode ser deixada para amanhã, quando formos livres politicamente. Ela é a própria liberdade, o próprio estímulo à ação e a condição para a ação. A consciência do próprio despreparo, o temor de falhar no teste de reconstrução não é o mais férreo dos grilhões que impedem

a ação? E não pode ser de outra maneira; o socialismo é organização, não apenas política e econômica, mas também e especialmente de saber e de vontade, obtida por meio da atividade de cultura (Gramsci, 2021, p. 69).

A primeira referência, à questão da independência das classes trabalhadoras frente aos intelectuais, significa, para Gramsci, a ultrapassagem do estado de sujeição aos valores e aos interesses da burguesia. Alertava à importância de as classes trabalhadoras constituírem os seus próprios intelectuais, portanto orgânicos, representantes de suas vontades e de seus interesses. O trabalho de formação desse novo quadro intelectual, cuja reflexão é aprofundada e até mesmo tomada como eixo orientativo de seus estudos posteriores, é representado pelo incentivo à cultura das classes trabalhadoras, pela educação a partir de muitos lugares de prática.

O intelectual orgânico das classes trabalhadoras é o produto do trabalho de conscientização e estímulo à reivindicação dos direitos e interesses dessas classes. A sua constituição substituiria o pragmatismo do “intelectual de carreira e da competência do direito divino” pela liberdade (Gramsci, 2021, p. 69), tão logo é ela a própria tarefa educativa assumida por Gramsci com as classes trabalhadoras.

Toda a sua ação perante essa tarefa se baseou sempre na atualização dos quadros intelectuais italianos como prerrogativa da ascensão de um processo revolucionário que fizesse jus aos interesses subalternos. O trabalho de instrução das classes trabalhadoras é, em si, liberdade, representada pela manifestação de uma vontade coletiva capaz de reorganizar, econômica e politicamente, a estrutura social, afastando todo elemento determinista, cristalizador das relações econômicas e políticas, e conservando toda vontade e espiritualidade coletiva num constante trabalho de atualização dessas relações, em prol da socialização dos meios de produção.

Sínteses

Nos escritos publicados a partir de dezembro de 1917, reaparecem as preocupações manifestas nos primeiros escritos com a condução do processo educativo por parte dos mestres na condição de mistagogos, com o alcance de um verdadeiro conceito de liberdade, distante daquele que a enclausura ou condiciona, com a importância do reconhecimento do sujeito que aprende no processo e no produto educativos. Todavia, neles passa a ser percebida uma maior fixação do propósito revolucionário, mediante o alinhamento ao movimento dos soviéticos das pautas políticas e partidárias italianas em prol das classes trabalhadoras.

Se, num primeiro instante, como buscou evidenciar o primeiro tópico do capítulo, a concepção de mundo de Gramsci encontrava-se articulada às influências idealistas que o privaram, muitas vezes, de contestar o projeto burguês de sociabilidade pela via do exercício coletivo dos grupos subalternos em prol de um regime de coletivização dos meios produtivos, num segundo são incrementados elementos à noção de educação de trabalhadores.

Gramsci se vê, nos fins de 1917, determinado a alinhar as reivindicações partidárias do socialismo italiano ao movimento revolucionário russo. O processo revolucionário lhe permitiu saltar do quadro de crítica em favor da apropriação teórica às classes trabalhadoras para outro, de reivindicação da manifestação prático-política dessas enquanto garantia de liberdade. No segundo tópico do capítulo, foi possível observar essa nova iniciativa, que combina entre os veículos de imprensa *Avanti!* turinense e *Il Grido* uma conduta de educação de trabalhadores e educação dos grupos socialistas.

Trata-se do movimento sugerido pelo título do capítulo, da educação de trabalhadores enquanto uma alternativa possível à educação de trabalhadores enquanto alternativa revelada. Dele foi possível notar como a perspectiva de educação de trabalhadores defendida por Gramsci se complexifica, ao passo que o sentido

idealista, que o limitava à crítica da hegemonia burguesa, cede espaço às influências da experiência russa, que lhe possibilitava operar no campo da educação socialista.

Verifica-se, na repercussão entre a preocupação dos primeiros escritos e a prática de experiências educativas dos escritos do segundo instante analisado, um forte elemento de sincronismo da produção jornalística de Gramsci, referente aos anos que antecederam as mobilizações operárias italianas, vide o movimento das comissões e dos conselhos de fábrica, investigado no próximo capítulo.

O diacronismo serve, sobre essa repercussão sincrônica, ao cuidado necessário para a compreensão de como certos distanciamentos também devem ser evidenciados, a despeito das aproximações entre os primeiros escritos sobre educação de trabalhadores e as experiências surgidas entre dezembro de 1917 e fevereiro de 1919. Dentre os distanciamentos, vale apreender o afastamento progressivo de referências neoidealistas da concepção de mundo de Gramsci. Não é seguro, enquanto advertência filológica, identificar amparo idealista nas reflexões de Gramsci do período das associações de cultura, apesar da influência de essa corrente filosófica ter significância no processo de constituição de uma nova síntese, amparada na aproximação das ideias de Lenin a respeito da educação de trabalhadores.

Assim, as primeiras experiências de Gramsci com a educação de trabalhadores, a partir da imprensa e conferências nos círculos de bairros periféricos de Turim, mostram como o dilema por ele vivido de vencer o provincianismo sardo a partir do contato com o conhecimento, teve grande importância para o nascimento de sua convicção de que somente o valor da teoria conduz a práticas responsáveis e capazes de interromper a vitalidade do projeto burguês de sociabilidade.

Em atenção às notícias sobre o movimento revolucionário na Rússia, distorcidas e censuradas pela imprensa burguesa italiana, Gramsci refletiu e chegou a novas conclusões. Não demorou para perceber que a onda revolucionária representava a tomada do poder do regime czarista pelas classes trabalhadoras. Também concluiu que esse evento corroborava sua crítica ao determinismo, em especial ao materialismo mecanicista proveniente dos intelectuais da Segunda Internacional, alvo de críticas das correntes filosóficas neoidealistas italianas influentes em seu pensamento.

Gramsci assumia o processo revolucionário como a via possível para as classes trabalhadoras afirmarem os seus direitos e interesses, entendendo que, nesse processo, de modo semelhante ao sentido atribuído à educação, e especificamente à educação de trabalhadores, o protagonismo de cada sujeito lhe possibilita encontrar a liberdade, uma vez que ao mestre cabe somente apresentar o caminho para tal. Assim, afastou-se do pensamento croceano, que, apesar de afirmar o valor da teoria, de entender a relevância do mestre ou intelectual para o alcance do conhecimento, desconhece qualquer relação efetiva existente entre este e a prática na dinâmica da história.

Os rumores revolucionários possibilitaram a Gramsci, a partir daquele momento, novas investidas sobre a educação das classes trabalhadoras. Tais investidas, vistas em escritos de sua autoria e depoimentos de seus contemporâneos, carregam a introdução da influência marxista, especificamente pela mediação do pensamento de Lenin, em sua concepção de mundo (Rapone, 2014).

A representação da Revolução Russa para as muitas experiências socialistas nacionais era, para Gramsci, a resposta ao problema da condução de um novo projeto de sociabilidade, fundamentado nos interesses dos grupos sociais subalternos. Era o elemento norteador e que forneceria sentido ao processo de desenvolvimento, em cada trabalhador, de uma consciência crítica e de uma conduta moral, favorecedoras de seus direitos. Era a garantia de sua liberdade.

Com base nas orientações dessa nova forma de enxergar o marxismo, diferente daquela há muito tomada como alvo de suas críticas, Gramsci conduziu o trabalho da educação de trabalhadores, apresentado no segundo tópico deste capítulo, a partir de dezembro de 1917.

O anseio, evidente aos escritos que compõem esse tópico, do incentivo à cultura proletária, permaneceria com Gramsci a partir do ano de 1919, especificamente do mês de maio, quando da fundação, com antigos amigos reencontrados no pós-guerra, do semanário de cultura socialista *L'Ordine*. O período estabelecido entre agosto de 1918 e maio de 1919, todavia, caracteriza o acirramento da oposição entre as frações do PSI, especialmente em função da aderência à Terceira IC em março de 1919, mesmo mês de sua fundação.

Em mesmo teor de diálogo aberto às classes trabalhadoras italianas, visando sempre a sua instrução, Gramsci contribuía no *Avanti!* turinense, que, desde meados de outubro de 1918, por decisão do PSI, que previa a concentração da publicação jornalística socialista, substituía *Il Grido*. Foi nesse período de ausência de um veículo de imprensa em que pudesse conversar com os pares socialistas a respeito de suas impressões acerca do movimento revolucionário italiano, como buscava fazer em *Il Grido*, que Gramsci notou a urgência de orientar o trabalho educativo às ordens do dia.

Os limites do *Avanti!* turinense, do cerceamento e da censura do debate aberto, da inviabilidade das impressões e críticas internas aos próprios rumos do PSI, fizeram-no notar que o curso do processo revolucionário italiano não poderia se restringir às antigas proposições educativas, ao estilo círculos de trabalhadores e jornalismo dos primeiros anos. Era preciso se concentrar, como já procurava fazer *Il Grido*, nas condições objetivas italianas para o desenvolvimento das atividades culturais com as classes trabalhadoras.

É dessa nova percepção, de orientação do trabalho educativo aos eventos italianos cerceadores do processo revolucionário, que Gramsci desloca a sua atenção para as reivindicações, greves e movimentos operários durante os anos de 1919 e 1920, o biênio vermelho. Decidiu alinhar o trabalho educativo, atribuindo sentido prático às interpretações da realidade, à experiência operária dos conselhos de fábrica, em curso no intervalo desses anos. Aproveitou a oportunidade e o valor que essa experiência possibilitava à instrução das classes trabalhadoras e orientou a isso a sua atividade jornalística.

Capítulo 3

**Da alternativa revelada
à alternativa possível:
a educação de trabalhadores
na afirmação de um projeto
de resistência**

Da alternativa revelada à alternativa possível: a educação de trabalhadores na afirmação de um projeto de resistência

Este capítulo, de modo semelhante ao anterior, assume o objetivo de compreender, do ponto de vista da tradutibilidade e da filologia, o tema da educação de trabalhadores nos escritos jornalísticos de Gramsci localizados entre abril de 1919 e novembro de 1926. O período ao qual se dedica, entretanto, caracteriza o ponto forte da tradutibilidade, e também da manifestação do sincronismo enquanto característica, observada no uso da concepção de mundo deste teórico, tão expressiva nos seus primeiros escritos jornalísticos.

Significa que, em menor proporção, no período analisado pelos tópicos e subtópicos que compõem este capítulo, encontram-se textos jornalísticos orientados à instrução dos trabalhadores ao socialismo. Em seu lugar, são evidenciados textos assinalados pela mobilização e prática coletiva, representativos da organização e da edificação desse projeto de sociabilidade.

Tal é a diferença, por vezes marcada em seus textos, entre uma educação desinteressada, orientada à problematização das desigualdades e contradições sociais com vistas ao enaltecimento de uma nova forma de pensar e agir entre os trabalhadores, e uma educação política, que pressupõe essa nova forma de pensar e agir e se associa à mobilização prático-política dos trabalhadores na reivindicação de um novo projeto de sociabilidade, pautado na coletivização dos meios de produção.

Para tanto, o capítulo se divide em dois tópicos, que acompanham, diacronicamente, o desenvolvimento do tema da educação de trabalhadores ao longo dos últimos anos de escrita jornalística que anteciparam a sua prisão. Persiste ainda a utilização de fontes externas, como estudos biográficos e depoimentos de personagens que conviveram com Gramsci no período analisado, para o exercício do sincronismo de suas ideias, segura característica da tradutibilidade.

Os tópicos tomam como ponto de partida os movimentos iniciados em Turim na primeira metade de 1919, relacionados às comissões e conselhos de fábrica. Neles, Gramsci manifestou um acréscimo de interesse ao tema da educação de trabalhadores. Durante o ímpeto revolucionário bolchevique, em que começou a perceber e criticar o núcleo determinista de algumas frações partidárias, compartilhava espaço entre as suas reflexões aquela especificamente direcionada ao PSI, sem perder de vista o papel de uma educação desinteressada. A partir das novas condições objetivas, motivadas pelo biênio vermelho, pareceu dar maior ênfase à educação política, à crítica que vinha desenvolvendo entre os socialistas, fundamentada na experiência dos conselhos.

Os subtópicos que compõem o primeiro tópico deste capítulo tratam desse período. Retratam como Gramsci abria mão da condução de um trabalho que, dentro dos parâmetros burgueses de sociabilidade, implicava o “enriquecimento da personalidade” dos grupos trabalhadores, em nome do alcance de “todas as suas necessidades intelectuais”⁶⁷ (Gramsci, 2022a, p. 245). Isso o fez concentrar forças em textos, especialmente no novo veículo proletário de imprensa, *L'Ordine*, e em ações estritamente políticas de conscientização dos grupos de trabalhadores ao socialismo e aos conselhos, como meio de tornar factível esse projeto de sociabilidade respaldado na coletivização dos meios.

⁶⁷ “Enriquecimento da personalidade” e “alcance de todas as necessidades intelectuais” são expressões apanhadas de Gramsci, conforme indicação da referência. Doravante, para a facilitação da leitura, dispensa-se a utilização de aspas e citação para as referidas expressões.

O segundo instante do capítulo, que demarca o último tópico, e seus respectivos subtópicos, agrupam os últimos esforços, antes dos anos carcerários, de mobilização em benefício da educação de trabalhadores. Aqui, Gramsci inicialmente fomenta a crítica remetida às frações deterministas do socialismo, e também do comunismo, desde a criação do PCd'I, em maio de 1921.

Posteriormente, à medida que o nacionalismo toma forma extremada, enquanto fórmula burguesa de contenção do espaço ocupado pelo socialismo e pelo comunismo na Itália, redireciona os seus escritos e suas ações, já em modo clandestino, às orientações da IC, amparadas na tática da frente única. É o instante da autocrítica, da tentativa de retomar o tempo desperdiçado ante as dissidências partidárias nos anos anteriores. Mas também o tempo de se munir e criar estratégias de confronto ao fascismo, ao embrutecimento do nacionalismo burguês.

Em uma última experiência com a educação de trabalhadores antes dos anos de cárcere, Gramsci retoma aqui, inclusive, o propósito desinteressado da educação, entendendo nele novo sentido de formar, em cada indivíduo, a autoconsciência necessária para a sua libertação das amarras burguesas, algo muito semelhante ao propósito de suas primeiras experiências, ainda nos anos dos círculos de trabalhadores.

No Quadro 2, encontram-se dispostos os escritos jornalísticos selecionados para a apresentação desse movimento, entre a alternativa revelada e a alternativa possível, viabilizado pelas experiências de Gramsci com a educação de trabalhadores, analisados do ponto de vista da tradutibilidade e da filologia.

Quadro 2 - Escritos jornalísticos, de abril de 1919 a novembro de 1926, selecionados para estudo de tradutibilidade e filologia do pensamento de Gramsci sobre educação de trabalhadores

TÍTULO	LOCAL DE PUBLICAÇÃO	REFERÊNCIA DE PESQUISA
Democracia operária.	<i>L'Ordine</i> , 21 jun. 1919.	Gramsci (2021).
Crônicas de <i>L'Ordine Nuovo</i> .	<i>L'Ordine</i> , 12 jul. 1919.	Gramsci (1976).
Crônicas de <i>L'Ordine Nuovo</i> .	<i>L'Ordine</i> , 16 ago. 1919.	Gramsci (1977a).
Sindicatos e conselhos.	<i>L'Ordine</i> , 11 out. 1919.	Gramsci (2021).
Sindicalismo e conselhos.	<i>L'Ordine</i> , 8 nov. 1919.	Gramsci (2021).
Crônicas de <i>L'Ordine Nuovo</i> .	<i>L'Ordine</i> , 20 dez. 1919.	Gramsci (2022a).
Crônicas de <i>L'Ordine Nuovo</i> .	<i>L'Ordine</i> , 10 jan. 1920.	Gramsci (1977a).
A semana política: Antes de mais nada, renovar o Partido.	<i>L'Ordine</i> , 24 jan. 1920.	Gramsci (2021).
A semana política: Partido de governo e Classe de governo.	<i>L'Ordine</i> , 28 fev., 6 mar. 1920.	Gramsci (2021).
Por uma renovação do Partido Socialista.	<i>L'Ordine</i> , 8 maio 1920.	Gramsci (2021).
O programa de <i>L'Ordine Nuovo</i> .	<i>L'Ordine</i> , 14 ago., 28 ago. 1920.	Gramsci (2021).
O Congresso dos Jovens.	<i>L'Ordine</i> , 29 jan. 1921.	Gramsci (1977a).
Controle operário.	<i>L'Ordine</i> , 10 fev. 1921.	Gramsci (2004b).
Burocratismo.	<i>L'Ordine</i> , 4 mar. 1921.	Gramsci (2004b).
Sindicatos e conselhos.	<i>L'Ordine</i> , 5 mar. 1921.	Gramsci (2004b).
Os dois fascismos.	<i>L'Ordine</i> , 25 ago. 1921.	Gramsci (2004b).
Os partidos e a massa.	<i>L'Ordine</i> , 25 set. 1921.	Gramsci (2004b).
Que fazer?	<i>Voce</i> , 1 nov. 2023.	Gramsci (2004b).
O programa de <i>L'Ordine Nuovo</i> .	<i>L'Ordine</i> , 1-15 abr. 1924.	Gramsci (1977b).
A escola do Partido.	<i>L'Ordine</i> , 1 abr. 1925.	Gramsci (2023).
Introdução ao primeiro curso da escola interna do partido.	Introdução da primeira apostila da Escola do Partido por correspondência, abr./maio. 1925.	Gramsci (2023).
A vida da escola.	Introdução da segunda apostila da Escola do Partido por correspondência, 1925.	Gramsci (2023).

Fonte: Elaboração do autor, mar. 2024.

**Abril de 1919 a dezembro de 1920: biênio vermelho,
comissões e conselhos de fábrica e redação no semanário
*L'Ordine***

Figura 3 - Charge de *L'Ordine* de 24 de junho de 1922, com o título “A serpente devorará o charlatão”, em crítica à posição reformista assumida pelo PSI



Fonte: Acervo da pesquisa, jun. 2023.

Este tópico tem por objetivo apresentar a concepção de mundo de Gramsci, a partir do tema da educação de trabalhadores, em específico período redacional dos escritos jornalísticos caracterizados pelo biênio vermelho⁶⁸, pelas comissões e conselhos de fábrica e pela redação no semanário *L'Ordine*.

⁶⁸ O biênio vermelho demarca um período da história italiana, localizado nos anos 1919 e 1920, de intensificação de crises de ordem econômica e social e altas taxas de desemprego, inflação e precarização do trabalho (Fresu, 2021).

3.1 Comissões e conselhos de fábrica e o antipropagandismo

Após ter desempenhado, tanto no *Avanti!* turinense quanto em *Il Grido*, grande esforço para a educação das classes trabalhadoras, alinhando sempre um trabalho mais amplo de instrução e manifestação da liberdade, a outro de instrução e organização política do socialismo italiano, Gramsci deparou-se, em 1919, com novos elementos que o fizeram concentrar maior valor ao segundo tipo (Rapone, 2014).

Não significa dizer, no entanto, que Gramsci deixou de compreender a educação como elemento de libertação dessas classes, mas que conseguiu notar o valor educativo das experiências que se apresentaram aos operários de Turim nesse ano específico e, a partir dele, conduzir atividades de instrução e organização política. Notou como a educação desinteressada, a exemplo da sugerida pela iniciativa do Clube de Vida Moral, precisava ser substituída pela educação orientada ao processo revolucionário.

O que se altera, portanto, é o foco da atividade educativa, e não o valor de importância a essa atribuído. Gramsci nunca deixou de acreditar que a revolução proletária necessitasse de um trabalho de organização da cultura e, por conseguinte, da política das classes trabalhadoras. Existiram eventos que o levaram a advogar ao novo foco da instrução dessas classes, como é o caso do acordo de 20 de fevereiro de 1919, firmado entre federações e associações operárias italianas para a definição das comissões internas das fábricas, e também da privação, durante alguns poucos meses, de um veículo de imprensa operária em que pudesse se expressar sobre organização política socialista, como o fazia em *Il Grido*, e consequentemente sobre as impressões desse acordo.

O semanário *L'Ordine*, nascido no primeiro dia de maio de 1919, representou a possibilidade de dar fim a essa privação, e continuidade ao trabalho de organização política socialista que Gramsci vinha desempenhando em *Il Grido*. Os eventos decorridos do novo jornal durante o biênio vermelho também influenciaram

no novo foco, atribuído por Gramsci, ao trabalho de educação de trabalhadores. Vale destacar a influência atribuída ao novo jornal nos quadros do PSI e o seu reconhecimento pela IC, como também a motivação à constituição e aprovação dos conselhos de fábrica e, por conseguinte, ao processo de ocupação das fábricas pelos operários turinenses (Coutinho, 2004a, 2019).

Ambos os fatos podem ser percebidos nos muitos escritos de Gramsci do período, concentrados, em sua maioria, no próprio *L'Ordine*. Gramsci passa a dar grande ênfase, em *L'Ordine*, ao movimento dos conselhos de fábrica. Isso porque nele enxergava um esboço italiano dos *soviets* russos, que tiveram um papel importante no levante revolucionário de 1917 naquele país. Não restavam dúvidas, no entanto, que um trabalho de educação orientado à organização política deveria ser realizado, a despeito da existência de condições para a condução de um processo revolucionário na Itália. Eis o papel do semanário *L'Ordine*, que, além do trabalho de publicação, também se preocupava com a promoção de ações de incentivo à cultura e formação dos trabalhadores.

Dessas ações nasceria, em fins de 1919, a Escola de Cultura e Propaganda Socialista, sobre a qual Gramsci, nos espaços de *L'Ordine* dedicados às *Cronache* (Crônicas), apresentava com frequência algumas de suas impressões. Em crônica do dia 23 de agosto (número 15 do primeiro volume)⁶⁹, por exemplo, evidenciou como “A tarefa educativa tende agora a realizar-se por outros caminhos, livremente, por meio de associações espontâneas de homens motivados pelo desejo comum de melhorarem a si mesmos” (Gramsci, 2022a, p. 246).

Esse “novo caminho da tarefa educativa” sintetizava o trabalho desenvolvido nas linhas do semanário *L'Ordine* (Gramsci, 2022a, p. 246) de relacionar a educação dos trabalhadores com a organização política socialista, a experiência dos conselhos, “associações

69 Assinada por Antonio Gramsci e originalmente publicada em *L'Ordine*, número 15, em 23 de agosto de 1919 (Gramsci, 2022a, p. 245-247).

espontâneas”⁷⁰ representativas do anseio coletivo pela melhora das condições de vida de cada sujeito (Gramsci, 2022a, p. 246), com o processo de constituição de uma forma de vida distante das injustiças e das desigualdades às classes trabalhadoras.

Na crônica de número 15 desse jornal, fica evidente como o desenho da Escola de Cultura e Propaganda Socialista representaria, ao lado do próprio jornal e do movimento junto aos trabalhadores nas fábricas de Turim, a iniciativa de um lugar de prática:

Um jornal deve tender a tornar-se, nos seus limites, uma coisa completa: se não consegue satisfazer todas as necessidades intelectuais no núcleo de homens que não somente o leem, mas o mantêm com o seu consenso e vivem à sua volta, [...] deve procurar que nas suas páginas todos encontrem aquilo que lhes interessa e apaixona, aquilo que os libera do peso do trabalho cotidiano, da luta econômica, da discussão política. O jornal deveria ao menos incitar a um desenvolvimento completo das próprias faculdades mentais, a uma vida mais elevada e completa, mais rica de motivos ideais e de harmonia, o estímulo ao enriquecimento da própria personalidade. Por que não podemos começar, com nossas modestas forças, em meio àquele grupo de jovens que nos seguem com confiança e com expectativa, a obra que será da escola, da nossa escola de amanhã?

Porque a escola socialista, quando surgir, surgirá necessariamente como uma escola completa, tenderá a abraçar imediatamente todos os ramos do saber humano (Gramsci, 2022a, p. 245-246).

Nas palavras de Gramsci, há clara distinção, tanto no que diz respeito ao trabalho educativo do texto jornalístico quanto de uma escola sua, do avanço sobre todas as necessidades intelectuais para o enriquecimento da personalidade. Aposta na segunda possibilidade como a que se apresenta ao horizonte da organização política das classes trabalhadoras italianas e a elas relaciona o trabalho que o semanário *L'Ordine* desempenharia em sua Escola de Cultura e Propaganda Socialista.

⁷⁰ “Associações espontâneas” é uma expressão apanhada de Gramsci, conforme indicação da referência. Doravante, para a facilitação da leitura, dispensa-se a utilização de aspas e citação para a referida expressão.

A organização política tornou-se o alvo encontrado por Gramsci para o trabalho do enriquecimento da personalidade dos subalternos, mediante a improbabilidade de, nos parâmetros da sociabilidade burguesa, ser constatada a completa chegada à intelectualidade por parte desses. A educação expressa na sua escrita jornalística e também as lições que ministraria na Escola de Cultura e Propaganda Socialista no início de 1920, especificamente sobre a Revolução Russa, orientavam-se à organização política.

Gramsci creditava ao acordo de fevereiro de 1919 para a definição das comissões internas das fábricas, firmado entre as federações e as associações operárias italianas, uma boa forma de enriquecer a personalidade dos trabalhadores. O mesmo concluiu da experiência dos conselhos de fábrica, associações espontâneas orientadas ao enriquecimento da personalidade dos sujeitos, importantes para que liberdade plena ao alcance de todas as necessidades representativas de suas personalidades se tornasse lugar-comum, isto é, para que o socialismo saltasse da condição de possibilidade à condição de necessidade.

Gramsci narra a experiência das comissões e dos conselhos em “Democracia operária”⁷¹, de 21 de junho de 1919, texto editorial de *L'Ordine* compartilhado com Palmiro Togliatti. Nele, trata da “responsabilidade histórica” das classes trabalhadoras, associada à necessidade de “ligar o presente ao futuro”⁷² (Gramsci, 2021, p. 83), de satisfazer as necessidades do presente ao lado de um trabalho que crie e antecipe o futuro.

Nessa responsabilidade já estava evidente como, para Gramsci, a situação histórica e a previsibilidade de uma atividade educativa sobre ela encontravam-se limitadas e dependiam do trabalho de organização política que poderia ser realizado no esteio do PSI.

⁷¹ Não assinado e originalmente publicado em *L'Ordine*, número 7, em 21 de junho de 1919 (Gramsci, 2021, p. 83-88).

⁷² “Responsabilidade histórica”, “presente” e “futuro” são expressões apanhadas de Gramsci, conforme indicação da referência. Doravante, para a facilitação da leitura, dispensa-se a utilização de aspas e citação para as referidas expressões.

A atividade educativa do presente, e a crônica do número 15 de *L'Ordine* deixaria novamente expresso o uso da relação presente-futuro, deveria se orientar à organização de um processo revolucionário socialista no futuro, em que o alcance de todas as necessidades intelectuais de cada sujeito tomaria forma de realidade.

Pensar o presente, para Gramsci, significava agir sobre as associações espontâneas das classes trabalhadoras. Insiste, em “Democracia operária”, que a vida social é orientada pelas diversas associações espontâneas em que agem as diversas classes sociais. O trabalho de educação deveria, assim, ser levado em conta por essas associações, para que nelas emergissem vontades coletivas capazes de reorientar o curso de atividades econômicas e de ações políticas ligadas aos interesses dos grupos sociais dominantes.

Enxergava a via de ação sobre o tempo presente nessas associações, bem como outra sobre o tempo futuro no trabalho que delas derivaria. Nesse mesmo escrito, fornece pistas de como as classes trabalhadoras conduziriam tais associações, num constante trabalho de autogestão e educação, aos seus próprios interesses, afastando-as da direção e administração dos grupos sociais dominantes.

Para Gramsci, deviam ser admitidas como locais de educação dos subalternos os sindicatos e os partidos, à época insuficientes pelo pequeno raio de ação sobre as classes trabalhadoras, mas também, e especialmente, as comissões internas e os conselhos de fábricas, e a partir deles as comunidades camponesas, os círculos de trabalhadores, os centros de vida proletária e os movimentos de bairro.

Vale notar como, em “Democracia operária”, a noção de educação para Gramsci se desloca ao campo da atividade prática das classes trabalhadoras nas associações. Essa atividade, considerando a urgência do presente, amparada na conquista e na afirmação progressiva dos direitos e dos interesses dessas classes em regime democrático, despria o consciente coletivo de todo determinismo

e fatalismo burguês desde outrora criticados por Gramsci, criaria as condições para o alcance do socialismo na Itália e possibilitaria a essas classes se tornarem “[...] mais preparada[s] e capacitada[s] para o exercício do poder, [...] [difundindo] uma consciência concreta e eficaz dos deveres e dos direitos do companheiro e do trabalhador, porque gerada espontaneamente a partir da experiência viva e histórica” (Gramsci, 2021, p. 87).

Gramsci enxerga, na prática das associações, uma possibilidade de avançar na atividade de educação. Além do trabalho restrito, ligado à conscientização e à reivindicação de direitos e interesses dos trabalhadores, realizado pelos organismos de fomento à cultura proletária desde os primeiros dias de sua atividade na imprensa socialista e círculos de trabalhadores, passa a agir em lugares de prática de inserção dessas classes administrados pelos grupos sociais dominantes.

O diferencial estava na via, por ele encontrada na experiência das comissões e conselhos, para chegar ao socialismo. A ditadura do proletariado significava a apropriação e a recondução, pelas classes trabalhadoras, das associações administradas pela burguesia. A tarefa educativa transporia a instrução orientada ao protesto e à denúncia e alcançaria o nível da organização. Na crônica do número 9 de *L'Ordine* (publicada em 12 de julho de 1919)⁷³, Gramsci denomina essa transição como a passagem do período da propaganda elementar ao período da crítica e construção:

Psicologicamente o período da propaganda elementar, chamada “evangélica”, está superado. As ideias fundamentais do comunismo foram assimiladas mesmo pelos setores mais atrasados da classe trabalhadora. É incrível quanto contribuiu para isso a guerra, a vida no quartel e a necessidade, em que se encontrou a hierarquia militar, de desenvolver uma sistemática e obsessiva propaganda anticomunista, difundindo e colando nos cérebros mais refratários os termos mais elementares da polêmica das ideias entre capitalistas e proletários.

⁷³ Assinada por Antonio Gramsci e originalmente publicada em *L'Ordine*, número 9, em 12 de julho de 1919 (Gramsci, 1976, p. 351-352).

Os primeiros princípios devem considerar-se entendidos: do “evangelho” é preciso passar à crítica e à construção. [...]. (Gramsci, 1976, p. 351).

O deslocamento da denúncia à organização, do evangelho à construção, caracterizou a intencionalidade do trabalho pedagógico desempenhado por Gramsci em *L'Ordine*, com base na elaboração de textos no jornal. Também orientou, de forma especial, o seu trabalho nas associações, bem como a influência do seu trabalho nas associações.

Os sindicatos, partidos, círculos de trabalhadores, movimentos de bairro e tantas outras associações tiveram os seus respectivos intelectuais iniciados no campo da representação política. Os resultados das eleições legislativas de novembro de 1919, com maioria de deputados do PSI (156 assentos), têm relação com essa repercussão.

Gramsci, em mesma crônica do número 9 de *L'Ordine*, havia se posicionado a respeito da importância de tornar o Parlamento italiano, aos moldes do inglês e francês, uma “coisa viva” (Gramsci, 1976, p. 352). Sua remissão ao Parlamento é importante do ponto de vista da atribuição de sentido a uma estrutura política aproximada dos interesses burgueses. Ocupando essa estrutura política, tornando-a viva a partir de “[...] grandes batalhas entre as instituições populares do Estado [...] e as instituições representativas da Coroa ou das classes mais conservadoras [...]” (Gramsci, 1976, p. 352), seria encaminhada a ditadura do proletariado, o regime democrático operário ou mesmo o que chamou de “tempo de construção” (Gramsci, 1976, p. 351).

Tal propósito representava o intuito do seu trabalho de instrução das classes trabalhadoras, constantemente alimentado pelas atividades jornalísticas e de incentivo à cultura promovidas pelo jornal recentemente fundado. Giorgio Caretto⁷⁴, figura integrante das ações do operariado turinense durante o biênio vermelho, ao

⁷⁴ Operário importante no movimento de ocupação das fábricas em Turim, entusiasta do trabalho de Gramsci nas mobilizações práticas e teóricas dos trabalhadores e partidários do movimento socialista, Giorgio Caretto nasceu em Turim, no ano de 1891, não sendo localizada informação a respeito de sua morte (Quericioli, 1977).

opinar sobre o “maior mérito de Gramsci” (Quercioli, 1977, p. 45), oferece pistas à compreensão da experiência da autogestão dos trabalhadores como prática educativa:

Em primeiro lugar devo dizer que Gramsci foi o teórico do conselho. Depois da [...] Guerra Mundial [...] todos [...] falavam dos soviéticos, queriam fazer como na Rússia, mas falavam de uma forma genérica. Gramsci, ao contrário, entrou no movimento [dos conselhos] com a firme intenção de lhe dar uma teoria, ainda que nos primeiros momentos ele mesmo talvez não tivesse ideias precisas sobre as tarefas e funções desses órgãos [...]; mas o que interessa saber é que Gramsci, como teórico dos conselhos de fábrica, trouxe para a consciência proletária o conceito do que são os trabalhadores assalariados na sociedade burguesa. Esclareceu o que os trabalhadores representam para os patrões e o que representam, ao invés, para ele e, caberia dizer, também para a história (Quercioli, 1977, p. 45).

O depoimento de Caretto evidencia como a proposta de educação pensada por Gramsci, a partir da autogestão proletária nas experiências das fábricas de Turim, carregava o propósito elementar da conscientização dos trabalhadores sobre a sua representação histórica. Apesar de inicialmente, como relatado, não ter respostas sobre as tarefas a serem seguidas, Gramsci carregava consigo a certeza de que não era tempo para a difusão, entre esses trabalhadores, da propaganda elementar e “evangélica”⁷⁵ associada à crítica do projeto burguês de sociabilidade (Gramsci, 1976, p. 351).

É válido notar como, para atender aos desafios colocados pelo tempo histórico de ocupação das associações burguesas como parte da ditadura do proletariado e progressiva supressão da propriedade privada, Gramsci estreitava o diálogo e o contato com esses trabalhadores. Em verdade, não há em vida qualquer afastamento de Gramsci às classes trabalhadoras, porque nelas se situam suas origens. Nos interesses delas posicionava os seus, na reivindicação dos direitos delas se encontrava também a defesa dos seus. O dilema de sua vida, aperfeiçoado com as experiências universitárias e

⁷⁵ “Propaganda evangélica” é uma expressão apanhada de Gramsci, publicada na crônica de número 9 de *L'Ordine* (publicado aos 12 de julho de 1919), conforme citação anterior deste subtópico. Doravante, para a facilitação da leitura, dispensa-se a utilização de aspas e citação para a referida expressão.

socialistas em Turim, não invalida a existência de uma aproximação, desde os anos na Sardenha, com essas classes.

O que se observa no movimento das comissões e conselhos, como também nos círculos, jornais e demais lugares de prática educativa em que atuou anteriormente, é uma incessante busca pela compreensão da realidade dos trabalhadores. Experiências, costumes, hábitos, anseios, interesses, objetivos, aborrecimentos, transtornos, dúvidas e tantos outros elementos constitutivos da personalidade dessas classes faziam parte do trabalho educativo de Gramsci, como relata Vincenzo Bianco⁷⁶, outro protagonista das lutas dos trabalhadores nas fábricas de Turim durante o biênio vermelho.

Por meio desses elementos, tal como o método de ensino exercitado nos jornais e nos círculos de trabalhadores, deveria ser incorporado o conhecimento. No caso específico dos conselhos, o valor prático do conhecimento estava na elaboração de um organismo ou uma associação que representasse os seus interesses, vide a autogestão dos trabalhadores, bem como na capacidade de ressuscitar ou atribuir vida ao formato cadavérico desse organismo ou associação quando dispostos à gerência burguesa.

De um exemplo de abril de 1920, pós-greva dos ponteiros motivada pelos industriais turinenses, Bianco expressa o diferencial, remetido à pessoa de Gramsci, do autorreconhecimento nas classes trabalhadoras, da necessidade de compartilhar os enfrentamentos dessas classes, de modo que viessem à tona os meios de ocupação das associações e instituições burguesas, representativos da ditadura do proletariado e de uma forma de democracia representativa dos interesses dos trabalhadores:

Gramsci escreveu [...] um artigo intitulado Homens de carne e osso. O li de manhã a caminho do trabalho [...] e não consegui entender por que éramos de carne e osso e os outros não. Gramsci explicava no artigo que a resistência dos trabalhadores, esses homens de

⁷⁶ Tal como Caretto, Vincenzo Bianco é memorado pelo trabalho desempenhado não somente no PSI, e posteriormente PCd'I, mas no movimento de ocupação das fábricas em Turim, durante o biênio vermelho. Nasceu em Turim no ano de 1898. Não foram encontradas informações sobre a sua morte (Quercholi, 1977).

carne e osso, ia até certo ponto, e que além desse ponto não seria possível. Quando sai do trabalho, depois do almoço, li de novo e não pude descansar, porque não entendi. [...] Então, à noite, fui ao jornal, a Antonio. Contei a ele sobre o artigo, disse que gostei, que estava bom, mas também que não entendia o que ele queria dizer com “homens de carne e osso”. [...] perguntei: [...] “Foi você que escreveu e teorizou que quando os trabalhadores entram em greve estaria com eles. Você não é de carne e osso? É possível que você não se sinta como nós?”. Gramsci me olhou sério, depois pôs a mão em meu ombro e disse: “Tem razão, Bianco, eu também sou um homem de carne e osso, como você. Nós também, se é verdade que vamos com você nas manifestações e comícios e encorajamos você; nós também sentimos o que você sente [...]”.

Depois dessa conversa compreendi ainda melhor que Gramsci era um tipo completamente diferente dos outros. Ele não passava uma noite sem conhecer os trabalhadores. [...] Gramsci precisava tanto falar, precisava se sentir conectado conosco, viver como nós vivíamos, nos entender para poder nos orientar [...] (Quericioli, 1977, p. 30).

Essa conexão entre Gramsci e os trabalhadores italianos tinha, no movimento específico dos conselhos de fábrica, uma finalidade, qual seja: a difusão da persuasão de que uma economia e uma política de novo tipo, baseadas na vontade coletiva subalterna, correspondiam à ditadura do proletariado, à contraposição às associações burguesas por meio do trabalho de ocupações e autogestão dessas por parte do operariado. “Devemos educar os proletários para a gestão da fábrica comunista e para o autogoverno” (Gramsci, 1977a, p. 20), era a ordem do dia das Crônicas de *L'Ordine* de 16 de agosto de 1919 (número 14)⁷⁷, que comentavam a aprovação de uma proposta de incentivo à cultura socialista no Congresso dos Jovens Socialistas Piemonteses daquele ano.

A experiência com a autogestão operária, nos movimentos das fábricas turinenses, não somente formou intelectuais, mas subsidiou a sua formação noutras instituições, historicamente aglutinadas pelos interesses dos grupos sociais dominantes. A escola, uma dessas

⁷⁷ Assinada por Antonio Gramsci e originalmente publicada em *L'Ordine*, número 14, em 16 de agosto de 1919 (Gramsci, 1977a, p. 19-21).

instituições, seria invadida por iniciativas operárias, como no caso da Escola de Cultura e Propaganda Socialista de *L'Ordine* a partir de dezembro de 1919.

A razão desse movimento é por Gramsci expressa na crônica de número 14, quando menciona ser, como nunca antes, necessária a “[...] tarefa de tornar populares os conceitos revolucionários, de desenvolvê-los entre as massas locais, adaptando-os às diferentes psicologias, enriquecendo com o seu espírito os problemas particulares das regiões, dos diferentes setores proletários e semiproletários” (Gramsci, 1977a, p. 20).

Gramsci procurava responder aos questionamentos, em grande parte emergidos da dissidência já formada e ampliada no PSI, nos anos de 1919 e 1920, a respeito de como a experiência dos conselhos poderia influenciar na recondução de organismos e instituições historicamente geridas pelos grupos sociais dominantes. A Escola de Cultura e Propaganda Socialista representava uma dessas respostas.

Suas indicações sobre a escola já tinham sido expostas, por exemplo, na crônica mencionada de número 15 de *L'Ordine*, quando, remetendo aos movimentos de incentivo à cultura enquanto prerrogativas da escola socialista, dentre os quais a proposta do jornal, diferenciaria os tempos históricos presente e futuro. No entanto, é na crônica de número 30, publicada no dia 20 de dezembro de 1919⁷⁸, decorrida uma semana da implementação da Escola de Cultura e Propaganda Socialista, que Gramsci apresenta as suas primeiras impressões.

3.2 Movimento sindical e o antirreformismo

Não obstante a importância da Escola de Cultura e Propaganda Socialista para a compreensão da obra de recondução, sugerida por Gramsci e companheiros de *L'Ordine*, dos organismos e

⁷⁸ Assinada por Antonio Gramsci e originalmente publicada em *L'Ordine*, número 30, em 20 de dezembro de 1919 (Gramsci, 2022a, p. 254-255).

instituições burguesas, é válido apreender dois textos editoriais que compõem os números 21 e 25 desse jornal, respectivamente intitulados “Sindicatos e conselhos”⁷⁹ e “Sindicalismo e conselhos”⁸⁰ e publicados entre 11 de outubro e 8 de novembro de 1919, portanto, antes da experiência da Escola de Cultura e Propaganda Socialista. Neles, algumas importantes pistas sobre como um organismo proletário consolidado e amoldado aos interesses burgueses, o sindicato, poderia (e deveria) ser reconduzido ao eixo de transição ao socialismo representado pela ditadura do proletariado.

Em ambos os textos editoriais, Gramsci contrapõe os sindicatos aos conselhos de fábrica, buscando evidenciar como a representação destes se relacionava diretamente ao que chamava de tempo de “criação”⁸¹ (Gramsci, 1976, p. 351), isto é, de fortalecimento de organismos e associações que não somente denunciasses qualquer tipo de injustiça sobre condições de subalternidade, mas que ocupassem lugares e posições autônomas de soberania na sociedade.

O conselho de fábrica ultrapassa o valor da confiança, do “cadinho de fé” depositado pelos trabalhadores no sindicalismo (Gramsci, 2021, p. 85), unicamente por se constituir como um organismo objetivado à democracia operária, e não à democracia burguesa, e à finalidade de uma forma de vida baseada na propriedade coletiva, e não na propriedade privada.

O trabalho de educação com os trabalhadores das fábricas de Turim, que se dissiparia às tantas outras associações ocupadas pelos intelectuais dos grupos subalternos, buscava substituir a autoafirmação do trabalhador assalariado e escravo do capital pela autoafirmação do produtor. Somente um organismo gerido por indivíduos que se autoafirmassem produtores, como é o caso dos

⁷⁹ Não assinado e originalmente publicado em *L'Ordine*, número 21, em 11 de outubro de 1919 (Gramsci, 2021, p. 95-102).

⁸⁰ Não assinado e originalmente publicado em *L'Ordine*, número 25, em 8 de novembro de 1919 (Gramsci, 2021, p. 111-116).

⁸¹ “Criação”, enquanto adjetivo para trabalho ou tempo, é expressão apanhada de Gramsci, conforme indicação da referência. Doravante, para a facilitação da leitura, dispensa-se a utilização de aspas e citação para a referida expressão.

conselhos de fábrica, poderia subsidiar a ditadura do proletariado e, por conseguinte, o regime socialista na Itália. Alvo das críticas de Gramsci ao querer se afirmar, frente à experiência dos conselhos, como eixo do processo revolucionário, o sindicato invadia-se daquele mesmo fatalismo e determinismo há muito cultivado pela burguesia para a reafirmação de sua hegemonia.

Não cabe dizer, entretanto, que os sindicatos, assim como as escolas e tantas outras instituições em que se inseriam as classes trabalhadoras, também assoladas pelo mesmo fatalismo e determinismo burguês, não poderiam (e deveriam) ser revitalizados. “Dar vida” (Gramsci, 1976, p. 352), essa é a expressão utilizada por Gramsci, a essas associações, com base no trabalho educativo desenvolvido nos conselhos de fábrica, célula primeira do socialismo italiano, fazia-se fundamental. Tal expressão significava ultrapassar a luta das classes trabalhadoras contra o capitalismo baseada no pessimismo, na possibilidade condicionada, e alcançar os patamares de uma outra luta, baseada no otimismo, na possibilidade real fundamentada na consciência de uma soberania sua.

O horizonte do trabalho educativo com as classes trabalhadoras desempenhado por Gramsci nesse momento baseava-se no aprimoramento dessa consciência. Chama a atenção do leitor de *L'Ordine* sobre a forma como esse trabalho educativo, a partir da experiência dos conselhos de fábrica, invadiria instâncias burguesas:

O conselho é o mais idôneo órgão de educação recíproca e de desenvolvimento do novo espírito social que o proletariado foi capaz de gerar a partir da experiência viva e fecunda da comunidade de trabalho. A solidariedade operária, que no sindicato se desenvolvia na luta contra o capitalismo, no sofrimento e no sacrifício, torna-se positiva no conselho, torna-se permanente, e está encarnada até mesmo no mais ínfimo momento da produção industrial, contida na alegre consciência de fazer parte de um todo orgânico, de um sistema homogêneo e compacto que, trabalhando utilmente, produzindo desinteressadamente a riqueza social, afirma sua soberania, realiza seu poder e sua liberdade criadora de história.

A existência de uma organização na qual a classe trabalhadora esteja enquadrada em sua homogeneidade de classe produtora e que torne possível um espontâneo e livre florescimento de hierarquias e individualidades ricas e capazes, terá reflexos importantes e fundamentais na constituição e no espírito que anima a atividade dos sindicatos (Gramsci, 2021, p. 99).

Em “Sindicalismo e conselhos”, Gramsci reafirmou suas críticas ao movimento sindical italiano. Nele, passou a questionar os leitores de *L'Ordine*, também trabalhadores envolvidos nas comissões e conselhos das fábricas turinenses, sobre o porquê das muitas afinidades estabelecidas entre eles e esse movimento. Introduzindo o tema do sindicalismo, nos formatos reformista e pseudorrevolucionário, como inapropriado para a força motriz do processo revolucionário, indaga aos leitores: “Somos sindicalistas? Será que o movimento dos comissários de seção, iniciado em Turim, não passa da enésima encarnação localista da teoria sindicalista?” (Gramsci, 2021, p. 111).

Para Gramsci, toda instituição assegurada pelo determinismo burguês, não representativa da criação de uma forma original de vida por parte das classes trabalhadoras, deveria ser reconstituída segundo o exemplo da autogestão dos conselhos de fábrica (Gramsci, 2021). O exemplo dos conselhos representou o trabalho de educação desempenhado por Gramsci sobre os trabalhadores fabris de Turim, para o enaltecimento de sua consciência da condição de produtor, e não assalariado ou escravo da produção, que assumia no processo de trabalho.

Tal linha de raciocínio é seguida em todo o texto, que exemplifica bem como Gramsci já não se preocupava somente com a formação da consciência crítica dos trabalhadores, mas com sua capacidade de organização e contribuição para a constituição de uma sociedade livre da necessidade de ter que, constantemente, reclamar pela justiça e pela igualdade de classes.

O exercício da autogestão nas fábricas, promovido pelas comissões e conselhos, representava a forma de tornar produtor o trabalhador, fazê-lo não somente ter consciência histórica, mas importância histórica, não somente reclamar, como o fazia o sindicalismo, pelos direitos e interesses de suas classes, mas conceber tais direitos e interesses na ordem de todos os dias até o estabelecimento de um lugar-comum, uma fixação voluntária na sociedade, representativa do modo de vida socialista.

3.3 Escola de Cultura e Propaganda Socialista do semanário *L'Ordine* e o antiapriorismo

A experiência dos trabalhadores das fábricas chama a atenção, como previa Gramsci, de muitas outras categorias de trabalhadores que nela encontravam uma resposta contrária à súplica, aos moldes reformistas, para a defesa dos seus interesses e direitos. Reconhecer-se produtor, e não mais escravo da produção, também era cogitado entre os jovens socialistas italianos.

É nesse contexto que se apresenta a iniciativa da Escola de Cultura e Propaganda Socialista do semanário *L'Ordine*, no mês de dezembro de 1919. Na já mencionada crônica de número 30, publicada no dia 20 desse mesmo mês e ano, Gramsci relatou a experiência do primeiro curso dessa iniciativa. Procurou esclarecer ao leitor, ao modo como havia refletido sobre a importância da recondução do organismo sindical, a diferença existente entre a escola burguesa e a escola de cultura proposta por *L'Ordine*, entendida como a primeira etapa para a chegada à escola socialista.

A velha denúncia de Gramsci à escola burguesa, a partir de reivindicação por melhores condições aos jovens e adultos trabalhadores, secundarizava-se diante da nova possibilidade apresentada, a criação de uma escola que conduzisse o sujeito à efetiva noção de liberdade, também há muito problematizada em seus escritos jornalísticos. A liberdade enquanto possibilidade de o indivíduo se reconhecer no processo e no produto do trabalho

educativo, de não se deixar levar por uma finalidade dada *a priori*, um interesse estranhado que, por vezes, o aborrece e desestimula de chegar ao conhecimento.

Essa mesma liberdade, não condicionada e há muito reclamada em resposta ao determinismo e fatalismo da escola burguesa, encontrava suas vias de fato na iniciativa da Escola de Cultura e Propaganda Socialista do semanário *L'Ordine*. A instituição escola, como tantas outras, deveria encontrar inspiração no movimento dos conselhos para se reestruturar. O movimento dos conselhos havia ensinado ao trabalhador que era produtor e não escravo da produção, e o mesmo procurava fazer a Escola de Cultura e Propaganda Socialista, instruindo-o a ser produtor e não refém do conhecimento, bem como produzir e não somente ter consciência dessa nova condição.

O depoimento de Luigi Longo⁸², operário de fábrica automobilística, estudante e membro do PSI desde 1917, a respeito da experiência da Escola de Cultura e Propaganda Socialista, é importante para a afirmação da relação existente entre o movimento das comissões e conselhos e as instituições e associações frequentadas pelas classes trabalhadoras em que a afirmação dos subalternos poderia (e deveria) ser conduzida:

[1920] Foi o ano dos grandes movimentos operários contra o custo de vida, da exploração nas fábricas, dos responsáveis pela guerra, dos tubarões, como eram chamados aqueles que, na miséria, na produção bélica e nas perdas da guerra, acumularam enormes riquezas. [...].

A questão dos conselhos de fábrica, levantada e apoiada pelo então semanário “*L'Ordine Nuovo*”, despertou a curiosidade e o interesse, sobretudo de nós, jovens.

[...] Gramsci, Togliatti, Terracini e também Tasca entrevistaram com frequência nas reuniões do grupo estudantil para ilustrar as razões e as tarefas dos novos órgãos que se pretendia criar [...].

⁸² Nascido em Fubine, na província de Alexandria, em 1900, e falecido em Roma, em 1980, Luigi Longo foi partidário socialista e trabalhador na fábrica da Fiat, em Turim (Quercioli, 1977).

[...] a voz de Gramsci, tensa e fina, lutava para chegar a todos, embora quando falava houvesse imediatamente um silêncio mais atento para poder acompanhar a sua fala.

[...] Muitos mantiveram conversas pessoais com Gramsci, solicitando explicações, levantando questões e fazendo observações. Gramsci ouvia a todos com paciência e respondia com novos temas, muitas vezes intercalando a conversa com piadas, anedotas, observações irônicas [...] (Quercioli, 1977, p. 71-72).

A sua personalidade, de ouvir a todos e sempre argumentar com base na apresentação de novas dúvidas, constituída desde a comunicação jornalística e o exercício nos círculos de trabalhadores, pôde ser exercitada, do ponto de vista de um novo propósito, na Escola de Cultura e Propaganda Socialista. Gramsci intuía, dessa vez, possibilitar ao sujeito aprendente não somente ter consciência histórica, mas, ao mesmo tempo, afirmar-se como artífice da construção de uma nova forma de vida representativa dessa consciência.

Essa tarefa só era possível mediante as condições de uma escola desobrigada dos padrões de organização e dos objetivos burgueses, que invadiam a experiência nacional italiana. Só era possível a partir do cultivo de um novo sentido ao ato de educar, associado à defesa de uma concepção de mundo que contrastasse o fatalismo e o determinismo que o projeto burguês de sociabilidade lançava sobre o conceito de história.

Na crônica de número 30, a sua impressão do primeiro curso, realizado quando da inauguração, em meados de dezembro de 1919, é contundente nesse sentido: “Isto não seria possível se nestes operários não nascesse o desejo de aprender de uma concepção de mundo que a própria vida lhes ensinou e que sentem a necessidade de esclarecer para possuí-la completamente e para poder aplicá-la plenamente” (Gramsci, 2022a, p. 255).

A concepção de mundo baseada na propriedade coletiva, e não na propriedade privada, era aquela sobre a qual se referia Gramsci.

O sentido axiológico remetido ao “poder da aplicação” dessa concepção (Gramsci, 2022a, p. 255), o qual menciona, significava a construção das condições objetivas do projeto de sociabilidade socialista. Quando Gramsci atribui à vida de cada trabalhador, sujeito à experiência educativa da Escola de Cultura e Propaganda Socialista, o papel do ensino dessa concepção de mundo, também retrata o modo como o curso das contradições e injustiças possibilitadas pelo dilema enfrentado o levou ao socialismo.

Gramsci, como se observa nos trechos de depoimentos de Bianco e Longo, jamais deixou de se enxergar ao lado daqueles pelos quais defendia os direitos e interesses (Quercioli, 1977). O ensino, pela vida, da concepção de mundo que levaria ao socialismo, era para ele, como para os trabalhadores aos quais se referiu, naturalmente representado nas contradições da sociedade burguesa.

O tempo da propaganda evangélica, do estudo dessa concepção de mundo, previamente ensinada pela vida nas injustiças diárias a que se obrigavam esses trabalhadores, havia dado lugar ao tempo da criação, ao tempo em que era preciso conferir sentido real a essa concepção de mundo. A isso se dedicava a Escola de Cultura e Propaganda Socialista e outros tantos organismos a serem ocupados pelas classes trabalhadoras em regime de ditadura do proletariado como transição para o socialismo.

Não se deve pensar que o trabalho educativo desempenhado por Gramsci nesses tempos de criação escapava de qualquer rigorosidade e criteriosidade também percebidas em tempos de propaganda evangélica. O diálogo com os subalternos a respeito do tema da organização política socialista, iniciado em *Il Grido* e ampliado no semanário *L'Ordine*, com base na representação do poder das classes trabalhadoras nas relações capitalistas de produção, primordialmente observado na experiência das comissões e conselhos de fábrica, não se desobrigava de um cuidadoso aprofundamento teórico.

Se o conhecimento da concepção de mundo que levava ao socialismo era ofertado pela experiência da vida de cada um desses trabalhadores, como se observa na crônica 30, do dia 20 de dezembro, e exatamente por esse motivo o tempo de propaganda evangélica estava fora de cogitação, o trabalho de aprofundamento e de orientação dessa concepção de mundo, atributivo do tempo de criação, tinha importância.

Tal importância pode ser aproximada daquele valor, remetido ao trabalho de instrução do mestre com os sujeitos aprendentes, destacado por Gramsci em seus primeiros escritos jornalísticos. O que se diferencia, entretanto, é que esse trabalho de instrução se relacionava a um componente prático e criativo, e não mais contemplativo, do real.

3.4 Ditadura do proletariado e o antipersonalismo

Em crônica do segundo número de *L'Ordine* de 1920, publicada em 10 de janeiro⁸³, Gramsci trata especificamente do adensamento teórico como subsídio ao processo de recondução proletária dos organismos e instituições burguesas para fins da ditadura do proletariado e delimitação das condições objetivas do modo de vida baseado no socialismo.

Nele, Gramsci comenta a leitura realizada pelo jornal *Humanité*, da Seção Francesa da Internacional Operária, sobre o movimento dos conselhos de fábrica turinenses, em que se ressalta o elevado tom das discussões e a sua importância para o alto grau de desenvolvimento intelectual e boa educação política e social dos trabalhadores:

Sim, é verdade, temos publicado artigos “longos”, estudos “difíceis”, e continuaremos a fazê-lo, quando o requererem a importância e a gravidade dos argumentos, na linha do nosso programa: não queremos esconder nenhuma dificuldade, acreditamos que a classe

⁸³ Assinada por Antonio Gramsci e originalmente publicada em *L'Ordine*, número 33, em 10 de janeiro de 1920 (Gramsci, 1977a, p. 105-107).

trabalhadora adquire, a partir de hoje, consciência da extensão e da seriedade das tarefas que lhe incumbirão amanhã, cremos honesto tratar os trabalhadores como homens a quem se fala abertamente, cruamente, das coisas que lhes dizem respeito. Infelizmente os operários e os camponeses foram considerados durante muito tempo como crianças que têm necessidade de serem sempre guiadas, na fábrica e no campo, pelo punho de ferro do patrão, aplicado sobre a nuca, na vida política pela palavra retumbante e melíflua dos demagogos encantadores. No campo da cultura, portanto, operários e camponeses foram e são ainda considerados, pela maior parte, como uma massa de negros que se pode facilmente contentar com material de pacotilha, com pérolas falsas e restos, reservando para os eleitores os diamantes e as outras mercadorias de valor. Não há nada de mais inumano e antissocialista do que esta concepção. Se há no mundo qualquer coisa que tem um valor, todos são dignos e capazes de a apreciar. [...]. (Gramsci, 1977a, p. 106).

Há muito o que destacar no excerto acima. Primeiro, a retomada de Gramsci daquilo que, noutro momento, designou tempo presente e tempo futuro. É válido notar como compreendia nas classes trabalhadoras do tempo presente, do hoje, a consciência de sua tarefa, noutros termos, o consentimento, por essas classes, da concepção de mundo representativa do socialismo. São ultrapassados os limites desse tempo e alcançados, no tempo futuro, o dilema da efetivação da tarefa das classes trabalhadoras, da constituição dos meios para a instalação da nova concepção de mundo.

O instante da reflexão é ultrapassado pelo instante da ação, da necessidade de agir sobre o real com base no acúmulo de conhecimentos adquiridos da experiência de vida desses trabalhadores. A busca dos meios de ação, no entanto, não desconsidera a reflexão, mas a vincula diretamente à tomada de decisão, à manifestação prática de uma nova concepção de mundo. Justamente por isso, o trabalho jornalístico insiste sobre “artigos longos e estudos difíceis” (Gramsci, 1977a, p. 106), seguro da importância desse formato para que a tarefa representativa do amanhã, do tempo futuro, aumente as suas chances de êxito.

Não é possível desarticular ação de reflexão, por mais que o tempo presente tenha de ceder espaço ao tempo futuro. Os escritos do semanário *L'Ordine* são elaborados conforme a concepção de que as ações são, involuntariamente, representadas pela internalização de uma concepção de mundo. A tarefa do amanhã parte, precisamente, da prévia ideação de uma sociedade baseada na propriedade coletiva dos meios de produção.

Não se alimenta mais da necessidade de reclamar à concepção de mundo burguesa padrões de democracia ou liberdade distintos daqueles representativos da burguesia, mas da sede de afirmar uma nova concepção de mundo, germinada nas experiências cotidianas e sistematizada em comunhão, no trabalho de instrução e organização política das classes trabalhadoras, especificamente naquele que passa a reconhecer essas classes como produtoras e não escravas da produção.

Também merece ser destacada a crítica, a partir da segunda sentença, ao determinismo burguês condicionado aos grupos subalternos, do ponto de vista do trabalho, da política e da cultura. Gramsci não admitia a injustiça conferida às classes trabalhadoras a partir da fixação prévia de uma razão absoluta sobre suas vidas. Recriminava essa lógica idealista de compreensão do real, que desconsidera qualquer previsibilidade de as bases econômicas, a partir de uma vontade coletiva, agirem sobre a estrutura política, como também a igual lógica fatalista, assumida pelo materialismo mecânico, de afirmação das bases econômicas sobre a estrutura política ao lado da negligência do trabalho de criação de uma consciência e uma efetiva vontade coletiva operária.

Sua posição, extraída do movimento de reflexão sobre o real, preliminarmente apresentado a ele pela experiência da vida como um complexo de contradições e injustiças sociais, é em favor da consciência e do exercício intelectual a cada sujeito, da possibilidade de todos se reconhecerem e se afirmarem “dignos de apreciar qualquer coisa que possua valor” (Gramsci, 1977a, p. 106).

É sobre tal posição que Gramsci, no ano de 1920, continua a depositar fichas na experiência dos conselhos de fábrica contra algumas frações do PSI, entendendo-a como embrião da ditadura do proletariado e possibilidade de enaltecimento de um projeto de sociabilidade pautado na coletividade da produção. Considerar todos os sujeitos produtores, ou ainda capazes de apreciar diferentes expressões (culturais, artísticas, filosóficas, científicas e outras) que possuam valor, significa a defesa desse projeto de sociabilidade.

O limite imposto pelas demais frações partidárias tornava o PSI um organismo representativo dos trabalhadores que “[...] não têm propriedade e não se tornarão proprietários” (Gramsci, 2021, p. 153), aponta Gramsci em coluna de número 39 de *L’Ordine*, intitulada “A semana política”⁸⁴, publicada nas semanas dos dias 28 de fevereiro e 6 de março de 1920.

Gramsci passa a enxergar no PSI, demasiadamente motivado pelas frações que flertavam com posições deterministas há muito por ele criticadas, uma necessidade de renovação. Desde seu sugestivo texto que carrega o título “Antes de mais nada, renovar o Partido”⁸⁵, publicado na mesma coluna “A semana política” de *L’Ordine* no mês anterior, aos 24 de janeiro de 1920 (número 35), buscava deixar clara a necessidade de esse organismo passar a se guiar conforme o passo inicial dado pela experiência dos trabalhadores operários nos conselhos de fábrica. As posições das diferentes frações que o compunham, e isso o preocupava significativamente, apontavam para a negligência, ou, na pior das hipóteses, para a secundarização dessas ricas experiências.

Assim, não se podia falar em classes trabalhadoras como proprietárias dos meios de produção, tal como pressupunha o modo de vida baseado na coletivização, defendido pelo socialismo.

⁸⁴ Não assinada e originalmente publicada em *L’Ordine*, número 39, em 28 de fevereiro e 6 de março de 1920 (Gramsci, 2021, p. 152-159).

⁸⁵ Não assinado e originalmente publicado em *L’Ordine*, número 35, em 24 e 31 de janeiro de 1920 (Gramsci, 2021, p. 132-138).

Não há propriedade coletiva na ausência da possibilidade de cada sujeito tomar consciência, participar da administração e se sentir representado na condução do processo produtivo.

3.5 Comunismo e o anti-imobilismo

É com base na ultrapassagem das condições fixadas pelo projeto burguês de sociabilidade, de aprisionamento das classes trabalhadoras à condição de submissão e inoperância, que Gramsci sugere maior aderência do PSI aos pressupostos da Terceira IC. Essa sugestão pode ser notada, na escrita do número 39, em seções intituladas “*Partito di governo*” (“Partido de governo”) e “*Classe di governo*” (“Classe de governo”). Nelas, aponta o papel do PSI enquanto partido de governo somente quando da articulação de seus objetivos ao processo revolucionário, que pressupõe, para ele, um programa máximo orientado ao trabalho educativo a cada indivíduo singular.

Gramsci se utiliza do conceito de comunismo para distinguir o papel reformista assumido pelo PSI do papel de partido de governo, por ele defendido, aproximado ao que já vinha escrevendo a respeito do socialismo. Muito afinado com os princípios da IC, Gramsci encontrava nesse conceito o mesmo valor por ele já depositado sobre o socialismo. No II Congresso dessa organização internacional, Lenin mencionaria a correspondência entre o texto “Por uma renovação do Partido Socialista”⁸⁶, que seria publicado em *L’Ordine* em 8 de maio, e esses princípios.

Trata-se de um valor que leva em conta o processo de emancipação coletiva do proletariado, de condução de cada sujeito às suas respectivas tarefas no processo de organização de um projeto de sociabilidade representado pela socialização dos meios de produção.

⁸⁶ Não assinado e originalmente publicado em *L’Ordine*, número 4, em 8 de maio de 1920 (Gramsci, 2021, p. 178-188).

Esse flerte cada vez mais intenso com o conceito de comunismo acarretaria, tão logo da complexificação das dissidências entre as frações do PSI, o processo de formação de uma fração comunista dentro do partido, ocorrido em Ímola no mês de novembro daquele mesmo ano e, posteriormente, o desligamento dessa fração do partido e conseguinte criação de um novo, o PCd'I, em meados de janeiro de 1921, durante o XVII Congresso do PSI, transcorrido em Livorno.

O grande conflito, para Gramsci, encontrava-se na necessidade de tornar as classes trabalhadoras capazes de garantir as condições de existência de um modo de organização social baseado na propriedade coletiva. Ficam condenadas as possibilidades de subsistência do comunismo quando frações do PSI sobrepõem à experiência dos conselhos de fábrica, onde o estudo de tais condições de existência se garantia, o papel do partido, não como partido de governo, mas como expressão dos interesses de uma classe sem garantias de propriedade, ou ainda o papel dos sindicatos, organismos proletários sintonizados com o fatalismo da sociedade burguesa.

Observa-se em Gramsci uma preocupação com a forma como o PSI interpretava o comunismo, com base nas reflexões sobre o socialismo. O conceito por ele adotado, derivado dos princípios da IC, aproximava-se daquele modo de vida baseado na coletividade sobre o qual comentava quando se referia a que propósito deveria chegar à ditadura do proletariado.

Com base em suas reflexões, era impossível a constituição dessa ditadura na ausência de um trabalho intelectual que envolvesse a conscientização, baseada nas experiências das classes trabalhadoras, e a ação visando à superação da condição de escravo da produção para o gerenciamento e organização de uma forma de vida coletiva que precisasse reafirmar voluntária e constantemente essa condição dos trabalhadores.

O socialismo, representativo dessa nova forma de vida, caracterizaria o estágio em que o comunismo poderia ser cogitado, uma vez assumidas as condições intelectuais das classes trabalhadoras com vistas à garantia de uma forma de vida baseada na propriedade coletiva, com a reafirmação constante das suas necessidades. O comunismo, por sua vez, representava o alcance máximo do estágio de maturidade dessas classes, no qual a reafirmação de suas necessidades seria suplantada pelo voluntarismo. Gramsci se preocupava com a concepção de comunismo assumida pelas diferentes frações do PSI, que tinham, como se observa nas suas críticas precedentes à aderência do partido na IC, dificuldades de interpretação de sua fase precedente, o socialismo.

A defesa da educação das classes trabalhadoras passava a ter, para Gramsci, importância tanto do ponto de vista do socialismo quanto do comunismo. Em “Classe de governo”, da coluna “A semana política” do número 39 de *L'Ordine*, lançou mão do seguinte argumento após ter apresentado ao leitor como o PSI, como partido de governo, deveria possibilitar às classes trabalhadoras se revigorarem física e culturalmente, para que implementassem novos modos de trabalho e de produção, condizentes com a “cadeia histórica” que conduziria ao comunismo:

Não pode haver um governo operário se a classe operária não está em condições de se tornar, em sua totalidade, o poder executivo do Estado operário. As leis do Estado operário devem ser postas em execução pelos próprios operários: somente assim o Estado operário não corre o risco de cair nas mãos de aventureiros e politiquês, não corre o risco de tornar-se uma imitação do Estado burguês. Por isso, a classe operária deve adestrar-se, deve educar-se para a gestão social, deve adquirir a cultura e a psicologia de uma classe dominante, deve adquiri-la com seus meios e seus sistemas, com comícios, com congressos, com discussões, com educação recíproca. Os conselhos de fábrica foram a primeira forma dessa experiência histórica da classe operária italiana que tende ao autogoverno no Estado operário [...]. (Gramsci, 2021, p. 158).

O risco de a classe operária se tornar classe burguesa, de o Estado operário tomar forma de Estado burguês, é designativo do caminho, sugerido pelas frações do PSI opostas à posição de Gramsci, fatalista e determinista de buscarem estabelecer o socialismo e, conseqüentemente, o comunismo.

O Estado operário, apresentado no excerto acima, consolida-se do trabalho, já ressaltado por Gramsci em textos anteriores, de afirmação das classes trabalhadoras nos organismos e associações burguesas, a exemplo do que os operários das fábricas turinenses haviam conseguido mediante o movimento das comissões e dos conselhos. O Estado operário significa a ditadura do proletariado, bem como a via possível de condução do comunismo.

Para a sua afirmação, é crucial um trabalho de educação das classes trabalhadoras que leve em conta, a cada sujeito, a conscientização, o autorreconhecimento e a disposição necessários ao processo de condução de um novo projeto de sociabilidade. Fazia-se necessário aos trabalhadores, e o movimento dos conselhos provavam a Gramsci, ocupar coletivamente a posição dos patrões, a posição de detentores dos meios de produção, porque responsáveis pelo processo de produção, porque produtores.

Isso só seria possível a partir de um trabalho de educação, de crítica, estudo e aprofundamento, e de criação, de organização de novas condições de trabalho e de produção, representativo dos interesses e das necessidades históricas dessas classes. Vale sintetizar, a partir do esforço autocrítico de Gramsci publicado em *L'Ordine* nos dias 14 e 28 de agosto de 1920 (números 12 e 14 do volume 2) e intitulado “O programa de *L'Ordine Nuovo*”⁸⁷, algumas de suas observações sobre os pontos falhos e limitadores do trabalho educativo que se tentou travar durante os anos de 1919 e 1920 no semanário.

⁸⁷ Os fragmentos desse texto foram assinados, respectivamente, por Antonio Gramsci e A. G., e originalmente publicados em *L'Ordine*, números 12 e 14, em 14 e 28 de agosto de 1920 (Gramsci, 2021, p. 233-246).

A ideia de um semanário que propusesse, longe do trabalho evangélico de outros tempos, o incentivo à cultura proletária, intuindo a organização política necessária para que cada organismo e associação burguesa fossem gerenciados pelos trabalhadores, com base em seus interesses e anseios, não poderia associar o conceito de cultura à capacidade de recordar, de fixar os conceitos elementares do socialismo e do comunismo. O tempo de criação, do qual Gramsci lançava mão para falar da influência do presente sobre o futuro, requeria a associação do conceito de cultura à capacidade de pensar, de refletir sobre a previsibilidade de uma nova forma de vida.

Para Gramsci, o semanário *L'Ordine*, sobretudo por influência de Angelo Tasca⁸⁸, com quem polemizou durante todo o ano de 1920, era impossibilitado de sua verdadeira proposição, acordada entre os seus outros três fundadores, qual seja: educar as classes trabalhadoras para refletirem sobre as condições objetivas do real, para a consolidação dos meios de chegada à ditadura do proletariado, ao Estado operário e ao socialismo, enquanto transição para o comunismo. O propósito fixado por *L'Ordine*, todavia, pode ser observado no seguinte desabafo:

O que o companheiro Tasca entendia por “cultura”, quer dizer, o que entendia concretamente, não abstratamente? Por “cultura” entendia: “recordar”, não “pensar”, e “recordar” coisas velhas, surradas, o rebotalho do pensamento operário; entendia levar ao conhecimento da classe operária italiana, “recordar” a essa boa classe operária, que é tão atrasada, tão vulgar e inculta, que Louis Blanc fez algumas reflexões sobre a organização do trabalho e que tais reflexões deram lugar a experimentações reais [...] ⁸⁹. O que foi *L'Ordine Nuovo* em seus primeiros números? Foi uma antologia, nada mais que uma antologia;

⁸⁸ Angelo Tasca, nascido em Moretta, comuna italiana da região do Piemonte, em 1892, e morto em Paris, no ano de 1960, foi um ilustre político e intelectual italiano, que esteve ao lado de Gramsci em muitos instantes de sua vida, desde a universidade até espaços representativos dos partidos socialista e comunista da Itália (Guida; Rigui, 2019).

⁸⁹ Louis Blanc, nascido e falecido, respectivamente no ano de 1811 em Madrid e 1882 em Cannes, foi historiador e político socialista francês, autor de “*L'histoire de la révolution française*” (“A história da revolução francesa”) (1878) e membro do governo provisório da Segunda República Francesa em 1848 (Gramsci, 2021).

foi uma revista que poderia ter surgido em Nápoles, em Caltanissetta, em Brindisi; foi uma revista de cultura abstrata, de informações abstratas, com tendência a publicar novelinhas horripilantes e xilografias bem-intencionadas. Eis o que foi *L'Ordine Nuovo* em seus primeiros números: um desorganismo, o produto de um intelectualismo medíocre, que ao voo incerto procurava um lugar ideal e um guia para a ação (Gramsci, 2021, p. 236-237, grifos do autor).

Gramsci apresentou, em ambas as colunas constitutivas de “O programa de *L'Ordine Nuovo*”, com base na polêmica travada com Tasca, as dificuldades encontradas por *L'Ordine* para conduzir o trabalho de educação das classes trabalhadoras a partir da experiência das comissões e conselhos, bem como das orientações da IC. Na sequência do texto, Gramsci menciona como um “golpe de Estado redacional” foi necessário (Gramsci, 2021, p. 237), por ele e companheiros que buscavam colocar o semanário nos eixos do propósito revolucionário, para que o trabalho de educação em questão fosse estimulado.

Desse golpe, como também da intensificação das disputas internas no PSI durante os anos de 1919 e 1920, apresentaram-se reações críticas ao propósito de *L'Ordine*, inclusive da parte de Tasca. Isso, somado ao fracasso da greve geral dos trabalhadores das fábricas e do aparecimento da representação comunista entre algumas frações do PSI, tornava ainda mais difícil qualquer tipo de receptividade das ideias de Gramsci e de *L'Ordine*, de Tasca ou de qualquer outro, sobre um sentido de unidade.

1921 a novembro de 1926: fascismo, institutos de cultura proletária e redação em *L'Ordine* diário e quinzenal

Figura 4 - Charge de *L'Ordine* de 1º de agosto de 1922, com o título “Apenas derrubando a fera, o trabalhador abre caminho para a própria libertação”, em diálogo com as classes trabalhadoras e com a necessidade de se oporem ao fascismo



Fonte: Acervo da pesquisa, jun. 2023.

Este tópico tem por objetivo apresentar a concepção de mundo de Gramsci, a partir do tema da educação de trabalhadores, em período redacional específico dos escritos jornalísticos caracterizados pelo fascismo, pela criação dos institutos proletários de cultura e pela redação de *L'Ordine* diário e quinzenal.

3.6 Educação dos jovens trabalhadores e o anti-imediatismo

O período que compreende as experiências educativas de Gramsci com as classes trabalhadoras desde o nascimento do PCd'I e de *L'Ordine* em formato de diário comunista até a sua prisão, portanto, durante um intervalo de quase seis anos, pode ser entendido no horizonte de duas particulares frentes. A primeira delas a partir do

movimento redacional de Gramsci nesse diário, embora outra vez limitado, desde que se tornou órgão do PCd'I em janeiro de 1921. E a segunda após a sua instalação na capital austríaca, a partir de novembro de 1923, para a retomada das atividades desse mesmo jornal em formato de semanário.

Essas duas frentes têm, respectivamente, os horizontes atravessados pelo embate de Gramsci contra as frações do PCd'I que menosprezavam as orientações da IC e pela tentativa de implementação, já na clandestinidade e contra a opressão fascista, da tática da frente única para a possibilidade da retomada do ambiente democrático escapado pela desarmonia que havia se estabelecido, inicialmente, no centro do partido (Urbani, 1974b; Coutinho, 2004a, 2019; Nosella, 2016; Fresu, 2023).

Na primeira das frentes, pode ser identificada a iniciativa do Instituto de Cultura Proletária, fundado em janeiro de 1921, como iniciativa do diário *L'Ordine*, e identificado como seção turinense da *proletkult* de Moscou, liderada por Lunatcharski e Alexander Malinovski (Bogdanov)⁹⁰. Na segunda das frentes, o destaque é dado à iniciativa da Escola do Partido por correspondência, forma encontrada por Gramsci e colaboradores para driblar as ameaças do regime fascista a toda atividade partidária, colocada na clandestinidade após a marcha sobre Roma em 28 de outubro de 1922.

Esta, em especial, carrega o valor da tentativa de Gramsci de recondução do propósito desempenhado pelo semanário *L'Ordine* durante o biênio vermelho, o propósito da constituição de organismos e associações proletárias que tomassem o fim da constituição do Estado operário (Coutinho, 2004a, 2019; Nosella, 2016).

Quando *L'Ordine*, na esteira dos acontecimentos de Livorno, deixa de ser publicado como semanário e se constitui jornal diário e

⁹⁰ Bogdanov, nascido e falecido, respectivamente, nos anos de 1873 e 1928, em Sokolka, na Polônia, e Moscou, foi um filósofo revolucionário russo, associado ao bolchevismo desde os anos do Partido Operário Social-Democrata Russo, recordado, em especial, pelo trabalho no campo da educação de líderes revolucionários e trabalhadores (Bidussa *et al.*, 2009b).

órgão do PCd'I, Gramsci se depara, como quando da transição entre *Il Grido* e *Avanti!* turinense, com a impossibilidade de uma publicação mais orgânica com o seu leitor. Isso se dá pela oficialidade, assumida pelo jornal, para com o PCd'I, partido em sua origem composto por frações, em vários sentidos, contrapostas.

De todo modo, Gramsci trabalha incessantemente na redação do diário *L'Ordine*, naquele ano de 1921, para analisar e esclarecer a nova conjuntura política e contribuir com uma possível linha de ação do novo partido. A abdicação das frações comunistas do PSI e sua conseguinte constituição do PCd'I não significaram a fixação de uma homogeneidade do pensamento comunista italiano.

Em 1921 e 1922, grande parte do trabalho desempenhado por Gramsci de educação das classes trabalhadoras, a partir da redação na imprensa operária e de iniciativas como o Instituto de Cultura Proletária (*proletkult* turinense), buscou acertar contas com as frações comunistas que queriam pronunciar a revolução no campo do imediato.

Para Gramsci, estava claro, como também estava para a IC, que o movimento de desligamento das frações comunistas do PSI era oportuno, mas somente do ponto de vista de uma nova articulação com as frações socialistas que levasse em conta, a partir da chamada tática da frente única, um novo trabalho educativo para corrigir toda seqüela de desorganização e desarmonia que pudesse novamente sugerir a revolução.

A Terceira IC sugeria, ao PCd'I, o desligamento das frações comunistas do PSI e criação de um novo partido, seguido pela conformação da tática da frente única, representada pela constituição de uma aliança entre as frações comunistas e socialistas contra a reação burguesa (Fiori, 1979). Esse trabalho educativo exigia, para algumas frações do PCd'I, abrir mão do pronunciamento imediato

da revolução para ter que lidar com aquilo que era, de acordo com sua concepção do movimento fascista, manifestações sociais epidérmicas⁹¹.

Somente Gramsci parecia admitir, no ano de 1921 e maior parte de 1922, a previsibilidade de uma ditadura fascista, e por isso determinar crucialidade ao fortalecimento do trabalho intelectual e organizacional político das classes trabalhadoras (Coutinho, 2004a, 2019; Nosella, 2016). Em 1923, quando do advento dessa ditadura, a importância do fortalecimento desse trabalho não deixou de ser cogitada por Gramsci. Entretanto, as dificuldades para a sua realização se tornam ainda maiores, em função da ilegalidade e repressão sofridas pelos simpatizantes e partidários do socialismo e do comunismo italianos.

Em janeiro 1921, em texto intitulado “O Congresso dos Jovens”⁹² e publicado no diário *L’Ordine* no dia 29, Gramsci continuava a dar indícios de sua tentativa de operacionalizar um trabalho de educação no PCd’I com base nos princípios da IC. O texto comenta sobre o Congresso dos Jovens Socialistas Italianos, iniciado naquele dia na capital toscana (Gramsci, 1977a). Retoma o papel de verticalidade conferido à relação adultos-jovens pelo PSI de outrora, do qual se aproximavam algumas frações do PCd’I, a fim de incentivar um novo movimento de educação dos jovens trabalhadores italianos.

São [os jovens] operários e camponeses nos quais não existe e não pode existir grande capacidade de imediata compreensão dos princípios da doutrina, mas é profunda, pelo contrário, a intuição das necessidades da classe de que provêm. Sentem uma necessidade instintiva de clarificação e de precisão, uma necessidade de conhecer e de saber, mas ao mesmo tempo sentem que não têm tempo para perder nas academias e nas discussões estéreis, porque as

⁹¹ Sobre tal vale registrar o depoimento de Fidia Sassano (1904-?), importante jornalista da imprensa operária italiana e militante das classes trabalhadoras, a respeito do posicionamento de Bordiga sobre o fascismo nos anos de 1921 e 1922: “Tendo vindo a Roma, chamado por Terracini ao ‘Comunista’ para fazer o trabalho mais modesto do jornal, [...] fiquei impressionado, embora politicamente eu fosse antagônico aos principais artigos de Bordiga, em particular durante e após a reunião do Partido Nacional Fascista em Nápoles. Fiquei impressionado com a avaliação de Bordiga sobre o fascismo, na véspera da marcha sobre Roma. Foi uma avaliação do fenômeno fascista, como se sabe, enquanto politicamente inválido. O fascismo estava prestes a tomar o poder [...] e Bordiga continuou acreditando que os fascistas estavam prestes a formar um governo junto com os socialistas e os outros partidos democratas [...]” (Quercholi, 1977, p. 180-181).

⁹² Não assinado e originalmente publicado em *L’Ordine* em 29 de janeiro de 1921 (Gramsci, 1977a, p. 263-266).

necessidades de ação os impulsionam e, estas, sentem-nas eles do modo mais vivaz. E eis então que se apresenta em toda a sua amplitude o problema dos jovens, o problema de fazer com que esta energia não se perca, [...] mas seja guiada de modo a dar o máximo rendimento ao partido. É um problema de educação, mas de educação entendida no significado mais amplo da palavra, educação dos jovens para a disciplina da ação e do pensamento, mas educação também de todo o organismo do partido, isto é, a transfusão para ele de novo sangue, de nova energia, de novo desejo e de nova capacidade de conhecer e atuar.

No Partido Socialista, a consciência deste problema [...] tinha-se perdido pouco a pouco. A organização dos jovens era insegura de si, oscilava entre o fim educativo e o fim da preparação material [...]. Alguns consideravam-na uma coisa inútil, outros um duplicado. Os próprios jovens eram inertes: por um lado desdenhavam de serem consideradas, sempre e apenas, como matéria apta para absorverem os discursos deste ou daquele para e, por outro, sentiam que o sacrifício que lhes pediam [...] deveria ter como correspondência a atribuição de um peso e de uma importância maiores (Gramsci, 1977a, p. 265).

Importante notar como Gramsci atribui valor à intuição das necessidades das classes trabalhadoras aos jovens trabalhadores. Intuição que, a seu modo, não substitui a importância da reflexão e do estudo teórico dos princípios do socialismo e do comunismo, mas carrega uma sintonia involuntária, adquirida da experiência vivida, com os interesses dessas classes. O trabalho da propaganda, do estudo sistematizado dos princípios de uma concepção de mundo, cedia ainda espaço ao trabalho da criação, da constituição das bases materiais para a manifestação dessa concepção.

Ao propósito da criação e da ocupação de associações e instituições proletárias, como ocorrera na experiência das comissões e dos conselhos, Gramsci buscava exercitar a intuição das classes trabalhadoras. Essa intuição lhes possibilitaria ocupar cargos administrativos nesses organismos, alinhados aos interesses dessas classes, que representariam experiências práticas de educação onde, inclusive, os princípios teóricos, representativos do trabalho de propaganda, seriam exercitados.

O incentivo do PCd'I à Federação Juvenil Socialista Italiana, extraído no excerto de "O Congresso dos Jovens", é parte dessa iniciativa. Importava situar, tal Federação, no contexto do fortalecimento da relação entre as classes trabalhadoras e os princípios comunistas, como influente organismo de educação prática dessas classes, especialmente de sua fração juvenil.

A crítica ao programa socialista para a condução da educação dos jovens trabalhadores representava também a crítica às frações comunistas favoráveis ao pronunciamento imediato da revolução. A manifestação de um caótico quadro de organização política, derivada da falta de unidade entre as frações socialistas durante o biênio vermelho, não poderia ser repetida entre os comunistas, apesar de Gramsci se deparar com isso desde a fundação no PCd'I. A oscilação entre o "fim educativo e o fim da preparação material" não poderia ser (Gramsci, 1977a, p. 265), a seu ver, novamente considerada, e para tal a criação de representações proletárias, baseada em organismos e instituições coletivas, fazia-se importante.

Portanto, a inércia, sobre a qual fala Gramsci, que impossibilitava o jovem (e também o adulto) trabalhador de se sentir representado nas ações do partido, seguras vezes conduzidas unilateralmente, deveria ser vencida. O velho determinismo que invadia o pensamento operário italiano necessitava, finalmente, encontrar um ponto final, e o alinhamento aos princípios da Terceira IC e suas orientações à experiência comunista na Itália, para Gramsci, tornando-se a palavra de ordem do novo partido, responderia a essa necessidade.

É Longo que sugere como passa a ser compartilhada com a juventude trabalhadora, inclusive por deliberações da Internacional da Juventude Comunista, a iniciativa de Gramsci de levar a experiência das comissões e conselhos para os mais diversos e amplos organismos e instituições frequentados pelas classes trabalhadoras:

No Congresso da Internacional Juvenil Comunista foi levantada a necessidade da organização de células juvenis de fábrica, com base na Federação Juvenil Comunista. Bordiga foi contra esta inovação organizacional.

A delegação juvenil, pelo contrário, apoiou-a, tendo-me à frente, embora Bordiga tivesse pronunciado decididamente contra, tanto pelo partido quanto pela Federação Juvenil, a criação das células de fábrica. Ele queria manter totalmente o antigo tipo de organização, baseado em seções territoriais.

Falei com Gramsci sobre o debate que estava acontecendo no Congresso Juvenil. Gramsci nos encorajou abertamente a manter nossa posição favorável à criação de células juvenis, mesmo contra a oposição de Bordiga.

Fortalecidos pelo apoio de Gramsci, aceitamos plenamente a diretriz da Internacional Juvenil para a criação das células e, de volta à Itália, fomos os primeiros a passar à sua organização concreta. [...]. (Quericioli, 1977, p. 73).

O depoimento é importante para que Gramsci seja entendido como um incentivador dos princípios da Terceira IC na Itália, mesmo que isso significasse o rompimento com algumas posições repercutidas no interior de seu partido. Tal incentivo também se respaldava no histórico flerte, observado em Gramsci desde os tempos de *Il Grido*, com o modelo de educação da experiência revolucionária soviética.

3.6 Proletkult turinense, controle operário e antiabstracionismo

Gramsci não media esforços ao incentivo dos movimentos de organização coletiva, das classes trabalhadoras, para a formação de conselhos contra a supremacia do gerencialismo burguês nos institutos e nas associações por elas frequentadas, pois não enxergava, em essência, um trabalho de educação nas posições verticalizadas para a condução do processo revolucionário, adotadas por algumas frações do PCd'I, tal como já observava no PSI, e isso ficava claro no desencontro entre as posições da Terceira IC e dessas frações.

O grande exemplo, nesse momento histórico, de incentivo à formação dos trabalhadores para a criação desses movimentos foi a *proletkult* turinense, nascida como iniciativa do diário *L'Ordine* ainda nos primeiros meses de 1921. Nela, um grupo de estudantes e trabalhadores comunistas, sob a condução de apresentações de alguns professores também partidários, buscavam refletir e apontar para demandas do tempo presente enquanto subsídio àquela do tempo futuro, a formação de uma sociedade comunista. O tempo presente, todavia, invadia-se de novas tarefas, como aquela contida na contenção da contraofensiva burguesa, que poderia tomar (e verdadeiramente tomou, em novembro de 1922) forma de ditadura fascista, como previu Gramsci.

Essa, dentre outras tarefas, suscitava ao tempo presente certo cuidado com a ordem do dia, com o ordenamento de ações para a possibilidade da chegada à demanda do tempo futuro. Se, no contexto de 1919 e 1920, no interior do PSI, Gramsci tentou, seguindo linhas de orientação da IC, fortalecer a criação dos *sovietes* italianos, conselhos geridos e administrados por trabalhadores, sem se preocupar fundamentalmente com a contraofensiva burguesa, passou a ter de lidar com novos elementos para a ação das classes trabalhadoras nesses conselhos após o fracasso da greve geral em abril de 1920, que suscitou o embrutecimento dos patrões contra os trabalhadores e, por conseguinte, a proliferação de ideias nacionalistas contra o internacionalismo contido nas tendências socialistas e comunistas.

Esses novos elementos precisavam também ser alvo das reflexões do diário *L'Ordine*, e para isso Gramsci não mediu esforços, tanto no âmbito da publicação periódica, quanto nas reuniões da *proletkult* turinense. Dois exemplos sobre esses novos elementos podem ser vistos, respectivamente, no depoimento de Attilio Serge⁹³, secretário da Federação Juvenil Comunista quando da sua criação no já mencionado Congresso de Florença e aderência do PCd'I à

⁹³ Attilio Serge, nascido no ano de 1904 na comuna italiana Finale Ligure, localizada na região da Ligúria, foi um personagem do comunismo italiano da primeira metade do século XX (Quericioli, 1977).

Terceira IC, e no texto “Controle operário”⁹⁴, publicado no diário *L'Ordine* em 10 de fevereiro de 1921.

Serge, apresentando não somente a *proletkult* turinense, mas a própria personalidade de Gramsci naqueles tempos sugestivos de novas estratégias de avaliação e condução de ações sobre a realidade italiana, merece ser reproduzido:

Gramsci não descuidou de todas as possibilidades e ocasiões de encontrar seus companheiros, sobretudo trabalhadores: conheceu muitos deles pessoalmente e manteve longas conversas com eles para conhecer suas condições de vida e de trabalho, deu-lhes conselhos e, ao mesmo tempo, tomou inspiração nos temas abordados para aprimorar o jornal que dirigia e torná-lo mais adequado à vida e às necessidades da classe trabalhadora. [...].

[...] lembro-me das reuniões do grupo de estudantes comunistas que aconteciam semanalmente na pequena sala da Câmara do Trabalho de Turim, contígua ao grande salão. Esse grupo, que nunca ultrapassou uma centena de pessoas, era constituído por estudantes não matriculados, veteranos de guerra, com experiências de vida que me causaram espanto, um jovem imberbe.

[...] Participavam frequentemente das reuniões algumas personalidades do mundo operário turinense - entre elas Togliatti, Terracini e Tasca -, mas quase todos se apressavam pela intervenção de Gramsci, que quase sempre encontrava um modo de aparecer, nem que fosse por alguns minutos.

Quando tinha mais tempo disponível, fazia longas intervenções improvisadas, que nos maravilhavam pela profundidade das questões, pelo rigor lógico dos argumentos e, sobretudo, pela riqueza das informações [...].

Ainda hoje, [...] lembro-me distintamente de certas lições [...]. Sobre a organização burocrática na Itália [...]; sobre o desenvolvimento agrícola e as transformações agrárias [...] que, segundo ele, explicavam o triunfo eleitoral dos socialistas em 1919; sobre o atraso da economia da Sardenha [...]; mas sobretudo recorro das lições sobre a organização dos conselhos de fábrica, que para ele representavam o núcleo, o centro em torno do qual deveria ter se organizado a futura sociedade do trabalho. [...].

⁹⁴ Não assinado e originalmente publicado em *L'Ordine* em 10 de fevereiro de 1921 (Gramsci, 2004b, p. 38-40).

Ao falar, Gramsci parecia sofrer uma estranha transformação. Seu corpo, tão frágil e com uma deformação até demais evidente, quase desaparecia para destacar o movimento das mãos, dos dedos longos e móveis e do rosto ossudo, com os olhos vivos por trás dos óculos grossos, o cabelo curto e as feições marcadas, como a testemunhar a sua força íntima. [...].

“L’Ordine Nuovo” era, para ele, mais que um jornal, um campo de treinamento a serviço do proletariado [...].

Ele dedicou atenção especial à Proletkult, a seção italiana da Proletkult internacional, que deveria constituir o terceiro pilar, ao lado do partido e do sindicato, do andaime sobre o qual construir a nova sociedade do trabalho [...]. (Quercioli, 1977, p. 103-105).

O diário *L’Ordine* adquiria, na condição de “campo de treinamento” (Quercioli, 1977, p. 105), o papel de atualizar as classes trabalhadoras de seus deveres naquele instante. Gramsci conseguia despertar a atenção dos jovens e trabalhadores que frequentavam a *proletkult*, mas também daqueles que se dedicavam à leitura de seus artigos jornalísticos, porque a sua escrita e oratória partiam dos problemas enfrentados cotidianamente por essas classes. O início do relato de Serge é importante para demonstrar a sua incessante vontade de capturar elementos das condições de vida dos subalternos, para aprimorar e alinhar os trabalhos do diário *L’Ordine* às atividades do dia das classes trabalhadoras visando ao alcance do Estado operário enquanto transição para a sociedade comunista.

É válido também notar como os temas do dia a dia repercutiam entre as lições da *proletkult* turinense, evidenciando o caráter educativo desse organismo tanto mais associado ao propósito da reflexão sobre o tempo presente como prerrogativa do tempo futuro do que sobre o tempo passado. Como as histórias da burocracia italiana, do desenvolvimento agrícola para os socialistas ou da questão sarda possibilitavam pensar o tempo presente? Como evidenciava aos trabalhadores italianos a necessidade de uma organização política sua que coincidissem com uma nova forma de produção e de trabalho? Como tomava forma de pressuposto ao

alcance de um Estado operário em que a injustiça e a desigualdade inexistiriam?

Todas essas reflexões, localizadas nos encontros da *proletkult* turinense em que Gramsci lecionou, como o depoimento de Serge possibilita compreender, ao lado da centralidade do tema das comissões e conselhos, representam a introdução de propósitos surgidos nos anos anteriores num novo cenário de educação das classes trabalhadoras. Não se perde, destarte, o propósito da criação de organismos representativos dessas classes, da necessidade da ocupação, a partir do mínimo esforço de cada sujeito a elas pertencente, de cargos administrativos ocupados pelas classes dominantes, da formação de seus intelectuais orgânicos.

Somente se desloca tal propósito a um novo instante, condicionado a novos desafios e limites, representados especificamente pela reorganização das representações dessas classes numa frente única, bem como pelo cerceamento da contraofensiva burguesa, que também incida sobre algumas parcelas dessas classes.

Outro elemento importante a ser considerado do depoimento de Serge é a “estranha transformação” remetida a Gramsci durante os instantes em que falava (Quercioli, 1977, p. 104), publicamente, aos estudantes e trabalhadores da *proletkult* turinense. Essa transformação, associada ao fato de Gramsci conseguir despertar a atenção do ouvinte a partir da força contida em seus argumentos e provocações, é compartilhada pela capacidade de prender o seu leitor, ou sujeito aprendente, desde os tempos iniciais de sua carreira de redator e crítico literário na imprensa operária.

Está relacionada ao modo de agir do verdadeiro mestre, que parte do imediatismo contido na realidade e experiência dos sujeitos aprendentes para chegar ao conhecimento, bem como para estimular o reconhecimento desses sujeitos no conhecimento adquirido, e não somente se restringir aos limites enciclopédicos e deterministas.

O texto “Controle operário”, mencionado anteriormente, é também exemplo desse caráter educativo, representado pela condução das classes trabalhadoras aos princípios do comunismo. Nele, Gramsci critica o modo como esse controle acabava se sujeitando, no âmbito do Estado burguês, aos interesses dos grupos sociais dominantes, tomando como exemplo um projeto de lei enviado à Câmara dos Deputados, nascido das reivindicações reformistas da central sindical dos trabalhadores italianos para a garantia do controle operário nas fábricas. “Para os comunistas, pôr o problema do controle significa pôr o maior problema do atual período histórico, significa pôr o problema do poder operário sobre os meios de produção e, por conseguinte, o problema da conquista do Estado” (Gramsci, 2004b, p. 38).

Gramsci tinha certo que só poderiam ser cogitados o controle, o poder sobre os meios de produção e o Estado operário, a partir de um intenso trabalho de educação das classes trabalhadoras, um trabalho que a fizesse consentir e se ver representada em decisões coletivas. Estava fora de cogitação formalizar, num modo social marcado pelo poder burguês, o controle operário. O controle, na contramão dessa formalização, deveria nascer do esforço de ocupação por parte das classes trabalhadoras, num ato de prática e educação coletiva, dos institutos e associações dessas classes durante muito tempo administrados pelos agentes e intelectuais da burguesia (Gramsci, 2004b).

Notava como o tema do controle operário também se aproximava da estratégia do reposicionamento hegemônico burguês. A inauguração desse momento, em que a burguesia se alijou da posição histórica de classe dominante e passou a concorrer pelo espaço com o proletariado, exigiu dela pensar em concessões às classes trabalhadoras, no estabelecimento de consensos. O envio de um projeto de lei para a Câmara sobre o controle operário teve esse propósito, de concessão da garantia de interesses para essas classes,

sempre condicionados, no entanto, à égide do projeto burguês de sociabilidade, impedidos de se tornarem interesses autônomos, compartilhados em regime de liberdade plena.

O controle operário não significava, para Gramsci, o controle operário amparado pela burguesia, tal como o movimento sindical e os reformistas do partido socialista cogitavam. “[...] o poder operário tem e só pode ter sua razão de ser [...] na capacidade política da classe operária, na potência real que a classe operária possui como fator indispensável [...] da produção e como organização de força política e militar” (Gramsci, 2004b, p. 38).

Do ponto de vista do operariado, o controle significava a possibilidade da construção de um Estado seu, uma organização governamental sua, uma articulação interna sua entre todos os subalternos que compõem as classes trabalhadoras e um papel ativo seu na organização econômica e social. O controle operário, do seu ponto de vista, poderia ser sintetizado em experiências como essas:

Através da luta pelo controle [...] a classe operária deve adquirir, nos planos espiritual e organizativo, consciência de sua autonomia e de sua personalidade histórica. É por isso que a primeira fase da luta se apresentará como luta por uma determinada forma de organização. Esta forma de organização só pode ser o conselho de fábrica, bem como a organização nacionalmente centralizada do conselho de fábrica. [...] esta luta deve ser encaminhada no sentido de organizar em torno da classe operária todas as forças populares em revolta contra o regime capitalista, com o objetivo de fazer com que a classe operária se torne efetivamente classe dirigente e guie todas as forças produtivas a se emanciparem através da realização do programa comunista (Gramsci, 2004b, p. 39-40).

A reivindicação do controle operário deveria ocorrer a partir da luta revolucionária, da organização da cultura e da atividade de propaganda, da educação dos trabalhadores acerca de sua autonomia e personalidade histórica e da proposição de formas de organização baseadas na autogestão dessas classes. Por isso, Gramsci insistia ainda, nesses anos de 1921 e 1922, na condução de experiências semelhantes aos conselhos de fábrica.

3.7 Frente única, Moscou e o antiburocratismo

Em função do recrudescimento fascista, no ano de 1921, bem como das orientações da IC, que também se intensificam nesse e no ano seguinte, Gramsci compreendia como de nada adiantaria concentrar forças no conflito existente entre as frações comunistas e socialistas italianas. Pelo contrário, com base nos princípios da IC, conferia importância à união de forças proletárias comunistas e socialistas no trabalho de conscientização da autonomia e personalidade histórica das classes trabalhadoras, da sua função na construção de um projeto de sociabilidade baseado na propriedade coletiva dos meios de produção.

Por isso, não simplesmente denunciava, como já havia feito nos anos do biênio vermelho, os sindicatos enquanto organismos burgueses que se opunham aos interesses das classes trabalhadoras, mas identificava como esses organismos poderiam (e deveriam) servir ao novo projeto de sociabilidade.

“Burocratismo”⁹⁵ e “Sindicatos e conselhos”⁹⁶, publicados respectivamente em 4 e 5 de março de 1921 no diário *L'Ordine*, são exemplos disso. No primeiro deles, especificamente, Gramsci tece críticas ao modo como a burocracia invadia o sindicalismo italiano a ponto de o tornar mais próximo à burguesia do que ao proletariado. Retoma os acontecimentos de janeiro, em Livorno, para esclarecer tal acusação e mostra como naquele congresso a maioria dos sindicalistas não se preocupou em debater os problemas vitais do proletariado, especialmente o relacionado à defesa das sedes dos órgãos operários que vinham, com cada vez mais frequência, sofrendo ameaças fascistas.

Mencionou, em “Burocratismo”, como os sindicalistas “[...] não vivem mais para a luta de classes, não sentem mais as mesmas paixões, os mesmos desejos, as mesmas esperanças vividas pelas massas: entre eles e as massas se criou um abismo insuperável”

⁹⁵ Não assinado e originalmente publicado em *L'Ordine* em 4 de março de 1921 (Gramsci, 2004b, p. 40-43).

⁹⁶ Não assinado e originalmente publicado em *L'Ordine* em 5 de março de 1921 (Gramsci, 2004b, p. 43-46).

(Gramsci, 2004b, p. 41). No entanto, reclamou, no texto do dia 5, e isso deixa evidente a sua preocupação com a dispersão das organizações das classes trabalhadoras naqueles tempos de reação burguesa, a importância de os sindicatos se colocarem ao lado do PCd'I e, conseqüentemente, daqueles concebidos pela Terceira IC como o órgão natural e específico da luta pelo controle operário, os conselhos de fábrica.

A questão sindical continua a ser a questão central do Estado operário; das soluções que lhe forem dadas pelo Partido Comunista poderá depender a maior ou menor solidez da organização geral das forças revolucionárias e, portanto [...], da própria revolução (Gramsci, 2004b, p. 44).

Durante os meses que seguiram o ano de 1921 e início de 1922, até especificamente junho, quando da chegada de Gramsci a Moscou para integrar o Comitê Executivo da IC, suas publicações seguem semelhante linha àquela observada nos artigos dos dias 4 e 5 de maio, de crítica e aproximação, com base nos princípios comunistas, aos organismos e associações operárias.

Preocupava-se com as eleições, com o avanço do fascismo sobre brechas nascidas do burocratismo partidário e sindical, e, especialmente, com o papel do PCd'I no entorno disso. Uma das respostas encontradas pelo diário *L'Ordine* e, especificamente por Gramsci, para afirmar o papel do PCd'I nesse cenário, foi o trabalho de instrução dos leitores e sujeitos aprendentes sobre tais temas preocupantes. Nos escritos, muito mais do que informar, como de costume, Gramsci buscava conscientizar o leitor e aluno, a partir de uma retomada histórica, sobre o seu lugar na luta de classes e o seu papel na condução de uma sociedade livre de injustiças e opressões.

“Os dois fascismos”⁹⁷ e “Os partidos e a massa”⁹⁸, publicados em 25 de agosto e 25 de setembro de 1921, respectivamente, são exemplos dessa forma de comunicação empregada por Gramsci no

⁹⁷ Não assinado e originalmente publicado em *L'Ordine* em 25 de agosto de 1921 (Gramsci, 2004b, p. 80-83).

⁹⁸ Não assinado e originalmente publicado em *L'Ordine* em 25 de setembro de 1921 (Gramsci, 2004b, p. 87-92).

trabalho de instrução dos grupos subalternos. Neles, Gramsci instruiu o leitor do diário *L'Ordine*, com base na história do movimento fascista e na história da crise do socialismo italiano, sobre o modo como a burguesia encontrava brechas, no burocratismo sindical e partidário, para a proliferação de suas ideias entre as classes trabalhadoras.

No primeiro deles, contestou a repercussão do pacto de pacificação, assinado por líderes socialistas e fascistas em 3 de agosto daquele ano, para as classes trabalhadoras. Para ele, esse pacto imprimia às classes trabalhadoras uma leitura equivocada do fascismo, que não o considerava uma ameaça burguesa para a reconversão de sua hegemonia. Além disso, o pacto impedia essas classes de reconhecerem a concessão de espaço, entre as suas próprias fileiras, para que os burocratas socialistas e sindicalistas continuassem desmerecendo os problemas vitais do proletariado e, em sua contramão, enriquecessem à custa das contribuições e fichamentos dos filiados.

Há, em “Os dois fascismos”, uma previsão de Gramsci não concretizada que, no entanto, não deixa de situar o ponto extremo do sentido pedagógico de seus escritos políticos, a convocação das classes trabalhadoras à ordem do dia do PCd’I. A previsão recai sobre uma possível crise, no movimento fascista, provocada pelo dissídio de suas duas frações, urbana e rural:

Tarefa dos operários e dos camponeses revolucionários é aproveitar o período de relativa trégua, determinada pelos dissídios internos dos bandos fascistas, para infundir nas massas oprimidas e indefesas uma clara consciência da real situação da luta de classes e dos meios adequados para vencer a autoconfiante reação capitalista (Gramsci, 2004b, p. 83).

Também em “Os partidos e a massa”, segundo escrito destacado para evidenciar a manutenção de uma linha pedagógica em seus escritos políticos daquele instante, Gramsci dá atenção à história, especificamente aos fatos que levaram o PSI a uma crise constitucional, para ensinar ao leitor como dois específicos movimentos, o católico, vide Partido Popular, e o fascista,

aproveitavam-na para reafirmar posições de hegemonia no entorno do projeto burguês de sociabilidade.

Gramsci apostava numa crise da hegemonia burguesa, associada às dissidências fascistas relatadas em “Os dois fascismos”, justamente porque tomava emprestado da história a brecha sugerida pelo PSI à manifestação desses dois movimentos. A aula ministrada por Gramsci a respeito do tema crises de hegemonia, em “Os partidos e a massa”, guardava relação com a sua leitura dos princípios da Terceira IC sobre a importância da manobra partidária da segregação seguida pela coalização para a demarcação de uma finalidade substantiva dos propósitos comunistas.

Esse texto é importante para que seja notabilizada, nos escritos de Gramsci, a tática da frente única antes mesmo de sua defesa pelo Comitê Executivo da Terceira IC em dezembro de 1921. Gramsci já refletia sobre a importância do restabelecimento de vínculos entre o PCd'I e outros organismos para superar qualquer prerrogativa de golpe, por parte do movimento fascista, e recondução do trabalho orgânico com as classes trabalhadoras para a chegada ao comunismo. A seguinte observação, que praticamente introduz o texto referido, é representativa dessa leitura sobre o real:

As massas só existem politicamente quando organizadas nos partidos políticos: as mudanças de opinião que ocorrem nas massas, sob a pressão das forças econômicas determinantes, são interpretadas pelos partidos, que primeiro se cindem em tendências, para depois se cindirem numa multiplicidade de novos partidos orgânicos. Através desse processo de desarticulação e de rearticulação, de fusão entre homogêneos, revela-se um mais profundo e íntimo processo de decomposição da sociedade democrática, que conduz ao alinhamento definitivo das classes em luta pela conservação ou conquista do poder de Estado e do poder sobre o aparelho de produção (Gramsci, 2004b, p. 87).

Gramsci fazia referência, como explicou na sequência do texto, às dissidências surgidas no interior do PSI, que originaram novos partidos e movimentos capazes de angariar o consentimento de parcelas das classes trabalhadoras e se afirmar contra ou favoravelmente ao baluarte hegemônico da burguesia. O movimento

de fragmentação, por Gramsci interpretado como uma dupla cisão, que ocasiona respectivamente tendências e partidos orgânicos, é o momento da suscetibilidade, em que a consciência, inicialmente constituída pelo partido, depara-se com o estado de crise.

Para ele, ultrapassar tal estado supunha travar uma luta, a partir da frente única identificada na destituição da governabilidade burguesa, em favor do controle operário. A isso se orientava o trabalho educativo desempenhado por Gramsci naquele ano e meio, restrito à *proletkult* e à produção jornalística. Gramsci envolve-se com o processo de representação do PCd'I em Moscou após dezembro, quando, por iniciativa da Terceira IC, a tática da frente única ganha notabilidade, a despeito de sua posição de crítica e conciliação com os organismos e associações operárias já a pressupor.

De Moscou, onde Gramsci permanece entre 26 de maio de 1922 até junho de 1923, quando é designado para Viena, pouca relação pode ser estabelecida entre Gramsci e a educação de trabalhadores. Nesse intervalo específico assiste, por meio de correspondências e noticiários, à situação italiana sendo, cada vez mais, invadida pelo fascismo. O que havia previsto, durante todo o ano de 1921 e parte de 1922, era tornado realidade em fins de outubro de 1922, com a marcha sobre Roma. Na sequência disso, sucederam mandados de prisão a uma série de dirigentes e autoridades dos partidos comunista e socialista da Itália. A situação de desagregação das classes trabalhadoras, frente ao recrudescimento fascista, era potencializada.

Vale acentuar, por outro lado, como a antiga importância, por Gramsci atribuída aos russos, de aproximar revolução e instrução coletiva, por vezes combatida pelas frações dissidentes dos partidos italianos por ele frequentados, encontrava no momento de sua chegada a Moscou uma verdadeira razão. Ao lado dos russos, Gramsci se deparou com temas que marcariam profundamente a forma de pensar a educação dos trabalhadores.

Os temas do trabalho como princípio educativo e americanismo e fordismo, por exemplo, estudados por Gramsci naquele instante, contribuiriam em reflexões e ações impressas na última experiência educativa dos anos que antecederam ao confinamento carcerário, a Escola do Partido por correspondência.

3.8 Governo operário-camponês, Escola do Partido por correspondência e antifascismo

Tratar da última experiência educativa pré-cárcere presume identificar no ano de 1923, quando da estadia de Gramsci em Viena pela situação de clandestinidade do PCd'I, a retomada do jornal *L'Ordine*. O jornal diário tinha cessado as suas atividades a partir da ida de Gramsci a Moscou e, em 1923, retornou sob o formato de publicação quinzenal.

Gramsci apostava ainda na possibilidade de ser promovido um trabalho de ocupação dos organismos e associações geridos pela sociedade burguesa, por meio da organização política das classes subalternas, da conscientização dos grupos e frações dispersas que a constituíam. Uma nova palavra de ordem, entretanto, aparecia nas linhas de sua escrita, o governo operário-camponês. Por meio deste, entendia Gramsci, a rearticulação das classes trabalhadoras poderia ser estabelecida, na contramão do que ocorrera em experiências progressas.

Gramsci enxergava, e os escritos da nova fase de *L'Ordine* mostravam isso, como também os de *L'Unità*, jornal em que passou, a partir de fevereiro de 1924, a se dedicar ao tema do governo operário-camponês, a necessidade do restabelecimento das forças das classes trabalhadoras, tal como no biênio vermelho, sem recair nos mesmos erros cometidos pelo PSI. Acreditava num movimento diferente em virtude da tiragem de cópias dos dois primeiros números de *L'Ordine* quinzenal.

O número alto de cópias⁹⁹ mostrava, a ele, a forte expectativa das classes trabalhadoras por uma nova palavra de ordem, uma nova possibilidade de retomar o trabalho de instrução e intervenção sobre o real para a constituição de uma sociedade mais justa e igualitária. A grande adesão ao novo jornal pelas classes trabalhadoras refletiu também no resultado das eleições para deputados em 1923 e conseguinte candidatura de Gramsci pelo distrito de Vêneto. A garantia da imunidade parlamentar lhe possibilitaria regressar à Itália para atuar, com mais proximidade dos companheiros, na tarefa do governo operário-camponês.

Uma das frentes para a garantia dessa tarefa, sem dúvida, ligava-se à sua atuação no Parlamento como deputado. Outra, a Escola do Partido por correspondência, diretamente associada à educação de trabalhadores, ganharia forma em abril de 1925. Nesse meio-tempo, entre a retomada de *L'Ordine*, nos meses em que permanece na capital austríaca, e a inauguração da Escola do Partido por correspondência, Gramsci se dedica exclusivamente à atividade jornalística e política.

Textos como “Que fazer?”¹⁰⁰, redigido em Moscou e publicado no *Voce*, jornal da Federação Juvenil Comunista, em 1º de novembro de 1923, e “O programa de *L'Ordine Nuovo*”¹⁰¹, publicado nos terceiro e quarto números de *L'Ordine* quinzenal entre os dias 1º e 15 de abril de 1924, exprimem com clareza tal preocupação.

O primeiro deles já colocava em evidência a importância do trabalho da autocrítica da situação italiana para a iminência de uma nova ação por parte das classes trabalhadoras. Nele, avaliando um comentário sobre a derrota da classe operária italiana unicamente amparado na “falta de um verdadeiro partido operário” (Gramsci,

⁹⁹ O aparato crítico da edição brasileira evidencia como *L'Ordine* quinzenal teve tiragem inicial de seis mil exemplares (Coutinho, 2004b). Gramsci, por vez, inicia da seguinte forma a redação dos números 3 e 4, de 1º e 15 de abril de 1924: “Começamos com uma constatação material: os primeiros dois números já saídos de *Ordine Nuovo* tiveram uma difusão (uma difusão *efetiva*) que foi superior à mais alta difusão alcançada nos anos 1919-20” (Gramsci, 1977b, p. 95).

¹⁰⁰ Não assinado e originalmente publicado no *Voce* em 1º de novembro de 1923 (Gramsci, 2004b, p. 231-235).

¹⁰¹ Assinado Antonio Gramsci e originalmente publicado em *L'Ordine*, números 3 e 4, em 1º e 15 de abril de 1924 (Gramsci, 1977b, p. 95-100).

2004b, p. 231), Gramsci chama a atenção dos jovens comunistas, leitores e sujeitos aprendentes do *Voce*, para uma autocrítica fundamentada nos preceitos do materialismo histórico, na filosofia da classe operária, a fim de compreenderem os verdadeiros motivos que influenciaram em sua derrota.

A crise da consciência das camadas socialistas, mencionava Gramsci desde os escritos especificamente a respeito do fascismo, fizeram-nas se apropriar de outras concepções de mundo. “Como se surpreender, então, com o fato de que alguns operários se tornaram fascistas?” (Gramsci, 2004b, p. 234). A resposta para a superação dessa crise se manifestaria em “O programa de *L'Ordine Nuovo*”. Gramsci concebia à nova palavra de ordem, o governo operário-camponês, uma sólida alternativa para que fossem superadas todas as contradições postas pelo fascismo às classes trabalhadoras, bem como recuperado o horizonte do Estado operário enquanto transição para a sociedade comunista.

A grande tiragem dos dois primeiros volumes do quinzenário *L'Ordine* sugeria ao PCd'I uma nova iniciativa para a condução do processo revolucionário das classes trabalhadoras. Gramsci tinha noção disso e, para tanto, mobilizava seus leitores e alunos ao debate a respeito dessa nova máxima.

O nosso programa atual deve reproduzir, na situação hoje existente em Itália, a posição assumida nos anos 1919-20. Deve espelhar a situação objetiva hodierna, com as possibilidades que se oferecem ao proletariado para uma ação autônoma, de classe independente; deve continuar, nos termos políticos atuais, a tradição de intérprete fiel e integral do programa da Internacional Comunista. O problema urgente, a palavra de ordem hoje necessária é a do governo operário e camponês: trata-se de popularizá-la, de adequá-la às condições concretas italianas, de demonstrar como ela nasce de cada episódio da nossa vida nacional, como ela resume e contém em si todas as reivindicações da multiplicidade de partidos e de tendências em que o fascismo desagregou a vontade política da classe operária mas especialmente das massas camponesas [...] (Gramsci, 1977b, p. 96).

A leitura crítica dos contextos históricos que levaram o fascismo ao poder, na contramão da afirmação do Estado operário, deveria ser feita com base nos pressupostos teóricos da concepção de mundo das classes trabalhadoras. A grande mobilização, no campo da educação de trabalhadores, representativa desse momento histórico, marcado pela censura e repressão escancarada a qualquer expressão internacionalista, pode ser apreendida na Escola do Partido por correspondência.

A experiência dessa escola pode ser verificada em três textos. O primeiro deles, “A escola do Partido”¹⁰², publicado em 1º de abril de 1925, retoma a questão da autocrítica presente no “Que fazer?” do *Voce* de novembro de 1923. Nele, Gramsci avalia todas as experiências educativas orientadas às classes trabalhadoras italianas nos anos anteriores e elege a Escola de Cultura e Propaganda Socialista subsidiada pelo, à época, semanário *L'Ordine*, como a única de sucesso. A razão desse sucesso, explica Gramsci, relaciona-se à importância atribuída, pela experiência, entre a escola e o proposto “movimento de caráter objetivo”¹⁰³ (Gramsci, 2023, p. 142).

A Escola do Partido por correspondência, uma iniciativa de *L'Ordine* quinzenal, buscou retomar o trabalho de criação da Escola de Cultura e Propaganda Socialista do semanário *L'Ordine*. O texto “A escola do Partido” deixa isso claro ao passo que nele a posição de Gramsci a respeito do sucesso da Escola de Cultura e Propaganda Socialista estimularia a nova experiência educativa.

Recordemos [...] o que foi feito por iniciativa de *L'Ordine Nuovo* em 1919-1920. A escola, que começou em Turim em meio a um grande fervor de entusiasmo e em condições bastante favoráveis, não durou nem mesmo o tempo necessário para realizar o programa estabelecido no início. Apesar disso, ela teve uma repercussão muito favorável em nosso movimento, ainda que não a que seus promotores e alunos esperavam. Outras tentativas, até onde sabemos, não tiveram o sucesso e a repercussão daquela. Não havia como escapar do grupo

¹⁰² Não assinado e originalmente publicado em *L'Ordine*, número 2, em 1º de abril de 1925 (Gramsci, 2023, p. 142-144).

¹⁰³ “Movimento de caráter objetivo” é expressão apanhada de Gramsci, conforme indicação da referência. Doravante, para a facilitação da leitura, dispensa-se a utilização de aspas e citação para a referida expressão.

limitado, do pequeno círculo, do esforço de poucos, isolados. Não se conseguiu combater e superar a aridez e a infertilidade dos restritos movimentos “culturais” burgueses (Gramsci, 2023, p. 142).

O texto parte da experiência do biênio vermelho, que buscou superar o trabalho de propaganda evangélica por meio do trabalho de criação, para reivindicar o propósito da nova Escola do Partido por correspondência. Aquela experiência do semanário *L'Ordine* destacava-se das que não conseguiram superar a “aridez e a infertilidade dos movimentos de cultura burguesa” (Gramsci, 2023, p. 142), porque associava à escola um movimento de caráter objetivo.

O movimento de caráter objetivo daquela experiência pode ser traduzido nas comissões e conselhos de fábrica, que imprimiam todo o propósito apresentado acima. A Escola de Cultura e Propaganda Socialista dedicava-se ao estudo desse propósito, de sua manifestação e das suas derivações e, por isso, “ultrapassava a aridez e infertilidade dos movimentos culturais burgueses” (Gramsci, 2023, p. 142), que tantas vezes se amparavam, como no caso das Universidades Populares, no enciclopedismo, na distribuição de um conhecimento, às classes trabalhadoras, despido de qualquer propósito ou finalidade, bem como de qualquer relação direta com as suas experiências cotidianas.

À frente, no texto “A escola do Partido”, fica evidente como Gramsci suprimia toda atividade desinteressada, vista no primeiro tipo de trabalho (propaganda evangélica), por ele defendido nos primeiros anos de militância no entorno das crônicas do *Avanti!* turinense, e exaltava a atividade interessada, observada no segundo tipo de trabalho (de criação), defendido desde a experiência da Escola de Cultura e Propaganda Socialista com o socialismo, e agora repetido sob o horizonte da sociedade comunista, acrescido das dificuldades das condições objetivas para a sua manifestação frente ao cenário de ilegalidade partidária do PCd'I.

Seria ruim se o movimento operário se tornasse um campo de presas ou um instrumento de experiências para revelar a insuficiência de más abordagens pedagógicas, se perdesse suas características de

militância apaixonada para assumir aquelas do “estudo objetivo” e da “cultura” desinteressada. Nenhum “estudo objetivo” e nenhuma “cultura desinteressada” podem ter lugar nas nossas fileiras; portanto, nada que se assemelhe àquilo que é considerado um objeto normal de ensinamento segundo a concepção humanista, burguesa, da escola.

Somos uma organização de luta, e em nossas fileiras estuda-se para aumentar, para refinar a capacidade de luta dos indivíduos e de toda a organização, para compreender melhor quais são as posições do inimigo e as nossas, para poder adequar à situação nossa ação de todo dia. Estudo e cultura não são para nós outra coisa senão consciência teórica de nossos objetivos imediatos e supremos e do modo como poderemos conseguir traduzi-los em ato (Gramsci, 2023, p. 143).

Eis como, por meio da tradução da interpretação em ação, da passagem da filologia à tradutibilidade, Gramsci vincula a condução de sua atividade de educação das classes trabalhadoras. De forma clara, nesse excerto, vê-se o intuito da Escola do Partido por correspondência, qual seja, guiar a intervenção das classes trabalhadoras sobre a imediaticidade dos problemas italianos, que a impediam de retomar a condução do processo revolucionário.

Articulá-las ao meio de chegada à revolução, exercitado desde outrora, requeria agora também repensar formas de agir sobre suas frações desertoras, afinadas às concepções de mundo que aproveitaram as brechas do seccionamento socialista para reconduzir à hegemonia burguesa, e novamente as conscientizar da importância do seu papel na condução do comunismo.

O uso da concepção de mundo das classes trabalhadoras, nos últimos artigos do diário *L'Ordine*, encontraria respaldo em iniciativas como da nova Escola do Partido por correspondência. O caráter desinteressado parecia não corresponder mais às urgências do tempo presente. Gramsci o deixou de defender, enquanto necessidade fundamental, desde a fixação de um horizonte revolucionário italiano pelo biênio vermelho.

O fascismo não havia destituído esse horizonte, mas o colocava sob novas e importantes demandas a serem refletidas e enfrentadas

pelas classes trabalhadoras. O estudo dessas demandas era o objetivo de iniciativas como a nova Escola do Partido por correspondência. Por isso, ao lamentar a hipótese da aproximação do movimento operário às experiências burguesas, Gramsci reivindica uma escola não fundamentada no trabalho de propaganda evangélica, mas preocupada com a luta presente e com as condições de afirmação de um novo projeto de sociabilidade, amparada pelos interesses das classes trabalhadoras.

Mesmo quando defendia, abertamente, a urgência de um trabalho de propaganda evangélica, vale esclarecer, Gramsci não pactuava com as experiências educacionais de ordem burguesa. Gramsci contrapunha a forma como as classes trabalhadoras eram educadas por novos tipos de escolas que, na contramão do aligeiramento e do enciclopedismo deterministas, lhes possibilitassem refletir e interpretar criticamente a realidade e tomar decisões livres de qualquer fatalismo advindo dos grupos sociais dominantes. Gramsci não esquece ou ignora, com o tempo, os elementos contidos nessa prática educativa, mas passa a considerar a relevância da educação política orientada ao presente e ao futuro, com cada vez mais frequência, como pressuposto para um modo de vida no qual a educação desinteressada faça sentido.

A essa autocrítica, acrescida de ponderações do seu tempo presente, Gramsci dedica os dois outros textos sobre a Escola do Partido por correspondência, intitulados “Introdução ao primeiro curso da escola interna do partido” e “A vida da escola”¹⁰⁴, escritos em 1925 e editados em formato de apostilas para as atividades daquela escola.

O primeiro deles foi também publicado meia década depois, no terceiro e quarto números do quinto volume do *Stato Operaio* parisiense de 1931, sob o título “*Necessità di una preparazione ideologica di massa*” (“Necessidade de uma preparação ideológica

¹⁰⁴ Textos correspondentes às introduções das duas primeiras e únicas apostilas da Escola do Partido por correspondência, inteiramente editadas por Gramsci, em abril e maio de 1925 (Gramsci, 2023, p. 145-160).

de massa”) (Fubini, 1974, p. 50). Gramsci avalia como, para a experiência do PSI, foi negligenciado o cuidado de se ater ao quadro de trabalhadores que aderiram às fileiras do partido, destituídos de qualquer efeito de uma propaganda evangélica socialista que permitisse sintonizar o propósito das ações movidas por aquele partido.

Desse efeito é que, em comunicação direta com “A escola do Partido”, busca refletir sobre o devir da proposta da Escola do Partido por correspondência. Nele, reposiciona a máxima do primeiro texto e identifica como “Os novos membros que o partido conquista [...] não podem ser educados em nossos métodos pela atividade ampla, pelas grandes discussões, pelo controle recíproco que são próprios do período democrático e da legalidade de massa” (Gramsci, 2023, p. 145-146). Admite adiante, no entanto, certa preocupação:

Projeta-se assim um grave perigo: a massa do partido, habituando-se, na ilegalidade, a não pensar em outra coisa senão nos expedientes necessários para escapar às surpresas do inimigo, a ver como possíveis e imediatamente organizáveis apenas ações de pequenos grupos, vendo como os dominadores aparentemente venceram e conservam o poder pela ação de minorias armadas e militarmente organizadas, afasta-se insensivelmente da concepção marxista da atividade revolucionária do proletariado, e enquanto parece radicalizar-se, pelo fato de se escutarem frequentemente anunciar propósitos extremistas e frases sanguinárias, em realidade torna-se incapaz de vencer o inimigo. [...] A retomada dos partidos revolucionários, após um período de ilegalidade, é muitas vezes caracterizada por um impulso irreprimível de ação pela ação, pela ausência de qualquer consideração das correlações reais das forças sociais, do estado de espírito das grandes massas de trabalhadores e camponeses, das condições de armamento etc. Aconteceu já diversas vezes de o partido revolucionário se deixar massacrar pela reação ainda não desintegrada, e da qual as reservas não foram devidamente apreciadas, em meio à indiferença e à passividade das grandes massas que, após cada período reacionário, tornam-se muito prudentes e são facilmente tomadas pelo pânico sempre que há ameaça de retorno à situação da qual recém saíram (Gramsci, 2023, p. 146).

Dessa reflexão, bem como daquelas dela derivadas e observadas no terceiro escrito sobre a Escola do Partido por correspondência, “A vida da escola”, situam os últimos esforços de Gramsci a respeito da educação de trabalhadores durante os anos que antecederam o seu aprisionamento no cárcere fascista. Passa a evidenciar, diferentemente de como fizera nos anos do biênio vermelho e do diário *L’Ordine*, a importância de uma proposta de educação desinteressada às massas.

Como já observado em “A escola do Partido”, não delega a tal importância um caráter urgente, visto que, dadas as condições de ilegalidade político-partidária do comunismo italiano, o trabalho educativo deveria se direcionar aos fatos do tempo presente e do tempo presente enquanto prerrogativa do tempo futuro, mas entende como, tão logo da chegada das classes trabalhadoras ao poder, a carência desse trabalho de educação desinteressada poderia provocar, nas classes trabalhadoras, uma crise de consciência.

A nova e última experiência educativa pré-cárcere por ele sugerida, na tentativa de conter esse quadro de desagregação das classes trabalhadoras, tinha o propósito de posicionar uma ininterrupta tarefa de reforço político e ideológico, por parte de intelectuais orgânicos operantes naquelas outrora chamadas associações espontâneas das classes trabalhadoras. Um trabalho de cuidar e reforçar o seu propósito, ao lado do trabalho interessado.

Para isso, fugindo de todo vanguardismo reiteradamente criticado em tantos outros momentos de sua produção jornalística operária, Gramsci defendeu, outra vez, um trabalho de educação que combinasse reflexão e ação, teoria e prática, que estimulasse a autogestão dos trabalhadores, a partir da criação e/ou ocupação de organismos e instituições sociais, no sentido da ideologia do PCd’I.

Os estímulos, conectados ao trabalho ininterrupto do reforço ideológico e político das classes trabalhadoras, tomavam forma nas séries de lições destacadas por Gramsci para a condução do primeiro curso:

[...] serão apresentadas três séries de lições: uma sobre a teoria do materialismo histórico; uma sobre os elementos fundamentais da política geral; uma sobre o Partido Comunista e os princípios de organização que lhe são próprios. Na primeira parte, que reproduzirá ou mesmo fará a tradução do livro do camarada Bukhárin sobre a teoria do materialismo histórico, os companheiros encontrarão uma abordagem completa do assunto.

A segunda parte, de política geral, apresentará as noções mais elementares sobre essa série de temas: a economia política; o desenvolvimento do capitalismo até a época do capital financeiro; a guerra e a crise do capitalismo; o desenvolvimento das formas econômicas; a sociedade comunista e o regime de transição; a doutrina comunista sobre o Estado; a Primeira e a Segunda Internacional; a Terceira Internacional; a história do Partido Bolchevique Russo; a história do Partido Comunista Italiano; o poder soviético e a estrutura da república dos soviets; a política econômica do poder dos soviets na época do comunismo de guerra; origem e base da nova política econômica; a indústria; a política agrária e a política camponesa; comércio e cooperação; política financeira; os sindicatos, seu funcionamento e suas tarefas; a questão nacional.

A terceira parte exporá sistematicamente a doutrina sobre o partido e os princípios de organização revolucionária que se desenvolveram na atividade diretiva da Internacional Comunista e foram fixados de maneira mais completa na conferência de organização realizada em Moscou em março deste ano (Gramsci, 2023, p. 1452-153).

É possível observar como a combinação entre as três séries de lições, propostas por Gramsci, carregava o estímulo anteriormente mencionado da combinação entre reflexão e ação, teoria e prática. O alinhamento ideológico e o exame e condução das tarefas do tempo presente, apreendido nessas três séries de lições, encontrava, nos limites de uma Escola do Partido por correspondência, uma dificuldade para a sua materialização. Sobre essas dificuldades, ao passo que retoma muito do valor daquela educação desinteressada amplamente difundida nos primeiros escritos jornalísticos, Gramsci encaminha a segunda apostila da Escola do Partido por correspondência.

É notável como Gramsci, nesse momento da autocrítica ao sentido fatalista da experiência socialista, nos anos do biênio vermelho, bem como das dificuldades implicadas por essa experiência à Escola de Cultura e Propaganda Socialista do diário *L'Ordine* daquele período, parecia agora zelar, na nova experiência da Escola do Partido por correspondência, pelo trabalho educativo desinteressado. Tal trabalho, de grande significância em sua formação na juventude, moldado nas contradições sociais representativas de suas experiências de vida e aprimorado nos anos universitários, parecia ressurgir, na experiência da escola do PCd'I em 1925, como forma de salvaguardar a ideologia do partido.

Apesar de ter claro como o tempo presente exigia do partido um trabalho de criação, procurou buscar, nessa nova investida de instrução das classes trabalhadoras, maneiras de reafirmar, incessantemente, a posição ideológica comunista, objetivando não repetir os descuidos da experiência socialista. Encontrou na educação desinteressada, no resgate daquele cuidado com a singularidade das experiências das classes trabalhadoras, uma possibilidade.

Torna clara essa possibilidade, no primeiro tópico de “A vida da escola”, ao mencionar como o novo formato de apresentação da segunda apostila, distinto daquele assumido pela primeira, buscava conter o risco de os alunos entenderem as instruções ali colocadas como vereditos, como “ouro puro”, aproximarem-nas de “[...] uma verdade indiscutível e apenas decor[arem] aquilo que ainda deve ser elaborado, demonstrado, que ainda deve ser objeto de exame e discussão” (Gramsci, 2023, p. 155).

Preocupava a Gramsci a previsibilidade de as instruções da nova escola admitirem um formato determinista que futuramente implicasse o desalinhamento das classes trabalhadoras integradas ao PCd'I. Por isso, retomando os valores de uma educação desinteressada, considerando as dificuldades de uma escola nas

condições por ele protagonizadas, isto é, tendo apresentado as fraquezas do formato por correspondência da escola, sugere o seguinte:

[...] qualquer escola, [...] nunca é suficiente para educar e formar o indivíduo: todos se educam e se formam principalmente por si mesmos; todos são, antes de tudo, autodidatas. A escola acelera a formação, é o sistema Taylor de educação, oferece um método, ensina a estudar, habitua a uma disciplina intelectual, mas não pode substituir o espírito de iniciativa no campo do conhecimento. A vida em geral, a ação, a experiência individual e coletiva são elementos que completam a escola ou são completados pela escola, conforme o caso, ou melhor, conforme as classes sociais [...] (Gramsci, 2023, p. 157).

Gramsci percebeu o quanto o impulso revolucionário possibilitou que a instrução das classes trabalhadoras se desassociasse dos elementos primordiais de educação contidos na vida e nas experiências dos subalternos. O novo cuidado com esses elementos significou a sua tentativa de reaproximar o trabalho de instrução do sentido desinteressado, de conscientizar cada sujeito aprendente, com base nas suas experiências de vida, acerca do seu protagonismo histórico. Novo trabalho, no entanto, não distanciado dos imperativos do tempo presente.

Sobre o estímulo ideológico associado ao trabalho de orientação política do partido, é que pode ser contemplada a última experiência educativa de Gramsci com as classes trabalhadoras, com exceção dos seus muitos escritos ainda publicados nos anos de 1925 e 1926. Subsidiariam o teor desses seus escritos, nesses anos, algumas polêmicas travadas no interior do PCd'I, a preocupação com a nova ordem do dia, o governo proletário-camponês e a sua crítica ao processo de fragmentação partidária do PCUS.

3.9 Sínteses

O tópico que abre o Capítulo 3 apresenta uma via de afirmação política e revolucionária, respaldada na experiência das comissões e conselhos de fábrica. Dentre os elementos evidenciados está a intensificação da dificuldade do diálogo interno no PSI, bem como

o reconhecimento da Terceira IC pela necessidade de renovação desse partido para a expulsão de sua fração reformista, em estreito diálogo com a tese de Gramsci acerca da utilização das instituições burguesas de governo para a sua destituição.

Esse elemento representa o projeto de nascimento de um novo partido para a realidade italiana, amparado nas ideias comunistas da Terceira IC. Para Gramsci, a experiência prática, a manifestação e defesa das teses que apoiavam essas ideias, associavam-se ao movimento das comissões e conselhos de fábrica. Esse é o movimento que caracteriza, do ponto de vista sincrônico, a expressão prática de todo o seu dilema de vida enfrentado nos anos anteriores, do qual tomaria forma a resposta das classes trabalhadoras para as consecutivas situações de opressão sobre elas movidas pelos grupos dominantes.

O sincronismo, respaldado pela advertência filológica das determinações que invadiram o novo tempo histórico, pode aqui ser identificado no nascimento de ideias comunistas sobre a concepção de mundo de Gramsci, em lugar da antiga denúncia de contradições e defesa de direitos das classes subalternas. Essa ferramenta de tradutibilidade está para a percepção de traços que representem o dilema da vida de Gramsci nos vários instantes em que ele se deparou com novas ideias que, em pequena ou grande medida, interferiram em sua própria concepção de mundo.

Dentre as determinações históricas representativas dos períodos demarcados por este capítulo, encontram-se as dissidências do PSI e conseguinte formação de um novo partido, bem como o novo formato da nova linha editorial de *L'Ordine*, que, além de passar de semanário a diário comunista, tornava-se órgão oficial do PCd'I, tão logo de sua constituição, em Livorno, aos 21 de janeiro de 1921.

Esse rompimento, tanto no âmbito do partido quanto do jornal, caracteriza um novo instante, alusivo aos escritos jornalísticos de Gramsci, em que o tema da educação de trabalhadores pode ser investigado. Dele vieram à tona novas experiências e estratégias para

o trabalho com a instrução dessas classes, apesar de sempre mais ligeiras em virtude do acúmulo de funções por Gramsci assumidos até o ano de sua prisão.

O novo instante, portanto, guarda marcas de um biênio em que o otimismo na condução de um projeto socialista de sociabilidade, com vistas à “cadeia histórica” condutora do comunismo (Gramsci, 2021, p. 157), havia se afirmado. Ao mesmo tempo guarda marcas de um biênio em que também se afirmara o pessimismo, suscitado pela ambiguidade de pensamentos e formas de conduzir esse projeto, somada à contraofensiva burguesa que, desde os últimos anos de guerra, encontrava sobrevida na defesa exacerbada de um nacionalismo, amalgamado de antissocialismo e anticomunismo.

Em 1921, com a constituição do PCd’I, o problema não só permaneceu em aberto, como se intensificou, dado que as diferentes respostas para a condução do projeto socialista de sociabilidade de outrora tomaram forma de diferentes projetos de sociabilidade. Gramsci tomou partido nesse cenário, voltando a se preocupar, em especial, com a reação burguesa sobre a vulnerabilidade contida nas ações do proletariado italiano, e incentivando, outra vez, a condução de movimentos de incentivo à cultura, intuindo a construção de ações que beneficiassem a constituição do Estado operário e, tão logo dessa, a possibilidade da chegada ao comunismo.

Nesse cenário, também se limitaria, da parte de Gramsci, as experiências de incentivo à educação das classes trabalhadoras. São observadas algumas poucas dessas iniciativas, dificultadas em função dos cargos por ele assumidos no comitê executivo do PCd’I, no comitê executivo do *Presidium* da IC, em Moscou e, pouco depois, no legislativo a partir do cargo de deputado pelo distrito de Vêneto.

Assim, o último período de escritos jornalísticos analisado no capítulo evidencia um misto de novas preocupações encontradas por Gramsci quando da fragmentação dos grupos constitutivos do PSI e consequente embrutecimento do nacionalismo italiano. Se, por um lado, manteve-se a necessidade, anteriormente verificada, de tornar

real, pela via da experiência dos conselhos e conseguinte ocupação proletária das instituições burguesas, um projeto de sociabilidade respaldado na coletivização dos meios, por outro, as dissidências político-partidárias, que impactavam na baixa receptividade dessa experiência, somadas à contraofensiva burguesa, nascida do fortalecimento nacionalista, dificultaram esse processo.

Embora tenha percebido, nos últimos instantes que anteciparam a sua prisão, a necessidade de retomar o propósito de uma educação desinteressada, a favor da ultrapassagem de um novo obstáculo, o fascismo, a ela acresceu o caráter revolucionário, próprio da educação estritamente política, dos tempos da experiência dos conselhos. Tratava-se da retomada de uma educação desinteressada, orientada à reafirmação de direitos dos trabalhadores, dizimados pelo recrudescimento fascista, e à denúncia às contradições sociais, aliada à revolução, ao confronto do projeto burguês de sociabilidade e sua superação pela forma coletiva de organização da produção.

Gramsci reconhecia a necessidade de reconduzir os valores defendidos pelo socialismo e comunismo italianos. Significa que, da análise de conjuntura a respeito do modo como a concepção de mundo da burguesia tinha reafirmado a sua hegemonia, impulso central dos diversos temas explorados nos cadernos do cárcere, Gramsci suscitaria a importância de novos e seguros meios de ações, pelos grupos subalternos, para a reivindicação e manifestação prática de uma concepção de mundo sua, respaldada na condução de um projeto de sociabilidade representativo de seus interesses.

Considerações finais

Importa, ao instante conclusivo desta obra, resgatar e desenvolver três importantes argumentos que, apesar de implícitos nos tópicos e subtópicos que constituem os seus capítulos, não somente representam o impulso de sua originalidade, mas sintetizam a principal mensagem por ela carregada. Trata-se de argumentos dedicados, respectivamente: à influência de percepção

original, uma característica da tradutibilidade, sobre a constituição de uma postura antagônica de Gramsci; às implicações do percurso pedagógico e político desenhado pelas iniciativas e experiências jornalísticas e políticas de Gramsci para a educação de trabalhadores e; às proposições pedagógicas e políticas, derivadas dos escritos escolhidos para a elaboração desta obra, a serem retomadas por novos estudos a respeito da educação de trabalhadores.

Sobre a postura antagônica de Gramsci, cabe ressaltar os ensinamentos desse próprio teórico a respeito da tradutibilidade enquanto forma de tornar viável uma determinada concepção de mundo, a partir de uma nova interpretação. Tornar viável, no sentido aqui assumido, aproxima-se da noção de publicizar, fazer conhecer aos que, nalgum instante, depararem-se com a necessidade de apanhar elementos dessa concepção de mundo. O modo de tornar viável, derivado do modo como se interpreta, é o que representa a demarcação de uma postura antagônica de Gramsci.

A isso, por exemplo, referem-se os títulos dos subtópicos dos Capítulos 2 e 3, que adotam o prefixo “anti” para uma série de substantivos, a fim de revelar como, para Gramsci, na iminência de tornar pública a sua concepção de mundo, o imperativo de se contrapor a todo conformismo derivado do projeto burguês de sociabilidade, desde os anos que acompanham os escritos aos que antecederam a sua prisão, é característica comum.

A postura antagônica, que implica sobre o modo como a tradutibilidade e a filologia tomam forma de ferramenta metodológica desta obra, representa um modo de conceber a Gramsci a representação de seu próprio tempo histórico. De o compreender como o retrato do contraditório, como um sujeito imerso na sociedade de classes, crente no processo revolucionário capaz de romper com as bases constitutivas do projeto de sociabilidade que a sustenta.

A postura antagônica possibilita definir Gramsci como representação da dialética que imprime o homem-coletivo da sociedade de classes. O itinerário dos escritos jornalísticos, bem

como as implicações metodológicas sobre a interpretação e afirmação de uma concepção de mundo, assumidas nesta obra, identifica como tal representação da dialética, alusiva à postura de Gramsci, não pode ser resumida em sua simples mudança de perspectiva ou sua conquista de maturidade intelectual.

Trata-se do esforço obrigado ao sujeito que, compelido a se individualizar, adequar-se ao projeto burguês de sociabilidade, encontra a necessidade de se tornar coletivo, de também se mover pela consciência da necessidade de se sujeitar a um novo projeto de sociabilidade, respaldado na coletivização, e não individualização e apropriação, dos meios de produção.

Gramsci vive e morre confrontado por esse dilema. Como militante e intelectual, apresentou-se obstaculizado pelas premissas do projeto burguês de sociabilidade e, ao mesmo tempo, contrapôs-se aos conformismos derivados desse projeto. Do mesmo modo que significou o impedimento, a aceitação resignada e a morte, também significou a negação, a recusa e a vida. Desse impulso é que compreendeu a peculiaridade da afirmação burguesa no entorno da organização da cultura e, por vezes, reiterou a importância de as classes trabalhadoras se munirem moral e intelectualmente.

A sua postura antagônica, amparada na interpretação e afirmação de sua concepção de mundo, não poderia ser outra senão a de um homem-coletivo, nascido das revoluções burguesas, em constante conflito com o próprio tempo histórico. Não poderia ser outra senão a expressão particular de sujeito do seu tempo, estranhado com o nascimento de uma vontade coletiva, de um tipo de civilização marcada pela negação do projeto humano de sociedade, pela recusa da livre produção e reprodução humana.

Os dois outros argumentos, também cabíveis nesses parágrafos conclusivos, tratam das implicações e proposições, para novas investigações, possibilitadas pela concepção de mundo de Gramsci, para o tema da educação de trabalhadores. Cabe identificar, no movimento protagonizado pelos escritos jornalísticos, lições para a educação de trabalhadores.

A primeira delas pode ser resumida na constatação de que a educação de trabalhadores deve estar conformada ao interesse dos trabalhadores. Deve se associar ao conformismo que torna possível a essas classes o reconhecimento do seu papel no processo de produção da cultura humana, tão logo no processo de produção e reprodução da vida. As determinações históricas, que implicam a viabilidade de uma educação de trabalhadores, conformada ao reconhecimento e afirmação da personalidade histórica, não devem interferir radicalmente nessa constatação.

A experiência de Gramsci nas sucessivas iniciativas para a educação de trabalhadores durante o período pré-carcerário ensina como a leitura dos processos históricos se faz importante, frente aos novos desafios, a possíveis formas de manifestação dessas iniciativas. A percepção da oscilação entre alternativas possíveis e alternativas reveladas, como apanhou Gramsci dos processos históricos que acompanharam as suas iniciativas com a educação de trabalhadores, é de fundamental importância para que momentos de avanço, mas também de retrocessos, sejam assimilados. Para que se percebam, respectivamente, os instantes de alternativas desejadas e alternativas possíveis, para que não se perca de vista, especialmente frente às adversidades dos momentos de retrocessos, a essencialidade contida na máxima da afirmação da personalidade histórica a cada sujeito envolvido no processo educativo.

O reconhecimento do sujeito de uma personalidade histórica implica também o reconhecimento do outro em igual condição. Isso é fundamental, como foi para Gramsci em consecutivas experiências com a educação de trabalhadores, para a conscientização acerca do trabalho coletivo sobre o qual se articula a manifestação de uma nova forma de organização e produção da vida.

A educação de trabalhadores deve, portanto, não estar condicionada somente à formação propedêutica, sobre a qual o individualismo, representativo do projeto burguês de sociabilidade, pode se manifestar sobre a personalidade daquele que, nesse

formato, exclusivamente aprende. O avanço sobre tal concepção de formação deve combinar, ao modo gramsciano, a reforma intelectual, do tipo propedêutica, à reforma moral, referenciada pelo autorreconhecimento do sujeito, não somente de sua personalidade histórica, mas do papel que a ela se condiciona, de conseguir tornar senso comum, isto é, atribuir representação coletiva à própria consciência filosófica.

O desdobramento, em termos de prática político-pedagógica de Gramsci, do confronto aos organismos italianos referenciados na instrução das classes trabalhadoras, em que se podem destacar a Universidade Popular, a escolarização fundamentada no acordo estabelecido entre Estado e Igreja ou ainda os veículos burgueses da imprensa, carrega características fundamentais a serem resgatadas nestes parágrafos conclusivos. Uma delas, presente nas críticas dos escritos em que esses organismos tomam forma de alvos, diz respeito ao papel conferido à escuta e ao diálogo na particularidade da educação e, especialmente, da educação de trabalhadores.

Na contramão da afirmação de uma linearidade sobre o processo de ensino e aprendizagem, a escuta e o diálogo, por esta propiciado, possibilitam a ampliação da relação estabelecida entre mestre e aluno a uma medida de identificação a esse mesmo processo. Se a linearidade pode, tanto ao mestre quanto ao aluno, causar estranhamento ao processo de ensino e aprendizagem, a identificação possibilitada pela escuta e pelo diálogo entre ambos permite substituir o que se fazia rígido, linear e uniforme, por um novo dinâmico, complexo e distinto. O dinamismo, a complexidade e a distinção, aqui e para Gramsci, representam a diversidade contida nas experiências e subjetividades das classes trabalhadoras, que jamais deve ser negada, ao contrário do que pretendiam os organismos burgueses italianos de instrução dessas classes, do ponto de vista político-pedagógico.

Interessante observar, também como lição das experiências pedagógicas de Gramsci, como das características de escuta e diálogo nasce a importância da percepção dos lugares de prática

para a educação de trabalhadores. Tal percepção é o que o fez julgar apropriado, em certos espaços em que estabelecia contato com as classes trabalhadoras, um trabalho de educação orientado à propaganda evangélica, e noutros, outro de criação.

A distinção entre ambos os tipos de trabalho, em realidades abarcadas por determinações históricas díspares entre as classes trabalhadoras, permite refletir sobre como vale, como instrução metodológica, reconhecer os limites da orientação do trabalho político-pedagógico para essas classes nos diversos ambientes e contextos em que elas se encontram.

A mesma capacidade de compreender lugares de prática como representativos de distintos tipos de trabalho com a educação de trabalhadores também pode ser enxergada do ponto de vista da distinção entre educação desinteressada e educação interessada. O modo pelo qual a alternativa possível e a alternativa revelada podem, na transição de protagonismos, ser apanhadas do curso histórico do trabalho educativo de Gramsci com as classes trabalhadoras ensina como o lugar de prática e suas determinações condicionam, e devem ser postos em causa aos que se propõem a trabalhar com a instrução dessas classes, o processo e o produto do trabalho idealizado ou desenvolvido.

O interesse ou o seu oposto, o desinteresse, que podem adjetivar o trabalho educativo idealizado ou desenvolvido para as classes trabalhadoras, ou ainda, dentro da primeira alternativa, o interesse condicionado à propaganda evangélica ou condicionado ao trabalho de criação, implicam o entendimento sobre como a percepção do lugar de prática se faz fundamental. As observações conclusivas desta obra detêm-se sobre a prática político-pedagógica de Gramsci sobre a defesa dessa percepção aos que se propõem a trabalhar com a educação de trabalhadores, seguramente exercitada por Gramsci quando da transição entre momentos de avanço e momentos de retrocesso.

Por fim, vale ressaltar que o uso e a interpretação da filosofia ou concepção de mundo de Gramsci carregam um seguro potencial ao aprimoramento das reflexões que consubstanciam o campo da educação de trabalhadores. Os escritos jornalísticos selecionados por esta obra corroboram essa tese, bem como provocam o surgimento de novos estudos, que atualizem os critérios de tradutibilidade e filologia, para o estudo do fenômeno anunciado, articulando-o ao tempo histórico de Gramsci ou investindo sobre uma possível relação sua para a análise e síntese de realidades e experiências culturais diversas.

REFERÊNCIAS

- BALDACCI, M. **Oltre la subalternità: praxis e educazione in Gramsci**. Roma: Carocci, 2017. 275 p.
- BARATTA, G. **As rosas e os cadernos: o pensamento dialógico de Antonio Gramsci**. Trad. Giovanni Semeraro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2004. 256 p.
- BEISIEGEL, C. R. **Paulo Freire**. Recife: Editora Massangana, 2010. 128 p.
- BENEDETTI, G.; COCCOLI, D. **Gramsci per la scuola: conoscere è vivere**. Roma: L'Asino D'oro, 2018. 317 p.
- BIANCHI, A. Introdução: um sardo no mundo grande e terrível. In: BIANCHI, A.; MUSSI, D.; ARECO, S. (org.). **Antonio Gramsci: filologia e política**. Porto Alegre: Zouk, 2019. p. 9–17.
- BIANCHI, A. **O laboratório de Gramsci: filosofia, história e política**. Porto Alegre: Zouk, 2018. 278 p.
- BIDUSSA, D.; GIASI, F.; RIGHI, M. L. (org.). Voce biografiche. In: GRAMSCI, A. **Epistolario: gennaio-novembre 1923**. v. 2. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 2011. p. 593–683.
- BIDUSSA, D. *et al* (org.). Nota al testo. In: GRAMSCI, A. **Epistolario: gennaio 1906-dicembre 1922**. v. 1. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 2009a. p. XI–XXVI.

BIDUSSA, D. *et al* (org.). Voci biografiche. *In*: GRAMSCI, A. **Epistolario**: gennaio 1906-dicembre 1922. v. 1. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 2009b. p. 437–518.

BOOTHMAN, D. Tradução. *In*: LIGUORI, G.; VOZA, P. (org.). **Dicionário Gramsciano (1926-1937)**. Trad. Ana Mara Chiarini et al. São Paulo: Boitempo, 2017b. p. 779-782.

BOOTHMAN, D. Tradutibilidade. *In*: LIGUORI, G.; VOZA, P. (org.). **Dicionário Gramsciano (1926-1937)**. Trad. Ana Mara Chiarini et al. São Paulo: Boitempo, 2017a. p. 782–784.

BROCCOLI, A. **Antonio Gramsci y la educación como hegemonía**. Ciudad de México: Nueva Imagen S. A., 1977. 319 p.

BUTTIGIEG, J. Ler e estudar Gramsci no novo milênio. Trad. Daniela Mussi. *In*: BIANCHI, A.; MUSSI, D.; ARECO, S. (org.). **Antonio Gramsci**: filologia e política. Porto Alegre: Zouk, 2019. p. 17–28.

COSPITO, G. A leitura diacrônica dos cadernos do cárcere. Trad. Alvaro Bianchi. *In*: BIANCHI, A.; MUSSI, D.; ARECO, S. (org.). **Antonio Gramsci**: filologia e política. Porto Alegre: Zouk, 2019. p. 41–53.

COSPITO, G. L'Edizione nazionale dei Quaderni del carcere. **Laboratoire Italien**, v. 18, p. 1–22, 2016.

COSPITO, G. Traducibilità dei linguaggi scientifici e filosofia della praxis. **Filosofia Italiana**, v. 2, p. 27–45, 2017.

COUTINHO, C. N. (org.). Introdução. *In*: GRAMSCI, A. **Escritos políticos**: 1910–1920. v. 1. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004a. p. 11–31.

COUTINHO, C. N. (org.). Notas ao texto. *In*: GRAMSCI, A. **Escritos políticos**: 1910–1920. v. 1. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004b. p. 437–511.

COUTINHO, C. N. (org.). Introdução. *In*: GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**: introdução ao estudo da Filosofia; a Filosofia de Benedetto Croce. v. 1, 11. ed. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. p. 7–45.

D'ORSI, A. **Gramsci**: uma nova biografia. Trad. Cristina Bezerra. São Paulo: Expressão Popular, 2022. 464 p.

DANIELE, C. (org.). **Togliatti editore di Gramsci**. Roma: Carocci, 2005. 296 p.

DE LUTTIIS, L. Filologia e filologia vivente. In: LIGUORI, G.; VOZA, P. (org.). **Dicionário Gramsciano (1926-1937)**. Trad. Ana Mara Chiarini et al. São Paulo: Boitempo, 2017. p. 292–293.

DE SÀNCTIS, Francesco. Treccani [S. l.]: **Enciclopedie on line**, [20-?-?]. Disponível em: <https://www.treccani.it/enciclopedia/francesco-de-sanctis/>. Acesso em: 5 nov. 2023.

DEL ROIO, M. Como Gramsci foi aprisionado. **Novos Rumos**. Marília, v. 59, n. 1, p. 57–78, jan./jun. 2022.

FIORI, G. **A vida de Antonio Gramsci**. Trad. Sergio Lamarão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 365 p.

FRANCIONI, G. **L'officina gramsciana**: ipotesi sulla struttura dei “Quaderni del carcere”. Napoli: Bibliopolis, 1984. 228 p.

FRESU, G. (org.). Apresentação. In: GRAMSCI, A. **Homens ou máquinas?**: escritos de 1916 a 1920. Trad. Carlos Nelson Coutinho; Rita Coitinho. São Paulo: Boitempo, 2021. p. 7–40

FRESU, G. (org.). Apresentação. In: GRAMSCI, A. **Os líderes e as massas**: escritos de 1921 a 1926. Trad. Carlos Nelson Coutinho; Rita Coitinho. São Paulo: Boitempo, 2023. p. 7–36.

FRESU, G. **Antonio Gramsci, o homem filósofo**: uma biografia intelectual. Trad. Rita Matos Coitinho. São Paulo: Boitempo, 2020. 424 p.

FROSINI, F. **Gramsci e la filosofia**: saggio sui quaderni del carcere. Roma: Carocci, 2003a. 200 p.

FROSINI, F. Sulla “traducibilità” nei “Quaderni” di Gramsci. **Critica Marxista**, v. 6, p. 29–38, 2003b.

FROSINI, F. Traducibilità dei linguaggi e unità di teoria e pratica nei Quaderni del carcere di Antonio Gramsci. In: PASQUINI, L.; ZANELLI, P. (org.). **Crisi e critica della modernità nei Quaderni del carcere di Antonio Gramsci**: parole chiave, tensione utopica, sollecitazioni. Milano: Mimesis, 2019. p. 45–61.

FUBINI, E. (org.). Questo scritto è stato finora [...]. In: GRAMSCI, A. **La costruzione del partito comunista: 1923–1926**. Roma: Giulio Einaudi Editore, 1974. p. 50.

GERRATANA, V. (org.). Cronologia della vita di Antonio Gramsci. In: GRAMSCI, A. **Quaderni del carcere**. Torino: Einaudi, 1975a. 3370 p.

GERRATANA, V. (org.). Cronologia della vita di Antonio Gramsci. In: GRAMSCI, A. **Quaderni del carcere**. Torino: Einaudi, 1975a. 3370 p.

GERRATANA, V. (org.). Descrizione dei Quaderni. In: GRAMSCI, A. **Quaderni del carcere**. Torino: Einaudi, 1975b. p. 2367–2442.

GERRATANA, V. (org.). Prefazione. In: GRAMSCI, A. **Quaderni del carcere**. Torino: Einaudi, 1975c. p. xi–xlii.

GERRATANA, V. Treccani [S. l.]: **Enciclopedie on-line**, [20--?]. Disponível em: <https://www.treccani.it/enciclopedia/valentino-gerratana/>. Acesso em: 3 jul. 2023.

GRAMSCI, A. **Antonio Gramsci: escritos escolhidos (1915-1920)**. Org. e trad. Anita Helena Schlesener; Ana Paula Schlesener. Marília: Lutas Anticapital, 2022a. 262 p.

GRAMSCI, A. **Cartas do Cárcere: 1926-1930**. v. 1. Org. Carlos Nelson Coutinho; Luiz Sérgio Henriques. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005a. 478 p.

GRAMSCI, A. **Cronache Torinesi: 1913-1917**. Org. Sergio Caprioglio. Roma: Giulio Einaudi Editore, 1980. 936 p.

GRAMSCI, A. **Educare nel mondo grande e terribile: scritti pedagogici**. Org. Sergio Tramma. Roma: Pgreco, 2022b. 160 p.

GRAMSCI, A. **Escritos políticos**. v. 1. Trad. Manuel Simões. Lisboa: Seara Nova, 1976. 359 p.

GRAMSCI, A. **Escritos políticos**. v. 2. Trad. Manuel Simões. Lisboa: Seara Nova, 1977a. 375 p.

GRAMSCI, A. **Escritos políticos**. v. 3. Trad. Manuel Simões. Lisboa: Seara Nova, 1977b. 140 p.

GRAMSCI, A. **Escritos políticos**. v. 4. Trad. Manuel Simões. Lisboa: Seara Nova, 1978. 241 p.

- GRAMSCI, A. **Escritos políticos**: 1910-1920. v. 1. Org. e trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004a. 528 p.
- GRAMSCI, A. **Escritos políticos**: 1921-1926. v. 2. Org. e trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004b. 522 p.
- GRAMSCI, A. **Homens ou máquinas? escritos de 1916 a 1920**. Org. Gianni Fresu. Trad. Carlos Nelson Coutinho; Rita Coitinho. São Paulo: Boitempo, 2021. 228 p.
- GRAMSCI, A. **Il Nostro Marx**: 1918-1919. Org. Sergio Caprioglio. Roma: Giulio Einaudi Editore, 1984. 734 p.
- GRAMSCI, A. **L'alternativa pedagogica**. Org. Mario Alighiero Manacorda. Roma: Editori Riuniti, 2020a. 306 p.
- GRAMSCI, A. **L'Ordine Nuovo**: 1919-1920. Org. Valentino Gerratana; Antonio A. Santucci. Roma: Giulio Einaudi Editore, 1987. 905 p.
- GRAMSCI, A. **La città futura**: 1917-1918. Org. Sergio Caprioglio. Roma: Giulio Einaudi Editore, 1982. 1036 p.
- GRAMSCI, A. **La formazione dell'uomo**: scritti di pedagogia. Org. Giovanni Urbani. Roma: Riuniti, 1974. 767 p.
- GRAMSCI, A. **Nuove lettere di Antonio Gramsci**: con altre lettere di Piero Sraffa. Org. Antonio A. Santucci. Roma: Editori Riuniti, 1986. 110 p.
- GRAMSCI, A. **Odeio os indiferentes**: escritos de 1917. Org. e trad. Daniela Mussi; Alvaro Bianchi. São Paulo: Boitempo, 2020b. 118 p.
- GRAMSCI, A. **Os líderes e as massas**: escritos de 1921 a 1926. Org. Gianni Fresu. Trad. Carlos Nelson Coutinho; Rita Coitinho. São Paulo: Boitempo, 2023. 304 p.
- GRAMSCI, A. **Quaderni del carcere 2**: quaderni miscellanei (1929-1935). Org. Giuseppe Cospito; Fabio Frosini. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 2017. 850 p.
- GRAMSCI, A. **Quaderni del carcere**. Org. Valentino Gerratana. Torino: Einaudi, 1975. 3480 p.
- GRAMSCI, A. **Scritti (1910-1926)**. v. 1. Org. Giuseppe Guida; Maria Luisa Righi. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 2019. 1015 p.

GRAMSCI, A. **Scritti (1910-1926)**. v. 2. Org. Leonardo Rapone; Maria Luisa Righi; Benedetta Garzarelli. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 2015. 810 p.

GUIDA, G.; RIGHI, M. L. (org.). Índice generale. *In: GRAMSCI, A. Scritti (1910-1926)*. v. 1. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 2019. p. 997–1015.

HENRIQUES, L. S. Introdução. *In: GRAMSCI, A. Cartas do Cárcere: 1926-1930*. v. 1. Org. Carlos Nelson Coutinho; Luiz Sérgio Henriques. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 7–46

HOBSBAWM, E. J. **A era das revoluções: 1789-1848**. Trad. Maria Tereza Lopes Teixeira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. 366 p.

INTERNAZIONALE. **Treccani** [S. l.]: Enciclopedie on line, [20--?]. Disponível em: <https://www.treccani.it/enciclopedia/internazionale/>. Acesso em: 18 fev. 2024.

LA PORTA, L. Antonio Gramsci, Scritti 1910–1916. **International Gramsci Journal**, v. 4, n. 1, p. 191-197, 2021.

LACORTE, R. Liberdade e tradutibilidade nos cadernos de Gramsci. **Práxis e Hegemonia Popular**. Marília, v. 2, n. 2, p. 47-80, jul. 2017.

LIGUORI, G. (org.). Introduzione. *In: TOGLIATTI, P. Scritti su Gramsci*. Roma: Riuniti, 2001. p. 9–39.

LIGUORI, G. **Gramsci contested: interpretations, debates and polemics, 1922-2012**. Trad. Richard Braude. Boston: Brill, 2022a. 385 p.

LIGUORI, G. Gramsci e a Revolução de Outubro. Trad. Eduardo Granja Coutinho. **O Social em Questão**, v. 20, n. 39, p. 19-34, set./dez. 2017.

LIGUORI, G. Gramsci in Italia, studi e ricerche tra filologia e politica (2018-2021). **International Gramsci Journal**, v. 4, n. 4, p. 20-32, 2022b.

LOMBARDO-RADICE, Giuseppe. **Treccani** [S. l.]: Enciclopedie on line, [20--?]. Disponível em: <https://www.treccani.it/enciclopedia/giuseppe-lombardo-radice/>. Acesso em: 7 nov. 2023.

LOSURDO, D. **Gramsci**: do liberalismo ao “comunismo crítico”. 2. ed. Trad. Teresa Ottoni. Rio de Janeiro: Revan, 2020. 288 p.

LUNAČARSKIJ, Anatolij Vasil'evič. *Treccani* [S. l.]: **Enciclopedia Italiana (1934)**, [20--?]. Disponível em: https://www.treccani.it/enciclopedia/anatolij-vasil-evic-lunacarskij_%28Enciclopedia-Italiana%29/. Acesso em: 4 nov. 2023.

MAESTRI, M.; CANDREVA, L. **Antonio Gramsci**: vida e obra de um comunista. São Paulo: Expressão Popular, 2001. 224 p.

MAGRI, L. **O alfaiate de Ulm**: uma possível história do Partido Comunista Italiano. Trad. Silvia de Bernardinis. São Paulo: Boitempo, 2014. 416 p.

MANACORDA, M. A. **O princípio educativo em Gramsci**. Trad. William Lagos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. 288 p.

MANACORDA, M. A. (org.). Índice. In: GRAMSCI, A. **L'alternativa pedagógica**. Roma: Editori Riuniti, 2020a. p. 5–7.

MANACORDA, M. A. (org.). Prefazione del 1972. In: GRAMSCI, A. **L'alternativa pedagógica**. Roma: Editori Riuniti, 2020b. p. 13–14.

MANIAS, L. Garzia, Raffa. In: GRAMSCI, A. **Epistolario**: gennaio 1906–dicembre 1922. v. 1. Org. David Bidussa; Francesco Giasi; Gadi Luzzatto Voghera; Maria Luisa Righi. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 2009. 464 p.

MARTINELLI, R. Gramsci e il ‘Corriere Universitario’ di Torino. **Studi Storici**, v. 14, n. 4, p. 906–916, 1973.

MAGRI, L. **O alfaiate de Ulm**: uma possível história do Partido Comunista Italiano. Trad. Silvia de Bernardinis. São Paulo: Boitempo, 2014. 416 p.

MANACORDA, M. A. **O princípio educativo em Gramsci**. Trad. William Lagos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. 288 p.

MANACORDA, M. A. (org.). Índice. In: GRAMSCI, A. **L'alternativa pedagógica**. Roma: Editori Riuniti, 2020a. p. 5–7.

MANACORDA, M. A. (org.). Prefazione del 1972. In: GRAMSCI, A. **L'alternativa pedagógica**. Roma: Editori Riuniti, 2020b. p. 13–14.

MANIAS, L. Garzia, Raffa. In: GRAMSCI, A. *Epistolario: gennaio 1906–dicembre 1922*. v. 1. Org. David Bidussa; Francesco Giasi; Gadi Luzzatto Voghera; Maria Luisa Righi. Roma: **Istituto della Enciclopedia Italiana**, 2009. 464 p.

MARTINELLI, R. Gramsci e il 'Corriere Universitario' di Torino. **Studi Storici**, v. 14, n. 4, p. 906-916, 1973.

MARX, K. *Contribuição à crítica da economia política*. 2. ed. Trad. Florestan Fernandes. São Paulo: **Expressão Popular**, 2008a. 288 p.

MARX, K. *O capital: crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2013. 856 p.

MARX, K. *Trabalho estranhado e propriedade privada*. In: MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Org. e trad. Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2008b. p. 79-90.

MARX, K.; ENGELS, F. **A sagrada família, ou, a crítica da crítica contra Bruno Bauer e consortes**. Trad. Marcelo Backes. São Paulo: Boitempo, 2011. 278 p.

MAYO, P. **Gramsci, Freire e a educação de adultos: possibilidades para uma ação transformadora**. Trad. Carlos Alberto Silveira Netto Soares. Porto Alegre: Artmed, 2004. 189 p.

MISTAGÓGO. **Treccani** [S.l.]: Vocabolario on-line, [20--?]. Disponível em: <https://www.treccani.it/vocabolario/mistagogo/>. Acesso em: 13 fev. 2024.

MUSSI, D.; BIANCHI, A. (org.). *Cronologia: vida e obra*. In: GRAMSCI, A. **Odeio os indiferentes: escritos de 1917**. Trad. Daniela Mussi; Alvaro Bianchi. São Paulo: Boitempo, 2020. p. 101–118.

NOSELLA, P. **A escola de Gramsci**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2016. 253 p.

QUERCIOLI, M. P. **Gramsci vivo: nelle testimonianze dei suoi contemporanei**. Milano: Feltrinelli Editore, 1977. 242 p.

RADICE, G. L. 108. Giuseppe Lombardo Radice a Antonio Gramsci s.l., 28 marzo 1918. In: GRAMSCI, A. *Epistolario: gennaio 1906–dicembre 1922*. v. 1. Org. David Bidussa; Francesco Giasi; Gadi

Luzzatto Voghera; Maria Luisa Righi. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 2009. p. 179.

RAPONE, L. **O jovem Gramsci**: cinco anos que parecem séculos – 1914–1919. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Contraponto; Brasília: Fundação Astrojildo Pereira, 2014. 476 p.

RAPONE, L.; RIGHI, M. L.; GARZARELLI, B. (orgs.). Secondo i dati del censimento [...]. In: **Scritti (1910-1926)**. v. 2. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 2015b, p. 96.

RAPONE, L.; RIGHI, M. L.; GARZARELLI, B. (orgs.). Indice generale. In: GRAMSCI, A. **Scritti (1910-1926)**. v. 2. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 2015a, p. 797-810.

REVELLI, M. Prefazione. In: BENEDETTI, G.; COCCOLI, D. **Gramsci per la scuola**: conoscere è vivere. Roma: L'Asino D'oro, 2018, p. IX-XII.

SANTOLI, V. *et al.* Filologia. Treccani [S. l.], **Enciclopedia Italiana**, 1932. Disponível em: https://www.treccani.it/enciclopedia/filologia_%28Enciclopedia-Italiana%29/. Acesso em: 23 fev. 2024.

TATIANA Schucht. **Wikipedia** [S. l.], [20--?]. Disponível em: https://it.wikipedia.org/wiki/Tatiana_Schucht. Acesso em: 3 jul. 2023.

TRADUCIBILITÀ. **Treccani** [S. l.], Vocabolario on-line, [20--?]. Disponível em: <https://www.treccani.it/vocabolario/traducibilita/>. Acesso em 23 de fev. 2024.

TRAMMA, S. (org.). Introduzione. In: GRAMSCI, A. **Educare nel mondo grande e terribile**: scritti pedagogici. Roma: PGreco, 2022, p. 9-26.

URBANI, G. (org.). Índice. In: GRAMSCI, A. **La formazione dell'uomo**: scritti di pedagogia. Roma: Riuniti, 1974a, p. 5-11.

URBANI, G. (org.). Note. In: GRAMSCI, A. **La formazione dell'uomo**: scritti di pedagogia. Roma: Riuniti, 1974b, p. 147-161.

VACCA, G. Prefácio à edição italiana. In: AGGIO, A.; HENRIQUES, L. S.; VACCA, G. **Gramsci no seu tempo**. 2. ed. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira, 2019, p. 25-32.

Sobre o autor



Júlio César Maia é doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás (2024), vinculado à linha de pesquisa Trabalho, Educação e Movimentos Sociais, onde desenvolveu a tese intitulada “Antonio Gramsci e a educação de trabalhadores: um estudo de tradutibilidade e filologia a partir dos escritos jornalísticos”. É mestre em Educação pela Universidade Federal de Goiás - Regional Jataí (2021), na linha de pesquisa Formação Humana e Fundamentos da Educação, com a dissertação “Contribuição à crítica do ‘consenso possível’ sobre as políticas curriculares para a Educação Física: um esforço de síntese histórico-crítico”. É especialista em Docência com ênfases na Educação Profissional e na Educação Básica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais - Campus Arcos (2020 e 2022) e Licenciado em Educação Física pela Universidade Estadual de Goiás - Campus Goiânia ESEFFEGO (2018).

É professor na Unidade Universitária de Itumbiara da Universidade Estadual de Goiás e integra os seguintes grupos de estudo e/ou pesquisa: Corpo e Mente - grupo de pesquisa sobre formação e intervenção profissional em Educação Física e Ler Gramsci para pensar a política e a educação. Atualmente concentra os seus estudos nos temas: educação de trabalhadores, movimentos sociais e educação, educação para as relações étnico-raciais e formação e intervenção profissional em Educação Física.

